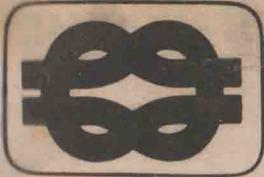


Museu



COTRIJORNAL



ANO 20

IJUÍ/JULHO/AGOSTO/1993

Nº 209

A SALVAÇÃO DA TERRA...
MICROBACIAS
A SALVAÇÃO DO HOMEM.
SOMOS TODOS PARCEIROS



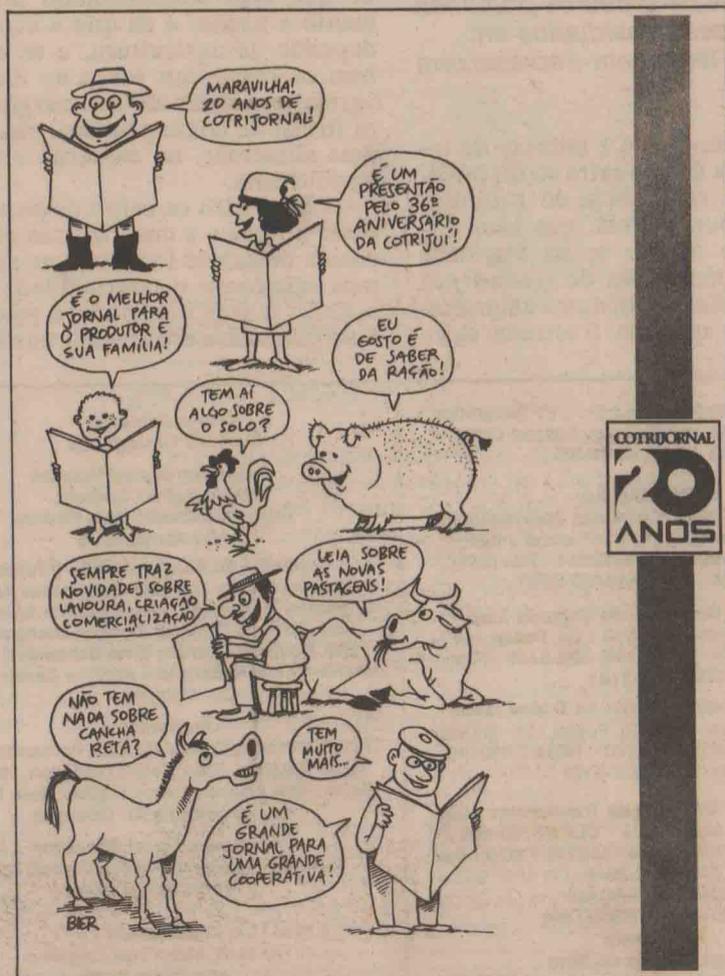
Seminário de microbacias hidrográficas realizado em Miraguaí

Seminário em Miraguaí assegura a expansão do trabalho regional em microbacias hidrográficas. Um trabalho permanente que requer mobilização, postura associativista e planejamento por parte do produtor, do técnico e do poder público municipal

Centrais

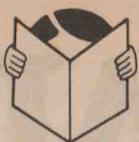
EXPANDINDO A ORGANIZAÇÃO

Nesta edição um suplemento em comemoração aos 20 anos do Cotrijornal, completados em 20 de julho com 208 edições. O caderno de aniversário traz a história da sua fundação, fala da evolução da realidade regional, ouve seus leitores e também conta com depoimentos de quem ajudou e de quem ajuda a fazer o Cotrijornal circular, todos os meses, na mão dos associados da Cotrijuí



Um programa para o suíno

O programa lançado pelo governo do Estado, no valor de 52,4 milhões de dólares, poderá fazer com que a produção de suínos na região da Cotrijuí dobre em pouco tempo



Trabalho de todo o dia

Quando se diz que o trabalho de microbacias hidrográficas é um conjunto de ações perenes, de todo o dia, está se lembrando a dedicação permanente do agricultor em realizar práticas conservacionistas de solo e do meio ambiente, o planejamento efetivo dos setores técnicos e de extensão e os investimentos dirigidos por parte do município. Acima de tudo, está se destacando o lado mais subjetivo de motivação das pessoas, levando em consequência à organização das comunidades em que estão inseridas.

O Seminário de Microbacias Hidrográficas realizado em julho no município de Miraguaí é um grande exemplo dessa tare-

fa cotidiana que envolve a organização do meio rural, a partir da sua estrutura de produção, de educação, saúde e lazer. Uma comunidade totalmente agrícola e com grande carência na área de conservação de solos - do que resulta em exíguas médias de produtividade e provavelmente nos reconhecidos índices de migração para outras regiões - faz também a sua parte ao iniciar uma discussão mais ampla e profunda com toda a sociedade, para mudar o seu perfil econômico através de um maior cuidado com a terra. Numa outra ponta, o município de Ajuricaba aproveita a experiência e chama os produtores, através de um curso, a se tornarem agentes polarizadores do trabalho de conservação do solo. Microbacias hidrográficas nas páginas centrais.



DO LEITOR

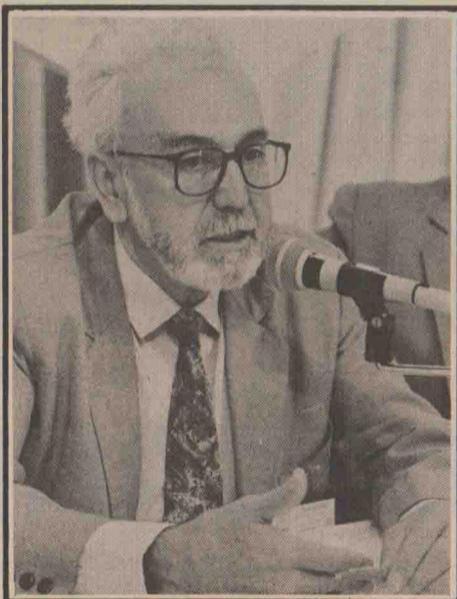
Primeiros sinais de retomada

Rui Polidoro Pinto

A disparada dos preços internacionais da soja nos últimos dias, provocada pelas enchentes nas regiões produtoras dos Estados Unidos, está permitindo ao agricultor brasileiro acumular significativos ganhos na comercialização da safra de verão. O mais beneficiado neste momento é o produtor gaúcho, que ainda tem um estoque aproximado de 2,4 milhões de toneladas para comercializar, estimando-se uma receita adicional em torno de US\$ 80 milhões, obtida com a elevação para US\$ 12 a saca contra os US\$ 10 que vinham sendo praticados. Em termos nacionais, os ganhos nesta safra chegam a US\$ 250 milhões.

Os atuais preços repetem cotações de cinco anos atrás e, embora se situem bem abaixo dos alcançados na década de 70, período do "boom" que transformou esta na principal lavoura empresarial do país, estão sendo festejados por representar um prêmio ao esforço empreendido pelo agricultor brasileiro.

De fato, nunca como agora tem sido tão difícil produzir neste país. A desenfreada alta do custo dos insumos - principalmente do crédito - soma-se o desamparo de políticas oficiais para a agricultura, violentamente golpeada no governo anterior que, a pretexto de combater a inflação, deixou de aplicar os recursos necessários e atirou o setor num pesado endividamento.



"É ingenuidade supor que importações de produtos primários - muitas vezes subsidiados em seus países de origem - representem solução"

A colheita de 6,1 milhões de toneladas nesta última safra só foi possível graças à resistência do produtor e de suas cooperativas, que lhes têm possibilitado manter-se na atividade através de programas de troca-troca e auto-financiamento, numa empreitada arriscada que, na frustrada safra

1990/91, quase as levou à insolvência. Naquele ano, elas financiaram o plantio de seus associados baseadas na promessa não cumprida pelo governo de que os recursos seriam liberados. Não houve financiamento e, portanto, as cooperativas ficam a descoberto do Proagro, necessitando ser mais tarde socorridas mediante financiamento de cotas-partes.

Passado o "efeito Zélia" e superados os traumas gerados pela seca de 90/91, a agricultura demonstra profissionalismo e maturidade, com índices de produtividade crescentes e firme determinação de vencer os obstáculos que ainda restam para constituir-se na principal arma contra a recessão. Infelizmente foi preciso que houvesse aquela grande frustração para que todos os setores da sociedade percebessem a importância da produção de alimentos. Felizmente a partir de então prosperou uma nova mentalidade que vem contaminando positivamente a nação: a de que a economia depende da agricultura, e se ela for bem, os resultados serão de todos. A agricultura deixa de ser marginal para firmar-se como principal elo da cadeia alimentar, na moderna visão do agribusiness.

Louvados os esforços para combater a fome e a miséria, mas não podemos deixar de lembrar que só teremos eficiência e continuidade nesta ação se o país encontrar a retomada do crescimento econômico, aumentan-

do a oferta de bens no mercado e criando empregos e renda para a população. E isso só é possível através de políticas e programas de estímulo às atividades produtivas, notadamente ao setor primário. É ingenuidade supor que as importações de produtos primários - muitas vezes subsidiados em seus países de origem - representem solução; ao contrário, prejudicam a produção nacional, desorganizam o mercado e geram desemprego.

Neste sentido, não podemos mais nos furtar à grande discussão acerca de questões como a dos subsídios e da restauração do poder de troca dos produtos agrícolas - como defende, aliás, o ministro da agricultura. Tampouco podemos adiar o debate sobre os custos incidentes na produção, desde o financeiro até os tributários, os fretes e as despesas portuárias. São questões estruturais que precisam ser enfrentadas porquanto retiram competitividade e inviabilizam a agricultura brasileira no contexto internacional e na área do Mercosul.

Temos que proteger nossa agricultura, não com medidas paternalistas, mas abandonando a postura liberalista que tanto prejudicou e tendo como objetivo maior a busca da segurança alimentar.

Rui Polidoro Pinto é presidente da Fecotriço e vice-presidente da Associação Brasileira de Agribusiness.

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA



Ijuí - Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111 - Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INGRA nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90.480-000 - Fone (051) 337-26-44, Fax (051) 341-4466 - Telex 511102 CTXT

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª Seção da Barra - Distrito Industrial - CEP 96.204-000 - Fone (0532) 34-1500 - Telex 531120 - Fax (0532) 34.1500

Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP 96450-000 - Fone (0532) 43-10-02 - Telex 532362 CRTS - Fax (0532) 43-14-85

SUBSIDIÁRIAS

- Cotriexport Cia. de Comércio Internacional
Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90480-000 - Fone (051) 3372644 - Fax (051) 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

- Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.
Ijuí - Rua das Chácaras, 1513 - Cx. Postal 111 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3765 - Fax (055) 332-5161

- Cotridata Processamento de Dados Ltda.
Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111 - Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400 - Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161

- Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.
Avenida Porto Alegre, 668 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO - Fax (055) 332-3949

ADMINISTRAÇÃO
DIRETORIA EXECUTIVA
Presidente
Ruben Ilgenfriz da Silva

Vice-presidente
Euclides Casagrande

Superintendente/Pioneira
Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Dom Pedrito
Abu Souto Bicca

Conselho de Administração (Efetivos)
João Santos da Luz, Irani dos Santos Amaral, Rubens M. Bressan, Jorge Alberto Sperotto, José Rieth de Oliveira, Floriano Breitembach, Valdir Domingos Zardin, Erno Schneider, Juarez Padilha, Florício Barreto e Antônio Carlos Nunes Campos.

Suplentes:
Enor Carniel, Arlindo Valk, Luiz Fernando Löw, Ézio Barzotto, João Pedro Lorenzon, Hélio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas, José Moacir da Conceição e Ari Göergen.

Conselho Fiscal (Efetivos)
Rudy Arno Bönmann, Amaury Antônio Scheer e Nelson Mário Bandeira

Suplentes
Ari Maffi, Milton Luiz Calgaro e João Cesar Picolli

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	585.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Total.....	896.800 t

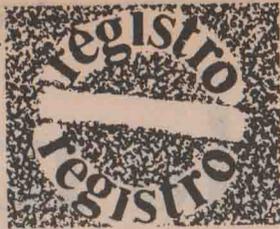
COTRIJORNAL

Associado da ABERJE

Órgão de circulação ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

REDAÇÃO
Dária C.L. de Brum Lucchese, editora; Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto Alegre
REVISOR
Sérgio Corrêa

- Impressão em Off-Set rotativa Solna, na "A Tribuna Regional", Santo Ângelo/RS.



Cotrijuí e Emater:
Alicerçando novas áreas
de trabalho

COTRIJUÍ-EMATER/RS

Programando novas ações

Os diretores de Planejamento e de Cooperativismo da Emater Wilson Schmidt e Lino Hamann mais representantes regionais da entidade e o diretor interino da Divisão Agrotécnica da Cotrijuí, Otaliz de Vargas Montardo e supervisores estiveram reunidos na Afucotri de Ijuí, nos dias 5 e 6 de julho, em encontro que teve por objetivo aprofundar as diretrizes do convênio mantido entre as duas instituições. A reunião iniciou com uma avaliação geral dos problemas da agropecuária regional e posteriormente passou à discussão de planos e programas específicos para cada setor, culminando com o

encaminhamento do plano de trabalho do calendário agrotécnico do próximo ano.

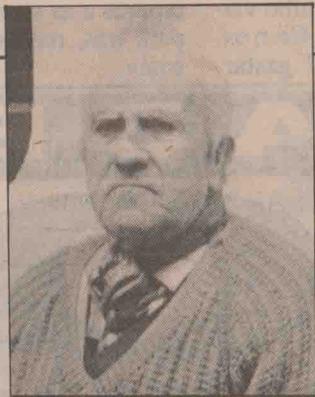
Segundo Otaliz Montardo, a reunião serviu também para determinação de se intensificar ações em áreas prioritárias como das microbacias hidrográficas, estabelecendo um programa de trabalho pela elaboração dos planos municipais deste setor. Além disso, ficou certo a aplicação de treinamentos sobre extensão rural realizados pela Emater aos técnicos da Cotrijuí enquanto a Cooperativa fornecerá treinamento na área de piscicultura aos extensionistas da Emater.

Um dos pontos mais importan-

tes da reunião entre as duas instituições foi a abertura da discussão e esboço de um plano de trabalho que venha atender a população em fase de marginalização, o grupo de famílias que não consegue participar da evolução do processo tecnológico produtivo e se torna um migrante em potencial. Esse grupo deve contar com a ação de um comitê comunitário formado pela Cotrijuí, Emater, Prefeitura Municipal e Unijuí, o qual deve iniciar o trabalho por Ijuí e depois repassar a experiência de organização para outros municípios da região.

FRANCISCO DA SILVA FARINHA

1910 - 1993



Faleceu em Dom Pedrito, no dia dois de julho, após longo período em que esteve enfermo, nosso Associado Francisco da Silva Farinha, cooperativista atuante e dedicado. Foi dos primeiros representantes eleitos em 1978, e conselheiro desde 1980, tendo sido reeleito desde então.

De origem humilde, foi peão de estância na mocidade, tendo evoluído com muito esforço e pertinácia, tornando-se fazendeiro.

Nessa condição, chegou a ser presidente da antiga Associação Rural, atual Sindicato Rural de Dom Pedrito. Com tendência muito forte para o cooperativismo, que acreditava ser a grande saída para o Brasil, teve atuação destacada na cooperativa.

Amigo de todos, deixa uma lacuna na comunidade pedritense e em especial na Cotrijuí, onde sempre teve palavras de apoio como antigo representante e conselheiro da diretoria. Francisco Farinha contava com 83 anos de idade e deixou além da esposa, dona Julieta, filhos, netos e bisnetos.

RUI ADELINO RAGUZZONI

1933 - 1993



Vítima de acidente rodoviário, faleceu a 18 de julho associado e ex-conselheiro da Cotrijuí pela Unidade de Dom Pedrito, Rui Adelino Raguzzoni, 60 anos. Detentor de largo currículo profissional, era vereador reeleito e secretário de Obras do município, que ficou a dever-lhe vários empreendimentos de interesse público, entre eles o aumento da captação da água na hidráulica da Corsan, que serve a população de Dom Pedrito.

Na Cotrijuí, como associado atuante e de grande participação, foi dos primeiros representantes, depois conselheiro, tendo prestado valiosos serviços à Cooperativa, que agora lamenta a enorme perda sofrida com seu desaparecimento.

Em sua biografia deve ser registrada sua condição de agricultor na área de arroz, como produtor de grande porte, onde se destacou inclusive na liderança do setor, presidindo a Associação dos Agricultores de Dom Pedrito por mais de uma eleição.

Lançada a Expointer/93

O secretário da Agricultura e Abastecimento, Carlos Cardinal promete este ano uma Expointer diferente das demais, com muitas surpresas para expositores e público em geral, no período que vai de 28 de agosto a 5 de setembro, no Parque Assis Brasil, de Esteio. É que a comercialização será melhor do que nos anos passados, apesar da recessão que se vive em função da crise que vem afetando todos os setores da atividade econômica no país.

O governador Alceu Collares também disseminou esperanças de bons negócios na Expointer/93, mas apesar da boa expectativa não deixou de alertar as classes econômicas "para mudanças de comportamento que devem vir, sob pena dos já graves problemas econômicos tornarem-se insolúveis no futuro". E entre os reclamados problemas citou a necessidade de reforma agrária real e abrangente, mas que "essa decisão compete ao governo federal, que deve agir o quanto antes, pois os problemas se agravam no campo e repercutem nas cidades pelo êxodo contínuo, que transforma a periferia dos centros urbanos em cinturões de miséria".

Os pronunciamentos foram feitos no dia 26, no restaurante Internacional do Parque de Exposições de Esteio, durante lançamento oficial para a imprensa, da Expointer/93.

Além do governador Alceu Collares e secretário Carlos Cardinal, a cerimônia contou com a participação de lideranças da agropecuária, jornalistas de todos os órgãos de imprensa da capital e principais veículos do interior do Estado, 11 países já confirmaram presença na mostra, que irão encontrar um Parque remodelado, segundo o secretário Carlos Cardinal.

curtas

Melhores da terra

O desenvolvimento tecnológico do Estado vai ter prêmio e os vencedores serão destacados durante Expointer/93, que se realiza de 28 de agosto a 5 de setembro, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio. A promoção é da Secretaria da Agricultura e Desenvolvimento e o Grupo Gerdau.

Serão entregues seis troféus aos melhores produtos lançados na Feira por indústrias brasileiras ou empresas integrantes do Mercosul. A escultura é a figura típica do prêmio.

Aniversário

A Cotrijuí e o Cotrijornal receberam, durante o mês de julho, diversas felicitações pela passagem de mais um aniversário de fundação, pelas quais agradecem. As felicitações vieram da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho; Unimed; RBS TV Cruz Alta; Alceu Collares, governador do Estado; Orion Cabral, Secretário da Fazenda; Pedro Sirotsky, vice-presidente da RBS; Milton Marcucci, diretor executivo da RBS - Santa Catarina; Cooagri - Campo Grande; Quintiliano Vieira, deputado estadual; Raul Bigarella, presidente da Ocergs; Wanderley Burmann, prefeito de Ijuí; Cláudio Rotilli, prefeito de Ajuricaba; Otomar Vivian, deputado estadual; Carrion Júnior, Secretário do Planejamento e da Administração; Odilon Mesko, deputado estadual; Cotrimaio; Amaury Müller, deputado federal; Moore Formulários Ltda; Z Comunicação; Câmara Municipal de Ijuí; Associação Riograndense de Imprensa; ACI e do deputado estadual João Luiz Vargas.

Os custos do milho e da soja

Para cobrir todas as despesas com uma lavoura de soja, o produtor vai necessitar de 376,06 dólares

Quanto será preciso colher para cobrir todas as despesas de uma lavoura de soja ou de milho nesta próxima safra? A estas alturas dos acontecimentos, certamente muitos produtores já devem andar preocupados e às voltas com os números. Afinal, com os custos de produção sempre em alta, querendo comer toda a receita da lavoura, todo o cuidado é pouco. Mas uma lavoura bem planejada, com metas de produção definidas, pode ser um indício de sucesso, especialmente para aqueles produtores que não esquecem de dispensar um tratamento adequado ao solo e investem na planta com a certeza de uma boa colheita.

O custo de implantação de uma lavoura de soja ou de milho sempre fica na dependência de uma série de fatores que vão desde o tamanho da propriedade ao tipo de solo e ao nível de tecnologia empregada. "Cada propriedade é uma propriedade", costuma avisar Luís Juliani, da Assessoria de Economia Rural/Divisão Agrotécnica da Cotrijuí ao falar sobre os custos de produção. Ao elaborar um estudo mostrando um custo médio de implantação das lavouras de soja e de milho para a próxima safra, lembra que o mesmo deve servir apenas como base para que o produtor tome as suas decisões na hora do plantio. Pelo estudo do Juliani, o custo de um hectare de soja deverá ficar ao redor de 76,06 dólares e o de milho em 463,60 dólares.

VARIÁVEIS E FIXOS - Na elaboração dos custos - tanto para a soja como para o milho - foram considerados custos variáveis - sementes, fertilizantes, agrotóxicos, combustíveis, mão-de-obra, financiamentos, Proagro, entre outros - e ainda fixos - neste item entram ITR, Melhoramento do Solo, Seguro, Depreciação, Remuneração da Terra e Remuneração do Capital. No caso dos custos de implantação de um hectare de soja, o produtor deverá gastar, apenas com os custos variáveis - que são os insumos - 232,68 dólares. Considerando que o preço médio dos últimos 13 anos foi de 10,86 dólares, o produtor vai necessitar de 21,42 sacos de

CUSTO DE PRODUÇÃO DE UM HECTARE DA CULTURA DA SOJA - SAFRA 92/93				
ITENS	Quantidade Kg e ou L	US\$ (A)		Sacos Necessária (B)
		Kg/L	Por ha	
CUSTOS VARIÁVEIS				
Insumo				
Semente	90	0,26	23,40	2,15
Fertilizante 0 - 20 - 20	200	0,17	34,00	3,13
Agrotóxico				
Herbicida				
Folha larga	0,7	4,00	16,80	1,55
Folha Estreita	1,8	4,70	8,46	0,78
Inseticida	0,16	0,40	1,66	0,15
Combustíveis	60	0,30	18,00	1,66
Mão-de-obra	-	-	37,48	3,45
SUB TOTAL	-	-	139,00	12,67
Financiamento				
Proagro - 10%	-	-	17,69	1,63
Juro 15% a.a (C)	-	-	15,47	1,42
Assist. Técnica 2%	-	-	3,54	0,33
SUB TOTAL II	-	-	36,70	3,38
Outros custos variáveis				
Consertos e reparos	-	-	37,08	3,41
Transporte	-	-	11,27	1,04
FUNRURAL	-	-	7,83	0,72
SUB TOTAL III	-	-	56,18	5,17
TOTAL I + II + III	-	-	232,68	21,42
CUSTOS FIXOS				
ITR	-	-	1,39	0,13
Melhoramento do solo	-	-	27,62	2,54
Seguro	-	-	4,20	0,39
Depreciação	-	-	45,20	4,16
Remuneração Terra	-	-	50,90	4,69
Remuneração Capital	-	-	14,07	1,30
TOTAL IV	-	-	143,38	13,21
TOTAL I + II + III + IV	-	-	376,06	34,63

(A) Preço e dólar do dia 15/07/93 (CR\$61,38)
 (B) Com base no preço médio dos últimos 13 anos - US\$ 10,86/saco
 (C) A correção monetária está incluída na variação do dólar. Foi considerado 15% de juro ao ano num período de 7 meses e um VBC estimado em 176,88/ha.

soja por hectare para cobrir apenas as despesas referentes ao item variáveis da sua lavoura.

O item custos fixos representam uma despesa de 143,38 dólares, o que representa um acréscimo, no custo total, de mais de 13,21 sacos de soja. A soma dos dois itens - variáveis e fixos - dará uma despesa total de 376,06 dólares por hectare. Para cobrir todas estas despesas de implantação, a lavoura de soja terá que produzir, no mínimo, 34,63 sacos de produto por hectare.

Dentro das despesas variáveis, a mão-de-obra é o item de maior peso, representando 37,48 dólares por cada hectare de planta. Em seguida aparecem o item conservação e reparos, representando 37,08 dólares, os fertilizantes, 34 dólares, as sementes, 23,40 dólares, os combustíveis, com peso de 18 dólares por hectare - conferir os demais na tabela.

MILHO - Um hectare de milho vai custar ao redor de 463,60 dólares. Com os custos variáveis o produtor vai gastar

CUSTO DE PRODUÇÃO DE UM HECTARE DA CULTURA DO MILHO - SAFRA 92/93				
Itens	Quantidade Kg/ha	US\$ (A)		Sacos Necessária (B)
		Kg/l	Por ha	
Custos Variáveis				
Insumo				
Semente	18	2,39	43,00	6,67
Fertilizante				
5 - 20 - 20	250	0,18	45,00	6,96
Uréia	100	0,19	19,00	2,95
Agrotóxicos				
Herbicidas				
Combustíveis	62	0,30	18,60	2,87
Mão-de-obra	-	-	48,02	7,44
SUB TOTAL	-	-	204,12	31,64
Financiamento				
Proagro 10%	-	-	24,62	3,81
Juro 15% a.a. (C)	-	-	21,55	3,34
Assistência Técnica	-	-	4,93	0,76
SUB TOTAL II	-	-	51,10	7,91
Outros custos variáveis				
Consertos e reparos	-	-	42,13	6,53
Transporte	-	-	15,63	2,42
FUNRURAL 2,2%	-	-	8,36	1,30
SUB TOTAL III	-	-	66,12	10,25
TOTAL I + II + III	-	-	321,34	49,80
CUSTOS FIXOS				
ITR	-	-	1,39	0,22
Melhoramento do solo	-	-	27,62	4,28
Seguro	-	-	4,20	0,65
Depreciação	-	-	52,11	8,08
Remuneração Terra	-	-	39,90	6,19
Remuneração Capital	-	-	17,04	2,64
TOTAL IV	-	-	142,26	22,06
TOTAL I + II + III + IV	-	-	463,60	71,87

(A) Preço dólar do dia 18/07/93 (CR\$ 61,38)
 (B) Com base no preço médio dos últimos 13 anos (US\$ 6,45)
 (C) A correção monetária está incluída na variação do dólar. Foi considerado 15% de juro ao ano num período de 7 meses e um VBC estimado em US\$ 246,25/ha.

321,34 dólares, o que corresponde a 349,80 sacos de milho por hectare. Os custos fixos representam uma despesa de 142,26 dólares - 22,06 sacos. Para cobrir os custos variáveis e os fixos, o produtor terá que fazer uma colheita de 71,87 sacos de milho por hectare. Também na lavoura de milho, o item mão-de-obra é o mais pesado - despesas variáveis - representando 48,02 dólares. Os fertilizantes, conservação e reparos e as sementes também não ficam para trás, representando 130 dólares na soma.

ESTABILIDADE

32330

O MILHO DE MAIOR SUCESSO NO ESTADO COMPROVA A ESTABILIDADE DE PRODUÇÃO.



Mário Klein - Colorado - RS

HÍBRIDO	Área/ha.	Rend. Kg/ha	Sacas/ha
P-3230	8,0	8.340	139

Antônio e Artur Rigo - Erechim - RS

HÍBRIDO	Área/ha.	Rend. Kg/ha	Sacas/ha
P-3230	100,0	8.400	140

Osmar Bragagnolo - Erechim - RS

HÍBRIDO	Área/ha.	Rend. Kg/ha	Sacas/ha
P-3230	4,5	9.780	163



SEMENTES • MARCA

PIONEER

O SUCESSO DA PRÓXIMA SAFRA COMEÇA AGORA. Entre em contato com o representante PIONEER.

POLÍTICA AGRÍCOLA

Soja reintegrada ao sistema de crédito rural

Os grandes produtores de soja estão reintegrados ao Plano de Safra 93/94. A decisão foi anunciada no dia 10 de agosto pelos ministros da Agricultura, José Antônio Barros Munhos e da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Essa reinclusão, que deverá elevar a necessidade de crédito de custeio de US\$ 5,6 bilhões para US\$ 6,1 bilhões, vai permitir que os grandes produtores de soja tenham direitos a um limite de adiantamento de 60 por cento do Valor Básico de Custeio - VBC -, a ser corrigido pela Taxa Referencial - TR -, mais juros de 12,5 por cento ao ano. A reinclusão dos grandes produtores ao sistema de crédito está sendo encarada pelo governo como uma forma de estimular a produção nacional de soja, buscando aproveitar os espaços abertos no mercado internacional pela quebra da safra de soja americana

Limites de Financiamento em %		
Cultura	Mini/peq.	Demais
Milho	90	80
Soja	80	60
Sorgo	80	60

VALOR BÁSICO DE CUSTEIO				
PRODUTO	PRODTIVIDADE MÁXIMA	VALOR VBC UREF/ha	VALOR VBC CRS/ha	LIBERAÇÕES % ÉPOCA
MILHO	900	-	-	50% AGO/93
	1.500	375,977	6.260,02	25% - OUT/93
	2.500	708.990	11.804,68	25% - FEV/94
	acima	864,503	14.393,97	-
SOJA	1.200	-	-	80% - AGO/93
	1.600	783,342	13.042,64	10% - OUT/93
	ACIMA	961,067	16.001,77	10%-FEV/94
SORGO	999	-	-	-
	1.500	269,077	4.480,13	60% - AGO/93
	2.000	367,859	6.274,70	25% - OUT/93
	2.500	484,533	8.067,47	15% - JAN/94
	ACIMA	592,099	9.858,45	-

AS MEDIDAS PARA A SAFRA 93/94

* **Recomposição das dívidas** - O Banco do Brasil vai negociar todas as dívidas pendentes, estimadas em 1,5 bilhão de dólares, mediante a adoção da equivalência-produção. Na negociação caso a caso, poderão ser perdoadas as multas e taxas de inadimplência.

* **Financiamentos** - Segundo o governo não faltarão recursos para a próxima safra. Estão sendo destinados 7 bilhões de dólares com taxas de 6 por cento ao ano para o mini, 9 por cento para os pequenos e 12,5 por cento para os demais.

* **Tarifas de importação** - A tarifa de importação do arroz se elevou de 10 para 15 por cento e a do trigo de 5 para 10 por cento. Estas tarifas ficarão em vigor até que o governo adote uma Tarifa externa comum no âmbito do Mercosul.

* **Preços mínimos** - A previsão inicial é de 1 bilhão de dólares para AGF. Os preços mínimos para o arroz e o milho serão diferenciados nas fronteiras agrícolas, com a promessa de que, num prazo de quatro anos, cheguem a um patamar que cubra todos os gastos com transporte até o mercado consumidor.

* **Proagro** - O governo pretende regularizar o débito de 19 milhões de dólares referente a dívida do "Proagro Velho" com os produtores e as cooperativas.

* **Comercialização** - O governo pretende apoiar vendas da produção agrícola em bolsas de mercadorias e de futuro. O Banco do Brasil vai lançar Cédulas de Produto Agrícola e outros títulos de comercialização.

* **Defesa Agropecuária** - Implantação do Sistema Unificado de Defesa Agropecuária, com a integração das atividades de defesa e inspeção animal e vegetal.

* **Reforma Agrária** - Assentamento de 20 mil famílias de trabalhadores rurais e apoio às 100 mil já assentadas dentro do programa, com recursos de CRS 2,5 trilhões.

* **Obras do Incra** - Governos estaduais e municipais serão envolvidos nos projetos de assentamento.

* **Correção do Solo** - Foram liberados 280 milhões de dólares para a correção do solo e Finame.

A equivalência em produto adotada para a safra 93/94 e que deveria atingir o arroz, feijão, milho, trigo, safra 94, mandioca e algodão foi vetada pelo presidente Itamar Franco. O "equivoco" como vem sendo chamado o veto do presidente causou um certo desconcerto na área agrícola.

SCEPTER^{*}
herbicida para soja
CERTEZA DE RESULTADOS

PIVOT^{*}
HERBICIDA DUPLA AÇÃO

SELECT[®]
AÇÃO FULMINANTE CONTRA AS GRAMÍNEAS

A LINHA DE FRENTE DA CYANAMID PARA A CULTURA DA SOJA.

Inicialmente, a Cyanamid lançou Scepter, herbicida pré-emergente (PPI) para o controle das plantas daninhas de folhas largas. Depois, desenvolveu Pivot, um herbicida pós-emergente inicial, sistêmico para o controle das plantas daninhas de folhas largas e estreitas. E, por último, para controlar as gramíneas lançou Select, um graminicida pós-emergente de ação fulminante. Como você pode ver, cada um age de forma específica no controle das plantas daninhas. E juntos, formam um programa completo de herbicidas.

ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

PROGRAMA DE
HERBICIDAS

CYANAMID
DIVISÃO DEFENSIVOS AGRICOLAS

MOSTRA DA TERNEIRA E DA NOVILHA

Avanços na qualidade

A 2ª Mostra da Terneira e da Novilha Leiteira dos Associados da Cotrijuí representou um avanço em termos de melhoria da qualidade genética dos animais colocados em exposição. A avaliação é do Supervisor Agrônomo da Cotrijuí, Otalíz de Vargas Montardo, referindo-se em especial ao gado Jersey, "que surpreendeu pela sua performance em relação a Mostra anterior". Essa evolução, complementa o Supervisor de Pecuária Leiteira da Cotrijuí, Jair da Silva Mello, vem demonstrar que o trabalho de condução dos rebanhos destes produtores está correto, servindo para valorizar a sua atividade e o seu plantel. A 2ª Mostra da Terneira e da Novilha Leiteira dos Associados da Cotrijuí aconteceu nos dias 16, 17 e 18 de julho, no Parque Regional de Feiras e Exposições Assis Brasil de Ijuí e levou o apoio da CCGL.

O tempo, com chuva e frio, atrapalhou a vinda até o Parque de produtores de outros municípios da área de atuação da Cotrijuí e de 23 dos animais inscritos para participar da Mostra. O saldo de animais exposto, com alguns colocados à venda foi de 63 - 47 da raça holandesa e 16 da raça Jersey. "O tempo prejudicou em muito a Mostra", lamenta Otalíz, reconhecendo, no entanto que a qualidade do evento foi significativo. Mesmo com as dificuldades enfrentadas em função do clima, 14 produtores de Ijuí, Ajuricaba, Santo Augusto, Augusto Pestana e Coronel Bicaco trouxeram seus animais para o Parque.

OPORTUNIDADE - A Mostra precisa ser encarada pelo produtor de leite associado da Cotrijuí como uma oportunidade que têm para colocar em exposição seus animais ou vender os excedentes existentes na propriedade", destaca Jair Mello. Como a prioridade é competir, a Mostra, neste ano em sua segunda edição, tem se caracterizado por apresentar uma demanda de compra sempre superior a oferta de animais.

Mas as dificuldades criadas pelo clima não atrapalhou a participação de novos produtores, "debutantes neste tipo de evento", assinala Otalíz

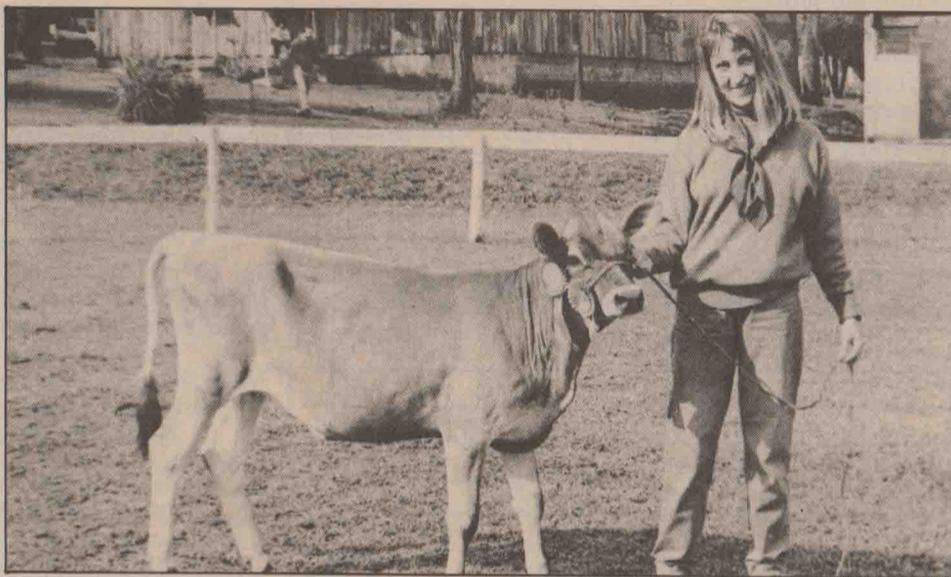
CCGL cria Comitê de Produtores

Um Comitê dos Produtores de Leite do Sistema CCGL. Essa decisão foi tomada durante reunião dos Conselhos de Administração e Fiscal, realizada no dia 29 de julho. "Esta é mais uma vitória dos produtores", comemora o Supervisor de Pecuária Leiteira da Cotrijuí, Jair da Silva Mello, sem deixar de ressaltar o trabalho dos conselheiros "que sempre souberam levar até a diretoria da CCGL as reivindicações dos produtores".

O Comitê terá por finalidade promover reuniões entre as adminis-

Antecipação do pagamento

Outra antiga reivindicação dos produtores de leite, a antecipação no pagamento, começou a ser atendida em agosto. A decisão foi tomada na reunião dos Conselhos de Administração e Fiscal do dia 29 de julho e já colocada em prática no início de agosto.



Grande Campeã Terneira Jersey

Propriedade dos criadores Flávio, Vera e Clóvis Oedmann, de Ajuricaba

EXPOSITOR	MUNICÍPIO	NÚMERO DE ANIMAIS		
		HOLANDÊS	JERSEY	TOTAL
Flávio/Vera/Clóvis Oedmann	Ajuricaba	02	07	09
Elerson A. Krampe	Ijuí	07	04	11
Otto Tietzmann	Ijuí	-	05	05
Waldemo Noll e Filhos	Ijuí	03	-	03
Celso Sperotto	Santo Augusto	06	-	06
José Rotilli e Filho	Santo Augusto	05	-	05
José Bronzatto	Ijuí	03	-	03
Elmário Korb	Ijuí	05	-	05
SABEVE	Ijuí	03	-	03
Almir Karlinski	Ijuí	04	-	04
Wunibal Arnold	Augusto Pestana	03	-	03
Enio Guterrez	Cel. Bicaco	02	-	02
Evaldo Seifert	Ijuí	02	-	02
Antônio Copetti	Ijuí	02	-	02
TOTAL		47	16	63

* OBS: Faltaram 23 animais que estavam inscritos

Montardo, apontando os criadores Flávio, Vera e Clóvis Oedmann, de Ajuricaba, Otto Tietzmann, José Bron-

zatto, Almir Karlinski, Antônio Copetti e a Sabeve, de Ijuí, José Rotilli e filhos, de Santo Augusto e Enio Gueterrez, de Coronel Bicaco, como os estreados. Outro ponto alto, que também não foi afetado pela chuva, foi o julgamento dos animais, "muito bem detalhado" e feito pelo chefe regional da Inspeção Veterinária da Secretaria da Agricultura de Santa Rosa, Valdir Groeff. A Mostra encerrou com uma demonstração de ensiladeiras para cerca de 150 produtores presentes no Parque no domingo à tarde.

SUGESTÕES - Na reunião de avaliação da Mostra, realizada durante o evento, apareceram várias sugestões dos produtores para serem aproveitadas no próximo evento. Os produtores pediram a participação de animais não enquadrados dentro das normas da Mostra, como vacas secas ou em lactação e a exigência de registros. "Todas estas sugestões serão muito bem avaliadas", diz Otalíz, sem descartar a possibilidade de aproveitamento das mesmas, pois acredita que os produtores desejam realmente é uma melhor valorização dos seus animais.

zatto, Almir Karlinski, Antônio Copetti e a Sabeve, de Ijuí, José Rotilli e filhos, de Santo Augusto e Enio Gueterrez, de Coronel Bicaco, como os estreados. Outro ponto alto, que também não foi afetado pela chuva, foi o julgamento dos animais, "muito bem detalhado" e feito pelo chefe regional da Inspeção Veterinária da Secretaria da Agricultura de Santa Rosa, Valdir Groeff. A Mostra encerrou com uma demonstração de ensiladeiras para cerca de 150 produtores presentes no Parque no domingo à tarde.

SUGESTÕES - Na reunião de avaliação da Mostra, realizada durante o evento, apareceram várias sugestões dos produtores para serem aproveitadas no próximo evento. Os produtores pediram a participação de animais não enquadrados dentro das normas da Mostra, como vacas secas ou em lactação e a exigência de registros. "Todas estas sugestões serão muito bem avaliadas", diz Otalíz, sem descartar a possibilidade de aproveitamento das mesmas, pois acredita que os produtores desejam realmente é uma melhor valorização dos seus animais.

Relação final do julgamento de classificação

Raça Holandesa

- * Grande Campeã Terneira - criador Elerson Krampe, de Ijuí.
- * Reservada Campeã Terneira - criador Waldemo Noll, de Ijuí
- * Grande Campeã Novilha - criador Wunibal Arnold, de Augusto Pestana
- * Reservada Campeã Novilha - criador José Rotilli, de Santo Augusto

Raça Jersey

- * Grande Campeã Terneira - criadores Flávio, Vera e Clóvis Oedmann, de Ajuricaba
- * Reservada Campeã Terneira - criadores Flávio, Vera e Clóvis Oedmann, de Ajuricaba
- * Grande Campeã Novilha - criador Elerson Krampe, de Ijuí.
- * Reservada Campeã Novilha - criadores Flávio, Vera e Clóvis Oedmann, de Ajuricaba
- * Melhor Expositor - criadores Flávio, Vera e Clóvis Oedmann que receberam o Troféu Cotrijuí 36 Anos.
- * O criador Wunibal Arnold, de Augusto Pestana, proprietário da Novilha Grande Campeã, recebeu o Troféu Cotrijornal 20 Anos.

CLASSIFICAÇÃO DOS ANIMAIS POR CATEGORIA

Raça Holandesa

- * Primeira categoria - Terneiras com até 6 meses de idade
1º lugar - Waldemo Noll - Ijuí
- * Segunda Categoria - Terneiras de 6,1 a 12 meses de idade
1º lugar - Elerson Krampe - Ijuí.
- * Terceira Categoria - Novilhas vazias de 12,1 a 20 meses de idade
1º lugar - Celso Sperotto - Santo Augusto
- * Quarta Categoria - Novilhas prenhas de 15 a 22 meses de idade
1º lugar - Wunibal Arnold - Augusto Pestana
- * Quinta Categoria - Novilhas prenhas de 22,1 a 30 meses de idade
1º lugar - José Rotilli - Santo Augusto

CLASSIFICAÇÃO DOS ANIMAIS POR CATEGORIA

Raça Jersey

- * Primeira Categoria - Terneiras com até 6 meses de idade
1º lugar - Flávio, Vera e Clóvis Oedmann - Ajuricaba
- * Segunda Categoria - Terneiras de 6,1 a 12 meses de idade
1º lugar - Flávio, Vera e Clóvis Oedmann - Ajuricaba
- * Terceira Categoria - Novilhas vazias de 12,1 a 20 meses de idade
1º lugar - Elerson Krampe - Ijuí.
- * Quarta Categoria - Novilhas prenhas de 15 a 22 meses de idade
1º lugar - Flávio, Vera e Clóvis Oedmann - Ajuricaba
- * Quinta Categoria - Novilhas prenhas de 22,1 a 30 meses de idade
1º lugar - Elerson Krampe - Ijuí.

Programa para expansão suinícola

Governo do Estado, através do Banrisul, com recursos do BNDES e do Finame, lança Programa de Expansão Suinícola no valor de 52,4 milhões de dólares. Cotrijuí poderá repassar aos seus associados em torno de 5.600 matrizes, financiar construções e compras de equipamento

Recuperar 36 mil matrizes de suínos em todo o Estado e incrementar o abate em mais de 330 mil animais por ano. Estes os principais objetivos propostos pelo Banco do Estado do Rio Grande do Sul ao lançar o Programa de Expansão Suinícola, no valor de 52,4 milhões de dólares. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico - BNDES - e Finame apoiam o Programa, repassando parte dos recursos - cerca de 34 milhões de dólares. "É um recurso que chega em boa hora", comemora o Supervisor de Suinocultura da Cotrijuí, Gerson Madruga, lembrando que desde o início dos anos 80, a agropecuária não recebia um reforço desta natureza.

Dentro dos objetivos do Programa, o governo do Estado, além de incrementar o abate de animais por ano, quer que os produtores rurais envolvidos com a suinocultura trabalhem com matrizes de alta sanidade e de melhor nível genético. Essa melhoria na qualidade do rebanho deverá ocorrer a partir da introdução de reprodutores com genética superior - o Programa prevê a introdução de 5.600 animais deste porte, na área de ação da Cotrijuí. Também está incluída nos objetivos a implantação de unidades de produção de leitões e de terminadores através da incorporação avançada nas instalações e o incentivo a produção de milho nas granjas dos Integrados/Terminadores com armazenagem na propriedade. Para a implantação de milho o governo vem prometendo colocar à disposição dos produtores condições de produção e de armazenagem com toda a infra-estrutura necessária. Ao mexer com a produção, o governo também estará mexendo com a capacidade instalada de abate das indústrias gaúchas, atualmente na ordem de 3,2 milhões de cabeças por ano, mas com uma ociosidade ao redor de

37 por cento. Isto significa que as indústrias e cooperativas - frigoríficos - estão utilizando apenas 63 por cento de toda a sua capacidade instalada de abate. Ao ampliar em, no mínimo, 36 mil cabeças o plantel de matrizes em todo o Estado, o governo estará gerando um impacto sobre a capacidade instalada de abate nas indústrias de 10 por cento nos dois primeiros anos e mais 15 por cento a partir do terceiro ano.

QUEM PODE PARTICIPAR - Poderão participar do Programa pequenos produtores rurais, integrados com cooperativas ou indústrias suinícolas, condomínios rurais, associações de pequenos produtores, empresas agropecuárias - desde que estejam atuando na atividade - e médios e grandes produtores rurais que estejam explorando a suinocultura a nível empresarial e que estejam integrados à cooperativa ou a frigoríficos. Ser produtor de milho é também um outro requisito básico para que estes produtores possam participar do Programa que ainda exige que essa produção seja suficiente para o consumo do plantel na propriedade.

Para a terminação de 330 mil cabeças/ano, o Programa está prevendo uma demanda estimada de 73,8 mil toneladas de grãos, o que vai exigir um incremento de 1,05 milhões de sacos de milho, a ser produzido e armazenado nas granjas dos mais de 2 mil produtores rurais e frigoríficos.

Pelo Programa deverão ser financiados construções e instalações em até 50 por cento do valor total, equipamentos em até 70 por cento, "dando, desta forma, uma média de 65 por cento de participação do governo através de financiamentos", ressalta Gerson Madruga. Os produtores terão 24 meses de carência no plano de construções e instalações de pocilgas e até 48

meses para pagamento do financiamento. No caso da compra de equipamentos, a carência é de no máximo um ano e a amortização deverá ocorrer num prazo de quatro anos. Os encargos financeiros são de 12 por cento ao ano e mais correção de acordo com a Taxa Referencial.

Os produtores proprietários de até 50 hectares de terra e que se enquadrarem nas normas do Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais - Feaper - terão a opção de poder saldar suas dívidas pelo sistema de equivalência-produto. Neste caso, os empréstimos poderão ser pagos em sacos de milho.

Os itens a serem contemplados com investimentos do Programa de Expansão Suinícola Banrisul/Governo do Estado, são infra-estrutura para localização das instalações - preparação do terreno e acessos -; unidade produtora de leitões - equipamentos e instalações e ainda as matrizes e reprodutores -; as unidades terminadoras - equipamentos e instalações. Para o caso das lavouras de milho, poderão ser financiados calcário para a correção do solo, adubos e fertilizantes, equipamentos agrícolas e utensílios e paíóis. Ainda poderão ser financiados poços artesianos e canalização, instalações gerais complementares e tratamento do meio ambiente.

INCREMENTAR - Além do fomento a suinocultura no Estado, o Programa de Expansão Suinícola deverá levar o produtor rural a se organizar a nível comunitário, a promover o aproveitamento racional do capital disponível a nível de propriedade rural, a tecnificar suas instalações suinícolas, buscando, desta forma, viabilizar manejos apropriados; a promover uma melhoria do rebanho suinícola com o objetivo de alcançar uma maior produtividade

de leitões/matriz e de carne por carcaça; a promover uma melhoria do nível de sanidade do rebanho; a proporcionar aumento da receita e desta forma, manter o produtor na propriedade e ainda permitir que a produção de grãos própria, em especial de milho, permita uma diversificação de atividades.

A nível de cooperativas e frigoríficos Integradores, o Programa deverá contribuir para que a disponibilidade de matéria prima seja de qualidade superior e que haja otimização na utilização da capacidade instalada. A questão do Mercosul, abrindo portas para a possibilidade de ampliação das exportações, principalmente com a Argentina, é outra preocupação do governo do Estado. A ampliação do sistema de Integrados deverá suprimir as programações de matérias-primas tanto dos frigoríficos como as cooperativas abatedouras.

CONSOLIDAÇÃO - Para a Cotrijuí, que desde meados de 80 vem, através dos seus programas cooperados, tentando ampliar a atividade na região, o Programa de Expansão Suinícola lançado pelo governo do Estado através do Banrisul com recursos do BNDES e Finame, vem representar a consolidação da suinocultura em toda a Região Pioneira. "Esse programa vai fazer com que praticamente dobre o número de matrizes que atualmente estão em mãos dos associados da Cotrijuí", disse Gerson Madruga calculando um total de mais de 9 mil matrizes instaladas.

Do total de recursos a ser repassado pelo Banrisul a cooperativas, frigoríficos integradores, produtores e empresas que atuam na atividade, a Cotrijuí terá direito a 15,5 por cento. Com esse dinheiro serão financiadas matrizes, melhorias nas instalações do frigorífico de São Luiz Gonzaga e pocilgas. Ma-

druga acredita que poderão ser financiadas em torno de 30 unidades produtoras de leitões e 180 unidades terminadoras de leitões na área da Cotrijuí. Indiretamente, o Programa deverá, na medida em que incrementar a produção de suínos na região, dobrar a produção da fábrica de rações e de embutidos.

Objetivando promover o aproveitamento máximo do Programa, a Cotrijuí está estabelecendo o financiamento de no mínimo de 132 matrizes para cada unidade de produção de leitões a ser montada e 540 suínos por ano para que unidade. A sugestão do Supervisor de Suinocultura da Cotrijuí é de que cada Unidade de Terminação tenha em torno de 240 metros quadrados, com 12 salas de 5 por 4 metros. Durante o ano, cada Unidade de Terminação receberá 9 lotes de 60 leitões, num espaço de tempo médio de 40 dias. "Estes critérios que estamos adotando têm como proposta profissionalizar o nosso produtor de suínos", diz Madruga, inconformado com o fato da região, em função de uma série de acontecimentos, ter perdido uma geração de suinocultores.

Para Madruga, três acontecimentos recentes - o acordo assinado pela Cotrijuí com a Coopercentral, o financiamento pelo governo do Estado de 10 condomínios rurais na região e agora o lançamento do Programa de Expansão Suinícola - não só vão contribuir para o incremento da suinocultura na região, como também resolver os problemas de estrangulamento de matéria-prima que vem sendo sentidos pela unidade industrial da Cotrijuí em São Luiz Gonzaga. "O frigorífico vem abatendo em torno de 11 mil suínos por mês, mas podemos atingir a capacidade de abate que é para 21 mil cabeças", diz ele, para quem esse volume vem representar a produção de 14 mil matrizes.

CHOVA OU FAÇA SOL, HOJE É DIA DO AGRICULTOR.

28 DE JULHO. DIA DO AGRICULTOR.

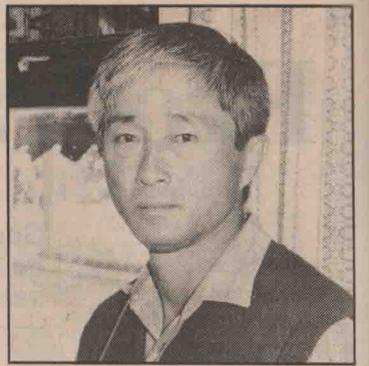
O tempo está ótimo para você dar os parabéns para o agricultor, sujeito a abraços e cumprimentos no decorrer do período, com possibilidades de tapinhas nas costas ao entardecer. A temperatura vai subir quando você demonstrar seu reconhecimento a este homem que faz tudo para tirar o melhor da terra. Em qualquer tempo.

CYANAMID
DIVISÃO DEFENSIVOS AGRÍCOLAS

SOJA

As doenças que incomodam

Mas tanto o cancro da haste como a podridão parda ou podridão branca podem ser controladas através da rotação de culturas - em especial com o milho -, o tratamento de sementes com fungicidas específicos e o uso de variedades resistentes



José Tadaschi

Uso de variedades resistentes, rotação de culturas e tratamento de sementes. Estas as recomendações do pesquisador José Tadaschi Yrinori, do Centro Nacional de Pesquisa da Soja, da Embrapa de Londrina, no Paraná, ao alertar os agricultores para a necessidade de se buscar alguma forma de controle para as principais doenças da soja. Tadaschi veio a Ijuí, a convite da Associação dos Engenheiros Agrônomos para falar, dia 13 de agosto, na Sogi, a mais de 200 produtores e técnicos da região sobre "Doenças da Soja".

Segundo o pesquisador, só no Brasil, as doenças da soja somam um total de 40, causando prejuízos na ordem de 2 bilhões de dólares por ano. O sistema de monocultivo e o tratamento que vem sendo dado ao solo e ao meio ambiente foram apontados como os fatores responsáveis pelo atual quadro que, "principalmente de cinco anos para cá, tem agravado com o aparecimento de novas doenças", disse. Entre estas novas doenças, colocou o cancro da haste da soja, a podridão parda e a podridão branca ou esclerotínia.

A podridão branca da haste, mofo branco ou ainda podridão de esclerotínia, como também é conhecida, é uma doença causada por um fungo que costuma ocorrer em lavoura de alta densidade de plantas e em períodos de muita umidade. Se caracteriza pelo escurecimento do ta-

lo, "formando manchas de cor castanha sobre as quais aparece uma camada esbranquiçada que mais tarde escurece. Esta é uma doença que pode causar prejuízos totais, e a forma de controle é a rotação com culturas imunes, e o milho aparece como a principal alternativa, avisou, ressaltando a importância que assume a diversificação de culturas numa propriedade. Para ilustrar o poder de destruição que esta doença pode promover numa lavoura, Tadaschi disse que apenas em Vacaria, os prejuízos na safra passada ultrapassaram os 50 mil sacos de soja.

O CANCRO DA HASTE - Agravando o quadro, aparece o cancro da haste, uma doença que surgiu há pouco mais de cinco anos no Sul do Paraná e nas regiões do Mato Grosso na safra colhida em 1989. A doença já atravessou o Brasil, se fazendo presente em praticamente todas as regiões produtoras de soja, "inclusive em lavouras desta região", alertou atribuindo como causas da doença a movimentação de sementes e a existência de variedades suscetíveis. O fungo sobrevive na semente, podendo se disseminar muito facilmente na lavoura. Mas avisou que a semente infectada pode não apresentar sintomas externos da doença. O fungo é facilmente detectado na haste principal como também nos ramos laterais, onde se formam manchas de cor castanho-avermelhadas.

"A nível de Brasil, os prejuízos têm sido muito grandes", disse o pesquisador citando o caso de algumas lavouras localizadas no Paraná, Minas Gerais e Santa Catarina que, por causa do cancro, tiveram perdas totais. Disse que na safra 1991/92, apenas na região de Campo Mourão, área de ação da cooperativa Coamo, a perda estimada com o ataque do cancro da haste chegou a 706 mil sacos de soja. "Essa produção perdida daria uma receita de 7 milhões de dólares", calculou citando a variedade Bragg, "muito popular nesta região do Estado", como uma das mais suscetíveis à doença.

Como medidas de controle, Tadaschi recomendou o uso de sementes de qualidade, "comprovadamente sem o inócuo" e a rotação de culturas. O pesquisador não vê outra forma de o produtor aprender a conviver com o problema não sendo através da rotação de culturas. "Vocês terão que aprender a conviver com estas doenças", insistiu sugerindo ainda um acompanhamento rigoroso da lavoura, embora reconheça que nem sempre seja possível perceber a presença da doença nas plantas, especialmente nas primeiras safras.

Essa boa convivência pregada pelo pesquisador pode ser ajudada por um bom diagnóstico da propriedade. Segundo Tadaschi, o resultado deste diagnóstico vai determinar as adubações necessárias e o manejo correto do so-



O evento, promovido pela Apaju de Ijuí, na Sogi... reuniu mais de 200 produtores e técnicos da região

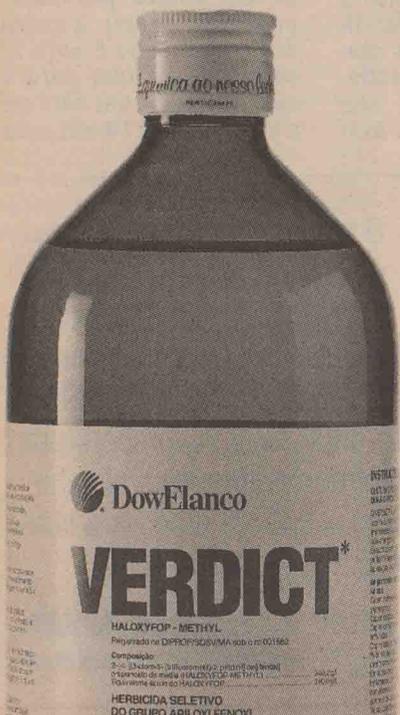
lo, "com preferência para o plantio direto". Não aconselhou o plantio direto com variedades suscetíveis, pois neste caso as perdas podem ser totais já que a prática favorece o aparecimento da doença. Mas disse que a maior ou menor incidência da doença na lavoura depende também das condições climáticas.

NEMATÓIDE DO CISTO - Tadaschi aproveitou a ocasião para alertar os agricultores e técnicos presentes ao encontro sobre um outro problema, "bem mais sério que o cancro da haste", chamado nematóide do cisto. É uma doença que já vem ocorrendo em lavouras dos estados de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Goiás. "É um problema extremamente sério em áreas onde tem ocorrido com muita intensidade", avisou alertando para o seu

poder de devastação, embora ainda não tenha chegado às lavouras do Rio Grande do Sul. A única medida capaz de evitar a sua incidência é a rotação com o milho, "já que não existe nenhuma variedade resistente". Todas são suscetíveis. Disse que as variedades RS 7 e a Jacui, plantadas aqui no Rio Grande do Sul, em testes feitos em regiões onde tem ocorrido o nematóide, apresentaram alguma resistência. Mas não recomendou o plantio das mesmas por falta de garantia.

Para os agricultores da região que possuem lavouras nestes estados onde o nematóide do cisto já se manifestou, Tadaschi sugeriu uma série de cuidados no transporte do maquinário e implementos. Todos eles precisam, "inclusive os calçados", ser muito bem lavados.

QUEM APLICOU, JÁ COMPROVOU. VERDICT.*



- Controla as gramíneas em qualquer estágio.
- É eficiente em qualquer aplicação.
- Controla com eficiência Papuã (Marmelada), Milhã (Colchão), Carrapicho (Amoroso) e Rabo-de-raposa.
- É seletivo na soja e infalível na resteva.

COMPROVE VOCÊ TAMBÉM.

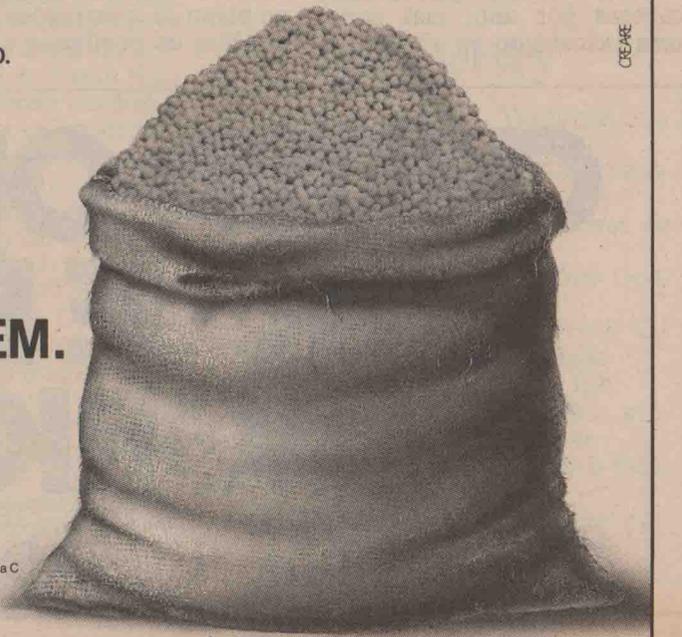
ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

DowElanco

DOWELANCO INDUSTRIAL LTDA. R. Alexandre Dumas, 1671 - 4º andar - ala C
CEP 04717-903 - Chácara Santo Antônio - São Paulo - SP
Tel.: (011) 546-9100 - Fax: (011) 546-9181 - Telex: (11) 53229 DOWO BR



CREARE

SOJA

O resultado da pesquisa

Pesquisadores e técnicos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná estiveram reunidos de 10 a 13 de agosto em Santa Rosa durante a realização da 21ª Reunião de Pesquisa da Soja da Região Sul. O evento foi promovido pela Embrapa, Cientec/Ipagro, Emater e Fensoja e oportunizou o lançamento da variedade FT-Saray.

Segundo o pesquisador da Fundacep, José Luiz Tragnago, coordenador da comissão de melhoramento genético, a nova variedade é de ciclo precoce e obteve rendimento de três mil 241 quilos por hectare, na média dos experimentos de três anos agrícolas, sendo equivalente a cultivar padrão IAS-5, que obteve em média três mil 228 quilos. A FT-Saray se caracteriza pela resistência a podridão da haste, uma das principais doenças que atingem a cultura no Estado e se apresenta moderadamente resistente ao cancro da haste. José Tragnago destaca ainda que foram retiradas definitivamente de recomendação as variedades Embrapa-5, BR-2, Ipagro-20, Paraná, Bossier, BR-12 e Ivaí.

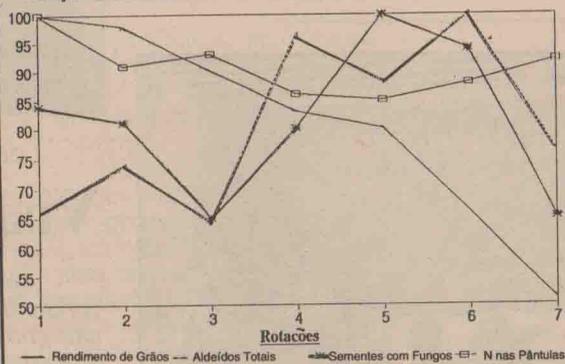
PESQUISA NO CTC - Responsável pelas recomendações sobre a cultura da soja, a reunião proporcionou também a apresentação de resultados de pesquisa e informações sobre o plantio direto, rotação de culturas e doenças como o cancro da haste e o nematóide do cisto. Da Cotrijuf participaram os supervisores de Plantas de Lavoura, Francisco Tenório Falcão Pereira e o da área de insumos, Adão Acosta, e os engenheiros agrônomos Roberto Carbonera e Fernando Rodrigues.

Roberto Carbonera apresentou os resultados de ensaios de cultivares de soja recomendadas para o RS na safra 92/93, um trabalho conduzido em conjunto com Marco A. Palharini e Everaldo Garbin e que vem sendo realizado todos os anos no Centro de Treinamento da Cotrijuf. Como explica o agrônomo, o último ano agrícola foi o que apresentou os melhores desempenhos tanto para as culturas de inverno e o milho, como principalmente para a soja. Este desempenho pode ser observado nas tabelas 1, 2 e 3, onde são especificados os rendimentos de cultivares de soja obtidos nos últimos quatro anos de experimentos no CTC.

Já o Adão Acosta, demonstrou que, após 10 anos em diferentes rotações no CTC, a soja obteve melhor rendimento de grãos em sistemas que incluíram quatro anos de pastagens e que no mesmo período com culturas anuais, particularmente a sucessão trigo/soja, teve o menor rendimento. Porém, complementa o agrônomo, outras características avaliadas nas sementes e plântulas pareceram ser menos afetadas. A maioria das rotações não mostrou qualidade sanitária e fisiológica de sementes superior a sucessão trigo/soja por dez anos, assim como os nutrientes acumulados nas plântulas de soja também não apresentaram muita diferença em todos os sistemas. Algumas das informações podem ser visualizadas na figura ao lado.

O pesquisador apresentou ainda um novo teste, chamado Determinação de Aldeídos Totais, que está sendo desenvolvido para determinar a viabilidade de sementes de soja.

Comparação Relativa para Rendimento de Grãos, Produção de Aldeídos Totais pelas Sementes, Total de Fungos nas Sementes, e Conteúdo de Nitrogênio nas Plântulas em Soja, Colhida Após Sete Sistemas de Rotação de Culturas.



Rotações/ 1

Inverno	t+p	p	p	p	t	c	tr	a	t	c	t
1	Verão	p	p	p	s	s	m	s	s	s	#
Inverno	t	a	t+p	p	p	p	c	t	t	a	c
2	Verão	s	mt	p	p	p	s	s	mt	s	#
Inverno	t	c	a	tr	t+p	p	p	c	t	a	
3	Verão	s	s	s	m	p	p	p	s	s	#
Inverno	t	a	c	t	a	tr	t+p	p	p	t	
4	Verão	m	s	s	s	s	m	p	p	p	#
Inverno	c	t	tr	a	c	t	a	tr	t+p	p	p
5	Verão	s	s	mt	s	s	s	s	m	p	#
Inverno	a	tr	t	c	tr	a	t	c	a	tr	t
6	Verão	s	m	s	s	mt	s	s	s	s	#
Inverno	t	t	t	t	t	t	t	t	t	t	
7	Verão	s	s	s	s	s	s	s	s	s	#

1/ Culturas anteriores nos sistemas durante 10 anos

de inverno: t = trigo; p = pastagem; c = colza; tr = tremoço; a = aveia; si = sincho e er = ervilha forrageira

de verão: s = soja; p = pastagem; m = milho e mt = milheto # = experimento

Tabela 01. RENDIMENTO DE CULTIVARES PRECOSES DE SOJA NO CTC DE 1989/90 A 1992/93. CTC, A. PESTANA, 1993

CULTIVAR	89/90	90/91	91/92	92/93	MÉDIA
IAS 5	2.467	995	2.422	3.675	2.390
CEP 12	2.128	930	2.436	3.741	2.309
IVORÁ	2.105	934	2.794	3.075	2.227
EMBRAPA 5	-	-	2.243	4.032	3.137
CEP 26	-	-	-	3.423	3.423
BR 2*	2.204	880	2.094	-	-
PARANÁ*	1.955	994	2.115	-	-
PLANALTO*	2.155	915	-	-	-
MÉDIA	2.169	943	2.351	3.589	2.697

* Não é mais recomendado

Na safra 91/92 teve a maior estiagem dos últimos anos.

Tabela 02. RENDIMENTO DE CULTIVARES DE CICLO MÉDIO DE SOJA NO CTC 1989/90 A 1992/93. CTC, A. PESTANA, 1993

CULTIVAR	89/90	90/91	91/92	92/93	MÉDIA
RS 7	3.252*	1.337	2.886	3.802	2.819
FT 2	2.220	1.229	2.469	3.136	2.263
BRAGG	2.070	1.253	2.020	3.742	2.271
IPAGRO 21	2.014	1.220	2.367	3.448	2.262
IAS 4	1.969	1.182	2.270	3.860	2.320
BR 4	1.957	1.094	2.264	3.811	2.281
BR 6	1.867	1.180	2.125	3.889	2.265
CEP 12	1.784	1.016	2.032	3.845	2.169
DAVIS	1.339	1.097	2.479	3.478	2.098
BR 16	-	-	-	3.902	3.092
UNIÃO **	1.958	1.187	-	-	-
MÉDIA	2.043	1.169	2.323	3.691	2.465

* Média do RS

** Não é mais recomendada.

Tabela 03. RENDIMENTO DE CULTIVARES DO CICLO SEMI-TARDIO E TARDIO NO CTC DE 1989/90 A 1992/93. CTC, A. PESTANA, 1993

CULTIVAR	89/90	90/91	91/92	92/93	MÉDIA
RS 5	2.403	1.418	2.083	3.411	2.328
COBB	2.215	1.523	1.889	2.822	2.112
CEP 20	2.172	1.466	2.046	2.603	2.072
BR 1	2.109	1.456	2.378	3.348	2.323
CEP 10	2.009	1.461	2.044	3.407	2.230
BR 8	2.051	1.416	2.553	3.303	2.331
SANTA ROSA	2.097	1.156	2.054	2.760	2.017
RS 6	1.904	1.233	2.689	3.519	2.336
BR 32	-	1.448	2.308	3.528	2.428
FT ABYARA	-	-	2.792	3.153	2.972
RS 9	-	-	2.775	2.989	2.882
EMBRAPA 19	-	-	-	4.001	4.001
BOSSIER*	1.857	1.151	1.782	-	-
BR 12*	2.232	1.329	2.285	-	-
IVAÍ*	2.281	1.251	-	-	-
MÉDIA	2.121	1.359	2.282	3.237	2.503

* Não é mais recomendado para o plantio

DECTOMAX*

AMPLO ESPECTRO COMAÇÃO PROLONGADA.

- Controla os principais parasitas internos e externos muito mais do que outros parasiticidas.
- Mantém o seu gado protegido por muito mais tempo, muito além do Ivermectin injetável.
- Reduz o número de tratamentos levando a um menor manejo e custos mais baixos.
- Seu gado ganha melhor aparência e atinge um crescimento rápido.
- Compatível com a aplicação da vacina aftosa.

MAIOR PROTEÇÃO CONTRA MAIS PARASITAS.



Administração:

Aplicação: injeção subcutânea ou intramuscular.

Dosagem: 1 ml para cada 50kg de peso vivo.

Apresentação: Frascos de 50, 200 e 500 ml.



Laboratórios Pfizer Ltda.
Divisão Agropecuária
Av. Pres. Tancredo de Almeida Neves, 1111 - CEP 07190-916
Cx. P. 143 - CEP 07111-970 - Guarulhos - SP
Tel. (011) 208.8022 - 208.8244
Telex 11-65131 Fax (011) 940.4678



* Dectomax é marca registrada da Pfizer INC. para Doranectin. DEC. 04793

ENCONTRO BINACIONAL DE COOPERATIVAS

Um passo a mais na integração

Mais de 200 cooperativistas brasileiros e argentinos participaram do encontro que decidiu manter discussão sobre o processo de integração através da criação de um fórum permanente

Um fórum permanente de integração e a realização de um segundo encontro, no próximo ano, em Ijuí. Esses são os resultados mais importantes do Encontro Brasil-Argentina, por um cooperativismo integrado, realizado de 27 a 30 de julho, no Parque Regional de Exposições Assis Brasil, em Ijuí. O encontro foi coordenado pela Universidade Católica de Petrópolis do Rio de Janeiro e sua mantenedora Fundação Cultural Dom Manoel Pedro da Cunha Cintra, da mesma cidade, e Fundación Del Sur, de Buenos Aires, Argentina, com o patrocínio da CIPIE, uma fundação espanhola voltada a assuntos latino-americanos e da Comunidade Econômica Européia.

Com o objetivo de ampliar o conhecimento da realidade cooperativa afetada pelo Mercado Comum do Sul e buscar uma aproximação entre as cooperativas participantes, o Encontro Binacional apresentou um amplo temário de discussão, abrangendo aspectos culturais, políticos e econômicos, realização de negócios e uma mostra de bens e serviços. A escolha por Ijuí, se deu pela tradição cooperativista desta região e do Estado, e o intercâmbio já existente entre a Universidade Católica de Petrópolis e a Unijuí, que veio ser uma das entidades de apoio na organização, junto com a Unisinos, Universidade Católica de Pelotas, UFSM, Prefeitura Municipal, Ocergs, Fecotrijo, Cotrijuí e Secretaria Estadual para Assuntos Internacionais.

SUCESSO - Confirmando a importância da aglutinação entre o sistema cooperativista dos dois países colocada pelo reitor da Unijuí Walter



Abertura

Cooperativistas buscam aproximação cultural e comercial

Frantz, durante a abertura do evento, o coordenador do encontro, o pró-reitor de expansão e desenvolvimento da Universidade Católica de Petrópolis, Álvaro Barcel Filho avaliou a promoção como um sucesso absoluto. "Levando em conta os objetivos do evento que era de transmitir informações e principalmente promover a integração iniciando pelo cultural e chegando no campo econômico, realmente foi um sucesso", afirmou.

Surpreso com estes resultados, Álvaro Barcel disse que não espera-

va que o encontro fosse despertar tanto interesse entre os argentinos, justificando essa receptividade pela definição dos cooperativistas presentes em realizar um Fórum Permanente de Integração e um segundo encontro em Ijuí. Para o pró-reitor, o Fórum tem por objetivo efetuar uma análise sobre assuntos específicos, assim como estabelecer políticas educacionais na área do cooperativismo", e é uma iniciativa "que prova que este país ainda tem jeito, basta que os governantes tenham vontade política de fazer".

A força do associativismo

A integração, necessariamente, passa por pessoas, afirmou o secretário estadual para Assuntos Internacionais, Walter Nique, que fez a palestra de encerramento sobre Integração Econômica e Cultural no Encontro Binacional de Cooperativismo.

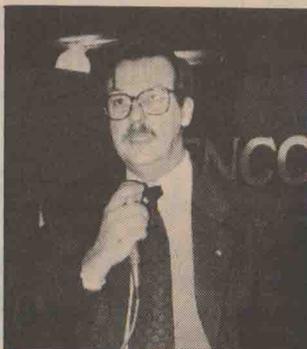
A afirmação do secretário se baseia nas raízes do cooperativismo e do associativismo que tem contribuído decisivamente para o desenvolvimento da agropecuária no Estado, um setor que avaliado pela sua abrangência no complexo econômico é responsável por 65 por cento do Produto Interno Bruto. Esta metodologia de organização, segundo o secretário, tem servido de orientação para o governo estadual, para sanear setores e ampliar outros como é o caso da cooperativa da Corlac e da expansão dos condomínios rurais.

MICROBACIAS - O maior exemplo de integração citado por Walter Nique foi dado através do trabalho em microbacias hidrográficas. "Um plano diretor que a natureza nos deu", para resolver problemas seriíssimos de degradação do solo e do meio ambiente, afirmou, lembrando que o Estado tem hoje três por cento da sua cobertura

florestal, como resultado da expansão da monocultura, e que vem acompanhada ainda pelo assoreamento e poluição dos rios, onde são depositados anualmente cerca de 25 toneladas de terra por hectare, as quais levam junto insumos e solo fértil, causando um prejuízo anual de 500 milhões de dólares.

O manejo integrado de microbacias vem justamente solucionar o problema da degradação e suas consequências econômicas e sociais. Mas para isso, exige uma nova postura de trabalho, destacou Nique, apontando o associativismo como o passo mais avançado dentro de um trabalho de racionalização do uso da terra, de implementos agrícolas e de adequação de estradas, e onde cerca de 20 ou 30 proprietários rurais tomam decisões conjuntas.

"Há quinze anos não se imaginava que aqui no Rio Grande do Sul, proprietários de 12 ou 20 hectares trabalhassem sem cercas", recordou o secretário. Hoje, entretanto, muitos desses produtores já contribuem para a formação de um outro patamar de produção. Como a terra fértil não vai mais para dentro dos rios, exemplificou, nas áreas de manejo integrado em microbacias, as culturas apresentam em média



Walter Nique
Integração começa no dia-a-dia

30 por cento a mais de produtividade e a média de produção leiteira é de 15 litros por vaca ao dia. E ainda mais, ressaltou o secretário, a taxa de retorno financeiro real é de 26 por cento, superando qualquer outro tipo de especulação feita nesse país.

INTEGRAÇÃO - O exemplo da microbacia é uma prova de que o processo de integração funciona a partir do dia-a-dia, e da "utilização do nosso potencial de associativismo, da nossa tecnologia e identidade cultural formada por alguns séculos de história em comum", ressaltou o secretário. "Enquanto as pessoas não estiverem envolvidas nesse processo, o diálogo com Brasília, Buenos Aires, Assunção e Montevideu não vai funcionar", avaliou, esperando que as cooperativas brasileiras e argentinas levem a discussão para os seus associados, procurando saber para onde a integração vai se dirigir e que tipo de impacto deve proporcionar sobre suas vidas".



Álvaro Barcel Filho
Coordenador do encontro

Visita à Cotrijuí

Aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Encontro Binacional, um grande grupo de cooperativistas argentinos e também alguns brasileiros estiveram na sede da Cotrijuí, no dia 28 de julho, quando foram recebidos pelo vice-presidente Euclides Casagrande. Interessados pela história de fundação e consolidação da Cotrijuí, o grupo de cooperativistas pode ter uma idéia sobre o intercâmbio de pesquisa mantido há vários anos com o Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária - Inta, e também ficou a par dos projetos em desenvolvimento na área de grãos, área animal e do projeto da agroindústria de cereais.

MERCOSUL

Futuro incerto

Ao contrário da disposição demonstrada pelos cooperativistas argentinos em concretizar a integração cultural e econômica com os vizinhos brasileiros - e que é o passo mais importante segundo os organizadores do Encontro - a participação da Argentina na organização definitiva do Mercosul ainda é uma incógnita.

A opinião é da economista e pesquisadora Beki Mooron Macadar, da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul - FEE, que foi uma das principais palestrantes do Encontro Binacional e abordou a Política Aduaneira Brasil-Argentina, no dia 28 de julho.

Para a pesquisadora da FEE, a posição indefinida da Argentina, pode ser entendida como reflexo de uma postura política do governo argentino, que se vê pressionado pela alta concorrência dos produtos brasileiros em seu mercado, chegando ao ponto de elevar de três para dez por cento o imposto direto sobre importações. Afóra isso, a pesquisadora destaca o convite formal feito pelos Estados Unidos à Argentina, para que o país integre o Nafta, o mercado comum norte-americano, também em face de formação e que possui atualmente a adesão do México e do Canadá, mas visa ainda a participação do Chile e da Venezuela.

ENTRAVES HISTÓRICOS - Beki Mooron observou ainda alguns entraves históricos para a integração não só com a Argentina mas entre todos os países membros do Mercosul. Um deles está na política protecionista de mercado, que se baseia em altas tarifas alfandegárias. Uma prática que trouxe benefícios, mas que acabou atrasando o desenvolvimento tecnológico, especialmente por atuar num circuito fechado.

Para evitar um processo de "cambalismo econômico", a pesquisadora acha que os governos dos países envolvidos no Mercosul deveriam optar por uma política de mercado orientada pela cautela e a seleção de setores. Na verdade, considera Beki Mooron, o que falta ao Mercosul "é a estratégia de abertura de mercado, que determine uma política industrial comum e quais os setores que serão protegidos, com taxação de similares estrangeiros".

BENTO RENGO

A barragem da controvérsia

Em Dom Pedrito um assunto retoma a ordem do dia. São as barragens propostas pelo Plano Bourscheid, que já abordamos na edição anterior. Aqui, o ex-secretário da Agricultura pedritense, Tomás Silveira, dá sua versão

Devido a geografia plana e a riqueza de bacias hídricas reais e potenciais, seguidas de planícies próprias para a cultura do arroz irrigado, o município de Dom Pedrito vem sendo visto nos últimos anos como a melhor saída para um significativo aumento da produção de arroz no Estado, a baixos custos de produção. Mas para isso seria necessário que se tornasse real o Plano Bourscheid, cujo levantamento, mapeado há mais de 20 anos, continua sendo atual.

Pelo referido plano, um total de 12 barragens podem ser construídas aproveitando-se leitos já bem definidos, transformando córregos até insignificantes, que permanecem secos na maior parte do ano, em espelhos permanentes de água para irrigação. A maioria das barragens seriam pequenas e apenas uma ou duas de grande porte, em profundidade e extensão linear".

BARRAGEM DO BENTO RENGO - Neste caso de barragem grande está a do Bento Rengo, cuja dimensão, segundo dados técnicos, seria o suficiente para irrigar mais de 10 mil hectares de lavouras.

É aí que surge a controvérsia. Conforme argumentam uns, é importante centralizar em uma única obra os recursos, em vez de dividir em diversas frentes de trabalho. Mas tem gente com argumentos contrários. E entre estes, estão os moradores da cidade. Segundo pesquisa de opinião pública levantada por jornal local, 55 por cento das pessoas ouvidas foram contra a Barragem do Bento Rengo.

O argumento mais forte contra a construção dessa barragem é de que a obra irá beneficiar apenas quatro ou cinco grandes lavoureiros, enquanto desalojará quase cem famílias de pequenos produtores, cujas terras serão alagadas, ficando no leito da barragem.

INTERESSE DOS GRANDES - Quem mais tem se levantado contra o projeto é o ex-secretário da Agricultura de Dom Pedrito, Tomás Silveira, que há tempos liderou campanha em prol da preservação do rio Santa Maria, que com enormes prejuízos ao seu leito, foi durante anos atacado por lavoureiros que captavam água para irrigação.

Os atacados, que estrangulam o rio em vários trechos, formando um assoreamento que desviou em muitos pontos o curso das águas, fo-

ram proibidos pelo Ibama - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - depois de lei municipal que regulamentava a medida.

Tomás Silveira acha que só pelos interesses dos grandes proprietários de terras - e enfatiza que muitos deles nem mesmo cultivam as próprias terras, mas as arrendam para terceiros, a altos custos - certas decisões são defendidas e adotadas no município. E diz ele, com todas as letras do alfabeto, que o caso Bento Rengo se enquadra nesse mesmo propósito.

LUTA ANTIGA - O debate é velho. De um lado, segundo Tomás, está a população. De outro, os que defendem interesses particulares. E conta que há dois anos, ele foi mais intenso.

Um "Apedido" publicado no jornal Correio do Povo de 18 de outubro de 1991, mostra a que ponto chegou a luta dos que ele classifica "povo", contra os "grandes". Damos alguns tópicos do Apedido:

"A barragem do Bento Rengo e os interesses difusos. Os que estão desejando pôr em baixo da água uma parte das melhores terras de Dom Pedrito - um autêntico santuário de vida, como já foi o rio Santa Maria, e onde ainda existem as últimas matas virgens do município - são coniventes ou fazem parte dos que cometeram o maior crime ecológico em nosso Estado, e que a população gaúcha ainda desconhece.

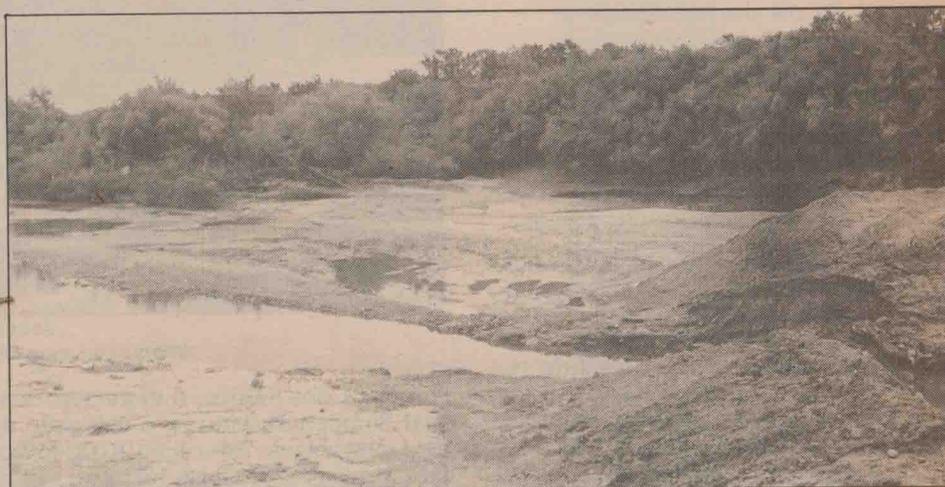
Destruíram grande parte desse rio e todos os arroios seus tributários, pelo desmatamento e brutal assoreamento consequente, ocasionado pela sucessão de barragens ilegais ao longo do curso.

Quem pretende a construção da barragem do Bento Rengo, a qualquer título, é um pequeno grupo de arroteiros que deseja mais água barata para alimentar suas lavouras. Para isso, tentam introduzir na população que a salvação de Dom Pedrito está nessa barragem".

NOVOS SEM TERRA? - Em outro trecho do Apedido, Tomás Silveira promete que "antes de refutar em juízo a tentativa de usurpação das pequenas propriedades de mais de 100 famílias para atender aos interesses de pequenos grupos de arroteiros e alguns políticos locais, quer ver cumpridas as determinações do Conama - Conselho Nacional do Meio Ambiente.

(...) Lembramos que populações estabelecidas e donas de seu pedaço de terra,

No tempo dos "atacados" o assoreamento do Santa Maria mudou o curso do rio



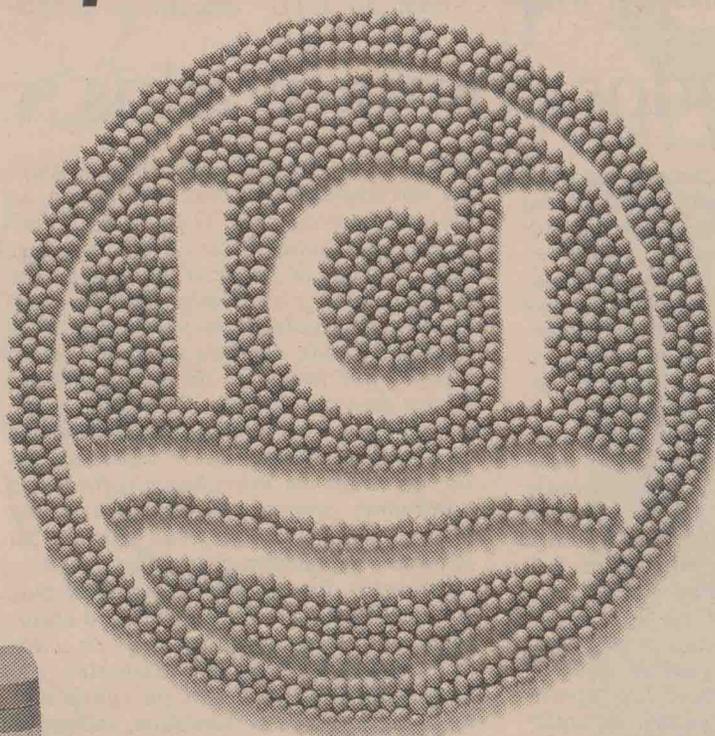
vivem momentos de preocupações com a cinzenta perspectiva de irem engrossar a legião dos sem-terras, também muitos deles, vítimas de alagamen-

tos".

Como se vê, o tema é de alta polêmica. Em nossa edição anterior, o entrevistado foi o técnico local do Ir-

ga, agrônomo Eloy João Cordero, que defendeu a importância da referida barragem para a economia de Dom Pedrito".

Proteção integrada da soja. Do plantio a colheita.



ATENÇÃO
Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (máscara, luvas, botas, máscara, etc.). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

INDEF
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO



Agrícola

A SALVAÇÃO DA TERRA...
MICROBACIAS
A SALVAÇÃO DO HOMEM.
SOMOS TODOS PARCEIROS

Uma responsabilidade co

Situações limites de degradação do solo e do êxodo rural é um bom motivo para impulsionar a integração da comunidade e promover melhor a qualidade de vida ao meio rural. Esse assunto reuniu a comunidade de Miraguaí no dia 16 de julho



Josemar Parlei
Integração para mudar realidade agrícola



Primeiro seminário
Participação da comunidade

As adversidades dos últimos anos, sejam elas em relação aos aspectos políticos propriamente ditos ou de forma particular com a política agrícola - altos custos financeiros e escassez de recursos destinados a produção - e ainda as condições desfavoráveis da natureza em alguns momentos, tem produzido, como diz o ditado, o lado positivo da crise: a reaproximação mais fecunda entre entidades e grupos responsáveis diretos pelo desenvolvimento da agropecuária regional.

Uma prova desse processo de aglutinação aconteceu através de Seminário sobre Microbacias Hidrográficas realizado no dia 16 de julho em Miraguaí, promoção conjunta da Secretaria Municipal de Agricultura, Cotrijuí e Emater. O encontro contou com a presença do presidente da Cotrijuí Ruben Ilgenfritz da Silva, a prefeita municipal Wanda

Porolnick dos Santos, o deputado estadual Pompeu de Mattos, o delegado da 23ª Delegacia de Educação Arlindo Soares, e o vereador Celso Hermes, representante da Comissão Municipal Pró-Microbacias de Miraguaí. Como palestrantes participaram o engenheiro agrônomo da Emater de Santa Rosa, Aldo Schmidt e o pesquisador e supervisor de solos da Cotrijuí, Rivaldo Dhein.

PARTICIPAÇÃO - A exemplo de outros municípios, o seminário de Miraguaí também contou com um bom público formado não só por produtores, mas técnicos, vereadores, professores, estudantes e outros profissionais que foram ao CTG "discutir o progra-

ma de microbacias hidrográficas e ter uma idéia mais clara sobre a estrutura que se tem hoje para impulsionar o trabalho no município", como afirmou o responsável pelo escritório da Emater em Miraguaí, Josemar Parlei. Ele assinalou a importância dessa primeira discussão conjunta sobre microbacias relacionando-a à realidade de um município, onde, segundo levantamento feito pela Emater no ano passado, apenas 10 por cento dos agricultores diziam ter conhecimento ou utilizado corretivos de solo e adotavam práticas conservacionistas. A maioria, afirmou Parlei, ainda vem garimpando o solo, produzindo a níveis reduzidos de produ-

tividade e contribuindo para o grande índice de êxodo rural registrado nos últimos anos.

Baseando-se na realidade municipal, a prefeita Wanda Porolnick dos Santos disse que "por muito tempo realizamos nosso trabalho agrícola sem uma preocupação mais séria com o futuro, com aquilo que vamos deixar para os nossos filhos". Hoje, entretanto, "começamos a ter uma visão diferente, encarando o problema do empobrecimento rural de frente", afirmou, lembrando que alguns esforços já estão sendo feitos, mas que é preciso arregaçar as mangas colocando em prática o aprendizado de organização que se pretende. Satisfeita com a participação da comunidade nesse seminário, a prefeita finalizou a sua manifestação confirmando o ingresso definitivo do município "na arrancada por um novo rumo na agropecuária".

SOMANDO ESFORÇOS - O presidente da cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, falou sobre a participação da Cotrijuí nesse processo de integração regional, lembrando que após um período de profunda autocrítica, a Cooperativa se insere de forma global na comunidade, identificando os grandes problemas comuns que se resumem de forma mais clara pelo elevado surto migratório e também dividindo tarefas para solucionar estes problemas. "Estamos somando e não dividindo", afirmou o presidente, reconhecendo que este trabalho começa a frutificar na medida em que a própria região passa a orientar o seu desenvolvimento e a entender que "a condição primeira para a nossa recuperação é cuidar bem do nosso solo".

"Inquestionavelmente a nossa região começa a se assumir", admitiu ainda Ilgenfritz, salientando o fato de ho-

Resultados comprovados

O maior entrave para expandir e consolidar o trabalho em microbacias hidrográficas é a existência de voçorocas nas cabeças das pessoas. A afirmação é do engenheiro agrônomo da Emater de Santa Rosa, Aldo Schmidt, que foi bastante enfático ao definir as microbacias pelo processo fundamental de integração, tanto a nível das relações sociais como pelo aspecto da geografia.

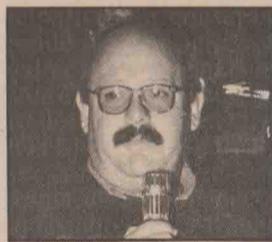
Para melhor explicar a necessidade de integração, Aldo rebuscou um pouco da história da exploração agrícola no Estado, lembrando que o processo de degradação do solo iniciou já com a colonização, quando se destinou aos primeiros colonos terras impróprias para agricultura. De lá para cá a situação se agravou, chegando a um ponto limite por volta de 1974, quando ocorreu um desmatamento generalizado, apoiado também por uma estrutura de crédito para expansão incondicional da soja.

Logo em seguida surgiram trabalhos visando a recuperação do solo e o combate a erosão que andava consumindo na época 40 mil toneladas de terra da camada arável por hectare. Estas iniciativas, quase sempre desenvolvidas de forma isolada, produziram resultados o produtor passou a se preocupar com a recuperação da fertilidade do solo e sua cobertura no inverno virou uma obrigação, mas não chegou a estancar o problema. Somente com o desenvolvimento dos programas de microbacias hidrográficas é que o problema da erosão e todas as suas conseqüências mais léticas, como a baixa produtividade das lavouras, poluição ambiental e em última escala o êxodo rural começou a ser encarado com uma nova mentalidade, proporcionando resultados que podem ser avaliados no gráfico ao lado.

TRABALHO COLETIVO - Os pri-

meiros resultados apresentados no gráfico são importantes mas não dizem tudo sobre o programa. O trabalho de microbacias, conceituou Aldo, abrange um conjunto de práticas que asseguram a exploração conservacionista da agricultura desenvolvida em toda uma comunidade inserida em área geográfica delimitada por todos os divisores de água de um determinado rio. Por isso, o gráfico seria mais completo se já apresentasse o alcance de bem estar social atingido nas áreas da microbacia, afirmou o agrônomo, preocupado em demonstrar que o trabalho inicia pelas práticas da lavoura - terraceamento, cobertura verde, plantio direto, reflorestamento, mas abrange ainda e necessariamente a exploração e a manutenção racional de todos os recursos naturais ali existentes, como os da flora e da fauna, passando ainda pelos aspectos de sanidade, educação e lazer. Tudo isso, no entanto, depende da conscientização dos integrantes da comunidade, produtor e entidades, em fechar as voçorocas mentais, ou seja, deixando o individualismo de lado e assumindo uma postura de trabalho coletivo, concluiu Aldo.

O pesquisador e supervisor da área de solos da Cotrijuí, Rivaldo Dhein, reforçou a idéia de integração colocada por Aldo, afirmando que a motivação da comunidade em trabalhar de forma integrada se reflete na estrutura física das microbacias hidrográficas exploradas com um planejamento conservacionista. Ao invés de barrocas tradicionais que dividiam as propriedades, nas áreas de microbacias, essas passam a ser ligadas por terraços de base larga em nível, um instrumento indispensável para maximizar o benefício fundamental de conservação do solo e da água na lavoura, um objetivo buscado desde a básica cobertura verde até o plantio direto.



Aldo Schmidt
Nova mentalidade



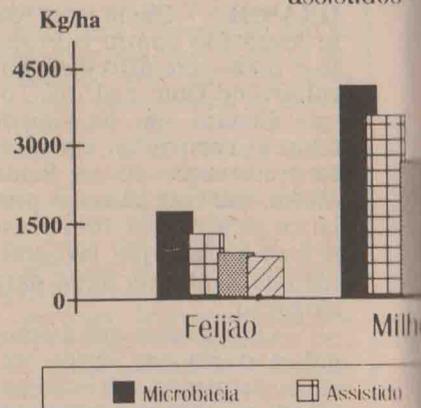
Rivaldo Dhein
Integração geográfica e social

ECONOMIA DE RECURSOS

Os terraços de contenção são importantes ainda porque complementam outro aspecto fundamental que é a adequação de estradas por onde se transporta a produção de grãos ou mesmo de produtos com coleta diária, como é o caso do leite, e também por onde se faz o transporte escolar. Com o nivelamento das estradas às lavouras, a água da chuva passa a ser canalizada pelos terraços para a lavoura, deixando o solo melhor estruturado e com maior resistência durante as estiagens. O resultado ou a economia nesse ponto é ainda maior se for computado o custo de manutenção das estradas, que baixa para nada menos do que 80 por cento em relação a uma situação convencional.

Para finalizar a sua exposição, Rivaldo mostrou que a confecção e a manutenção dos terraços é recomendação apoiada em pesquisa realizada pelo Centro de Treinamento da Cotrijuí. Experimentos realizados durante dez anos - 78 a 88 - comprovam que um solo mesmo cultivado em plantio direto, que é o sistema que mais respeita as condições originais da terra, as perdas de água durante período de chuvas erosivas são altas, caso não se conte com os terraços de contenção.

Comparativo de produtividade entre total de produtores assistidos pela assistência técnica e produtores não assistidos.



Fonte e Elaboração: EMATER - RS

etiva



Ruben Igenfritz



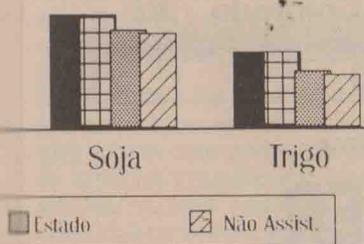
Wanda dos Santos

trabalhar em cima de propostas e não de meras reivindicações. A proposta fundamental hoje é exatidão na terra da forma mais inteligente possível e também procuram realizar as atividades de forma obter o máximo de eficiência. Esta proposta, entretanto, que não possui responsabiliza cada integrante comunidade e tem que ser desenvolvida na lavoura e de forma global no município. Por isso, conta decisivamente com o apoio do poder público dos municípios da região, que afinal de contas tem uma dependência profunda dos recursos do setor agrícola, pois é daí que se formam os recursos orçamentários para os investimentos em bem-estar social".

A importância do poder legislativo nesse processo também foi lembrado pelo presidente da Cotrijuí. "É preciso que o trabalho de microbacias tenha um crescimento ao ponto de se conseguir uma legislação municipal específica que discipline algumas ações e também assegure proteção a algumas atividades em expansão como é o caso da citricultura".

Deixando o imediatismo de lado, o que se pretende hoje é a região unificada em torno dessa proposta, onde o maior desafio é "voltarmos a acreditar em nós mesmos", de forma a aumentar a capacidade produtiva e a expressão política regional. Fatores importantes que possibilitem uma participação mais ativa do Estado e da União, finalizou Igenfritz, citando como bom exemplo a parceria entre Cotrijuí e Emater, por onde se trabalha com objetivos comuns, distribuindo tarefas e usando de forma racional os poucos recursos, sejam humanos ou financeiros.

Produtores assistidos nas microbacias, produtores do Estado e não em 1992.



Curso na Afucotri
O produtor como um agente polarizador da discussão

Curso sobre conservação do solo realizado em Ajuricaba discute relações humanas e práticas fundamentais no trabalho de microbacias



Antônio Conte
Ultrapassando as divisas



José Colato
Responsabilidade do município aumenta

A melhor proposta

Fazer com que cada um dos produtores se torne um agente polarizador da discussão sobre conservação do solo e melhoria da qualidade de vida no meio rural". Com este objetivo aconteceu em Ajuricaba um extenso curso sobre conservação do solo, realizado no dia três de julho na Afucotri e repetido no dia quatro na localidade de Pinhal. Nos dois dias, mais de 100 produtores debateram vários aspectos como relações humanas dentro do programa de microbacia, práticas mecânicas e culturais e ainda acompanharam demonstrações a campo sobre implementos agrícolas e adequação de estradas.

O curso iniciou com uma explanação a cargo do coordenador da Emater em Ajuricaba, o médico veterinário Vinicius Canaã, que apresentou alguns números da produção agrícola no Rio Grande do Sul e região para justificar a importância do trabalho organizado e participativo em conservação do solo. Segundo o agrônomo, o Estado perde anualmente 24 toneladas de terra por hectare, o que representa uma perda de 46 dólares por hectare.

POTENCIALIDADES - Em cima dessa constatação tem se ampliado o programa de microbacias hidrográficas pelo Estado. O trabalho tem tudo para deslançar no município, salientou o veterinário, lembrando a riqueza hídrica do seu território e o fato de que a grande maioria das propriedades pos-

sui até 50 hectares. São estas propriedades, que junto com as demais, enfatizou ainda, respondem por 95,28 por cento da receita de arrecadação contabilizada pelo valor adicionado fiscal.

O secretário da agricultura do município, José Edelar Colato, complementou o levantamento repassado por Vinicius falando do privilégio do município contar com 65 por cento da sua população no meio rural, segundo último censo do IBGE. Daí a importância, considerou o secretário, de se estimular cada vez mais a participação da comunidade em um trabalho prioritário ao meio. A política agrícola a nível de país se caracteriza por safras, a do Estado por momentos, continuou, reconhecendo que ao município cabe um trabalho diário sobre todos os fatores que fazem parte do programa de microbacias, desde a infra-estrutura, conservação do solo, estradas, telefonia rural e assistência técnica, entre outros.

Aumentando a responsabilidade do município, aumenta também a responsabilidade de cada integrante da comunidade, entende Colato. Segundo ele, o andamento do trabalho em microbacias depende muito da vontade do produtor em querer mudar a sua realidade, atingindo maiores produtividades nas suas principais atividades econômicas e dessa forma fazendo com que Ajuricaba pelo menos estabilize a sua população rural.

PLANEJAMENTO - O desafio apontado por Colato é um objetivo a ser alcançado no momento em que "a comunidade se decide pelo planejamento do seu futuro", arrematou o engenheiro agrônomo Antônio Conte da Emater de Três de Maio.

Fazendo coro aos demais palestrantes, Conte reafirmou que o caminho de planejamento agrícola e recuperação da economia do meio rural passa pelo manejo racional do solo e para ser mais exato, pelo manejo do escoamento da água, através "da melhor proposta que se tem hoje, que é o trabalho em microbacias hidrográficas". O destaque dado a água por Conte tem uma justificativa. Ela é o ponto comum da geografia, o principal veículo de tudo o que passa pelas propriedades, especialmente o solo, e fundamental para a produção agrícola, sanidade humana e animal.

O escoamento da água inclusive não respeita divisas de propriedades, lembrou Conte, o que reforça a idéia de que "não existe solução para a degradação do solo e do meio ambiente de forma individual". Os principais problemas do meio rural e que estão contemplados pelo trabalho mecânico, cultural e social da microbacia somente podem ser resolvidos de forma coletiva e por ações planejadas e investimentos, seja na lavoura ou na comunidade local que irão respaldar, por fim, o suporte governamental, quando ele existir efetivamente.

Integração de práticas aumentam benefícios

Os aspectos técnicos do curso sobre conservação do solo ficaram a cargo do supervisor da área de solos da Cotrijuí, Rivaldo Dhein e o presidente do Clube dos Amigos da Terra de Ajuricaba, Sidnei Montagner.

O terraceamento e o desbarrancamento de estradas não é a única tarefa no trabalho de microbacias hidrográficas, destacou mais uma vez Rivaldo. O objetivo final é aumentar a qualidade de vida do meio rural, seja pela parte mais econômica com o aumento da produtividade das culturas, como pela parte social, de saneamento, educação e lazer e infra-estrutura.

As práticas mecânicas, contudo, são indispensáveis para alicerçar o trabalho em microbacias. Os terraços, por exemplo, ligando as propriedades antes dividida por voçorocas e aliado a adequação das estradas, aumentam os benefícios proporcionados pelas práticas culturais, pois permitem que a água que antes escorria pela estrada, provocando um maior desembolso de recursos municipais para sua manutenção, seja canalizada para a lavoura e amenize os efeitos das estiagens, em maior

ou menor grau, dependendo do sistema de cultivo ali implantado.

APERFEIÇOAMENTO - O presidente do Cat de Ajuricaba, Sidnei Montagner fez um relato sobre a origem do clube, fundado em 1987 a partir de uma grande preocupação com a erosão que assolava as propriedades dos seus integrantes. Para combater o problema, o grupo foi buscar experiências em outros municípios e regiões que já trabalhavam a conservação do solo há mais tempo, e de onde veio a convicção pela adoção do sistema de plantio direto como a solução para devolver estrutura ao solo, corrigir a fertilidade natural e aumentar os níveis de teor de matéria orgânica.

Durante estes seis anos de organização, o Clube tem contabilizado resultados que permitem visualizar a evolução das lavouras, como a economia de máquinas, combustível e mão-de-obra e médias mais elevadas na soja e no milho. Para isso, ressalta Montagner, é preciso cuidar de aspectos como o controle de invasoras, manter um planejamento no inverno e no verão, sem esquecer o ponto principal que viabili-



Demonstração de implementos agrícolas

za o sistema: a rotação de culturas. Quem já conseguiu fechar o esquema rotacional na sua lavoura, onde o milho obrigatoriamente está incluído sabe disso, afirmou citando o caso dos produtores que colhem em média mais do que 50 sacos de soja por hectare.

Um desses produtores é Edemar Friedrichs que teve a sua propriedade realizada na localidade de Monte Alvão. Depois de assistir a rolagem da aveia preta na propriedade de Friedrichs, o grupo assistiu exposição sobre regulagem de implementos com o engenheiro agrônomo da Emater de Santa Rosa, Aldo Schimidt e sobre semeadeira de plantio direto e regulagem do pulverizador com um outro sócio do Cat de Ajuricaba, Gilberto Bolini.

PLANTIO DIRETO

Encontro dos Cats marca o avanço do sistema

"O maior e melhor encontro de todos os anos". Assim declarou o engenheiro agrônomo do Clube Amigos da Terra de Tupanciretã, Almir Rebelo, ao avaliar o 11º Encontro Anual dos Clubes Amigos da Terra, realizado em seis de agosto, no Ginásio da Associação Atlética Agropan, em Tupanciretã.

Os temas do encontro foram a experiência do município anfitrião, apresentado pelo engenheiro agrônomo, Armino Mugnol, do Cat de Tupanciretã. "Tecnologia, evolução e tendência do plantio direto no processo de integração lavoura-pecuária", com o agrônomo José de Vargas, da Cotricruz e Cat de Cruz Alta, "estratégias e tecnolo-

gias de aplicação de defensivos", com o pesquisador José Ruedell da Fundação Fecotrigo, e "manejo e fertilidade do solo no plantio direto", com Carlos de Moraes Sá da Fundação ABC, do Paraná. Como entidade de apoio participaram a Agropan, Banco do Brasil, Federação Brasileira do Plantio Direto na Palha e Prefeitura Municipal.

O encontro registrou o maior número de público desde a sua primeira edição - mil e 100 participantes -, "o que já sinaliza a dimensão que terá o 4º Encontro Nacional de Plantio Direto a ser realizado em Cruz Alta, em 1994 e o fortalecimento do sistema no Estado", afirmou o engenheiro agrônomo da

Cotrijuí em Ijuí, Fernando Rodrigues. Ele participou do encontro junto com um grupo de 50 da Cotrijuí, entre integrantes da área técnica e de associados pertencentes aos Cats de Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana e Coronel Bicaco.

EXPANSÃO - Armino Mugnol relatou a experiência de Tupanciretã dizendo que a sua evolução se deu com a ação integrada da cooperativa de produção e a de crédito rural, prefeitura, Emater, Banco do Brasil, escritórios de planejamento, empresas privadas e o Cat". O ano de largada foi na safra 84/85 com 120 hectares. Na safra 92/93 o sistema já passou a ocupar 40 mil hectares

de soja e quatro mil hectares de milho, destacou Mugnol, anunciando que a meta para 93/94 é de fechar 50 por cento da área de soja no município com o plantio direto.

Responsável por uma das palestras mais concorridas, João Carlos Moraes de Sá, demonstrou que o conceito de fertilidade do solo no sistema de plantio direto apresenta diferença substancial em relação ao conceito estabelecido para o sistema convencional, "pois a não incorporação da palha e a formação de uma camada superficial com maior percentual de matéria orgânica e nutrientes, influencia no comportamento da planta, especificamente em seu sistema radicular". E ainda que "as mudanças determinadas pelo sistema de plantio estabelecem inter-relações entre água, temperatura do solo, atividade biológica, aspectos físicos e químicos, determinando uma dinâmica diferenciada dos nutrientes do solo".

Por fim, Moraes Sá disse que o sistema busca o aumento da produtividade através do equilíbrio e eficiência entre o uso da tecnologia e a manutenção conservacionista do meio. Por isso "permite que se use mais a cabeça e se deixe o imediatismo de lado, considerando muitas variáveis na busca do equilíbrio entre a formação natural e a produtividade".

Áreas demonstrativas

Acumular maior experiência em cima do plantio direto e levar esta experimentação para perto do produtor. Este o objetivo de um programa de áreas demonstrativas sobre o plantio direto envolvendo as culturas da soja e do milho e também as culturas de cobertura de inverno, que está sendo implantado pela divisão agrotécnica da Cotrijuí, em todas as unidades da cooperativa. O programa, por enquanto, está na fase de definição de locais e produtores, informa o supervisor

da área de solos da Cotrijuí, Rivaldo Dhein, explicando que estão sendo observadas questões de manejo do solo, fertilidade e incidência de doenças nas áreas escolhidas.

Já é certo, entretanto, que ao final dessa etapa, serão determinadas em torno de 45 áreas, as quais também vão contar com a participação da Imassa de Ijuí e da Jamil. As empresas de implementos agrícolas vão fornecer semeadeiras de plantio direto, que serão utilizadas em pelo menos uma área

de milho e de soja de cada unidade da Cotrijuí.

Segundo Rivaldo, este trabalho deve tornar a experiência com o plantio direto mais abrangente, impulsionando a expansão do sistema conservacionista na região com maior segurança. E para isso são fundamentais os inúmeros dias de campo que serão realizados abordando sistemas de plantio, tecnologias de aplicação de herbicidas, rotação de culturas, entre outros aspectos.

"Royalty ecológico"

A exemplo do Estado do Paraná, o Rio Grande do Sul já conta com a lei que dispõe sobre a participação de município com mananciais hídricos de abastecimento e unidades de conservação ambiental no produto de arrecadação do ICMS. A lei denominada "royalty ecológico" se originou do projeto de lei de autoria do deputado Francisco Turra e foi promulgada em 20 de abril deste ano na Assembléia Legislativa.

Pela lei, "o montante do imposto a ser distribuído aos municípios sofrerá a dedução de 2,57 por cento", os quais serão repassados aos municípios gaúchos que "abrigam em seu território parte ou todo de bacias hidrográficas de mananciais de abastecimento público para comunidade vizinhas" ou que "incluem em seus limites áreas de preservação ambiental, como estações ecológicas, parques, reservas florestais, horto florestais e áreas de relevante interesse público ambiental".

Segundo a nova lei, "a partilha do valor resultante será feita em igualdade entre os municípios com bacias hidrográficas que abasteçam municípios vizinhos e aqueles com unidades de conservação ambiental". Entretanto, estabelece seu parágrafo único, "se um município apresentar as duas hipóteses, será considerado o critério de maior compensação financeira". A lei estabelece ainda que os critérios técnicos de distribuição dos recursos de estímulo e compensação da conservação ambiental "serão definidos pelo Poder Executivo, ouvida a entidade estadual responsável pelo gerenciamento dos recursos hídricos e meio ambiente".

O mesmo deputado enviou no mês de julho, carta a Cotrijuí, através do setor de supervisão de solos, onde enfatiza o trabalho efetuado pela Cooperativa em relação as microbacias hidrográficas. "Penso que precisamos, sem dúvida alguma, nos voltar decisivamente para essa questão de recuperação do solo e de equilíbrio do meio ambiente", afirma o deputado.

PRODUTIVIDADE

3069

O SUPER PRECOCE CAMPEÃO DE PRODUTIVIDADE COMPROVA SEU POTENCIAL NO SUL.



Auri Adams - Caibaté - RS

HÍBRIDO	Área/ha.	Rend. Kg/ha	Sacas/ha
P-3069	10,0	8.200	136,6

Paulo Sérgio Missel Biancon - Seberi - RS

HÍBRIDO	Área/ha.	Rend. Kg/ha	Sacas/ha
P-3069	10,0	7.320	122

Arlindo Quinto Guareschi - Colorado - RS

HÍBRIDO	Área/ha.	Rend. Kg/ha	Sacas/ha
P-3069	8,0	6.900	115

SEMENTES • MARCA
 PIONEER®

O SUCESSO DA PRÓXIMA SAFRA COMEÇA AGORA. Entre em contato com o representante PIONEER.

MILHO

Controlando as plantas invasoras

Adão Acosta

A importância crescente que a cultura do milho vem adquirindo na região exige do agricultor cada vez mais cuidados e profissionalização na condução da lavoura. Um dos fatores decisivos para o sucesso da lavoura é o controle adequado das invasoras que competem com o milho pelos fatores de produção - água, luz e nutrientes. Essa competição é maior entre a segunda e a sétima semana após a emergência do milho, período em que a cultura deve permanecer no limpo para que possa alcançar seu maior rendimento de grãos.

QUANDO EM CULTIVO CONVENCIONAL - Neste caso, a semeadura realizada logo após o preparo do solo aproveita muito bem a eliminação das invasoras. O preparo do solo permite que o milho possa emergir livre de invasoras. As capinas manuais ou mecânicas complementam o controle eliminando os insetos que germinam mais tarde, quando estiverem com três folhas, no máximo. Porém, quando surgirem limitações para essas práticas, a utilização de herbicidas pode resolver adequadamente o problema, desde que o agricultor identifique corretamente os insetos predominantes e, juntamente com o técnico, escolha o melhor produto a ser utilizado. Os herbicidas disponíveis na Cotrijuí para controle das principais invasoras do milho podem ser conferidos na tabela 1.

Nas aplicações de pré-emergência, o solo deve estar com boa umidade. Nas aplicações de pós-precoce, as gramíneas não deverão estar perfilhadas. Nas de pós-emergência, deve-se evitar aplicações quando a temperatura for alta e a umidade relativa do ar for baixa.

DESSECAÇÃO - Sempre que houver a utilização de coberturas de inverno, especialmente no caso da aveia preta, centeio e avevém, seguramente haverá menor infestação de invasoras - figura 1 -. Porém não existirão os benefícios que as leguminosas proporcionam para a cultura de milho no que se refere à nitrogênio, embora estas sejam pouco eficientes para suprimir a presença das invasoras. Uma boa medida a ser adotada pelo produtor é formar uma cobertura morta com consorciação de espécies gramíneas e leguminosas. Como sugestão pode-se plantar aveia com ervilhaca para assim obter o melhor aproveitamento que uma camada de material vegetal em decomposição sobre o solo,

pode proporcionar. A rolagem, a passagem de grade aberta ou a dessecação com herbicidas são indicados. As melhores opções para dessecação, compiladas a partir de trabalhos de Ruedell e Souza, da Fundacep, podem ser melhor avaliadas na tabela 2.

A dessecação com Glifosato (?) deve ocorrer em dias ensolarados, pois dias nublados diminuem muito a sua eficiência. Outro cuidado a ser tomado refere-se a mistura de Glifosato com outro produto. Neste caso, é preciso diluir o outro produto para, só depois colocar o Glifosato no tanque.

Os mesmos cuidados com a temperatura e a umidade relativa já citados para os outros herbicidas são também válidos para os desseccantes, principalmente se o produtor optar por trabalhar com baixas vazões e gotas menores, pois nesta situação, aumentam em muito as probabilidades de perdas por deriva e evaporação.

PULVERIZAÇÃO - Pulverizadores são equipamentos caros e de precisão e que necessitam cuidados na sua conservação de forma a permitir que sejam utilizados por um período longo de tempo. Antes da pulverização, o agricultor deve verificar se todos os bicos têm a mesma numeração, se as peneiras estão limpas, se os bicos estão posicionados de maneira que se justapõem e ainda, se todos os bicos apresentam a mesma vazão.

No que diz respeito aos produtos, é necessário uma leitura atenta do rótulo, pois este traz as indicações para o manejo correto do produto.

No preparo de calda e durante a pulverização, o produtor deve cobrir o corpo o máximo possível, usar luvas e botas. Já existem hoje no mercado roupas leves, confortáveis e, parece, bastante seguras. Não esquecer nunca que está lidando com um agrotóxico.

Utilizar água limpa, pois a água suja, além de provocar entupimento dos filtros e bicos, pode, no caso da presença de argila, inativar a ação de produtos como Glifosato e Gramocil, repetindo o mesmo mecanismo pelo qual são degradados no solo.

Após a pulverização, realizar a limpeza completa do pulverizador, pois alguns herbicidas à base de 2,4 D são removidos com muita dificuldade. Água, detergente e amoníaco são recomendados.

Adão Acosta, supervisor de insumos da Cotrijuí

Tabela 1 - HERBICIDAS DISPONÍVEIS NA COTRIJUI PARA CONTROLE DE INVASORAS NO MILHO

Nome comercial	Doses(l/ha)		Época de Aplicação	Controle
	Solo Franco	Solo Argiloso		
Gesaprim	5,0	6,0	Pré-emergência/pós precoce	Folhas Largas/papuã
Primoleo	5,0	6,0	Pós-emergência	Folhas Largas/papuã
Dual 960	3,0	3,5	Pré-emergência	Folhas Estreitas
Herbadox	2,5	3,0	Pré-emergência	Folhas Estreitas
Primestra	7,0	8,0	Pré-emergência	Folhas Largas e Estreitas
Primatop	5,0	6,0	Pré-emergência/pós precoce	Folhas Largas e Estreitas
Basagran	1,5 - 2,0	1,5 - 2,0	Pós-emergência	Folhas Largas
Premerlin	3,0	4,0	Pré-emergência	Folhas Estreitas
U 46	1,0 - 1,5	1,5 - 1,5	Pós-emergência	Folhas Largas
Deferon	0,6 - 1,2	0,6 - 1,2	Pós-emergência	Folhas Largas

Tabela 2 - ALGUMAS OPÇÕES PARA DESSECAÇÃO DE CULTURAS DE INVERNO DISPONÍVEIS NA COTRIJUI

Cultura	Estágio	Produto	Dose (l/ha)	Época
Aveia preta	Até a floração	Glifosato	1,5	20 dias antes do plantio do milho
Ervilhaca	Até a floração	Gramocil + U 46 ou Deferon	1,0 + 0,5	10 dias antes do plantio do milho
Aveia preta + ervilhaca	Até a floração	Glifosato + U 46 ou Deferon	1,25 + 0,5	20 dias antes do plantio do milho

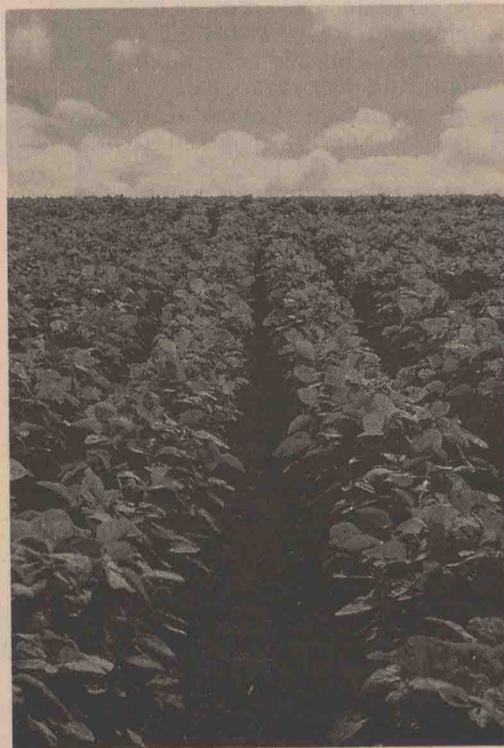
A LINHA DOWELANCO PARA SOJA, VENCE E CONVENCE.

LORSBAN*

Inseticida-acaricida, organo fosforado de ação prolongada e comprovada eficiência no controle da lagarta da soja, broca das axilas e lagarta das vagens. Lorsban* é um inseticida versátil usado em diversas culturas, protegendo sua produção e sua colheita. Com Lorsban* você colhe o que plantou.

TREFLAN*

Herbicida para ser incorporado ao solo seletivo a soja, para controle das gramíneas anuais e plantas daninhas de folhas largas como caruru, poaia e beldroega, provocando a morte das plantas daninhas à medida que germinam. Por ser incorporado, Treflan* não necessita de chuvas para ser ativado.



VERDICT*

Herbicida pós-emergente para controle das gramíneas. Testado com sucesso em vários países, controla com eficiência em qualquer estágio, na ação residual e sistêmica, na rápida absorção e na seletividade.

SURFLAN*

Herbicida pré-emergente para controle das gramíneas e plantas daninhas de folhas largas da soja. Surflan* controla com eficiência e economia um amplo espectro de gramíneas como capim marmelada, capim colchão ou milhã, capim arroz, capim-pé-de-galinha, capim carrapicho e plantas daninhas de folhas largas como caruru, poaia e beldroega.

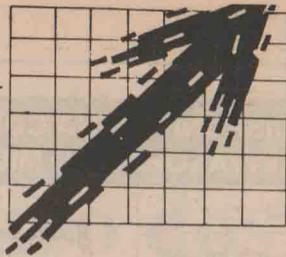
ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.



VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

DowElanco

DOWELANCO INDUSTRIAL LTDA. Escritório Central: São Paulo (SP)
Rua Alexandre Dumas, 1671 - 4º andar - ala C - CEP 04717-903 - Chác. Sto. Antonio
Tel.: (011) 546-9110 - Fax: (011) 546-9181 - Telex: (11) 53229 DOWQ BR



O rebuliço da soja

Fatores climáticos ocorridos nos Estados Unidos, em especial, e a demanda interna industrial, puxaram as cotações da soja para cima

Conforme tínhamos alertado desde o início deste ano, através de artigos - veja o Cotrijornal de fevereiro/93, página 2 e de maio/93, páginas 18 e 19 - e em algumas palestras que realizamos, o mercado internacional da soja registrou uma elevação significativa de suas cotações até este momento - escrevemos este artigo no dia 27/7/93 - sobretudo se comparado com o ocorrido nos anos anteriores em Chicago.

Assim, pela tabela número 1, verificamos que as cotações médias neste ano, em Chicago, estão superiores às do ano passado e, sobretudo, bastante superiores às de 1991. Na média anual, até o dia 26 de julho passado, a forte elevação registrada durante todo o mês de julho acabou levando a média deste ano para um nível bem superior aos dois anos anteriores. Por sua vez, as cotações internas, puxadas pela demanda industrial, se elevam de forma ainda mais significativa. Tomando como exemplo a região de Ijuí, RS, no dia 26 de julho o saco de soja ao produtor estava sendo comercializado a US\$ 12,41 contra US\$ 12,03 na média do mês até o dia em que escrevamos este artigo. Valor muito acima da média verificada neste mesmo mês nos dois anos passados: US\$ 9,79/saco e US\$ 9,35/saco respectivamente em 1992 e 1991 - veja tabelas divulgadas pela Divisão Agrotécnica da Cotrijornal nesta edição e anteriores.

No primeiro caso, podemos lembrar que a produção mundial de soja cresceu, passando de 107,6 milhões de toneladas no ano passado para 116 milhões neste ano. Entretanto, a produção mundial das outras oleaginosas, concorrentes da soja, recuou de 8,0 milhões de toneladas, compensando portanto o acréscimo ocorrido na soja. Ao mesmo tempo, a demanda por óleo vegetal continuou aquecida - espera-se um incremento no consumo mundial da ordem de 1,8 milhão de toneladas neste ano - sendo que, com exceção da soja e da palma, não há no momento maior oferta de óleo combustível devido a quebra na produção das demais oleaginosas. Somma-se a isto o fato de que a CEE aumentou as suas importações de farelo de soja no primeiro semestre do atual ano comercial - outubro/92 setembro/93 -, aproveitando-se na oportunidade, dos ainda baixos preços da soja e da queda do dólar no mercado monetário europeu.

Ao mesmo tempo, em

função da reforma da Política Agrícola da CEE, aplicada desde julho do ano passado para as oleaginosas, ocorre um recuo na área plantada com oleaginosas na Europa. O recente acordo entre EUA e CEE, dito de Blair House, referendado pela França no dia 8 de junho passado no que tange às oleaginosas, obriga a CEE a estabilizar sua área de plantio destes produtos em 5,128 milhões de hectares a partir de agora. Prevê-se, no tempo, que a produção de oleaginosas da CEE caia dos 14 milhões de toneladas registrados no ano passado para cerca de 10 milhões de toneladas nos próximos anos - sob condição que a produtividade não aumente.

Do lado do Pacífico, a China diminuiu suas exportações de farelo de soja neste ano em função de um novo recuo na sua produção - 9,4 milhões de toneladas contra 9,7 milhões no ano passado e 11,5 milhões em média. Além disso, para poder cumprir compromissos antecipadamente assumidos, ela acabou importando mais de 200 mil toneladas de farelo de soja.

Ao mesmo tempo, o consumo deste farelo cresceu bastante no interior dos EUA, levando a um aumento importante da trituração local. A mesma deverá alcançar a 34,8 milhões de toneladas neste ano comercial 1992/93. Este aumento no consumo de farelo se deve a um maior consumo de carne de frango e suíno nos EUA, levado pela crise econômica que o país atravessa há alguns anos. Enfim, como reação de curto prazo, os chamados "fundos de investimentos" - os especuladores - passaram a comprar soja na Bolsa de Chicago, apostando na firmeza do produto. Os mesmos, após terem vendido volumes importantes no início de junho passado, na esteira do aumento das taxas de juro nos EUA, voltaram a comprar significativamente durante a segunda quinzena de junho. Os mesmos teriam chegado no início de julho com mais de 5,0 milhões de toneladas em equivalente-soja nas mãos.

Percebemos, neste apinhado que realizamos acima, que a ex-URSS e os chamados Países do Leste pouco interferiram no mercado. De fato, a realidade confirma que, apesar de serem duas regiões com forte potencial para consumirem soja e derivados, por enquanto não concretizam esta possibilidade por não terem dinheiro para importarem o produto. Como os créditos alocados pelos EUA para tais

compras, apesar do alarido político, continuam sendo irrisórios - do pacote anunciado pelo governo norte-americano em abril passado, apenas US\$ 700,00 milhões foram alocados para a compra de alimentos e, destes, somente US\$ 100,5 milhões para a compra de farelo de soja -, esta região praticamente fica alijada do mercado - as importações da ex-URSS estão previstas, para este ano, em apenas 650 mil toneladas de grãos de soja e 2,2 milhões de toneladas em farelo de soja.

TABELA Nº 1: GRÃO DE SOJA - MÉDIAS DO MÊS MAIS PRÓXIMO JUNTO AO MERCADO DE FUTURO DA BOLSA DE CEREAIS DE CHICAGO - US\$/bushel

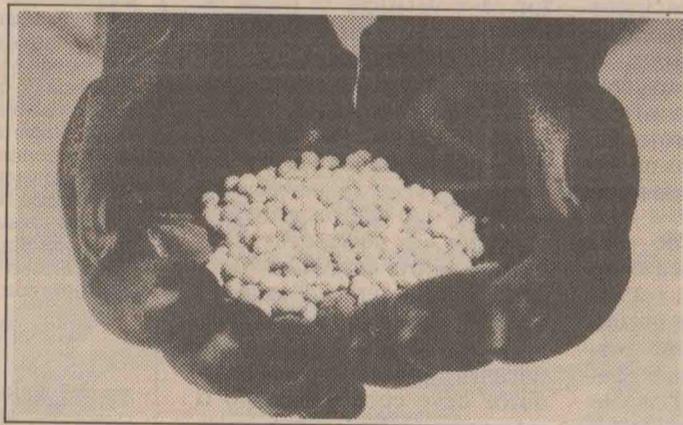
	1991	1992	1993
Janeiro	5,65	5,66	5,78
Fevereiro	5,71	5,74	5,72
Março	5,81	5,87	5,83
Abril	5,87	5,75	5,77
Maio	5,73	5,99	6,03
Junho	5,68	6,10	6,05
Julho	5,42	5,66	7,08 *
Agosto	5,66	5,52	
Setembro	5,88	5,52	
Outubro	5,77	5,37	
Novembro	5,59	5,59	
Dezembro	5,55	5,69	
MÉDIA ANUAL	5,69	5,71	6,04 *

* Até 26/7/93 inclusive

Fonte: O autor, com base nas cotações da Bolsa de Chicago.

Professor da Universidade de Ijuí - Unijuí - doutor pela EHESS de Paris-França, coordenador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA

Proteção da semente. O melhor início para sua lavoura.



Proteja a Semente da Soja com TECTO 100.

Os fungos patogênicos das sementes e do solo só fazem diminuir o seu lucro. Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar a perda da época adequada de plantio, baixar a produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças. Quando as sementes são tratadas e protegidas por TECTO 100, obtêm-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também pode ser um investimento.



ATENÇÃO
Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc).
Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

TECTO 100

A semente cresce e aparece.

MSD AGVET

Divisão de Merck Sharp & Dohme Farmacêutica e Veterinária Ltda.
Av. Brig. Faria Lima, 1.815 - 12º andar - CEP 04510-001 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 816-5266

A chuva atrasou o plantio

Nestas condições, o chamado "mercado do clima" nos EUA, normalmente presente a partir de maio, quando se consolida o plantio da soja e do milho naquele país, chegou neste ano numa conjuntura bastante nervosa e apertada sob a ótica da relação oferta e demanda mundial de oleaginosas. Na verdade, como já colocamos no passado, pela primeira vez, após longos anos, este ano de 1993 tem a demanda como formadora dos preços internacionais e não a oferta. Assim, qualquer problema climático nos EUA levaria as cotações para cima. E, neste sentido, desde dezembro de 1991 falávamos de que meteorologistas internacionais apontavam para possíveis efeitos do El Niño neste ano naquele país.

O interessante na questão é que, por enquanto, os efeitos são motivados por excesso de chuva que atrasou o plantio e comprometeu a produtividade da atual safra - no final da primeira semana de julho ainda faltava cerca de 10 por cento da área prevista a ser plantada com soja. Paralelamente, e o que é ainda mais interessante, é que este excesso de chuva se dá sobretudo no centro-oeste do país, enquanto as regiões do sul, onde o plantio está pronto, sofriam da falta de água e do calor. Aliás, neste sentido, cabe lembrar que, em congresso realizado na última semana de maio passado em Iowa - EUA -, de quatro meteorologistas presentes, três apontaram que o verão deste ano nos EUA seria mais quente e seco do que o normal.

Tudo indica que esta pressão "climática" sobre o mercado continue durante o mês de agosto. A partir de setembro, tudo dependerá dos reais estragos que o clima possa ter feito nas lavouras norte-americanas. Caso os mesmos acabem não sendo muito importantes, as cotações deverão cair e talvez de forma acentuada. Afinal, nos níveis atuais, como também muito comentamos em todas as oportunidades que temos, o mercado comprador, em especial o europeu, diminuiu suas compras. Isto é, neste nível de preços a soja não é mais competitiva para as rações animais européias. Tanto isto é verdade que na Europa a reação foi imediata à alta das cotações internacionais - esta alta acabou coincidindo com a elevação do dólar norte-americano em junho e julho.

Os fabricantes de rações reduziram a utilização do farelo de soja nas mesmas. Nas duas últimas semanas de junho passado, por exemplo, ocorreu uma queda de 5 por cento a 10 por cento no volume utilizado - afinal, o farelo brasileiro posto em Rotterdam, na Holanda, saltou de

US\$ 203,00/tonelada para US\$ 215,00/tonelada naquela época, o que representa um acréscimo repentino de 5,9 por cento em duas semanas numa região que tem uma inflação anual média de 3,5 por cento atualmente. A alternativa para o farelo de soja, junto aos europeus, tendo sido a ervilha, cuja safra acabou de ser colhida na Europa, e que acusa um excedente de 1,0 milhão de toneladas. Se formos especificar a que-

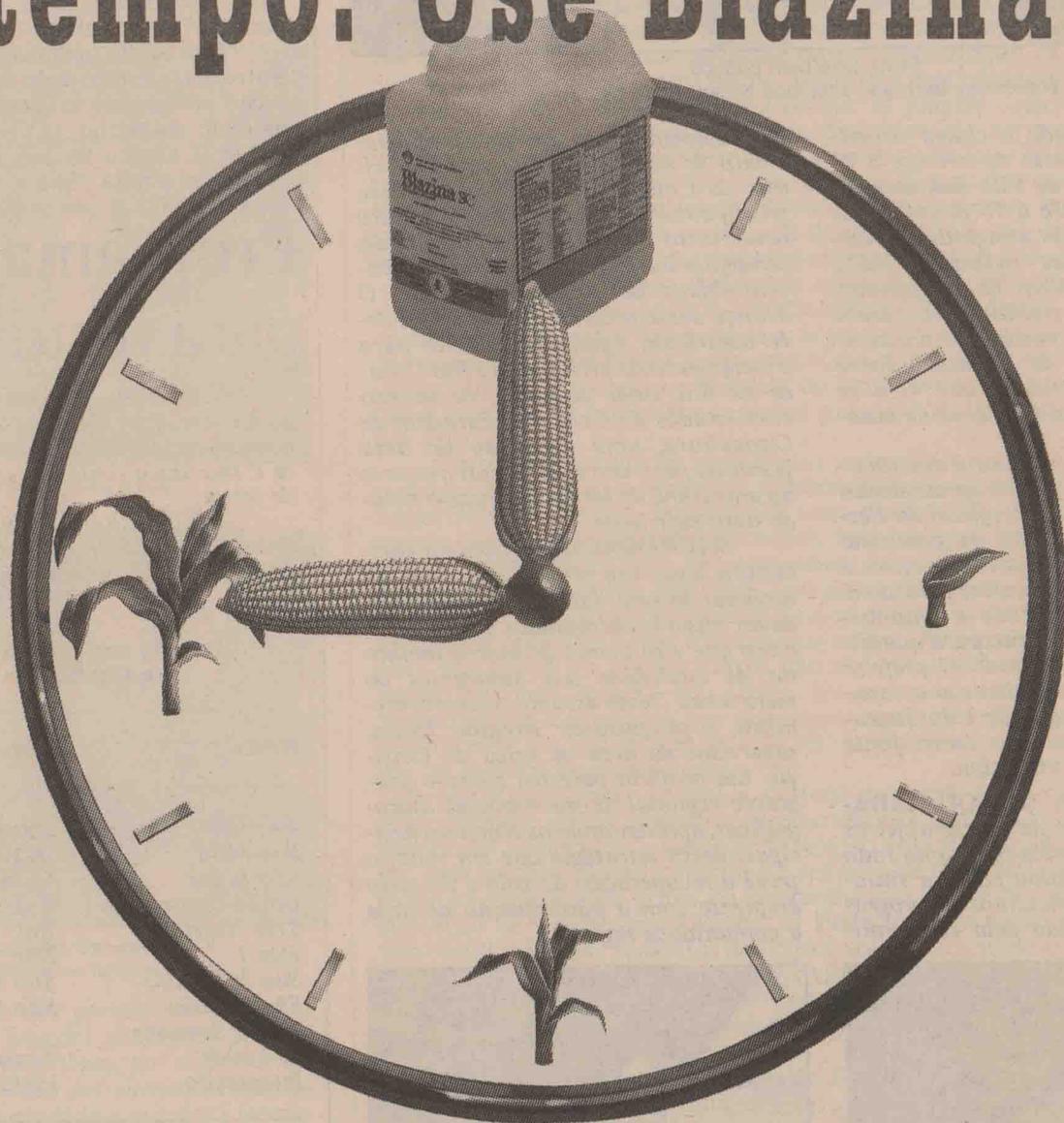
da no consumo de farelo de soja nas rações européias, temos que, na última semana de junho, a ração para suíno diminuiu a sua utilização, da matéria-prima em questão, de 15 por cento para 5 por cento; a ração das aves de corte de 30 por cento para 20 por cento e das aves de postura de 10 por cento para 2 por cento.

Por outro lado, caso chegarmos em setembro com a

confirmação de importantes estragos nas lavouras norte-americanas, comprovando uma sensível redução da safra - o USDA previu, no seu relatório do dia 12 de julho, um volume de 53,7 milhões de toneladas, contra 52 milhões de certos analistas privados, e ante as 59,8 milhões colhidas no ano passado - o mercado poderá atingir cotações somente alcançadas em 1983 e 1988, anos de grande frustração de safra nos EUA. O pró-

ximo relatório de produção dos USDA, previsto para o dia 11 de agosto, será o grande balizador do mercado. Até o dia em que escrevamos este artigo, Chicago encontrava um nível de resistência, para o grão, em torno dos US\$ 7,30/bushel. Em outras palavras, muita atenção com a evolução do clima e seus efeitos nas lavouras norte-americanas no transcorrer de agosto e também com o relatório previsto para o dia 11 deste mesmo mês.

Não seja escravo do tempo. Use Blazina.



Agora você tem mais tempo para limpar as ervas daninhas da face da sua terra. Basta usar Blazina no milharal. Blazina é o herbicida da Shell. É pré e pós-emergente. Se não der tempo para aplicar no plantio, não se desespere: você tem até a 4ª folha do milho para fazer isso. Blazina controla com eficiência as ervas de folha larga e estreita, inclusive a braquiária. Seu efeito residual é longo para o milho fechar no limpo. Com Blazina você pode ser dono de um belo milharal. Mas nunca escravo do tempo.

BLAZINA. O TEMPO A SEU FAVOR.



PLANTANDO CONFIANÇA

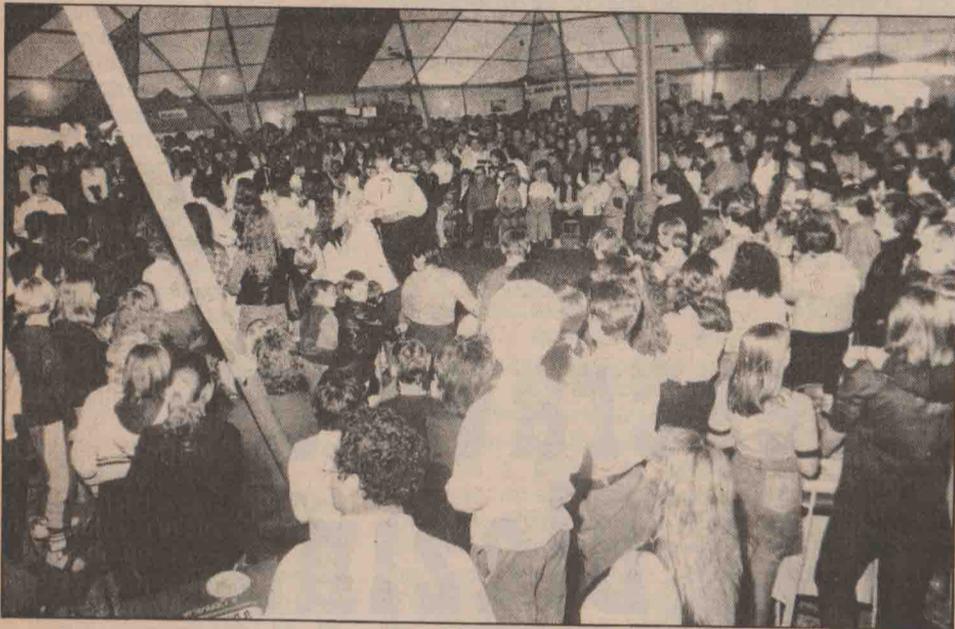


Siga sempre as instruções do Engenheiro Agrônomo. Ele o orientará sobre a aplicação correta, as indicações de uso, os cuidados com a saúde humana, dos animais e com o meio ambiente. Lembre-se também de sempre utilizar roupa protetora, luva, chapéu, bota, máscara, etc., quando estiver manuseando o produto.



2ª FESTA DA LARANJA DE VILA SANTANA

Promoção consolidada



Festa teve bom público
Prefeito Wanderley Burmann salientou organização da comunidade

Apesar de toda a chuva ocorrida durante boa parte do evento, a 2ª Festa da Laranja de Vila Santana em Ijuí, realizada de 16 a 18 de julho, foi bastante prestigiada, atingindo um número de visitantes calculado pelos seus organizadores em 12 mil pessoas. Os três dias de programação contaram com muita festa, vendas de produtos típicos e também de discussão sobre a citricultura, atividade que vem se consolidando em toda a área de atuação da Cotrijuí.

Os aspectos técnicos e econômicos da citricultura foram apresentados logo depois da abertura oficial da Festa feita pelo presidente da comissão central, Vanderlei Megier. Ele citou a crescente demanda mundial pelo suco, destacando que "vontade e dinamismo não faltam ao distrito para qualificar a produção de citros". O prefeito Wanderley Burmann salientou a capacidade de organização de Vila Santana para estruturar uma outra fonte de riquezas para o município.

PROGRAMA DE QUALIDADE - O supervisor de hortigranjeiros da Cotrijuí, engenheiro agrônomo João Agostinho Boaro falou sobre a situação nacional da citricultura e o programa regional mantido pela cooperati-

va. Sustentado por um forte embasamento de mercado, o programa de citros da Cotrijuí, segundo Boaro, visa principalmente uma produção de alto rendimento industrial e de qualidade, condições básicas para manter a competitividade do produto regional. O avanço desse programa da Cotrijuí deve contribuir significativamente para o incremento da atividade no Rio Grande do Sul, onde se prevê, de acordo com estudos do Conselho Estadual de Citricultura, uma expansão da área plantada para cerca de 30 mil hectares no ano 2000, de forma a tornar o Estado auto-suficiente.

MICROBACIAS - Como a citricultura segue um projeto de ocupação racional do solo, também outras atividades estão contempladas em um processo que visa acima de tudo a melhoria de qualidade dos habitantes do meio rural. Desse assunto tratou brevemente o pesquisador Rivaldo Dhein, supervisor da área de solos da Cotrijuí. Ele proferiu palestra sobre o programa regional de microbacias hidrográficas, apresentando os objetivos principais dessa estratégia que em resumo prevê a recuperação do solo e do meio ambiente com a participação de toda a comunidade regional.



João Boaro



Rivaldo Dhein



SUINOCULTURA

Coordenação do Supervisor de Suinocultura da Cotrijuí, o médico veterinário Gerson Madruga

A suinocultura no Rio Grande do Sul e na Cotrijuí

O Rio Grande do Sul foi o Estado que teve o maior abate do País. Hoje, ocupa a terceira posição, ficando atrás de Santa Catarina e Paraná. Vários elementos contribuíram para esta situação, como o crescimento da monocultura trigo/soja, incentivado por políticas públicas de crédito agrícola, como ocorreu nestas últimas décadas.

Desde 1990 a suinocultura rio-grandense vem apresentando uma significativa recuperação em termos de abates de animais. Neste mesmo ano, foram abatidos 1.858.147 cabeças. Em 1991, o número de abates se elevou para 2.247.564 cabeças - a evolução foi de 20,95 por cento - e em 1992, para 2.374.930 cabeças, com uma evolução na ordem de 5,6 por cento.

Em 1992, operaram 19 plantas frigoríficas no Rio Grande do Sul. Entre estas estava a do frigorífico São Luiz Gonzaga, ocupando a 8ª colocação no ranking estadual. Em 1990, o frigorífico São Luiz Gonzaga, uma unidade industrial da Cotrijuí, abateu 73.324 cabeças; em 1991, 73.047 e em 1992 abateu 96.266, apresentando uma evolução de 31,78 por cento. A previsão para 1993 é de um abate em torno das 125 mil cabeças, com um crescimento que pode chegar a 30 por cento.

Programas de financiamento para a suinocultura

O Feaper - Programa da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado, com recursos oriundos do Tesouro Estadual. Atende a pequenos e médios produtores, desde que morem na propriedade, tenham na agricultura a sua única fonte de renda e sejam proprietários de menos de 50 hectares de terra.

A suinocultura é uma das linhas do programa, onde o Feaper procura financiar especialmente construções. No atual governo do Estado, já foram financiados 77 condomínios rurais da região. Destes, 27 são de suinocultura.

Relação dos grupos de Condomínios de Suínos já financiados e localizados dentro da área de ação da Cotrijuí

Nome	Município	Nº de Sócios	Nº de matrizes
São José	Ajuricaba	23	150
São João	Augusto Pestana	22	200
São Judas	Chiapetta	11	200
União Centenária	Ijuí	23	200
Três Negrinhos	Ijuí	23	100
Jóia I	Jóia	26	100
São Martinho	São Martinho	17	100
São Valério	São Valério	27	200
Nossa Senhora da Saúde	Tenente Portela	30	150
Integração	Vista Gaúcha	14	100
TOTAL		216	1.500

O PES - Programa de Expansão Suinícola do Rio Grande do Sul - Os recursos deste programa saem do BNDS/Finame, e são repassados pelo Banrisul. Atende a pequenos, médios e grandes produtores, desde que integramos a cooperativas e a frigoríficos.

O PES financia construções, equipamentos, reprodutores, toda a infraestrutura necessária, lavoura de milho e manejo dos efluentes. O produtor pode utilizar os recursos do PES de forma individual ou coletiva, através de associações ou condomínios rurais.

O Programa Pró-Produtividade Rural - Criado este ano no Rio Grande do Sul e ainda em fase de normatização. Prevê reduções nas parcelas de ICMS oriundas das empresas do setor primário. Deverá atender a projetos de produtores e empresas rurais. Está definido que a suinocultura e a correção do solo serão as primeiras contempladas com o programa.

A XII Feira de Aniversário



Produtos coloniais
Sucesso de participação

Como vem ocorrendo há 12 anos, a Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí em Ijuí, foi um sucesso de participação e comercialização. Treze produtores participaram do evento realizado no dia 24 de julho, em comemoração aos 36 anos da Cotrijuí e que, neste aniversário, também assinalou os 20 anos do Cotrijornal, oferecendo ao público uma grande variedade de produtos como carnes, queijos, salames, vinhos, pães, doces e cucas. Esse ritual que já virou uma tradição foi aberta pelo produtor Pedro Dalla Rosa, que em nome de todos os feirantes, reafirmou a preocupação de se melhorar o conteúdo e apresentação dos produtos.



Pedro Dalla Rosa
Melhorando a cada ano

Reconhecendo o trabalho da produção apresentada na Feira, o coordenador de agropecuária do município, Júnior Piaia identificou o evento como uma mostra da grande possibilidade de produção de alimentos oriunda da propriedade rural. O vice-presidente da Cotrijuí, Euclides Casagrande, lembrou que do improvisado apresentado nas primeiras feiras, esta última dava uma prova da organização, inclusive pela qualidade na apresentação dos produtos. "Embora seja pequena, a feira comprova que o produtor acredita na diversificação, um processo em que a Cotrijuí foi pioneira".



Euclides Casagrande
Qualidade na apresentação

ESPÍRITO COOPERATIVISTA - O reitor da Unijuí, Walter Frantz fez a sua manifestação dizendo que a comemoração representa o espírito cooperativista, o qual tem raízes seculares, principalmente no que diz respeito à produção de alimentos. Sendo a comercialização e exposição uma mostra da arte de saber produzir alimentos e apresentá-los, sem perder o vínculo com a capacidade, mão-de-obra e a alma do produtor.

O presidente da Fecotrijo, Rui Polidoro Pinto, destacou a Feira como uma festa que justifica aquilo que o Estado já foi - o maior produtor de alimentos do país - e também representa o maior negócio do país, praticado através da solidariedade que agrega as pessoas que produzem. Polidoro aproveitou também para registrar os 20 anos do Cotrijornal, homenageando seus funcionários e lembrando que "ninguém poderá falar de agricultura na região Noroeste do estado, sem que se refira ao Cotrijornal". Disse ainda

que "foi um dos jornais que começou a levantar grandes problemas a nível nacional e contribuiu, por alguns anos, para a melhoria dos currículos escolares, sempre ouvindo a voz dos associados e procurando colocar de forma sistematizada na mão da sociedade como um todo".

OS PARTICIPANTES - Os feirantes da 12ª Feira foram os produtores: Leomar Martini, de Arroio das Antas; Darli Winkoski, Linha 4 Leste; Marli Megier Siekierski, Vila Santana; Arno Buratti, Vila Santo Antônio; Pedro Dalla Rosa, Vila Santo Antônio; Helmuth Serves, Araci Serves; Ervino Steinke, Linha 6 Oeste; Alcides Gelatti, Dr. Bozano; Marino Müller, Alto da União; Frederico Valentin Becker, Linha São Paulo; Doralina Cavinato, Linha 7 Leste e Luiz Guilherme Berno, Linha 6 Oeste.

Pesquisa & Desenvolvimento AGRÍCOLA

Coordenação do eng. Agr. M. Sc. Luís Volney de Mattos Viau

Controle biológico de doenças

Desde os primórdios da civilização, o homem percebeu que tinha aliados na competição pelos produtos oriundos das colheitas. Constatou que tinha que compartilhar com aves, insetos, animais e microrganismos fitopatogênicos. Com o aperfeiçoamento do microscópio por Leeuwenhoek em 1715, foi possível estabelecer a relação entre doença X prejuízo, determinando a necessidade de conhecer melhor os microrganismos fitopatogênicos e métodos de controle.

As primeiras tentativas de controle de doenças e pragas de vegetais se basearam em métodos naturais, através do emprego de compostos extraídos das próprias plantas. Portanto, o controle biológico data de muitos anos atrás.

Com a descoberta de compostos químicos surge a possibilidade de sua aplicação no controle de doenças. Em 1907 o pesquisador Prevost descobriu as propriedades do sulfato de cobre no controle de fungos, desencadeando um processo na busca de produtos químicos com ação no controle de microrganismos fitopatogênicos, encobrindo o avanço da condução de pesquisas na área de controle biológico, especialmente de doenças.

A ciência evoluiu na área de compostos químicos, chegando atualmente a inquietações quanto ao seu uso, relacionado com aspectos toxicológicos, ambientais e mais recentemente com a preocupação da resistência adquirida por microrganismos fitopatogênicos a determinados grupos de fungicidas. Por outro lado, constatou-se que as plantas como os animais, os microrganismos e o próprio homem passaram por um processo evolutivo que os levou a desenvolver mecanismos de defesa. Estes mecanismos tornaram-se tão eficientes que hoje costuma-se postular que: resistência é uma regra, enquanto que suscetibilidade é uma exceção. Isto levou a pesquisa dos mecanismos de resistência das plantas e o uso de microrganismos antagonistas no controle de patógenos que causam doenças em vegetais.

Atualmente, estudos vêm sendo conduzidos com fungos promissores antagonistas de fitopatógenos, especialmente *Trichoderma*, que produz enzimas e antibióticos que causam a degradação da parede celular dos fungos causadores de doenças e com isso a sua morte. Vários trabalhos de pesquisas têm demonstrado a eficiência do *Trichoderma* no controle de doenças, e país como a Inglaterra já possui preparações comerciais à disposição dos agricultores.

Entre as experiências acumuladas com controle biológico de doenças podemos destacar que os vinhos produzidos a partir de uvas atacadas pelo fungo *Botrytis cinerea* - podridão da uva - perdem sua qualidade. No entanto este fungo, como *Rhizoctonia solani*, *Pythium* sp., *Sclerotium rolfsii*, *Sclerotinia sclerotiorum*, que são causadores de podridões inclusive em soja, são sensíveis ao ataque de fungos antagonistas como o *Trichoderma*.

Outro aspecto importante é que os fungos causadores de podridões de sistema radicular como *Rhizoctonia solani*, *Pythium*, *Cochliobolus sativus* - mal-do-pé - e muitos outros não são controlados com produtos químicos, mas pela rotação de cultura. No entanto, estes fungos podem ser parasitados e controlados por diferentes espécies de *Trichoderma* quando aplicados em tratamento de solo ou no tratamento de sementes, relatados na literatura internacional.

No Rio Grande do Sul a cultura da maçã sofre com o patógeno *Phytophthora malus*, causador de podridão da raiz. Na região de Vacaria vem sendo empregado o controle biológico com a utilização de *Trichoderma*, com sucesso. Outro exemplo é a redução de *Crinipellis perniciosus*, causador da vassoura-de-bruxa do cacaueteiro, em condições de campo com a aplicação de *Trichoderma viride*. A Embrapa vem realizando estudos de microbiolização das sementes de trigo e soja, apresentando resultados promissores com o uso de *Trichoderma* visando o controle de *Phomopsis sojae* - queima da haste -, de *Sclerotium rolfsii* - podridão da raiz - *Sclerotinia sclerotiorum* - podridão branca da haste - e *Rhizoctonia solani* - podridão radicular - na cultura da soja.

Um projeto entre o Instituto de Febre Aftosa - Irfa e a Universidade de Caxias está sendo conduzido para ampliação dos estudos com a produção e utilização de *Trichoderma* no controle biológico de doenças nas principais culturas do sul do Brasil. O Centro de Treinamento Cotrijuí, a partir da presente safra de inverno, irá aplicar de forma experimental e avaliar a eficiência dessa promissora tecnologia, no controle de doenças do trigo e da aveia.



COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA

PARA SEGUROS DE
INCÊNDIO, VEÍCULOS, VIDA, ACIDENTES
PESSOAIS, RESIDENCIAIS E OUTROS

Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-6400 - Fax: (055) 332-5161

LEITE

Produtores escolhem nova Comissão em Ijuí

Os produtores de leite escolheram, em reunião realizada no dia 5 de agosto, a nova Comissão de Produtores de Leite de Ijuí. Após a posse, os produtores integrantes da Comissão visitaram a indústria da CCGL em Ijuí, tomaram conhecimento da estrutura da Unidade da Cotrijuí em Ijuí, bem como das atribuições das Comissões e Conselhos e do Programa de Leite. Para coordenar os trabalhos da Comissão foi escolhido Elmário Korb, de Alto da União. Orlando Becker, da Linha São Paulo, foi escolhido para o cargo de vice-coordenador e Almir Karlinski, do Povoado Santana como secretário.

Ainda integram a Comissão os produtores Sadi Kovaleski, de Linha 6 Leste, Nelson Kosloski e Remi Osmar Tiecker, de Boa Esperança; Odin Zanetti, de Santa Lúcia; Wladimir Guilherme Buzetto, de Dr. Bozano; Luiz Antônio Zambra, de Salto; Almir João Hermann e Renato Wender, da Linha 7 Leste; Alarico Ceretta e Adelino Assmann, da Linha 4 Leste; Evaldo Seifert e Elmário Korb, de

Alto da União; Antônio Copetti, de Rincão dos Góis; Orlando Becker, da Linha São Paulo; Leopoldo Cavaleiro, de Rincão dos Brizzi; Volmar L.C. Martins, de Rincão do Tigre; José Tietzmann, de Arroio das Antas; Rui Dessbesell, de Rincão dos Fabrin; Almir Karlinski, de Povoado Santana; Irene Pietzack, da Linha 4 Leste; Ademir Agostini, Santo Antônio; Jair da Rosa, da Linha 6 Norte; Nelziro Prauchner, Oldemar Deckert e Harri Ivo Sochinski, de Mauá; Ilo Buch e Valdir Matner, da Linha 9 Norte; Walter Schreiber, da Linha 1 Norte; José Fydrizszwi e Flávio Furmann, do Chorão; Renato Cossetin, de São Miguel e Antônio Rorato, de Saltinho.

Representando Coronel Barros foram escolhidos os produtores Valdir Wilde e Armando Konageski, da Linha 11 Oeste; Martin Schwiderke, de Rincão dos Pampas; Humberto Schneider, de Esquina Canta Galo; Ervino Herter, de Passo da Cruz; Eldon Remi Tomm, da Linha 9 Oeste; Ivo Holzlechner, da Linha 8 Oeste; e Carlos Deutschmann e Luiz de Conto.

SILAGEM

Os resultados de uma experiência

Os produtores de Jóia puderam constatar, através de avaliação em área demonstrativa, que a silagem de milho é uma excelente alternativa para fazer frente à falta de alimentos e a consequente redução na produção de leite e de carne, nos períodos em que os pastos rareiam

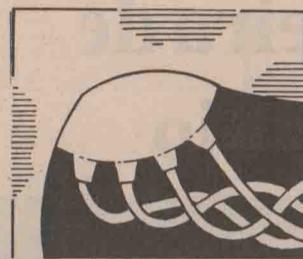
Produtor nenhum tem mais dúvidas de que o sistema mais econômico para a alimentação de bovinos, equinos e ovinos é através da utilização das pastagens, seja em rotação ou em pastoreio contínuo. "Infelizmente, reconhece o médico veterinário Jorge Luís Fensterseifer, a produção de plantas forrageiras não é uniforme durante todo o ano, existindo excessos em certas épocas e escassez em outras". Durante este período de escassez, os animais, por falta de alimento, emagrecem, reduzindo sua produção de leite ou de carne. Mas este é um problema que pode ser resolvido com a silagem, "seja pela utilização do sucesso de pastagens ou do plantio de forrageiras com a finalidade específica para esta prática".

Com a finalidade de incentivar e mostrar ao produtor de leite que é possível evitar a redução na produção de leite ou de carne, a Unidade da Cotrijuí em Jóia, através do seu Departamento Agrotécnico, do qual Jorge Fensterseifer faz parte, implantou, na propriedade do produtor Honório Burtet, uma área demonstrativa de um hectare de milho específico para silagem. "O milho foi a cultura escolhida devido a sua maior produção de massa e seu valor energético", justifica Fensterseifer. O material híbrido usado foi o Agrocéres 213. A implantação da área seguiu as recomendações para a cultura, mas em razão

de problemas de estiagem na região, o milho só pode ser plantado na primeira quinzena de dezembro. Também, em função da deficiência hídrica registrada na época, não foi usado adubação - uréia - em cobertura.

AVALIAÇÕES - Na área implantada foram avaliados os caracteres produção de massa verde, tanto para planta inteira como para grãos, densidade, número de espigas por hectare, percentual de plantas quebradas e altura de plantas. A avaliação foi realizada no estádio de grão leitoso, "isso em função da estiagem e da disponibilidade de máquinas para ensilar", explica Fensterseifer. A área útil avaliada foi de 9,0 metros quadrados - 2 linhas x 0,90 metros x 5 metros de comprimento.

Durante a avaliação foi feito um dia de campo com os produtores da localidade, coordenado pelo Jorge Fensterseifer e pelo engenheiro agrônomo Samuel Rodenbusch Ribeiro. Além dos produtores e do proprietário da área, Honório Burtet, também se fez presente ao dia de campo o Supervisor da empresa Agrocéres na região, que cedeu as sementes para o trabalho. "Os resultados finais foram prejudicados pela falta de chuvas, observou Fensterseifer sem deixar de ressaltar no entanto, que os objetivos propostos, foram atingidos, "pois o que queríamos mesmo era apresentar uma alternativa para o produtor enfrentar esta falta de alimentação para os períodos críticos do ano".



COLUNA DO LEITE

Coordenação do Supervisor de Pecuária Leiteira da Cotrijuí, Jair da Silva Mello com a colaboração de Rosenei Jaime Agostini, da Área de Leite

Financiamento de milho e forrageiras de verão

Desde o final do mês de julho, todos os produtores de leite associados da Cotrijuí, têm à sua disposição em todas as Unidades receptoras de produto, financiamento para a implantação de áreas de milho para silagem e para pastagens de verão. Estes financiamentos serão pagos em produto. Os produtores poderão financiar sementes de milho - a lavoura deverá ser usada para silagem -, milheto e sorgo forrageiro, estes dois últimos para pastoreio e ainda o adubo e a uréia a serem usados nestas lavouras.

O prazo de pagamento é de até 12 meses, desde que o valor de cada parcela não seja inferior a 60 litros de leite. A primeira parcela vence em 20 de outubro. Todos os produtores interessados em obter este tipo de financiamento poderão obter maiores informações junto às suas Unidades.

Ensiladeiras repassadas

Já foram repassadas 36 ensiladeiras de milho a grupos de produtores. Grupos formados e que ainda não adquiriram ensiladeiras e têm interesse, poderão ainda se inscrever para este mesmo tipo de financiamento, para pagamento em 12 meses. É importante que todos os produtores que integram grupos de ensiladeiras, façam uma programação das épocas de semeadura do milho, para que o período de ensilagem não fique todo concentrado numa mesma época. Uma programação bem feita vai evitar que a ensiladeira fique muito tempo ociosa. Com suas silagens bem programadas, o grupo também poderá usar a máquina para prestar serviços para terceiros. Nas próximas edições do Cotrijornal estaremos publicando os custos da silagem e da ensiladeira. Estas informações vão servir de referência para aqueles grupos ou até mesmo produtores que pretendem colocar a ensiladeira a serviço de terceiros.

Comportamento da produção

A produção de leite no Rio Grande do Sul, apresentou, nestes últimos cinco anos, um crescimento médio de 4,24 por cento ao ano. Em 1992, o crescimento foi de 9,69 por cento. Em 1993, considerando o período de janeiro a junho, ocorreu um decréscimo de 2,8 por cento, em relação ao mesmo período de 1992. Neste mesmo período, na região de atuação da Cotrijuí, a produção caiu 7,2 por cento e o número de produtores reduziu em 5 por cento, comparado com 1992. Maio de 1993 foi o mês de menor produção de leite do semestre. Em junho a produção recuperou-se em 13 por cento em relação a maio.

Estas informações caracterizam muito bem o problema da falta de alimentos para o rebanho, especialmente no período de outono - abril e maio -. Geralmente, após o mês de junho a produção inicia sua recuperação, coincidindo com o período de maior oferta de pastagens. Esta a razão pela qual tanto insistimos na necessidade de cada produtor trabalhar cada vez mais com grupos de ensiladeiras e enfardadeiras. O uso de forragem conservada é um dos meios para reduzir a queda da produção de leite no outono.

Comportamento da produção de leite da Cotrijuí em junho/93

Unidades	Produção	% S/total produção	Nº Produt.	Média Produt. dia
Ijuí	914.170	28,50	1.155	26,4
Sto Augusto	384.119	11,98	361	35,5
Tte. Portela	360.270	11,23	745	16,1
Jóia	132.147	4,12	215	20,5
Cel. Bicaco	85.167	2,65	124	22,9
Chiapetta	104.770	3,27	140	24,9
Ajuricaba	664.407	20,72	694	31,9
A. Pestana	562.084	17,53	742	25,3
Total	3.207.134	100,00	4.176	25,6

SOLOS

Coordenação do eng. agr.

Rivaldo Dhein / CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí

MICROBACIA HIDROGRÁFICA

O que é?

Está lançada, a nível regional, a campanha "Microbacia, a salvação da terra... a salvação do homem". Trata-se de uma iniciativa conjunta da Cotrijuí e da Emater, que tem como parceiros os poderes públicos municipais de dezenove municípios da região de atuação da Cotrijuí. Embora a campanha esteja nas ruas, percebe-se que ainda existem muitas dúvidas e até mesmo uma certa confusão sobre o que seria uma microbacia hidrográfica e sobre o Programa de Microbacias Hidrográficas.

Cabem, por isso, alguns esclarecimentos. É importante que, principalmente o agricultor, mas também a sociedade em geral - já que é convocada a participar do processo - tenham plena consciência do que se trata e do que se pretende.

Geograficamente, ou seja, em termos de espaço físico, poderíamos definir a microbacia hidrográfica como uma área de terras delimitada por espigões ou divisores de água, a partir dos quais, as águas das chuvas são conduzidas para um determinado rio ou sanga, localizado na parte mais baixa do terreno".

A figura 01 representa, na forma de uma paisagem, o que seria uma microbacia hidrográfica. Neste caso, já devidamente "trabalhada", com terraços em nível -, construídos em nível -, preparo do solo em nível, cultivo em faixas alternadas e reflorestamento das encostas. Faltaria apenas, nesta paisagem, uma faixa de mata ciliar em cada margem do rio. Na verdade, trata-se de um desenho distribuído pela FAO, representando o hemisfério norte, de clima temperado, onde as chuvas são menos erosivas que nas regiões tropicais e subtropicais como a nossa.

No Brasil, até mesmo por lei - Código Florestal Brasileiro - uma faixa de 30 metros em cada margem de qualquer nascente, sanga ou rio, deve permanecer com sua vegetação florestal nativa.

A figura 02 representa uma microbacia hidrográfica em forma de "planta ou mapa". No centro temos um rio com alguns afluentes, margeados pelas propriedades agrícolas - entre as linhas tracejadas -, que se estendem até os espigões ou divisores de água. À esquerda, no desenho, teríamos o "projeto" já implantado, especialmente no que se refere à conservação do solo:

terraços em nível, contínuos, "cortando as divisas de propriedades, margens de rios reflorestados, etc. À direita, o trabalho ainda estaria por ser realizado.

Quando falamos em programa de Microbacias Hidrográficas, não nos limitamos aos aspectos geográficos e nem mesmo à conservação do solo, embora se pretenda, efetivamente, mudar a paisagem da região, especialmente nestes aspectos de uso, manejo e conservação do solo.

Então, do ponto de vista de "programa", poderíamos definir a Microbacia Hidrográfica como "a unidade básica de planejamento da ocupação racional do espaço rural - mais especificamente do solo -, de modo a desenvolver, de forma integrada:

- aumento da produtividade e da produção agropecuária sustentada e menos dependente de fatores de produção externos à propriedade;

- a elevação dos níveis de renda da população rural;

- melhoria das condições e da qualidade de vida desta população - água, alimentação, saúde, educação, lazer, conforto, etc.

Um Programa de Microbacias Hidrográficas, pretende, entre outras coisas:

- melhorar a qualidade e a produtividade do solo, atra-

vés de sua correção - acidez e fertilidade - acompanhada de eficiente conservação de solo e água;

- melhorar a qualidade das águas, especialmente as de consumo humano e animal;

- conservar mais água na lavoura, garantindo maior produtividade por ocasião das estiagens;

- diversificar a exploração agropecuária - integrando agricultura e pecuária - aumentando a segurança e estabilidade do agricultor;

- reciclar os resíduos da propriedade - esterco e resturas;

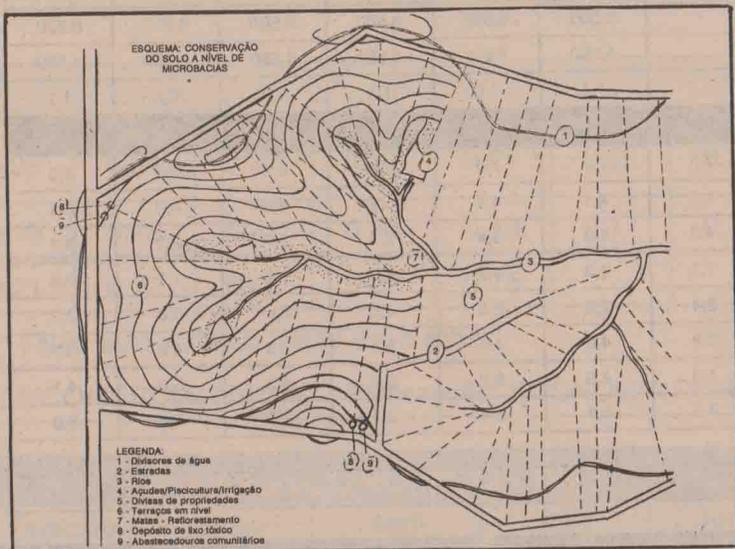
- reflorestar as margens dos rios - reflorestamento ciliar/ambiental e áreas impróprias para a agricultura intensiva nas propriedades - reflorestamento ambiental ou energético -;

- melhorar e conservar as estradas, garantindo sua trafegabilidade e o escoamento da produção perecível - de leite, por exemplo - todos os dias e com qualquer tempo;

- proteger o meio ambiente - flora e fauna;

- estimular o associativismo e os trabalhos comunitários;

- garantir plenas condições de atendimento à população rural, quanto às suas necessidades básicas, saúde e educação, lazer e conforto.



LUBRIFICAÇÃO
DE MÁQUINAS
AGRÍCOLAS

Rimula

O Super Óleo
do seu dia-a-dia



Multiviscoso para motores Diesel turbo e aspirados

Agora você tem um óleo que facilita as partidas a frio e mantém a viscosidade adequada em qualquer temperatura ou condição de serviço, aumentando o tempo de vida do seu motor, diminuindo o número de retíficas e economizando lubrificante e combustível. A melhor maneira de se celebrar uma parceria conquistada pela consagrada linha de produtos Shell para lubrificação de máquinas agrícolas.

Rimula CT

Recomendado para motores que operem em serviços pesados, mantém o motor sempre limpo e tem aditivos especiais que combatem a oxidação, a corrosão e o desgaste. Menos oficina e muito mais produtividade.



Tellus

Especial para sistemas hidráulicos industriais e para todas as aplicações que peçam um lubrificante de alto nível de desempenho. Contém aditivos antioxidantes, antidesgaste, antiferrugem e antiespuma.



Spirax

Protegendo da umidade as engrenagens e outros componentes de eixos, é recomendado para caixas diferenciais, de redução, de câmbio, de direção e juntas universais. Excepcionalmente resistente à deterioração por uso prolongado.



Retinax

Recomendada para todos os pontos lubrificáveis à graxa, mantém sua estabilidade e resistência tanto em altas como em baixas temperaturas. Uma moderna fórmula de graxa para lubrificação de máquinas agrícolas.



Shell
Líder mundial em lubrificantes



LUÍS JULIANI
Economista Rural
Divisão Agrotécnica

QUANTO VALE O SEU PRODUTO

PRODUTO	BASE DE COMPARAÇÃO	MÉDIA DOS ÚLTIMOS 11 ANOS	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO
Quantas sacas são necessárias para adquirir:									
FEIJÃO	01 t. de calcário	0,4	0,9	0,9	0,8	0,9	1,0	0,9	1,1
	01 t. de superfosfato triplo	4,7	-	-	6,5	6,0	6,1	5,8	7,0
	01 t. de adubo (1)	12,6	10,0	10,0	8,3	8,1	8,5	8,2	9,6
	01 t. de uréia (1)	15,1	12,3	11,5	9,7	9,8	9,6	8,9	10,6
MILHO	01 automotriz	7.354,0	9.500	9.964	10.478	8.583	9.125	8.988	8.394
	01 trator médio	3.740,0	5.978	6.864	7.101	5.156	6.117	5.976	5.583
	01 t. de uréia	45,9	35,0	36,7	35,3	32,5	31,0	28,9	30,3
	01 t. de superfosfato triplo	26,8	33,5	35,0	35,2	32,5	31,2	30,2	26,6
	01 t. de calcário	2,9	2,5	2,8	3,0	3,1	3,3	3,2	3,1
	01 saca de soja	1,7	1,7	1,9	1,6	1,7	1,6	1,6	1,9
	01 t. de adubo	32,4	28,5	30,1	29,9	27,9	27,4	26,5	27,4
	100 litros de diesel	4,1	4,5	5,0	5,3	5,1	5,1	5,2	5,3
	20 kg de semente (1)	6,7	-	-	-	-	7,3	6,0	7,0
	01 litro de herbicida	-	0,9	1,0	1,1	1,1	1,0	0,9	0,9
SOJA	01 automotriz	4.364,0	5.397	5.289	6.195	5.178	5.610	5.311	4.636
	01 trator médio	2.292,0	3.397	3.633	4.199	3.110	3.760	3.532	3.084
	01 ton. de calcário	1,4	1,4	1,5	1,8	1,9	2,0	2,0	1,7
	01 ton. superfosfato triplo (1)	24,1	19,0	18,3	20,6	19,6	19,1	18,5	16,5
	50 kg de semente	1,2	-	-	-	-	1,3	1,2	1,2
	100 litros de diesel	2,5	2,6	2,7	3,1	3,1	3,2	3,1	2,8
	01 ton. de adubo	19,4	15,7	15,5	17,0	16,1	15,9	15,4	13,8
	01 litro de herbicida	-	2,6	2,7	3,1	3,1	3,0	2,9	2,5
TRIGO	01 automotriz	5.149,0	8.473	7.852	7.932	6.340	7.193	7.557	7.533
	01 trator médio	2.865,0	5.331	5.393	5.376	3.808	4.821	5.025	4.997
	01 ton. de uréia	22,0	31,2	27,0	26,7	24,0	23,7	23,3	25,8
	01 ton. de calcário	1,7	2,2	2,2	2,3	2,3	2,5	2,6	2,7
	100 litros de diesel	2,5	4,0	4,0	4,0	3,7	4,1	4,4	4,5
	01 ton. de adubo	21,0	25,4	21,3	22,6	20,0	21,0	21,4	23,4
	01 litro de fungicida	-	5,7	5,5	5,7	5,4	5,8	6,1	6,3
	50 kg de semente	-	-	-	1,9	1,9	1,7	1,6	-
Quantos litros são necessários para adquirir:									
LEITE	01 saca de milho	30,1	37,3	31,7	25,8	25,6	26,2	27,1	31,5
	01 saca de soja	50,3	63,3	59,3	47,6	46,5	42,9	44,3	57,0
	01 kg de bovino	3,1	3,7	3,4	3,0	3,2	3,1	2,8	3,9
	01 ton. de uréia	1.382,0	1.400	1.211	959	912	813	783	839
	01 ton. de superfosfato triplo (1)	2.267,0	1.340	1.111	957	912	820	819	865
	100 litros de diesel	119,0	180	171	144	142	150	154	148
	01 ordenhadeira (1)	8.583,0	-	8.500	8.500	8.500	8.500	8.950	8.800
	01 resfriador (1)	4.108,0	-	4.550	4.550	4.550	4.550	4.550	4.550
	01 kg de farelo de soja	1,1	1,4	1,4	1,0	1,1	1,0	0,8	1,1
Quanto se adquire com 1 kg. de suíno:									
SUÍNO	kg. de milho	6,8	7,3	7,7	7,9	7,3	6,1	6,8	6,3
	kg de soja	4,7	4,3	4,1	4,4	4,3	3,8	4,0	3,4
	litros de leite	3,8	4,5	5,3	3,4	3,1	2,7	2,9	3,3
	kg. de bovino	1,0	1,2	1,3	1,2	1,0	1,2	1,1	0,8
	kg. de concentrado	2,7	2,4	2,9	2,8	2,9	2,6	3,0	2,2
	kg de ração crescimento	3,7	3,8	4,6	4,8	4,8	3,9	4,8	3,7
	kg. de ração terminação	4,0	4,0	4,9	5,2	5,2	4,3	5,0	4,1
	kg de farelo de soja (1)	2,9	3,5	3,1	3,4	3,3	2,7	3,8	3,0

(1) MÉDIA DE UM ANO

Fonte: DIVISÃO AGROTÉCNICA/ECONOMIA RURAL

No período de janeiro a julho deste ano, foi necessário adquirir uma automotriz com uma média de 5,3 sacos de soja. Em julho, esta mesma automotriz valeu 4.636 sacos de soja. O produtor, na compra deste maquinário, teve um ganho de 738 sacos de soja. A situação do adubo, usando como exemplo a mesma relação de compra, foi semelhante. O produtor gastou, em média, 15,6 sacos de soja para comprar uma tonelada de adubo neste primeiro semestre do ano. Em julho, gastou 13,8 por cento a menos - 13,8 sacos de soja - para comprar a mesma quantidade de adubo.

O bovino alcançou a maior variação de preço neste mês de julho. O preço do quilo do bovino ficou 87,50 por cento mais do que o preço praticado em junho. O preço da soja, neste mesmo período, variou em 50,35 por cento e o do milho em 40,53 por cento. Os preços da soja, do milho do bovino e do leite - usando como referência o período de abril a julho - ficaram superior ao acumulado do IGPM do período, que foi de 187 por cento. Já a variação dos preços do trigo e do suíno ficaram bem próximos. O bovino teve uma valorização de 285 por cento e a soja de 270 por cento.

PREÇOS MÍNIMOS SAFRA 1992/1993 - EM CR\$								
PRODUTO	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto
Arroz								
Irrigado	123,39	187,70	237,25	289,49	318,93	410,51	533,86	-
Sequeiro	90,76	138,05	174,50	219,54	281,99	362,23	471,19	-
Milho	77,86	98,70	124,75	156,95	201,24	258,96	336,86	-
Soja	100,18	126,99	160,51	201,49	258,93	333,20	433,42	-
Feijão	307,59	389,90	492,83	620,03	715,81	920,71	1.197,67	1.561,40
Trigo	112,12	142,12	179,64	-	-	351,12	456,73	595,48
Triticale	-	-	-	-	-	316,00	411,06	535,91

Fonte: CONAB/COTRIJUI
Elaboração: DIVISÃO AGROTÉCNICA/ECONOMIA RURAL

VARIÇÃO DOS PREÇOS COMPARADOS COM INDICADORES ECONÔMICOS					
PRODUTO	VARIÇÃO NO MÊS %				
	Abril	Maio	Junho	Julho	Acumulado
SOJA	33,19	35,28	36,84	50,35	270,80
MILHO	35,07	37,88	31,52	40,53	244,30
TRIGO	30,81	29,20	23,30	32,01	175,10
SUÍNO	12,64	19,51	67,35	21,46	173,60
BOVINO	28,21	25,00	28,12	87,50	285,10
LEITE	33,33	30,68	30,68	31,30	202,60
IGP-M (FGV)	28,23	29,70	31,49	31,25	187,00
INPC (IBGE)	28,37	26,78	30,27	31,01	178,00
DÓLAR	28,45	29,23	28,69	30,91	179,90
POUPANÇA	27,56	31,59	30,73	31,02	187,60
TR	28,22	28,68	30,12	-	-

FONTE: Suma econômica/Cotrijui (divisão agrotécnica)

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

ANO Janeiro Fevereiro Março Abril Maio Junho Julho Agosto Setembro Outubro Novembro Dezembro

- SOJA US\$/SACA

MÉDIA 13 ANOS	1992	1993
10,71	10,11	11,27
10,35	9,50	11,10
10,57	9,24	10,01
10,68	8,72	9,52
11,89	9,12	9,87
10,76	10,10	10,18
10,53	9,79	12,07
11,04	10,19	
11,27	11,58	
11,37	11,31	
11,02	10,90	
11,15	11,58	

Preço e dólar médio do mês

- MILHO US\$/SACA

MÉDIA 13 ANOS	1992	1993
6,60	5,62	6,64
6,23	4,72	5,94
6,16	4,23	5,54
6,27	-	5,55
6,33	5,43	6,03
6,18	5,43	6,23
6,23	5,84	6,38
6,24	5,95	
6,50	6,43	
6,68	6,17	
6,95	6,70	
6,71	6,28	

Preço e dólar médio do mês

- TRIGO US\$/SACA

MÉDIA 13 ANOS	1992	1993
10,80	-	7,98
10,01	-	8,07
-	7,97	8,12
12,10	7,88	7,67
12,08	8,04	7,88
11,85	8,07	7,72
12,06	9,55	7,49
10,95	8,14	
11,54	8,10	
11,43	8,13	
11,25	8,11	
11,11	8,68	

Preço e dólar médio do mês

- SUÍNOS US\$/KG

MÉDIA 13 ANOS	1992	1993
0,70	0,54	0,81
0,73	0,58	0,76
0,77	0,53	0,73
0,72	0,52	0,68
0,75	0,51	0,62
0,81	0,56	0,68
0,73	0,55	0,75
0,72	0,57	
0,70	0,60	
0,71	0,59	
0,66	0,59	
0,71	0,82	

Preço e dólar médio do mês

- BOVINOS US\$/KG

MÉDIA 13 ANOS	1992	1993
0,66	0,57	0,66
0,61	0,51	0,69
0,61	0,46	0,63
0,59	0,47	0,70
0,60	0,60	0,71
0,64	0,56	0,65
0,70	0,79	0,75
0,75	-	
0,76	0,79	
0,75	0,66	
0,67	0,61	
0,74	0,74	

Preço e dólar médio do mês

- LEITE US\$/LITRO (1)

MÉDIA 13 ANOS	1992	1993
0,23	0,18	0,18
0,22	0,18	0,18
0,22	0,19	0,21
0,24	0,18	0,22
0,27	0,21	0,23
0,22	0,20	0,23
0,21	0,18	0,23
0,22	0,17	0,75
0,20	0,16	
0,21	0,18	
0,19	0,18	
0,19	0,18	

Preço e dólar médio do mês - (1) Não está incluído o leite extra cota

Fonte: DIVISÃO AGROTÉCNICA/COMERCIALIZAÇÃO - Elaboração: ECONOMIA RURAL

ÍNDICES ECONÔMICOS 1993

ÍNDICES	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Agos
IPC-IBGE	28,77	24,49	27,58	28,37	26,78	30,37	31,01	
IP-M FGV	25,83	28,42	26,25	28,83	29,70	31,49	31,25	
IP-FGV	28,73	26,51	27,81	28,21	32,27	30,72	31,96	
IR	26,76	26,40	25,81	28,22	28,68	30,12		
IFIR Cr\$	7.412,55	9.597,03	12.161,36	15.318,45	19.506,5	25,12	32,74	42,79
POUPANÇA*	27,39	30,11	26,43	27,56	31,59	30,73	31,02	34,00

DÓLAR Cr\$

MÉDIA MENSAL	1992	1993
15.721,0	14.044,7	
19.858,0	17.868,5	
25.121,0	22.469,1	
32.268,0	28.728,8	
41.699,5	36.804,7	
53,66	47,50	
70,25	61,97	

Fonte: SUMA ECONÔMICA e COTRIJUI

DÓLAR COMERCIAL * Último dia do mês

Enchente nos Estados Unidos, em especial na região produtora de soja, mexeu com os preços da soja no Brasil. Em julho o preço atingiu, em média, 12,07 dólares, ficando 23 por cento acima da média alcançada em julho do ano passado, quando o mesmo ficou em 9,79 dólares. Mas atingiu o pico mais elevado no dia 20/21/22 e 23 quando atingiu 12,49 dólares.

Comparando janeiro a julho de 1992 com o mesmo período neste ano, é possível constatar que o preço médio registrado ficou, 27 por cento superior. O preço praticado em julho deste ano, de 12,07 dólares, só ficou abaixo - numa comparação com a média dos últimos 13 anos - da média registradas em julho de 1988, quando atingiu 15,03 dólares. Esta mesma comparação também pode ser feita para o milho que registrou neste semestre, um preço médio de 6,04 dólares. Tomando como referência o mês de julho e comparando-o com o mesmo período em 1992, é possível constatar que o preço praticado neste ano ficou 9 por cento acima.

A SALVAÇÃO DA TERRA... MICROBACIAS A SALVAÇÃO DO HOMEM.

As águas que "rolam" da sua lavoura, carregam com elas, fertilizantes e agrotóxicos, poluindo o meio ambiente, especialmente rios, lagos e açudes. Envenenam os peixes, as aves, os insetos, e outros animais, todos importantes para manter o equilíbrio natural. Estas águas desperdiçam o seu "suor" e o combustível gasto no preparo do solo e nas práticas culturais, e o que é mais importante, o SOLO FÉRTIL DE SUA LAVOURA.

ASSOCIE-SE E FAÇA A CONSERVAÇÃO DO SOLO DE FORMA COMUNITÁRIA E INTEGRADA. VOCÊ É RESPONSÁVEL.

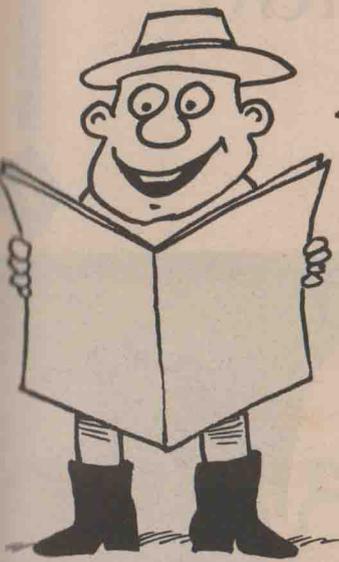
O FUTURO DA TERRA DEPENDE DE VOCÊ.

A MICROBACIA É A SALVAÇÃO DA TERRA E DO HOMEM.

Parceiros:

Municípios: São Valério do Sul, Vista Gaúcha, Barra do Guarita, Erval Seco, Coronel Barros, Tenente Portela, Derrubadas, Redentora, Miraguaí, Dois Irmãos das Missões, Inhacorá, Augusto Pestana, Chiapetta, Braga, Ajuricaba, Jóia, Coronel Bicaco, Santo Augusto e Ijuí.

COTRIJUI-S.A.A.  EMATER-RS



MARAVILHA!
20 ANOS DE
COTRIJORNAL!



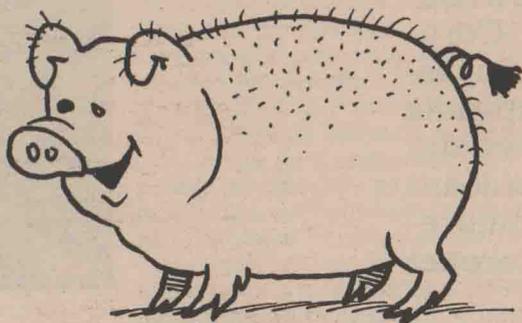
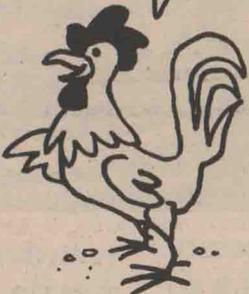
É UM
PRESENTÃO
PELO 36º
ANIVERSÁRIO
DA COTRIJUI!

É O MELHOR
JORNAL PARA
O PRODUTOR E
SUA FAMÍLIA!

EU
GOSTO É
DE SABER
DA RAÇÃO!



TEM AÍ
ALGO SOBRE
O SOLO?



COTRIJORNAL
20
ANOS

SEMPRE TRAZ
NOVIDADES SOBRE
LAVOURA, CRIAÇÃO
COMERCIALIZAÇÃO

LEIA SOBRE
AS NOVAS
PASTAGENS!



NÃO TEM
NADA SOBRE
CANCHA
RETA?

TEM
MUITO
MAIS...



É UM
GRANDE
JORNAL PARA
UMA GRANDE
COOPERATIVA!



BIER

Há duas décadas contando a história da Cotrijuí

Ruben Ilgenfritz da Silva - presidente da Cotrijuí

Foto: Cláudia Andrade

São decorridos 20 anos da história da COTRIJUÍ, mensalmente registrada pelo COTRIJORNAL com momentos de euforia, de preocupações, mas fundamentalmente de construção, registrando os acertos e os erros que ocorreram e ocorrerão sempre aos que tem a ousadia de construir, de crescer, de participar, de sonhar, de ambicionar. Assim nasceram os primeiros armazéns graneleiros, a descentralização dos serviços prestados aos associados, chegando num primeiro momento a Santo Augusto, Tenente Portela e posteriormente a Ajuricaba, Jóia, Chiapetta, Coronel Bicaco e finalmente Augusto Pestana. O trigo se expandia e a soja iniciava seu avassalador crescimento, não perdoadando nem os ervais que a natureza havia premiado a Coronel Bicaco.

Logo a seguir os vagões graneleiros e como consequência a construção do Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto. A expansão continuou incorporando não somente novas áreas de lavoura mas também novas regiões geográficas, como o Mato Grosso do Sul e Dom Pedrito. Foi esta resumidamente grande parte da nossa história que em detalhes está registrada pelo nosso COTRIJORNAL, e que se caracterizou pelo binômio trigo e soja, pela busca incessante de mais produto e não mais produção. Crescemos horizontalmente pela incorporação de novas áreas, usando as muitas facilidades que as linhas de crédito, principalmente para giro e custeio nos eram então ofertadas. Realmente crescemos na análise absoluta dos números, não fomos a primeira mas a segunda Cooperativa desse país, pelo faturamento, pelas exportações, pelos tributos recolhidos, etc.. Foi inquestionavelmente o ciclo do produto e não o do produtor. Nós produtores rurais fomos muito mais objetos

do que o sujeito desse processo.

Entendemos que o marco definitivo em que assumimos a mudança de comportamento, nesse processo, ou seja, passar a decidir o que fazer ou não, foi exatamente a calamidade ocorrida na estiagem da lavoura de verão (soja e milho) do ano de 1990. Passar a propor e não somente reivindicar; postura esta que ficou muito clara nas duas publicações editadas no final de 1991, com O PROGRAMA PARA A PRÓXIMA DÉCADA e a VERTICALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO, deixando a Cooperativa de ser um fim em si mesma, para ser um meio de viabilização do produtor.

As relações políticas assumem novas diretrizes, porque passam a buscar parceiros para as ações que os produtores entendem corretas. Assim o grande parceiro é o município, o poder executivo, o legislativo, as entidades de classe. Os investimentos passam a contar não somente com o apoio político do município, mas também com sua participação como in-

vestidor no meio rural. Da mesma forma que estamos propondo a verticalização da produção a nível das milhares de economias que formam o nosso setor produtivo, e que, estrategicamente, estabelecemos nosso comportamento, para a próxima década, também estamos preparando nossa organização cooperativa a ser o meio para alcançar os objetivos traçados pelo quadro social. Estamos nos profissionalizando, descentralizando as atividades operacionais e buscando o grande objetivo que é de produtores rurais associados em uma Cooperativa realmente assumirem a postura de sujeitos, decidindo e fiscalizando o que querem, e transferindo a execução ao nível funcional da Instituição Cooperativa. Temos a convicção que isto irá ocorrer na Reforma dos Estatutos Sociais, hoje em início de discussão. Precisamos assim, assumir a postura de sujeitos e jamais de objetos, até porque a nossa missão de produzir alimentos é fundamental aos destinos da própria humanidade.

COTRIJORNAL
20
ANOS

COTRIJORNAL
CADERNO
ESPECIAL

Edição e produção
Dária C. Lemos de B.
Lucchese
Carmem Rejane
Pereira

Colaboradores
Raul Quevedo
Marcelo Guimarães
Otaliz de Vargas
Montardo
Rivaldo Dhein
Luís Volney Viau
Roberto Carbonera
Francisco Tenório
Falcão Pereira
Jair da Silva Mello
Gerson Madruga
Altamir Antonini
João Agostinho Boaro
Luís Juliani
Argemiro Luís Brum
(Unijuí)
Paulo Roberto da
Silva (Fecotriço)

Revisão
Sérgio Corrêa

Há 20 anos uma linha direta com o produtor



Fundado no mês de julho de 1973, o Cotrijornal comemorou no último dia 20, o vigésimo ano de circulação mensal, regular e ininterrupta, como porta-voz da Cotrijuí.

Nascido num momento especial da vida do país, com as instituições e a cidadania controladas por regime de arbítrio, parece normal que o nascimento de um veículo de comunicação mantido por empresa de renome no conjunto da economia, em especial do Estado, alcançasse repercussão. Autoridades governamentais de todos os níveis, setores técnicos, educacionais, e mesmo a chamada grande imprensa, ocuparam-se dele com a expectativa que somente poderia ser suscitada por órgão cuja abordagem de assuntos retratasse realidades responsáveis. Foi o que aconteceu. Quem se der ao trabalho de folhear as edições seguintes ao seu aparecimento, poderá verificar a repercussão que motivou, inclusive nos jornais da capital do Estado.

Pioneiro no Rio Grande do Sul e também um dos primeiros do país, pois sua fundação se deu apenas um ano depois do surgimento do Paraná Cooperativo, "o Cotrijornal surgiu para corrigir problemas então existentes, e que se avolumavam na área de comunicação externa da cooperativa", relata o jornalista Raul Quevedo, o seu primeiro editor. É ele quem faz um retrospecto da fundação do jornal, rememorando os fatos tais como aconteceram.

COMERCIALIZAÇÃO DA SOJA - Inovadora, ao ponto de promover empreendimentos pioneiros, verdadeiramente revolucionários na economia primária rio-grandense, a Cotrijuí havia instituído naquele ano as modalidades Preço Médio e Preço do Dia. Processo de comercialização então inédito, que visava facilitar decisões dos associados numa época que muitos falavam em mercado futuro de soja, Bolsa de Cereais de Chicago e "hedge", mas poucos entendiam. Até porque, na época, a soja não tinha a expressão a nível de mercado internacional, como passaria a ter em seguida.

Como se sabe, até o ano de 1972, a proteína preferida pelos criadores da Europa e Ásia para alimentação de seus animais, tinha sido a farinha de peixe, cuja matéria-prima é a enchova, abundante no litoral do Peru e países andinos.

Naquele ano, fenômeno marítimo atribuído à Corrente de Humboldt - de quem nem se fala mais. Hoje, talvez se culpasse

o chamado fenômeno "El Niño", desviou os cardumes da costa, resultando numa frustrada safra do produto, o que motivou corrida aos países produtores de soja. O Brasil foi um deles, principalmente o Rio Grande do Sul, praticamente único produtor da oleaginosa na época.

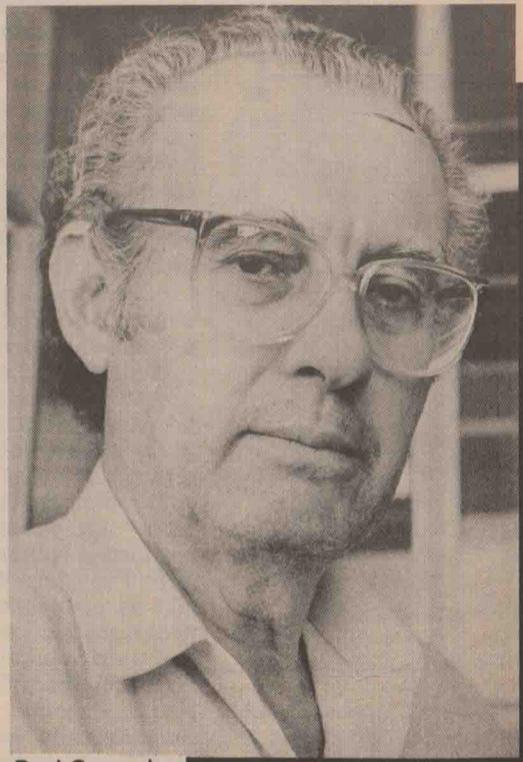
Esse aceleramento da demanda do produto inflacionou o preço, que quase dobrou o valor em cerca de trinta dias. Resultado: os produtores que haviam entregue soja Preço Médio obtiveram ganhos bem menores - e eles eram em grande maioria, pequenos produtores -, e os optantes pelo Preço do Dia, vendendo na alta, tiveram ganhos extraordinários.

FALTA DE INFORMAÇÕES - A ocorrência desses fatos gerou descontentamento nos pequenos e médios produtores - que são em maioria - alertando a diretoria para a necessidade de melhorar vínculos de comunicação e relacionamento entre o quadro social e seus dirigentes e funcionários. A saída imediata foi o jornal.

Antes do Cotrijornal, a Cotrijuí dependia de espaços - pagos ou não - nos jornais locais, com pouca ou nenhuma circulação nas zonas rurais, e emissoras de rádio, cujos informativos nem sempre eram bem entendidos e interpretados pelos ouvintes. Resumindo: era flagrante a falta de informações para o quadro social, que já somava um universo de oito mil economias familiares, em cerca de 20 municípios num espaço geográfico que se estendia do município de Tupanciretã - região de Jóia, hoje município - até Tenente Portela, na divisa com o estado de Santa Catarina.

LINHA EDITORIAL - Num primeiro momento foi difícil estabelecer como padrão editorial, uma linha de pensamento que evocasse o cooperativismo como filosofia de comunicação. Até porque, e principalmente por isso, não tínhamos nenhum parâmetro comparativo. O que se sabia é que o jornal tinha que ser feito, tinha que circular e pronto. Levada a questão a debate com a diretoria, especialmente com o presidente, Ruben foi direto e taxativo: "é tarefa do jornalista".

O Cotrijornal nasceu com visual e textos semelhantes aos jornais tradicionais. Era como um desses semanários ou mensários que se editam principalmente em cidades do interior. Mantinha uma identidade cooperativista, mas com abordagem de assuntos gerais, predominando o pensamento de que com isso se atenderia todos os



Raul Quevedo

gostos.

Essa abertura editorial para temas de ordem geral adotada desde a primeira edição, oportunizou à cooperativa sustentar debates públicos de problemas de ordem conjuntural, que de há muito preocupavam sua direção e parte do seu quadro social.

ALGUNS DESTAQUES - A construção da estrada Ijuí-Três Passos e a mudança do fluxo de tráfego preferencial na cidade de Ijuí, tiveram campanhas de conscientização feitas pelo Cotrijornal. Outra campanha desenvolvida pelo jornal, que chegou a sensibilizar até a Presidência da República defendeu a importância social e econômica da ligação dos rios Ibicuí e Jacuí. Essa obra, vital para o transporte fluvial e lacustre do estado e do país a custos de fretes mais econômicos e competitivos, terá de ser realizada um dia. A campanha de conscientização produzida pelo Cotrijornal deixou marcas", afirma Raul Quevedo.

INFORMAÇÃO COM ÉTICA - A preocupação maior do jornal, no entanto, é manter diálogo com o quadro social, mesmo em momentos difíceis de sua história, mantendo um nível de ética na informação que tem servido como padrão de comunicação, principalmente na área do próprio cooperativismo. E grande parte desse mérito é da Cotrijuí, a entidade mantenedora, que ao longo dos 20 anos sempre prestigiou seu veículo, como legítimo porta-voz de relações externas.

Ele mostrou o caminho. Abriu o ciclo dos jornais de cooperativas que então surgiram pelo Rio Grande do Sul e pelo Brasil. Infelizmente muitos já desapareceram na voragem da crise recessiva que o país vive e também comprovando a necessidade de uma proposta editorial séria para a manutenção de um órgão de imprensa. Espera-se que continuem surgindo outros no lugar dos desaparecidos, pois a comunicação responsável é vital para o desempenho do cooperativismo num país pouco preocupado com problemas de natureza social.

COTRIJORNAL

NO LEITE, TODO MUNDO ESCONDE O JOGO

PREVIDÊNCIA RURAL: O COLONO QUE SE CUIDE!

O PODER EM DISCUSSÃO

Um novo sistema de gestão gerencia a participação dos associados nas decisões da Cooperativa

COTRIJORNAL

SUBSÍDIO

A QUEM INTERESSA?

20 produtores ganham 25 milhões de dólares com o leite em 30 dias, usando leite em pó brasileiro. Página 12

Cooperativa muda as regras para o crédito e aumenta os preços mínimos

Na Constituinte Cooperativa a participação é a autonomia são os temas centrais

SUNOS Castigados pelas importações

COTRIJORNAL

AGROPECUÁRIA

PARCERIA FORTALECIDA

Problema que precisa de parceria sólida para ser resolvido para isso precisamos nos reunir. O Cotrijornal, aqui, com os seus produtores, a propósito de um encontro em Ijuí, discute o problema de como fortalecer os laços rurais. O assunto também se refere aos produtores locais, em especial os produtores de leite. Os dois se unem, os dois juntos, para que seja fortalecida a agricultura

Diversificação planejada

A reestruturação do sistema produtivo da região passa pelo redimensionamento da propriedade e por escalas mínimas de produção

COTRIJORNAL

20 ANOS

No início dos anos 70, quando o crédito rural ainda era abundante e barato e muito menos se ousava questionar os possíveis danos que o modelo trigo-soja poderia estar causando ao solo e ao meio ambiente, uma idéia, a da integração lavoura-pecuária, começava a ganhar formas na região. Naqueles tempos, falar em terminação de novilhos jovens, quando a soja ainda tomava conta até dos fundos de quintais, não era nem ousadia, era uma verdadeira afronta, ainda mais considerando a concorrência que a criação promovia com a lavoura de verão em termos de ocupação de área.

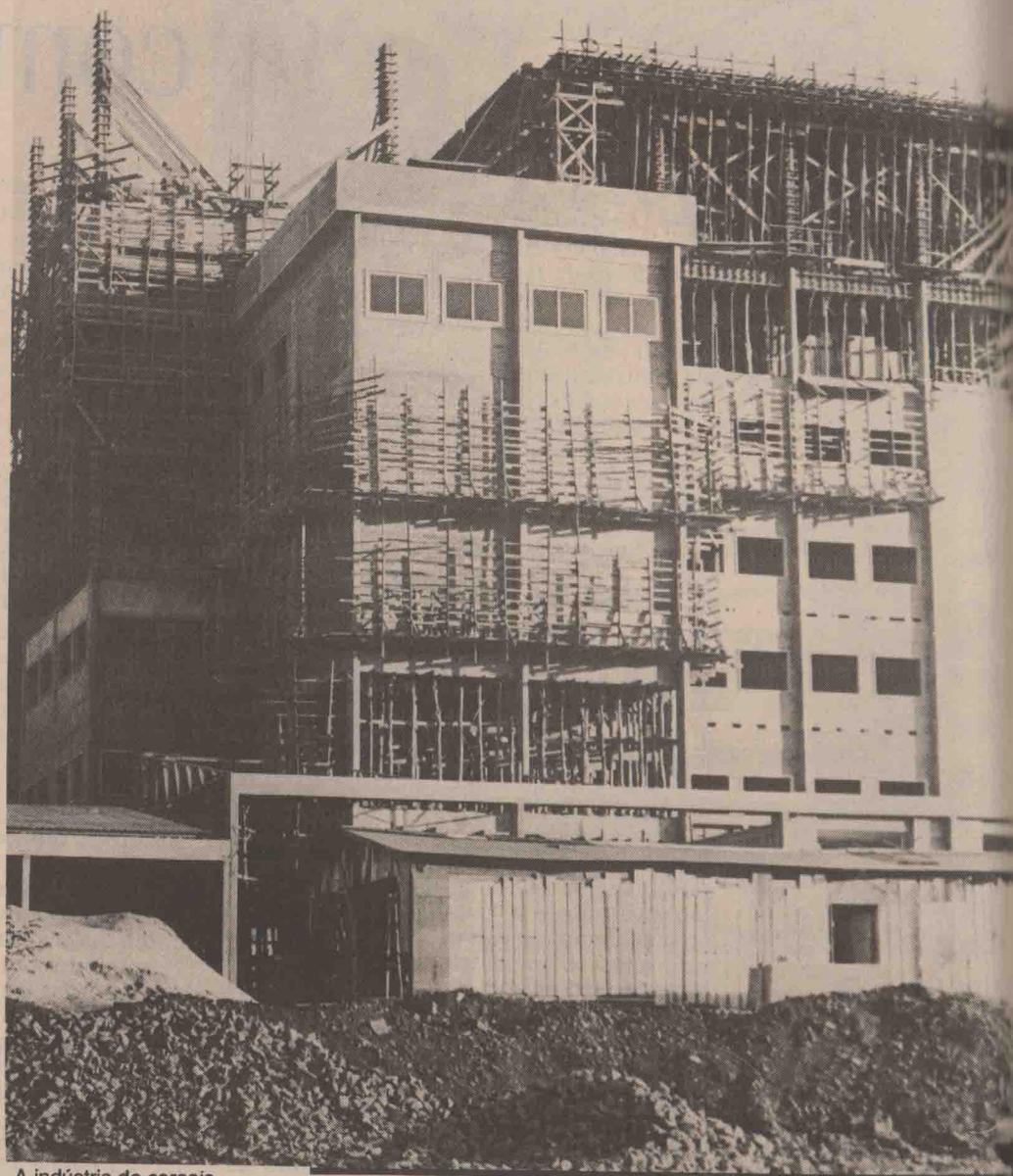
Foi por esta época que a discussão de que o solo precisa permanecer coberto nos meses de inverno, puxado pela proposta de integração lavoura-pecuária, saiu a campo. Os debates levaram a Cotrijuí a pensar numa proposta que não apenas cobrisse a lacuna da falta de alternativas para serem cultivadas em substituição ao trigo, como também solucionasse a questão da terra nua. Coordenado pelo engenheiro agrônomo Renato Borges de Medeiros, surgiu o Programa de Pecuária de Corte, baseado na produção de novilhos jovens. Esse programa foi complementado por um outro, o de Sementes de Forrageiras, instalado, inicialmente, numa área cedida pela Escola Fazenda Assis Brasil, mantida pelo município de Ijuí. Estava dada a largada em direção a diversificação das atividades agrícolas da região.

Em 1974 o Programa ganha o reforço de uma coleção de forrageiras implantadas no então Posto Agropecuário do Ministério da Agricultura, localizado em Augusto Pestana, com áreas de alfafa, setária, pânico e pensacola. Ao passar para as mãos da Cotrijuí, em 1976, o Posto - hoje Centro de Treinamento - transforma-se numa ação concreta em direção a consolidação do projeto de diversificação. As próprias Feiras de Terneiros, que começaram a expandir-se pela região no início da década de 70, já representavam fortes indícios de que o monocultivo dava sinais de esgotamento. Na primeira delas, realizada em Carazinho, a Cotrijuí adquiriu 25 animais, todos eles repassados a produtores interessados em participar do programa.

O questionamento em torno de tanta terra descoberta no inverno foi o grande ponto de partida para a experiência concreta em termos de diversificação que existe hoje na região. Poucos produtores, no entanto, puderam entender a situação. Foi preciso que o crédito se esgotasse e encarecesse, que os custos de produção se equiparassem às modestas médias de produção e que o solo e o meio ambiente dessem sinal de que era hora de se promover uma grande virada.

Apesar de não ter vingado - competir com a soja não era fácil -, atrás do Programa de Pecuária de Corte, vieram outros programas da área animal, todos eles viabilizados a partir da produção de forrageiras. Assim aconteceu com o leite que se estruturou em larga escala na região, transformando-se numa alternativa de renda mensal para os produtores. Atrás do leite veio a piscicultura, a citricultura, a suinocultura, a lavoura de milho, os hortigranjeiros, a erva-mate e as próprias forrageiras, valorizadas ainda mais pela ênfase dada aos programas da área animal.

CONSOLIDADA - O enfrentamento direto, vivido com a soja não tirou a proposta de diversificação do caminho traça-



A indústria de cereais

do, chegando aos anos 80 plenamente consolidada, levando o aval de quem teve a coragem de entender que só do monocultivo do trigo e da soja não era mais possível continuar na agricultura. Sem o romantismo do início da década de 80, a diversificação das atividades agrícolas atravessa a barreira dos anos 90, agregando novos elementos à antiga proposta. Já não é mais possível produzir de tudo e um pouco e muito menos continuar convivendo com as ridículas médias de produtividade até então alcançadas, tanto a nível de produção de grãos, como das atividades de origem animal.

A existência de um mercado extremamente competitivo e exigente em qualidade, muito diferente daquele vivido nos anos 70, passa a exigir do produtor uma nova postura em relação a sua unidade de produção. Ele terá que fazer algumas atividades, mas muito bem feitas. Essa eleição de prioridades vai implicar, certamente, em melhores níveis de produtividade.

Uma avaliação desta proposta que fez muita gente torcer o nariz, mas que hoje ganha adesões de todos os lados, pode ser feita a partir do aproveitamento integral das forrageiras para as atividades de produção animal ou ainda, pela inclusão das mesmas dentro do esquema de rotação de culturas. Esse resultado prático também pode ser medido pelos projetos agroindustriais, como o da instalação de uma indústria de cereais pela Cotrijuí, com perspectivas de abrir um grande potencial de mercado para os produtos diversificados, como o milho e a aveia. A unidade industrial de São Luiz Gonzaga, onde, mensalmente são aba-

tidos mais de 10 mil cabeças de suínos ou os projetos para a industrialização de peras e de citros, todos são resultados práticos de uma idéia que está dando certo.

Toda essa mexida no sistema produtivo da região que já começa a acontecer, passa indiscutivelmente pela reorganização da propriedade e da produção como um todo. É um conjunto de atitudes que precisa ser tomada e que começa pela própria profissionalização do produtor e junta-se a especialização de algumas atividades. "Não vamos fazer nada do que já não sabemos fazer. Só precisamos ampliar nossos conhecimentos sobre essas atividades, juntando a elas ainda uma dimensão econômica mais forte", dizia o então diretor da Divisão Agrotécnica da Cotrijuí, João Miguel de Souza, falecido no início deste ano, sempre que levantava a questão da verticalização das atividades diversificadas com os produtores durante os tantos seminários e reuniões realizadas por ocasião do lançamento do Programa Verticalização da Produção na Cotrijuí.

A proposta de diversificação planejada, baseada em escalas mínimas de produção, aliada a uma nova relação com a terra, é a única forma de fazer acontecer essa reordenação do perfil produtivo e tirar a região da estagnação econômica e social em que se encontra desde a década de 80. Alguns produtores já entenderam a proposta. Basta dar uma olhada nos rendimentos alcançados em algumas lavouras de milho e de soja ou na própria atividade leiteira suinícola.

Uma nova relação com a terra

5

A década de 90 trouxe a certeza de que para superar a estagnação produtiva, a comunidade regional deve se responsabilizar pelo seu futuro, apostando principalmente no maior patrimônio da agricultura que é o solo

Se a década de 70 se caracterizou pela expansão do monocultivo, a de 80 pela escassez de recursos e pela estagnação produtiva, a de 90 começou com uma grande reflexão sobre a real situação da agropecuária regional, quando a redução do crédito rural aliada ao esgotamento do solo e as baixas produtividades da lavoura se apresentaram como sinais obrigatórios para que o setor começasse a repensar o futuro. A Cotrijuí, que sempre apostou na pesquisa, na assistência técnica e na informação, iniciou a década tomando atitudes mais ousadas em direção a uma reestruturação global do sistema produtivo.

A penúria das economias municipais da região, que possuem uma receita formada em média por quase 80 por cento da arrecadação oriunda da produção primária, mais o crescente processo migratório foram os motivos mais fortes para avaliar uma proposta de mudanças no perfil econômico regional com a participação de toda a comunidade. Se antes se procurava as melhores alternativas tecnológicas para a propriedade, agora, o aprimoramento da produção é uma questão não só de crédito, de insumos, mas de gerenciamento agrícola e de especialização, pelos quais se responsabilizam o produtor e a cooperativa no que lhes compete, mas também quem atua na terra e quem depende da sua produção, numa escala que inclui todos os produtos e serviços que se encontram antes e depois da porteira.

PROGRAMA PARA DEZ ANOS - Produtores, prefeituras, Emater, empresários, vereadores, universidades, bancos, sindicatos, todas essas entidades, já em 1991, sentaram com a direção da Cotrijuí para discutir uma proposta materializada pelo Programa para a Próxima Década, um plano de trabalho elaborado a partir da conscientização dos principais pontos de estrangulamento da atividade agropecuária e das suas potencialidades, mediante investimentos dirigidos e planejados, principalmente sobre o maior patrimônio da agricultura é o solo. Uma estratégia de investimentos orçados em cerca de dez milhões de dólares e também de ações políticas necessárias a reformulação dos sistemas produtivo regional. Dele fazem parte cinco projetos ligados diretamente a ação do produtor e também a dos órgãos públicos e privados vinculados ao setor, como o projeto de ocupação racional do solo, o projeto de correção e acidez e fertilidade do solo; projeto de conservação do solo em microbacias hidrográficas; projeto de alternativas poupadoras de energias na agricultura e projeto de recuperação ambiental.

Dando um suporte maior ao programa, a Cotrijuí lançou ao mesmo tempo uma proposta de diversificação verticalizada para a propriedade. Por sugestão da Divisão Agrotécnica, foram apresentadas alternativas de exploração da propriedade rural, respeitando a sua estrutura fundiária e a sua aptidão em conformidade com a ocupação racional do solo, de forma que todas as atividades desenvolvidas ganhem maior competitividade.



Prefeitos, secretários e técnicos na área da microbacia de São Jacó

COLHENDO OS FRUTOS - Dois anos depois do lançamento do Programa para a Próxima Década já se pode comemorar muitos resultados e destacar ações que marcam efetivamente a retomada do setor agropecuário regional. Uma delas foi a formação do convênio entre a Cotrijuí e a Emater, oficializado no mês de outubro de 1992, que tem proporcionado pela ação conjunta das entidades, trabalhos de especialização na administração rural e conservação dos solos de forma permanente através das microbacias hidrográficas.

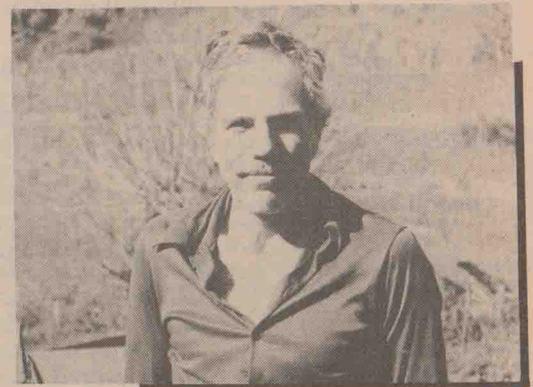
Por outro lado, também as 21 prefeituras que pertencem a área de atuação da Cotrijuí, responderam muito bem à proposta, revisando os percentuais orçamentários destinados a agropecuária e inclusive atuando em conjunto com a Cooperativa e a Emater de forma mais permanente, através das suas secretarias de agricultura em diversas frentes de trabalho. Além do trabalho em conservação do solo, é de se registrar a participação dos municípios no incremento da produção leiteira, através de convênios que permitem o subvencionamento dos custos de inseminação artificial no rebanho.

O produtor, por sua vez, também começou a se definir nesse desafio. Buscando através de um maior planejamento da sua propriedade com priorização de investimentos, principalmente na conservação e recuperação do solo, ele procura melhorar a performance de produção encontrando alternativas de permanecer na terra com maior lucratividade em cada uma das suas atividades.

MICROBACIAS - O maior saldo da articulação regional entretanto, veio com o lançamento da campanha regional de microbacias hidrográficas, um trabalho amadurecido pela discussão e que chegou a ganhar uma campanha de conscientização patrocinada pela Cotrijuí, Emater e prefeituras municipais. Através dessa estratégia - que ganha espaço não só aqui mas em outras regiões do país - se busca um maior e efetivo comprometimento da comunidade regional com a valorização e recuperação da sua maior fonte de sustentação econômica, para o que, sem dúvida nenhuma, o solo é uma questão prioritária.

Baseada numa relação mais harmônica e também econômica com a terra, a campanha regional intitulada "Microbacias: a salvação da terra... a salvação do homem" está aperfeiçoando ao redor de 20 projetos de microbacias e ampliando um trabalho que começa pelas práticas conservacionistas da lavoura, como cobertura verde, rotação de culturas, terraceamento, plantio direto e também de adequação de estradas, mas que engloba uma outra série de práticas e de posturas, como uma maior aposta no associativismo e projetos que concorrem para uma melhoria na qualidade de vida dos habitantes do meio rural. Resumindo, o programa de microbacias quer que a comunidade regional, a partir de uma nova relação com a terra, possa produzir mais e com melhor qualidade, assegurando dias melhores para o campo e para a cidade.

O produtor



"O jornal sempre serviu de incentivo ao produtor. A gente lê sempre as partes principais do jornal, mas se detém mais no leite, que é um assunto que interessa muito aos pequenos produtores como eu, especialmente os assuntos sobre plantio e uso de forragens e novas técnicas da produção. A esposa também acompanha, e as crianças, que ainda são pequenas, vão soletrando e lendo o Cotrisol."

PEDRO MISSIO - produtor em Lagoa Bonita - Tenente Portela

COTRIJORNAL
20
ANOS

O terminal dos agricultores

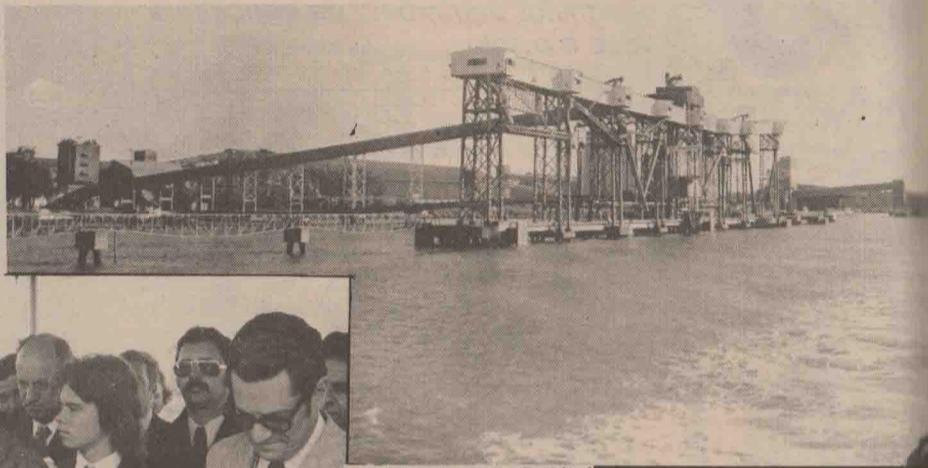
Este porto leva a marca da Agricultura Gaúcha". Com este título, a edição de número 22 do Cotrijornal fazia chamada para um acontecimento importante vivido pelos agricultores associados da Cotrijuí naquele 22 de julho de 1975: a inauguração do Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto". Localizada na Quarta Seção da Barra, em Rio Grande, o Terminal da Cotrijuí está adaptado para carregar e descarregar navios simultaneamente.

O terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", mesmo depois de 21 anos de constante uso, continua apresentando números que conferem uma operacionalidade invejável se comparado a outros terminais privados e estatais do mesmo porte ou até mesmo de dimensões maiores.

Com seus 200 metros de cais acostável, o terminal possibilita a atracação de navios graneleiros - grânéis sólidos e líquidos - de até 80 mil toneladas a um calado de 40 pés. Apresenta ainda uma cadência de embarque na ordem de 2 mil toneladas/hora, sendo sua capacidade estática de 220 mil toneladas distribuídas em oito armazéns horizontais pré-moldados. O terminal pode receber os produtos por via rodoviária, ferroviária e hidroviária a uma cadência de 500 toneladas/hora em cada uma das modalidades operacionais, possibilitando com isso o funcionamento com até três tipos diferentes de cereais, simultaneamente.

Toda essa funcionalidade está, no pre-

O presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, o então ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli que representou o presidente da República durante a solenidade de inauguração do terminal Luiz Fogliatto



O Terminal da Cotrijuí

sente momento, atingindo o seu auge em função do escoamento da safra de grãos do Estado. Para se ter uma idéia, de janeiro até julho de 1993 já atracaram no terminal o total de 35 navios, sendo que somente nos meses de junho e julho, 19 navios carregaram produtos no terminal.

Dando suporte burocrático e realizando o trabalho de comercialização da safra agrícola, a Cotriexport, com seus escritórios em Porto Alegre e Rio Grande realiza tarefas de extrema importância para o bom andamento do terminal. Em Rio Grande, a Cotriexport atua junto a órgãos como a receita Federal, Saúde dos Portos, Capitania dos Portos, Deprec e outros para programar e liberar a documentação de navios, sempre em conjunto com os técnicos do terminal.

Outras instalações completam o complexo da Cotrijuí localizado na 4ª Seção da Barra - Distrito Industrial de Rio Grande. Moegas de descarga para caminhões e

vagões, secadores e exaustores de pó, instalações administrativas, setor social e o setor assistencial - gabinetes e ambulatório médico e dentário.

Um constante trabalho de manutenção e recuperação das instalações do terminal é feito durante a época da entressafra, de setembro a março, período em que o movimento diminui e todos os equipamentos de recepção e expedição recebem as devidas atenções corretivas. As duas moegas, uma exclusiva para o descarregamento de caminhões e outra rodo-ferroviária e as balanças de recepção que fazem, em média, de 200 a 400 pesagens por dia, precisam se recuperar do desgaste da safra anterior. O mesmo acontece com as balanças de expedição. Automáticas, cada uma das duas existentes tem capacidade para mil toneladas/hora.

Esse importante trabalho faz com que o Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto" continue mantendo a credibilidade e operacionalidade em alta. A nova lei de modernização dos portos permitirá, sem dúvida nenhuma, maior autonomia e flexibilidade para que o terminal trabalhe inclusive com cargas de terceiros - o que era proibido projetando desde já um aumento na movimentação para os próximos anos.

A hidrovia Ibicuí - Jacuí

Quando defendeu a ligação dos rios Ibicuí e Jacuí como necessidade básica para melhorar a estrutura de transportes no Estado com barateamento dos fretes, o Cotrijornal ressuscitou assunto que estava adormecido em papéis velhos de mais de século, guardados em estantes empoeiradas. O jornal cumpriu a tarefa que lhe foi imposta pela direção da Cotrijuí - e o fez a inteiro contento - pois conseguiu sensibilizar as autoridades para o projeto.

Foi nessa época - agosto de 1975/outubro de 1976 - que começou a se destacar como órgão de prestígio na comunicação social empresarial. Para usar frase de efeito, pode-se dizer que ele saiu dos limites da aldeia em que nasceu, modesto e tímido, como veículo de empresa, para ocupar espa-

ço bem maior, graças a abordagem de temas relevantes para o Estado e o país.

A campanha em prol da ligação dos rios somente foi considerada concluída quando os governos do Estado e da União assinaram o convênio para a construção da obra. O ato aconteceu no Palácio Piratini, a 4 de outubro de 1976, sendo assinado pelo então governador Sinval Guazzelli e pelo ministro dos Transportes.

O Cotrijornal considerou cumprida sua missão. É o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, endereçou o seguinte telegrama ao governador: "No momento que V. Excia. alcança o objetivo de sensibilizar o governo federal para a consecução do Projeto Ibicuí-Jacuí, com nossos cumprimentos,

desejamos comunicar-lhe a nossa disposição de continuar lutando ao lado de V. Excia. para a concretização total deste objetivo, que consideramos prioritário à capacitação competitiva de nossa produção primária nos mercados internos e externos.

Naquele ano - 1976 - o Cotrijornal foi destacado pela Associação Brasileira de Jornais de Empresa - ABERJE - com o primeiro prêmio na categoria "jornal externo de comunicação empresarial".

Infelizmente, a obra não chegou a ser iniciada. Problemas de ordem conjuntural e econômica motivadas, em parte, pela segunda crise mundial do petróleo, fez com que fosse adiada, o que ainda persiste. Mas o Cotrijornal cumpriu a sua parte.

ESTRUTURA DO PODER

Participação organizada

Como aumentar a participação dos associados nas decisões da Cooperativa? Este tema, ao lado de outros três - Capitalização, Amazônia e Mato Grosso do Sul -, foram assuntos para grandes debates no final da década de 70, como o próprio Cotrijornal teve a oportunidade de registrar inúmeras vezes durante estes 20 anos. Mas o assunto participação do associado, fundamental dentro do processo

global de desenvolvimento da Cotrijuí, foi o que ganhou mais espaços nas discussões.

A expansão horizontal da Cotrijuí e a diversificação das suas atividades resultou num quadro social numeroso - em torno de 18 mil agricultores na época - e heterogêneo, o que, de certa forma, comprometia a participação dos associados nas decisões da cooperativa. Mas como resolver e terminar com a aprovação de assuntos tão importantes para a cooperativa na base do "senta e levanta", como vinha ocorrendo durante as assembleias? Ou então, como trazer para as assembleias aquele associado que tem propriedade em São Sebastião, interior de Tenente Portela, por exemplo, que mesmo morando tão distante da sede da cooperativa, gostaria de participar das decisões que estavam sendo tomadas?

Dos núcleos, o fórum dos grandes debates na ocasião, o assunto evoluiu e foi parar no 2º Seminário Central de Produtores Rurais, realizado em abril de 1979, responsável pelo tom dado ao que atualmente se chama Estrutura do Poder dentro da Cotrijuí. A questão da participação do associado nas decisões da cooperativa começava a ser resolvida através da representatividade. "Vamos ter o direito e a oportunidade de tirar alguém do nosso meio para nos representar", dizia na época o seu Augusto da Silva, um associado de Mauá, interior de Ijuí, resumindo as expectativas do quadro social em relação a nova forma de



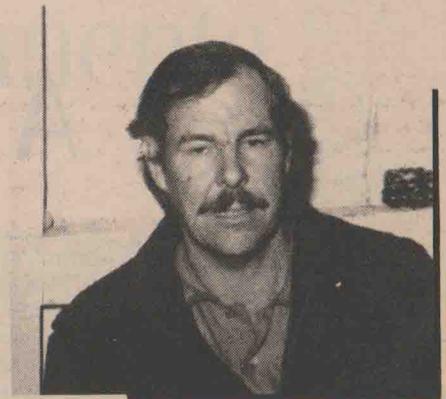
II Seminário de Produtores em 1979

representatividade dos associados da Cotrijuí.

Como não havia tempo a perder, em maio deste mesmo ano foram eleitos os primeiros 59 representantes, em caráter provisório, na proporcionalidade de 1 para cada 300 associados. Estes representantes tiveram como incumbência emergencial preparar a eleição dos Conselhos de Administração e Fiscal, que se realizaria em março de 1980 e ainda encaminhar a discussão sobre a Estrutura do Poder e a escolha dos novos representantes. A eleição para escolha dos novos representantes aconteceu em fins de 1980, quando então a proporcionalidade caiu para 150 associados. A prática, embora sem legitimidade, estava consagrada. Em 1984, um plebiscito deu sinal verde para que a Estrutura do Poder fosse oficialmente incorporado ao Estatuto Social da Cooperativa.

Nestes quase 15 anos de exercício e de divisão de responsabilidades, a Estrutura do Poder dentro da Cotrijuí tem mostrado que a participação de forma organizada tem levado a tomada de grandes decisões, todas elas fundamentais para o desenvolvimento da cooperativa e, por extensão, aos seus associados. Embora em constante aprimoramento, bem como requer os tempos modernos, a Estrutura do Poder é hoje uma forma de representatividade consolidada na Cotrijuí.

O produtor



7

"Eu leio todo o Cotrijornal e isso desde que foi criado em 1973. É um jornal que deixa o produtor bem informado sobre todos os assuntos que dizem respeito a propriedade rural, começando pelos custos de produção e passando pela comercialização. Gosto muito das páginas de Economia Rural, aquelas do Juliani, mas não dispense a leitura dos artigos do professor Age-miro Luís Brum. Além da necessidade de andar sempre bem informado a respeito do que está acontecendo com o mercado no exterior, o produtor não pode dispensar um controle muito bem feito em cima dos custos de produção. Desse controle depende o sucesso da atividade, inclusive para a lavoura da soja. Também gosto de ler artigos que falem do solo, plantio direto, reflorestamento, ecologia, pecuária. Na minha avaliação de leitor assíduo, tenho a dizer que o Cotrijornal evoluiu muito nestes 20 anos. Só está faltando mais matérias sobre a Cooperativa. Mas como jornal rural, ele é muito importante".

PAULO DARI SCHOSSLER - produtor em Rincão Seco - Augusto Pestana

As principais manchetes da década de 70

- * É dos Agricultores o maior Terminal.
- * Cotrijuí no Mercado Comum Europeu.
- * Expectativa em torno do preço do trigo.
- * Presidente Geisel viu nosso Terminal.
- * Cotrijuí em Brasília com ministro da Agricultura.
- * Plantio direto em teste.
- * Agricultores da região nos EUA.
- * Veja o peso econômico da Cotrijuí no País.
- * A Cotrijuí no mercado externo: Óleo de soja.
- * A difícil previsão do mercado da soja.
- * Quanta soja vai fora na lavoura.
- * Quem dá opinião em preço da soja.
- * Este Porto leva a marca da agricultura gaúcha.
- * Ligação Ibicuí-Jacuí: A obra que não começa.
- * Vale a pena plantar trigo?
- * Leite, opção de diversificação.
- * Diversificar é preciso.
- * Debate: Falta de terra.
- * Quando a terra é pouca: Qual a solução?
- * Ameaça ao cooperativismo.
- * A terra escapa do jovem rural.
- * Novo mercado para a soja: O futuro.
- * O poder em discussão.
- * O gaúcho vê o Mato Grosso.
- * Previdência: O colono às voltas com a saúde.
- * Representantes: Uma função por cumprir.
- * O agricultor vai às urnas.
- * Pacote: Crédito mais caro.
- * Ferrovia e rodovia: Nossas necessidades.
- * Como se planta o trigo.
- * Ministro dos Transportes ouviu reivindicações da Cotrijuí.
- * Cai produção agrícola na América Latina.
- * Comunidade e educação vão ter programa.
- * O gaúcho cultiva soja desde o começo do século.
- * Cotrijuí assumiu posto agropecuário de Ijuí.
- * Novo específico para o trigo da safra.
- * Cotrijuí pesquisa mercado europeu.
- * Uma página para a mulher.
- * Governador em Ijuí: Inaugurou obras e visitou a Cotrijuí.
- * Cotrijuí alarga suas fronteiras.
- * Cotrijuí aos vinte anos.
- * Frustração do trigo: Entidades de classe apelam ao governo.

Colza: experiência de 20 anos

Em 1974 os agricultores conheceram a colza, uma planta oleaginosa trazida da Alemanha pela Cotrijuí. As experiências com a nova cultura na área de ação da Cotrijuí trouxe ao Estado e, em especial a região, o diretor do Instituto de Melhoramento Genético de Plantas da Universidade de Göttingen, da então Alemanha Ocidental, o especialista Gerhard Röbbelen. A cultura teve problemas de adaptação, logo superados. Em pouco tempo a colza ocupou em torno de 20 mil hectares de lavoura no Estado e cerca de 8 mil hectares na área de atuação da Cotrijuí. Quando o próprio agricultor pensava que tinha encontrado mais uma alternativa para a lavoura de inverno, um incidente na Espanha, com a intoxicação de algumas pessoas que consumiram óleo com corante, tirou a colza do mercado e da lavoura. Toda a produção daquele ano, que tinha por destino a indústria de óleo comestível, foi para a indústria siderúrgica. Passa-

dos quase 20 anos do incidente ocorrido na Espanha, a colza, numa jogada de marketing ganhou um novo nome - canola - e evoluiu à lavoura dos agricultores paranaenses e à mesa do consumidor brasileiro. Na região, onde ainda é conhecida como colza, essa oleaginosa nunca chegou a sair em definitivo da lavoura dos produtores associados da Cotrijuí. São quase 20 anos de experiência acumulada para uma lavoura que este ano está ocupan-



Colza, ainda hoje na lavoura do associado da Cotrijuí

do 1.092 mil hectares e que encontra consumo no restrito mercado de criação de pássaros. A CTC-4 é ainda hoje a cultivar plantada pelos produtores da região.

A Cotrijuí na Campanha

COTRIJORNAL
20
ANOS

Sob o título "Cotrijuí alarga suas fronteiras", o Cotrijornal que circulou no mês de março de 1977 noticiava, em manchete de primeira página, a incorporação da Cooperativa Pedritense de Produtos Agropastoris. A Cotrijuí, que tinha se expandido anos antes até a orla marítima, com a construção do Terminal Luiz Fogliatto, no porto de Rio Grande, alcançava então a região da Campanha gaúcha, ao incorporar co-irmã que até então havia operado na atividade pecuária.

Consolidava-se, na prática, a filosofia da economia casada. A soma da agricultura com a pecuária, visando a uma economia de escala, a maneira mais coerente de se alcançar o progresso no campo, com seu equivalente na cidade.

Passaram-se 16 anos daquele acontecimento. Alguns dos objetivos e intenções que se buscava, não foram atingidos. Porém, as intenções continuam de pé. A infraestrutura, uma das mais sólidas e bem redimensionada da Campanha gaúcha, está montada e em ação, apesar de não vir operando com sua capacidade real.

Mas o trabalho continua. A região é rica e se capacita cada vez mais de valores humanos, enquanto a crença no cooperativismo, se não evolui no número de adeptos,



A
Unidade
de Dom
Pedrito

tos, se consolida cada vez com maior força na fé dos que acreditam nele. Por tudo isso, é pela certeza de que o futuro vai ser promissor para Dom Pedrito, a Cotrijuí continua apostando nele, com a mesma confiança e determinação com que foi motivada em março de 1977, quando lá chegou movida pela fé no cooperativismo, e na força de trabalho dos pedritenses.

O projeto que não saiu do papel

Na década de 70, empolgada pela idéia de desenvolver um projeto de colonização, a Cotrijuí foi até a Amazônia, onde chegou a adquirir do Inbra, uma área de 400 mil hectares, próxima a Altamira, no Pará, bem ao sul da Rodovia Transamazônica. Na década de 70, o Cotrijornal acompanhou a direção da Cotrijuí e seus conselheiros numa visita de reconhecimento à região. A idéia da Cotrijuí era a de criar toda uma infraestrutura física que possibilitasse implantar na região um projeto de colonização com a transferência de 2.000 famílias de pequenos associados. No período de março de 1979 a fins de 1981, a Cotrijuí, a convite do Inbra, chegou a participar de um outro projeto, administrando uma usina de açúcar e de álcool e uma serraria - alugadas do Inbra - e que pertenciam a Cooperativa Integral de Reforma Agrária/Projeto Canavieiro Abrahan Lincoln. Uma série de entraves e dificuldades ocasionada em função de interdição feita pela Funai em 60 por cento da área, com a alegação de que haviam índios na região, fez com que o projeto jamais saísse do papel e das intenções. Em 1988, a Cotrijuí, num acerto com o Inbra, devolveu a área.

Passagem pelo MS

Em janeiro de 1978 a Cotrijuí chegou ao cerrado através da incorporação da Cooperativa Agropecuária Mista de Maracaju Ltda, na ocasião em dificuldades financeiras, no Mato Grosso do Sul, com sede em Maracaju e abrangência em Rio Brillhante e Sidrolândia. No final dos anos 80, a Cotrijuí passou a atuar em 12 municípios do Mato Grosso do Sul, colocando à disposição do quadro social toda a infraestrutura necessária para que a lavoura de trigo e de soja pudessem responder às expectativas dos produtores.

Uma discussão levantada em meados de 1982 e reforçada em 1983, sobre o tamanho da Cotrijuí, deu origem a um outro debate que se estendeu até o final da década: o do desmembramento. Em 1990, um

plebiscito envolvendo os associados das três regionais, coloca um ponto final na discussão. Amadurecida e maior de idade, a Regional do Mato Grosso do Sul se desmembra da Cotrijuí, formando uma nova cooperativa, totalmente independente, a Cooperativa Agrícola e Industrial Ltda. Na separação, a Cooagri levou junto um patrimônio considerável e um quadro social de 2.795 agricultores. "A Cotrijuí, disse Oswaldo Meotti, na época presidente do Grupo, perde apenas em estatística, pois o desmembramento em nada altera a sua atuação no Rio Grande do Sul". Com o desmembramento da Regional do Mato Grosso do Sul, a Cotrijuí encerrava mais um capítulo da sua histórica trajetória, o da expansão horizontal.

O produtor

"Gosto muito de ler, e até quando tenho visita eu leio um pouco nem que seja antes de dormir. Leio todos os jornais, tanto da região como o Celeiro, Atualidades e da capital, o Zero Hora, mas o Cotrijornal é o que mais interessa porque ele incentiva o agricultor, seja na microbacia que é um assunto que eu conheço bem os benefícios por experiência na propriedade - a gente fica despreocupada com a erosão -, pela suinocultura ou produção de leite. A primeira parte que eu leio é sobre o gado leiteiro e as entrevistas com outros produtores, porque é a atividade de defesa da casa e é bom ficar sabendo das novas técnicas e programas como a importação de vacas que me interessou muito. Mas eu também gosto muito de ler sobre avicultura, que é uma atividade que eu convivi desde criança, já me deu boa renda e me segura a morar no interior. Faço coleção do Cotrijornal e sempre que ele chega à Cooperativa, levo um para mim, outro para o filho e também para o empregado, mas quem



primeiro pega o jornal são as minhas netinhas, que gostam muito de pintar o Cotrijornal. Faço votos que o Cotrijornal melhore ainda mais. Ele é sensacional. O que a gente pensa e gosta tem nele".

MARIA ROVENA FRITZEN - produtora em Linha Modesta - Chiapetta

As principais manchetes dos anos 80

- * Pacote: quem ganhou?
- * Terra: A Igreja toma partido.
- * Estrutura do poder. É preciso voltar às bases.
- * Confisco: Lá se vai o nosso lucro.
- * Queda do confisco. O fruto da consciência
- * O que o jovem pode esperar do futuro?
- * O produtor atolado nas dívidas.
- * Subsídio: O pão barato saiu caro.
- * Estrutura do poder. Novos caminhos.
- * Trigo: Os pequenos buscam outra saída.
- * Pobres solos os nossos.
- * Quem está ganhando com a crise do porco.
- * No inverno a terra ficou nua.
- * Crédito: O colono mordeu a isca.
- * Diversificação aprovou no teste do inverno.
- * Nossos solos cada dia menos férteis.
- * Plantio direto: Ganhando a confiança do produtor.
- * Plebiscito: Hora de decidir.
- * Inverno: O crédito fica de lado e o trigo é plantado por conta.
- * O grito do campo.
- * Suinocultura: Uma volta ao passado com as raças crioulas.
- * Moinhos: Os primos pobres.
- * Seca: O rastro da destruição.
- * Trigo: O desafio de aumentar a produtividade.
- * A caminhada pela terra.
- * Trigo: Os pequenos arriscam de novo.
- * Reforma agrária: Ameaça de levante.
- * Subsídio: A quem interessa?
- * O protesto dos agricultores.
- * Pacote: Mudanças no crédito rural.
- * Cooperados: Produção organizada.
- * Solos: O primeiro grande projeto de microbacias em Ijuí.
- * A grande virada do trigo.
- * Crise: O porco só paga o que come.
- * Seca: O desastre da safra.
- * Subsídio: Será o fim mesmo?
- * Projeto solos: Produtividade à vista.
- * Projeto solos: Investimento para o futuro.
- * Plano verão: Um pacote com muitas falhas e indefinições.
- * Estrutura do poder: Um desafio permanente.
- * Conservação do solo: Plantio direto se decide no inverno.
- * Crédito: O dinheiro é pouco.
- * Sem-terra: Dez anos de luta.
- * Eleição presidencial: É hora de decidir os rumos do Brasil.

SOLOS

Preocupação permanente

Manejo adequado do solo sempre foi uma preocupação para a Cotrijuí, mesmo quando as práticas conservacionistas se resumiam ao terraceamento de base estreita resultante da primeira iniciativa que se teve pela região, que foi a Associação Conservacionista de Ijuí, fundada em 1965. A partir de 1972, vivendo o embalo da expansão da soja, a região passou a estimular novas tecnologias, fazendo as primeiras experiências com o plantio direto e alertando o produtor sobre uma das práticas mais erosivas que se conhece - a queima da palha -, com o objetivo de controlar a erosão e evitar a destruição da biologia do solo.

Estas experiências tornaram-se duas das principais recomendações do Projeto Integrado de uso e Conservação do Solo, o Pius. O projeto foi promovido pelo Cessolo-RS e criado em 1979, por técnicos e pesquisadores ligados a diversas instituições, como a UFRGS, a UFSM, a UFPel, a UPF, Embrapa-CNPT, Emater, Secretaria de Agricultura do Estado, Fecotrijo, Cotrijuí, Cotrisa e outras cooperativas.

Embora tenha durado pouco tempo, o Pius foi decisivo para a aceitação e expansão das práticas conservacionistas, alterando o enfoque da conservação do solo. A partir dele, o terraço deixou de ser a única prática fundamental, somando-se ao manejo do solo, a não queima da resteva, ao menor trânsito de máquinas, ao plantio direto, a redução no uso de agrotóxicos e especialmente a rotação de culturas, incluindo culturas alternativas capazes de descompactar e reestruturar o solo, e necessária ao controle de doenças proliferadas pela monocultura.

Com o avanço da diversificação de culturas na década de 80, uma proposta que somente se consolidou com a adoção da cobertura vegetal do solo no inverno -, a conservação do solo apregoada pelo Pius, se transformou em trabalho mais sistemático e abrangente, envolvendo um maior número de produtores. A troca de informações com outras regiões como era o caso de Toledo, no Paraná, também começou a ficar mais frequente, levando a região a construir os seus primeiros terraços de base larga em nível. Uma técnica que ajuda a eliminar as tradicionais barrocas e tem mudado o curso do escoamento da água, fazendo com que ela saia da estrada e seja canalizada para a lavoura.



Da experiência pioneira de produtores como Rudy Bönmann nasceu o projeto regional de microbacias

MAIOR PARTICIPAÇÃO - À inovação técnica se seguiu também uma nova postura para lidar com a terra, como se viu em 1985, pela experiência pioneira na Linha 8 Oeste de Ijuí, onde os produtores Rudy Bönmann e Eloi Fries construíram os seus primeiros terraços de base larga em nível sem respeitar divisas de propriedades. Pouco depois a Cotrijuí lançava o seu primeiro programa de conservação do solo, orientado pela participação comunitária e pela adoção de práticas de manejo do solo e do meio ambiente.

No mesmo ano de 85 já estavam em andamento os primeiros projetos de microbacias hidrográficas da região, que vieram posteriormente a integrar o programa oficial do Estado, somente lançado em 1987. A esta organização e também reconhecendo a necessidade de melhorar as propriedades físicas, químicas e biológicas do solo para aumentar as médias de produtividade das principais culturas exploradas na região, a Cotrijuí respondeu com um gran-

de projeto de recuperação do solo, lançado com o apoio do Banco do Brasil, com o objetivo de corrigir a acidez e a fertilidade de 180 mil hectares de terra.

Todas as iniciativas anteriores foram decisivas para que em 1991, surgisse a proposta mais ousada desses 20 anos - o Programa para a Próxima Década. Um plano baseado na recuperação e conservação do solo e do meio ambiente de 350 mil hectares e destinado a mudar o perfil produtivo, econômico e social da região.

Em razão da profundidade dos seus objetivos, toda a comunidade regional é chamada a participar dessa empreitada, que veio a ser formalizada agora em 93, com o lançamento da campanha regional "Microbacias: a salvação da terra... a salvação do homem", patrocinada pela Cotrijuí, Emater e prefeituras da região, onde os investimentos planejados sobre a terra são o primeiro passo para reverter a estagnação produtiva e estancar os surtos migratórios.

TRIGO

Importância estratégica

Atricultura passou a década de 70 ocupando grandes extensões de lavouras na região e no Estado. A empurrá-la nesse avanço horizontal, o crédito rural abundante e subsidiado e a falta de alternativas para o produtor colocar em cima da terra nos meses de inverno. Contrastando com o tamanho da lavoura e o dinheiro barato, as médias de produtividade, que mal passam dos 1.000 quilos por hectare - quando passavam. Entre as extensas lavouras e as médias de produtividade, a barreira da falta de variedades adaptadas para a região, de um manejo adequado, tanto de solo, como de pragas, doenças e invasoras. Uma das maiores lavouras destes últimos anos foi cultivada em 1979, quando só na Região Pioneira da Cotrijuí, o trigo ocupou 238.560 hectares. De lá para cá, o trigo, depois de algumas idas e vindas, conseguiu encontrar o seu ponto de equilíbrio em termos de tamanho das lavouras.

Entrou a década de 80 com uma la-

voura menor - em 1980 ele ocupou 177.501 hectares e em 1981, 90.400 hectares. Teve amparo do crédito rural subsidiado até por volta de 1984, mas continuava não oferecendo respostas em termos de produtividade. Com o apoio da pesquisa que soube colocar nas mãos dos tricultores materiais mais resistentes às doenças, às pragas e perfeitamente adaptados às condições climáticas e de manejo da região, o trigo atravessou a segunda metade da década com uma outra performance. A lavoura continuou menor, mas os índices de produtividade quase levaram a tricultura nacional a auto-suficiência. Esse avanço técnico tem ainda por trás, a incorporação de tecnologia e o entendimento do produtor de que era preciso dar um outro tratamento à lavoura, caso quisesse fazer frente aos elevados custos de produção.

O tão festejado avanço da tricultura não vai longe. A contrastar com as no-

vas perspectivas de produção e estabilização da lavoura, o trigo se depara com a política de privatização - colocada em prática a partir de 1990 -, que o faz passar por períodos de incertezas e de preços baixos. Agravando o quadro, a política do governo de priorizar as importações em detrimento da produção interna. Essa política oficial de desestímulo tem resultado numa lavoura pequena. Mas os rendimentos alcançados - na lavoura de 1992, quando foram plantados 49.400 hectares, o rendimento médio da região foi de 1.872 quilos por hectare - mostram que o trigo pode responder muito bem a incorporação de tecnologia.

Mesmo diante de tantos descasos, plantar trigo é imprescindível. Além de ser a única alternativa de inverno capaz de diluir os custos fixos da lavoura de verão, em especial da soja, o trigo assume ainda uma importância estratégica muito grande em termos de produção de alimentos.

COTRIJORNAL
20
ANOS

MILHO

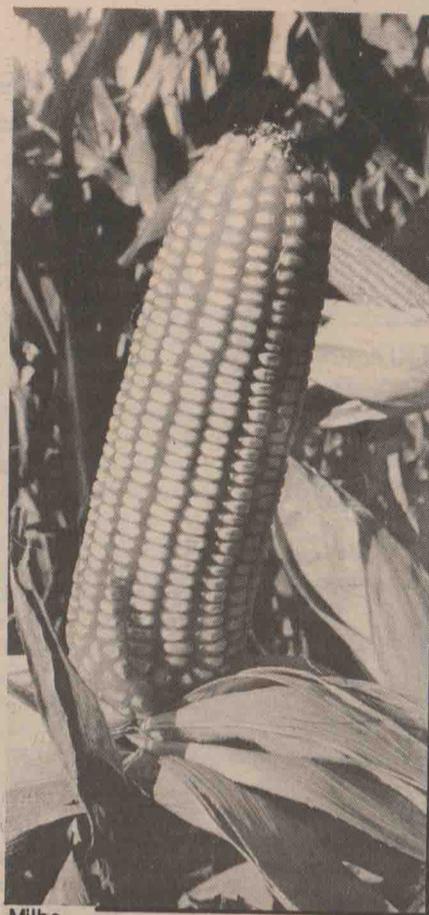
O combustível da propriedade

Depois de amargar um período longo de "safras amargas", o milho cresce em importância na região e transforma-se no "combustível da propriedade". Essa importância para uma cultura que até meados dos anos 80 era cultivada nas piores áreas da propriedade, levando muito pouco adubo e quase nenhuma tecnologia, vem sendo puxada pelo incremento do uso do milho na alimentação animal, através da formulação de rações, na rotação de culturas e no consumo humano e industrial. A instalação de uma agroindústria pela Cotrijuí na região representa mais um motivo para que os produtores continuem plantando e colhendo bem.

Embora existam motivos de sobra para que o milho continue crescendo em importância nas propriedades da região, isso não significa, no entanto, que o produtor tenha que encher suas terras com a cultura ou entendê-la como uma lavoura a competir com a soja. A idéia da Cotrijuí e que tem como base os programas na área animal e a própria agroindústria, é de que o produtor ocupe em torno de 30 por cento de suas lavouras de verão com o milho, desde que cultivado em condições para que

possa expressar todo o seu potencial produtivo. O uso da tecnologia recomendada - a prova mais evidente destes últimos anos tem sido as áreas demonstrativas implantadas na região - leva o milho, mesmo o cultivado a nível de propriedades, a atingir excelentes resultados. A média das áreas demonstrativas da safra 92/93 foi de 6.200 quilos por hectare, mas alguns produtores ultrapassaram os 10 mil quilos por hectare. A demanda a ser gerada assim que a agroindústria entrar em funcionamento - ele deverá beneficiar 45 mil toneladas de milho por ano - e mais o crescimento da produção animal, deverão puxar a produção e a qualidade para cima.

Junta-se a estes fatores a questão da rotação de culturas, onde o milho aparece como a mais importante alternativa para rotacionar com a soja, destacando-se como um dos meios mais econômicos de controle das principais pragas e doenças que hoje atacam a lavoura de soja. O próprio produtor já está sabendo que, para que a soja continue existindo e tendo a dimensão econômica que sempre teve na região, precisa rotacioná-la com o milho.



Milho

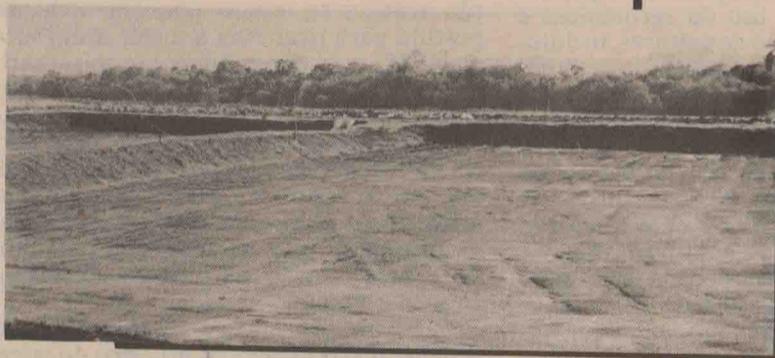
10

COTRIJORNAL
20
ANOS

PISCICULTURA

Referência no Sul do país

900 hectares de laranja



Centro de Piscicultura

A história da criação de peixes na região da Cotrijuí confunde-se com o próprio movimento de retomada e valorização da produção diversificada nas propriedades rurais, iniciada ainda na década de 70. Em agosto de 1977, a piscicultura foi parar, pela primeira vez, nas páginas do Cotrijornal. Numa reunião do departamento técnico da Cotrijuí, onde o assunto em pauta era a diversificação, uma pergunta surpreendeu a todos: como recuperar os açudes contaminados da região? A resposta também não demorou a ser encontrada: incentivando o agricultor a criar peixes. Desde a realização desta reunião, a piscicultura não parou mais de fazer notícias.

Em 15 anos, o programa, que teve o apoio do Centro de Treinamento da Cotrijuí através da construção de uma Estação de Piscicultura com tanques e laboratório de reprodução, evoluiu de tal forma que a Cotrijuí, no Sul do país, transformou-se numa referência em termos de peixes. "Esta constatação pode ser avaliada pelo interesse de outras instituições que, espelhadas no exemplo da Cotrijuí, vêm procurando viabilizar esta atividade", diz o Supervisor de Piscicultura da Cotrijuí, Altamir Antonini para quem a piscicultura, se bem conduzida, traz bons retornos econômicos para o criador.

A busca constante de atualização tecnológica, a introdução e avaliação das espécies mais indicadas e a preocupação com os anseios e expectativas dos produtores na construção de açudes e o aumento da produtividade levaram a piscicultura a se transformar, num curto espaço de tempo

em uma atividade consolidada. Por ser uma atividade relativamente nova na região, tem se observado crescimento e inovações de ano para ano, "o que remete a piscicultura ao destaque como prática agropecuária que mais cresce na região", observa Altamir, lamentando no entanto o descaso da política governamental. Mas elogia as atitudes das prefeituras da região que vêm apoiando firmemente os projetos da Cotrijuí nesta área.

Diante desta perspectiva e alicerçada por know how desenvolvido na região, a Cotrijuí vem planejando e definindo vários projetos que, indiscutivelmente, serão fundamentais para efetivamente colocar a piscicultura como uma alternativa de produção. Dentre estes esforços, o Altamir cita a construção de um moderno Centro de Piscicultura a nível regional, localizado em Monte Alvão, Ajuricaba, e a consolidação dos programas de produção de peixes, como o cooperado, por exemplo. Ainda a animar os produtores envolvidos com criação de peixes, a perspectiva, a médio prazo, de uma unidade beneficiadora de pescado, "com a possibilidade de otimizar outros subprodutos, além da carne e a busca dos canais de comercialização do pescado tanto "in natura" como resfriado, congelado ou beneficiado. A ser considerado como indicador da expansão da área de cultivo a construção de viveiros novos e o aproveitamento do grande número de barragens existentes na região e que normalmente não estão sendo utilizadas. Soma-se todos estes esforços a constante geração e difusão de tecnologias em sistemas de cultivo, propagação, manejo e alimentação.

Na região da Grande Portela - Tenente Portela, Barra do Guarita, Vista Gaúcha, Miraguai e Derrubadas - brindada pela natureza com um microclima especial, a laranja sempre rendeu boas colheitas, nem que fosse para o consumo da família e abastecer os conhecidos que moravam na cidade. Essa tendência e a experiência realizada na década de 80 com alguns pomares comerciais, de pequena escala, mas apresentando resultados, tanto técnico como comercial, serviram como referência para que a citricultura tomasse outra dimensão na Cotrijuí a partir dos anos 90. Essa nova dimensão que passa a tomar a atividade na região foi, também ajudada por um estudo feito pelo Conselho Estadual de Citricultura, apontando as dificuldades de abastecimento interno e as perspectivas de demanda, a potencialidade da região da Grande Portela e Coronel Bicaco e o apoio financeiro do governo do Estado. Esse ensaio feito nos anos 80 transformou-se, nesta década de 90, em 900 hectares de pomares de citros, sendo que destes, 250 hectares já deverão estar produzindo a partir deste verão.

Para os anos 90, além de expandir em área, o grande desafio da citricultura na região é chegar a um produto de qualidade, adequado às exigências do mercado que é potencial e criar canais eficientes para o escoamento dessa produção. Isso passa por uma unidade de beneficiamento de frutas, conforme pretende a Cotrijuí e a busca de uma alternativa agroindustrial. Para o produtor, o grande desafio se concentra na sua própria profissionalização. Como a atividade é nova, terá que assimilar tecnologias e encará-la sobre outro ângulo, dando ênfase para os aspectos econômicos, pois ela irá incorporar uma nova receita à propriedade. Em termos de instrumentalização do produtor, a própria Cotrijuí vem colocando à sua disposição vários mecanismos e que incluem desde o associativismo para aquisição dos equipamentos necessários, até cursos, treinamentos, dias de campo em pomares demonstrativos, entre outros.

LEITE

Atrás da eficiência

O problemático e desgastante leite do início dos anos 80 chega a década de 90 com um novo status e transforma-se na principal atividade de produção animal dos associados da Cotrijuí. Envolve em torno de 4.600 produtores, responsáveis por uma produção que fechou o ano de 1992 em 53 milhões de litros. Mensalmente passam pelas mãos dos produtores em torno de 725 mil dólares, a receita obtida com a atividade na região.

Mas o crescimento e a consolidação da atividade leite na região não aconteceu por mero acaso. Foi preciso que a soja e o trigo enfrentassem algumas frustrações de lavoura, que os juros cobrados pelos financiamentos destas lavouras ficassem pela hora da morte, que os recursos oficiais escasseassem e que os custos da produção chegassem onde chegaram para o produtor entender que já não era mais possível sobreviver com a receita de apenas duas lavouras. O leite sai então do anonimato, ganha melhor tratamento e passa a responder por boa parte da receita obtida na maioria das propriedades e em perfeita integração com a produção de grãos.

Projetado como atividade economicamente rentável, o leite vem recebendo da Cotrijuí/CCGL, todas as atenções necessárias para que continue crescendo. É hoje a única atividade totalmente financiada, com pagamento feito pelo sistema de troca por produto. Esse financiamento possibilita que o produtor possa adquirir ani-

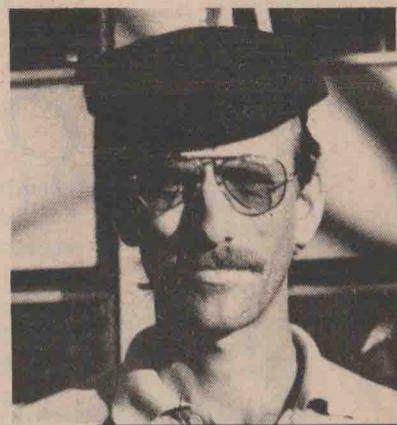
mais, equipamentos - ordenhadeiras, resfriadores -, ensiladeiras e trituradores e ainda plantar forrageiras tanto para pastoreio direto como para silagem.

A redução nos custos de produção via eficiência produtiva é, ainda hoje, o pulo que o leite precisa dar para alcançar um crescimento vertical e proporcionar ao produtor maiores retornos econômicos e condições para que possa enfrentar a competitividade do mercado. Evidentemente que estes desafios passam, acrescidos de uma melhor escala de produção, pelo manejo alimentar correto do rebanho, pela melhoria genética dos animais - via inseminação artificial ou introdução de novos animais na propriedade.

EVOLUÇÃO DA PECUÁRIA LEITEIRA NA COTRIJUI

ANO	Nº PRODUTORES	PRODUÇÃO EM LITROS
1977	630	4.345.420
1978	1.705	9.387.014
1979	2.300	16.924.534
1980	2.953	19.186.000
1981	2.989	22.903.599
1982	3.143	24.236.562
1983	3.015	21.114.063
1984	2.830	19.165.022
1985	3.075	20.901.537
1986	3.546	24.092.730
1987	4.110	29.192.334
1988	4.760	36.118.798
1989	4.931	39.771.122
1990	4.854	40.936.768
1991	4.929	46.758.465
1992	4.610	52.940.433

O produtor



"Eu sempre leio o Cotrijornal e há um bom tempo venho arquivando todos os seus exemplares. Também sou um dos seus distribuidores na minha localidade e o utilizo bastante em um programa de rádio semanal do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Augusto. Quando o jornal chega lá em casa, a primeira coisa que o meu piá faz é olhar a folha central do Cotrisol. Depois vejo a minha parte, onde sempre procuro ler as entrevistas com os produtores, porque ali está sendo questionada a atividade dele, ele está contando o que aconteceu na propriedade e falando da sua realidade. Essa é a primeira olhada. Depois eu e a esposa vemos o jornal em detalhes, umas cinco ou seis vezes no mês. Na minha opinião, o produtor tem que ser curioso, tem que querer saber das coisas que acontecem fora da sua propriedade. Daí os benefícios dos dias de campo acompanhados também pelo jornal para mostrar novas tecnologias e as melhores formas de aumentar a produção. Afinal nada melhor do que ver o exemplo do vizinho."

OSVINO BARTSCH - produtor em São Jacó - Santo Augusto

O resgate de quem ajudou a fazer a história

O suíno sempre teve tradição na região. Como um dos elementos da história de fundação de Ijuí, o suíno chega pelas mãos dos colonizadores italianos e alemães e transforma a região num grande centro atacadista de banha, onde o milho era a base de sustentação da atividade. A entrada dos óleos vegetais no mercado e a descapitalização dos produtores nos anos 30, provocou o declínio da suinocultura na região. Ressurge da crise, mas deixa a o porco banha de lado. Os tempos eram para o suíno tipo carne. Como a maioria dos colonos não conseguiu acompanhar as inovações tecnológicas que a produção estava a exigir na época, a suinocultura entra mais uma vez em declínio. Mas a grande verdade é que, nos tempos do porco banha, o colono ganhou muito dinheiro. Muita terra foi comprada com o dinheiro do porco.

Sempre que se fala em suíno na região, os historiadores costumam dizer, com toda a propriedade, que esse desaparecimento da atividade por determinado período, representa hoje uma geração da suinocultura que ficou perdida. A tentativa de resgate da atividade passou pelas raças rústicas e se consolidou com a entrada de novas raças que trouxeram juntas novas tecnologias de produção. Esses ingredientes, associados a necessidade de se buscar novas alternativas de receita para a propriedade, tiraram o suíno de dentro do chiqueiro rude e o levaram para modernas instalações e a um novo sistema de produção, totalmente voltado para o mercado da carne. Nessa volta, o suíno atravessou uma grande crise no final dos anos 70, quando

teve que engolir uma peste - a Peste Suína Africana - que até hoje não ficou muito bem explicada, mas que dizimou plantéis inteiros nas principais regiões produtoras do país. Passou os anos 80 envolto em muitas outras crises, quase todas elas com um referencial: preços. Mas a pior de todas e que, por tabela encerrou a atividade em muitas propriedades,

nasceu com o Plano Cruzado. Nesta época, os produtores costumavam dizer que o suíno mal pagava o que comia.

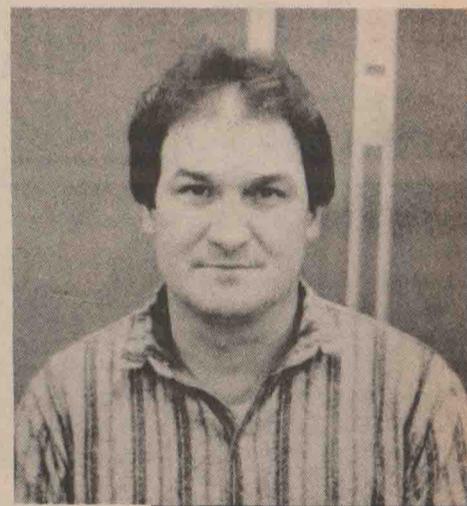
A suinocultura entra na década de 90 com um grande desafio: tornar-se eficiente. Considerando que a agropecuária precisa encontrar alternativas economicamente interessantes, viáveis tecnicamente e também social e ambientalmente, a suinocultura, que sempre teve tradição na região, entra e se encaixa como uma luva e tem todos os ingredientes para transformar-se em mais uma fonte de renda. Mas se quiser ser competitiva, terá que tomar o rumo da modernidade. Só que essa é uma tendência que passa, antes de mais nada, pela exploração cada vez maior da genética, da produção de um número maior de leitões, da produção de carne de melhor



Suinocultura: eficiência

qualidade, da redução na idade de abate, do melhor sistema de ganho de peso e da melhor conversão alimentar.

O caráter que assume, como mais um importante elemento a integrar o sistema de diversificação na região e, em especial pelo aproveitamento dos grãos produzidos na propriedade, leva a suinocultura a se fazer presente nas propriedades de 652 produtores associados da Cotrijuí, envolvidos no Programa Cooperado. Às 4.300 matrizes do Programa, deverão ser acrescentadas, a curto prazo, mais 1.500 oriundas dos 10 condomínios instalados na região. Toda a matéria prima da atividade vem sendo absorvida pela unidade industrial da Cotrijuí em São Luiz Gonzaga, abatendo, em média, 10.470 animais por mês.



"Órgão de fundamental importância na promoção e divulgação dos programas e metas em desenvolvimento na Cotrijuí, tanto na área política como técnica. Através do Cotrijornal, o produtor toma conhecimento de todos os avanços tecnológicos e do trabalho desenvolvido em todos os setores e atividades afins da cooperativa. Em função de características totalmente diferentes entre Dom Pedrito e a região Pioneira, o jornal mantém uma linha distinta de informação. Enquanto na Pioneira existe uma pluralidade de atividades - pecuária, lavoura, leite, suínos, hortigranjeiros, entre outros - a região de Dom Pedrito está hoje restrita praticamente a cultura do arroz. Por essa razão, sua participação no Cotrijornal é mais singular".

JOSÉ ANTÔNIO PETERLE - produtor e representante da Cotrijuí - Unidade de Dom Pedrito

COTRIJORNAL

20 ANOS

CRÉDITO

Do subsídio aos juros elevados

O Sistema Nacional de Crédito Rural - SNCR, criado em meados da década de 60, funcionou como importante instrumento de política agrícola, sendo responsável por significativas mudanças no processo produtivo agrícola. Nestas condições, contribuiu decisivamente para alterar estruturalmente o funcionamento da economia brasileira. A afirmação é do assessor de Economia da Fecotriço, Paulo Roberto da Silva, ao resgatar um pouco da trajetória do crédito rural no Brasil.

Fundamentalmente, o crédito rural contemplava alguns objetivos, como o de aumentar a oferta de produtos para o mercado interno - principalmente os da cesta básica -, visando auxiliar no combate à inflação; ampliar os excedentes de produtos para exportação, buscando gerar divisas e auxiliar no saneamento da dívida externa, dentro do conhecido chavão "exportar é o que importa"; aumentar a demanda para máquinas, equipamentos agrícolas e insumos "modernos" - defensivos, corretivos e fertilizantes -, objetivando atender os crescentes interesses das indústrias e transferir mão-de-obra para os setores secundários e terciários e capitais para o setor financeiro.

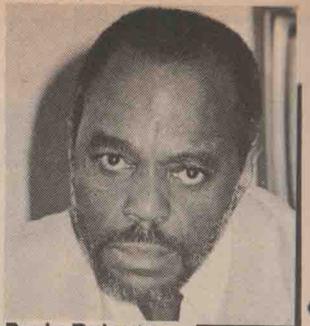
O plano arquitetado, segundo Paulo Roberto, obteve exuberantes resultados até quase o final dos anos 70. "Houve um aumento significativo do excedente agrícola gerado pelo incentivo creditício à produção", assinala, dizendo ainda que estava assim, sendo cumprida a diretriz de aumento da produtividade através do conhecido modelo de modernização da agricultura via adoção dos afamados "pacotes" tecnológicos. Esses pacotes traziam abundância de recursos e taxas de juros altamente subsidiados - para fertilizantes e corretivos, a taxa foi de zero por cento de 1974 até 1979.

A crise da economia brasileira - iniciada

em 1973 e aguçada em 1977 - provocou grandes e crescentes reduções no subsídio embutido nos financiamentos agrícolas. O gráfico mostra o enxugamento dos recursos destinados ao setor, "principalmente a partir de 1980", observa Paulo Roberto colocando como destaque desta época a promoção de um redirecionamento com prioridade para créditos de custeio em detrimento dos créditos de investimentos.

O processo de eliminação gradativa dos subsídios, detonado em 1980, atinge seu auge em 1984, "quando os financiamentos à agricultura passam a ser repassados a taxas de juros semelhantes à de mercado". Inicialmente estavam atrelados a ORTN, depois a OTN, BTN e atualmente a TR. "O Sistema Nacional de Crédito Rural oportunizou o aumento de produção, preferencialmente de culturas mais capitalizadas e de exportação", analisa o assessor econômico da Fecotriço. O SNCR também priorizou aquelas regiões onde a agricultura estava mais habilitada a incorporar rapidamente as inovações técnicas.

PLANOS/CHOQUES - Além de desassistida, a agricultura brasileira vem carregando a mais pesada e injusta carga tributária do mundo, refletindo diretamente na elevação dos custos de produção", destaca, colocando ainda como agravante, os constantes atropelamentos feitos por planos/choques heterodóxicos do governo. Toda essa interferência do governo levou a agricultura "ao sucateamento, a descapitalização e ao endividamento", diz ainda citando, como mais recente, o fato de muitos bens de produtores terem sido arrestandos pelos agentes creditícios. Ao agir dessa forma, o governo simplesmente incapacitou a agricultura e está impedindo que

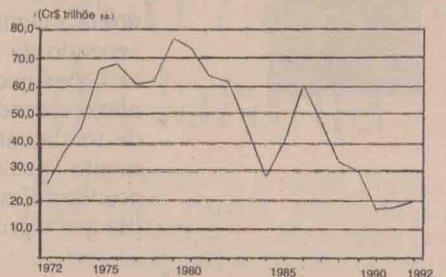


Paulo Roberto

ela exerça seu papel na retomada do crescimento econômico.

Para Paulo Roberto, ao lado das profundas e imprescindíveis mudanças estruturais que se impõe na economia brasileira, o setor agrícola deverá ser contemplado não mais com pacotes, "mas sim com um plano estrutural de médio e longo prazos, no qual certamente estará um novo sistema de crédito". Diz que a agricultura precisa de um sistema mais consistente, menos excludente, capaz de priorizar os investimentos, especialmente aqueles programas ambientais de conservação e recuperação de solos. Deve oportunizar o aumento da competitividade com rentabilidade compatível "e, fundamentalmente, contemplar, não somente culturas isoladas, mas a propriedade como um todo". Lembra que as nações desenvolvidas só conseguiram tal estágio depois de investirem organizadamente na agricultura. "A história registra e comprova tal assertiva e as gerações futuras certamente nos cobrarão tamanha omissão, principalmente quando tanto se fala no combate à miséria e à fome que vicejam violentamente por esse Brasil", afirma.

REVOLUÇÃO DOS RECURSOS PARA CRÉDITO RURAL - 1972/92



FONTE: INDICADORES ECONÔMICOS V. 20 Nº 3 NOVEMBRO/92
FEE - POA-RS - SILVA, P. R. N.

Os visitantes



Norman Bourlag ao centro

Citar os visitantes que passaram pela Cotrijuí ou pelo Cotrijornal é tarefa impossível diante da frequência de visitas de empresas ou grupos de pessoas que vieram conhecer a Cooperativa, trocar experiências, oficializar intercâmbios técnicos e culturais. Foram e ainda são muitos os visitantes, desde presidentes da república, dirigentes e produtores de cooperativas, empresários, técnicos e pesquisadores, representantes do governo federal, estadual e municipais, representantes de organizações como o OIT e a Companheiros da América, entidades bancárias, estudantes e outros tantos profissionais.

A primeira visita do general Ernesto Geisel ao Rio Grande do Sul, como presidente da república, foi registrada pelo Cotrijornal na edição de março de 74. O então presidente incluiu a Cotrijuí no seu roteiro, visitando especificamente o Terminal Graneleiro Luiz Fogliato, em Rio Grande, onde foi recebido pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva. Em outubro do mesmo ano também se registrou a presença de Norman Bourlag, Prêmio Nobel da Paz de 1970, em Ijuí, e que na época era diretor do projeto de pesquisa de produção do trigo do Centro Internacional de Melhoria do Milho e do Trigo, o Cimmyt, com sede no México.

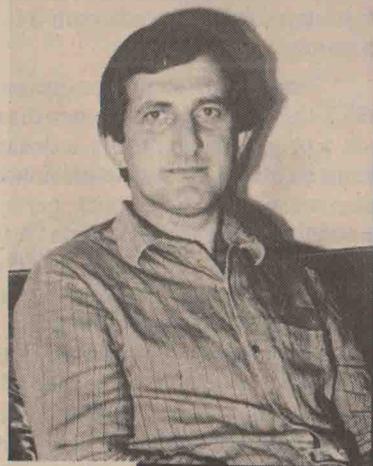


O Cotrijornal é muito importante e necessário. Quando se convoca uma reunião, por exemplo, e o associado não pode comparecer, por meio do jornal ele pode se informar e se atualizar. Mas não é só por isso. No Cotrijornal a gente vê o que é importante para a agricultura, para aquilo que a gente faz, o que a gente planta. Eu gosto mais da parte que trata da lavoura porque estou mais ligado a isso, mas acho que ele é bastante diversificado e contribui para as mudanças que tem que ser feitas na propriedade, para se incorporar novas tecnologias. Eu mesmo entrei no plantio direto através de muita informação vinda pelo jornal. Ali está tudo detalhado, é como se a gente participasse da reunião sobre determinado assunto. Do jeito que as coisas estão, o produtor tem que procurar se informar cada vez mais, pois quem não acompanha a situação não tem condições de se manter na terra.

PROTÁSIO LOTTERMANN - produtor em São Judas Tadeu e Linha Iracema - Chiapetta

O produtor

Eu leio e acompanho o Cotrijornal desde que ele surgiu, porque entendo que nós produtores precisamos ler matérias de jornais específicos que dizem respeito a nossa área e nossa atividade. E o Cotrijornal tem manifestado em suas edições assuntos técnicos e muito subsídio para que possamos melhorar a nossa propriedade, adotar novas tecnologias que surgem, como variedades mais resistentes a doenças, entre outros. A minha preferência é por assuntos técnicos, como a conservação do solo, que chamam muita atenção, plantio direto... Agora, entretanto, estamos em época de comercialização e a gente procura verificar primeiro as tendências do mercado e sobre o futuro da soja. Mas não é somente eu que leio o Cotrijornal. O meu guri também usa muito o Suplemento Infantil e acredito que, como eu, muitos outros produtores já têm sua base de formação, tem conhecimento para usufruir de uma leitura em benefício da propriedade. Acho também que houve evolução do jornal nesses vinte anos, houve aprimoramento na qualidade dos assuntos que vêm incentivar o produtor a produzir melhor.



JOSÉ NILTON SALLET - produtor em Sítio Olivério e Galpões - Coronel Bicaco

COTRIJORNAL
20
ANOS

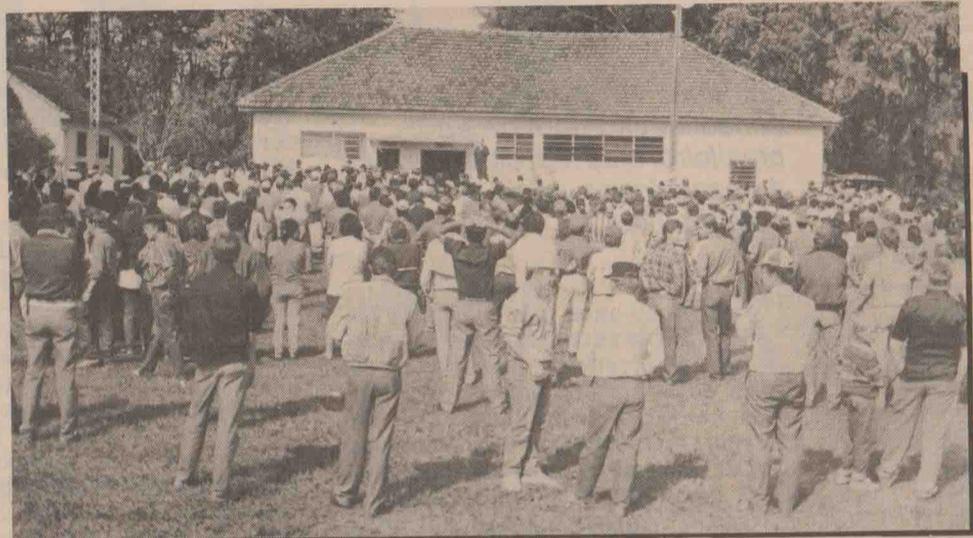
CTC

17 anos de pesquisa e difusão

A Cotrijuí, ao longo de sua história, sempre procurou dentro da filosofia cooperativista, estratégias em que a sua execução repercutisse de forma expressiva na maximização da eficiência cooperativa nas variadas atividades. Sua história revela atitudes de pioneirismo na área tecnológica contribuindo para seu destaque no cenário regional e nacional.

Na agropecuária, proporcionou avanços tecnológicos nos processos produtivos através da proposta da diversificação. "O Centro de Treinamento da Cotrijuí é fruto da atitude e decisão da Cooperativa em investir na geração de conhecimentos e tecnologias", assinala o gerente de Pesquisas da Cotrijuí, Luis Volney Mattos Viau. Ao longo dos seus 17 anos, o Centro de Treinamento da Cotrijuí tem procurado responder a esta decisão, com seu trabalho na pesquisa agropecuária e na sua difusão a nível de propriedade rural. Para Volney Viau, o CTC tem sido dinâmico no ajustamento do seu trabalho em função das demandas estabelecidas pela agricultura regional.

As incertezas geradas pela política



Um dia de campo

agrícola, causando inquietudes por parte dos produtores, tem requerido do CTC avaliação de estratégias tecnológicas que permitam dar aos sistemas de produção alguma sustentabilidade. Entre as propostas tec-

nológicas, Volney destaca o enfoque que tem sido dado na capacitação de agricultores no gerenciamento da sua produção, para o enfrentamento dos desafios da agriculturas do tempo presente.

Registros

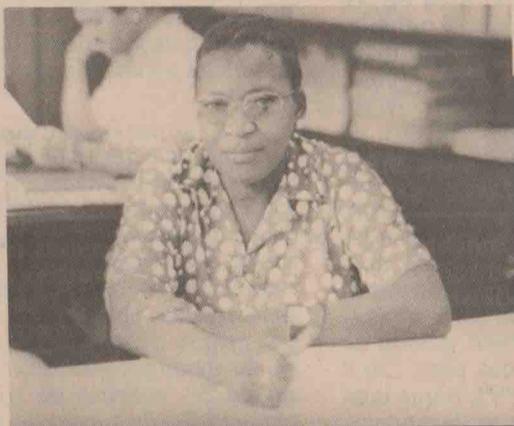


Os produtores uruguayos

Trocando experiências

Em março de 75, pouco tempo depois de um grupo de associados da Cotrijuí visitar os Estados Unidos, um grupo de agricultores norte-americanos ligados a Associação dos Produtores de soja de Minnesota veio conhecer a Cotrijuí e a região produtora de soja, dando início a um grande intercâmbio técnico e cultural entre produtores. Anos mais tarde vieram outros produtores norte-americanos, franceses e mais recentemente os produtores do Cone Sul. Em setembro de 91, o Cotrijournal registrou a visita de um grupo de produtores uruguayos da região de Puntas de Valdez, que ao contrário dos norte-americanos que discutiam a cultura da soja, vieram trocar experiências com seus colegas daqui sobre uma atividade de grande importância para as duas regiões: a produção leiteira.

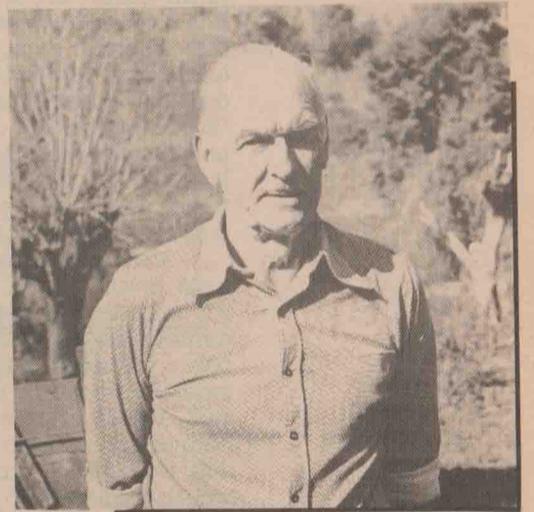
A estagiária que veio da África



Filomena Langa

Entre tantos estagiários que passaram pela Cotrijuí, um deles foi bem mais específico ao Cotrijournal. A moçambicana Filomena Langa, jornalista editora do jornal "O Campo" com sede em Maputo, capital de Moçambique, esteve de 19 de dezembro de 88 a 7 de janeiro de 89 em contato com o Cotrijournal depois de passar algum tempo em outros jornais da capital gaúcha. Na edição de fevereiro de 89, a jornalista moçambicana falou sobre as suas impressões do Brasil e da região e também contou sobre as dificuldades econômicas e sociais enfrentadas pelo seu país, ex-colônia de Portugal, que se tornou independente em 1975.

O produtor



"Sempre achei o Cotrijournal um grande benefício para o produtor, porque traz muitas experiências e a gente pode acompanhar todas as programações e reuniões feitas pela Cooperativa em outras unidades. Ando sempre muito ocupado com o serviço e às vezes não consigo ler tudo, até porque não tive escola, mas alguma coisa eu entendo e sempre procuro ficar por dentro das informações técnicas. No meu entender, o jornal está dando um alerta para o associado, para que a situação da agricultura melhore. Principalmente através da conservação da terra, que é a nossa mãe, por assim dizer. Se o agricultor não se conscientizar, não poderá ir para frente."

ALEVINO RIGHI - produtor em São Sebastião - Tenente Portela

As principais chamadas de capa do Cotrijournal neste início dos anos 90

- * Produzir trigo é questão de honra.
- * Milho: Programa de incentivo à cultura.
- * Microbacias: Recursos escassos.
- * Trigo: Decisão certa na hora errada.
- * Ijuí 100 anos: Raízes e desafios.
- * Desmembramento: Uma decisão histórica.
- * Eleições: O poder renovado.
- * Seca: A pior safra de soja.
- * Mais porco em menos tempo.
- * Plano Collor: Uma tratorada na economia.
- * Desmembramento. Hora da decisão.
- * Conservação do solo: Registro marcante do mau trato à terra.

- * Desmembramento. A opção pelo "sim".
- * Trigo: Não é hora de mudanças.
- * Eleições: Ilgenfritz, Casagrande, Sperotto e Abu Bicca, os nomes indicados para a nova diretoria da Cotrijuí.
- * Proagro. As mudanças que o produtor precisa saber.
- * Verão. Melhor trato à lavoura.
- * Cooperado de suínos: Mudanças para aumentar a produção na região.
- * Cotrijuí e Coopercentral: convênio operacionalizado.
- * Representante: Agente de transformação.

- * Inverno: De olho no verão.
- * Correção do solo: Dada a largada.

- * Microbacias hidrográficas: Em fase decisiva.
- * As prioridades dos novos prefeitos.
- * Agropecuária: Parceria fortalecida.
- * Agropecuária: O apoio do legislativo.
- * Parceria: Um negócio que está dando certo.
- * Economia Rural: A evolução dos preços agrícolas.
- * Microbacia: a salvação da terra... A salvação do homem.
- * Plantio direto: Ganhando espaço.
- * CCGL: Recursos para serem aplicados no fomento à pecuária de leite.
- * Microbacias: A comunidade responde.
- * Assistência agrotécnica: Mais perto do produtor.

COTRIJORNAL
20
ANOS

Da euforia a consolidação

14

COTRIJORNAL
20
ANOS

Da euforia do "boom", a marca dos anos 70, a soja alcançou a consolidação no mercado brasileiro, mas tem como desafio a necessidade de se tornar competitiva

Em 20 anos - de 1973 a 1993 - a soja se consolidou no mercado brasileiro, passando da euforia do "boom" de preços para uma regionalização de produção e de comércio. A constatação é do coordenador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário, Argemiro Luís Brum, ao fazer uma avaliação da evolução do mercado, da área e da produtividade da soja no Brasil nestes últimos 20 anos.

Usando a tabela 1 como indicador, Argemiro Brum mostra que a área plantada no Brasil passou de 3,6 milhões de hectares em 1972/73 para 10,6 milhões em 1992/93. "Nossa área já foi maior, ultrapassando os 12 milhões de hectares no início dos anos 90", chama a atenção, dizendo ainda que essa média deixa a entender que o Brasil alcançou um certo limite na "horizontalização" da produção de soja. Mesmo assim, a atual área de soja brasileira corresponde a 19 por cento dos 55,7 milhões de hectares plantados no mundo com esta oleaginosa.

Com relação a produção, Argemiro mostra que a mesma passou de 5,0 milhões de toneladas para 21,5 milhões nestes 20 anos. "O nosso recorde foi alcançado, até o momento, em 1989, com 23,1 milhões de toneladas", destaca, lembrando ainda que, no que diz respeito a produção mundial, a brasileira cresceu mais rapidamente. Enquanto o mundo passou de 49,9 milhões de toneladas para 116,8 milhões entre 1973 e 1993, o que corresponde a 134 por cento de aumento, a produção brasileira registrou um aumento de 330 por cento neste mesmo período. A verticalização da produção pode ser confirmada pela produtividade que vem melhorando. Segundo o analista, ela passou dos 1.388 quilos por hectare colhidos em 1973 para 2.028 quilos por hectare atuais - média nacional. A média mundial atual é de 2.097 quilos por hectare.

CONSUMO - O consumo de soja e derivados também cresceu neste meio tempo, embora, segundo Argemiro Brum, haja necessidade de se levar em consideração, neste caso, algumas características interessantes. A primeira delas diz respeito ao consumo de grãos - no conceito de trituração apenas - que passou de 2,5 milhões de toneladas para 16 milhões no Brasil, acusando um crescimento de 540 por cento em 20 anos. O consumo mundial cresceu, neste mesmo período, 146 por cento para alcançar hoje 96 milhões de toneladas, conforme mostra a tabela 2.

Já o consumo de farelo, apesar de ter sido multiplicado, ainda continua pequeno em relação a nossa produção atual - cerca de 12,5 milhões de toneladas - e sobretudo em relação

ao total consumido no mundo - 75 milhões de toneladas. Em outras palavras, o Argemiro Luís Brum quer dizer que a produção brasileira de farelo continua sendo destinada em primeira para a exportação. "O consumo brasileiro deste subproduto representa apenas 4,5 por cento do total mundial", diz. As nossas exportações de farelo - 9 milhões de toneladas em 1993 - representam 35,7 por cento do total mundial - 25,2 milhões de toneladas. Os números citados mostram que o Brasil continua sendo um dos maiores exportadores de farelo de soja do mundo e o segundo maior produtor mundial da oleaginosa.

No que diz respeito ao óleo de soja, o consumo interno brasileiro tem maior importância em relação a exportação, representando hoje 2,27 milhões de toneladas contra apenas 360 mil toneladas de 20 anos atrás. Assim, diz ainda, de uma produção ao redor de 3,0 milhões de toneladas, consumimos cerca de 75 por cento em nosso próprio mercado interno. Mas diz que a nível mundial, o consumo mais do que dobrou nestes últimos 20 anos, passando a 17,5 milhões de toneladas em 1993. "O que vem freando um maior desenvolvimento deste consumo, a nível mundial, é a forte concorrência do óleo de palma, associada a consolidação dos consumos dos óleos de colza e girassol", explica.

A situação do comércio mundial da soja e derivados e mais precisamente das exportações, é mostrada pelo Argemiro através da tabela 3, onde é possível constatar, apesar de um relativo crescimento, que as exportações brasileiras de grãos não são prioritárias. "Nosso objetivo primeiro, graças a uma capacidade instalada de moagem que hoje gira em torno de 30 milhões de toneladas, é a exportação de farelo de soja", confirma. A nível mundial é possível perceber que, enquanto as exportações de grãos de soja praticamente dobraram nestes 20 anos, as de farelo foram multiplicadas por três e as de óleo por quatro, isso no mesmo período. Isto significa, diz ainda, que o comércio dos derivados de soja cresceu mais rapidamente entre 1973 a 1993, embora já comece a encontrar um certo ponto de equilíbrio a partir do final da década de 80.

Este ponto de equilíbrio, coloca ainda Argemiro Luís Brum, fica evidenciado no comportamento dos preços internacionais e nacionais. As cotações em Chicago encontraram o seu ponto de equilíbrio entre US\$ 5,50 e US\$ 6,00 o bushel nestes últimos anos, desde que em condições normais de mercado. Ao mesmo tempo diz que é possível notar que as cotações têm subido significativamente todos os cinco anos, motivados sobretudo por frustrações na safra dos Estados Unidos. Foi assim em 1973/74, em 1978/79, em 1983/84, em 1988/89 e agora em 1993.

Em termos de preços internos, Argemiro diz que os praticados - em

média - em julho - superiores a US\$ 12,00 por saco de 60 quilos - foram os melhores destes últimos cinco anos dentro deste período de 20 anos. Chama atenção ainda para outro detalhe interessante: para o mês de julho, em termos médios e considerando os últimos 14 anos, apenas o ano de 1988 conseguiu as cotações de 1993. Em termos médios, os preços internos sempre têm se situado em patamares mais altos no segundo semestre. "Verificamos igualmente que o ponto de equilíbrio na última década, em condições normais de mercado, tem ficado entre US\$ 9,50 e US\$ 10,50 por saco na região da Cotrijuí".

Nestes 20 anos em que o Cotrijournal tem falado de soja, mercado, preços, boas safras e algumas frustrações, é preciso entender, segundo Ar-

gemiro que a nível mundialmente com o uso de proteínas em rações animais envolvidos. Mas o que mudou neste período de quase 20 anos é uma situação de emergência que surgiu e se desenvolveu como a colza e o glúten de milho. Isso explica a exigência da soja, tanto a nível mundial quanto a nível interno. A mesma situação de emergência do produto evoluiu e se desenvolveu para fazer frente na atividade", diz Brum.

TABELA Nº 1 - SOJA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE NO BRASIL

	ÁREA (MILHÕES/Ha)	PRODUÇÃO (MILHÕES TON)
1972/73	3,6	5,0
1982/83	8,4	14,5
1992/93	10,6	21,5

(*) Números provisórios

Fonte: O autor, com base em dados do IBGE

TABELA Nº 2 - CONSUMO DE SOJA (em milhões de toneladas)

	BRASIL (a)	MUNDO (b)
GRAO (*)		
1972/73	2,5	39
1982/83	12,2	75
1992/93(**)	16,0	96
FARELO		
1972/73	0,3	31
1982/83	1,5	59
1992/93(**)	3,4	75
ÓLEO		
1972	0,36	7,0
1982	1,43	13,5
1992/93 (**)	2,27	17,5

(*) Trituração

(**) Números provisórios

Fonte: O autor, com base em dados da Oil World

TABELA Nº 3 - EXPORTAÇÃO DE SOJA E DERIVADOS (em milhões de toneladas)

	BRASIL (a)	MUNDO (b)
GRAO (*)		
1972/73	1,78	15,6
1982/83	0,30	29,1
1992/93(**)	4,55	31,3
FARELO		
1972/73	1,58	8,5
1982/83	8,00	20,6
1992/93(**)	9,00	25,2
ÓLEO		
1972	0,09	1,1
1982	0,89	3,6
1992/93 (*)	0,91	4,4

(*) Números provisórios

Fonte: O autor, com base em dados da Oil World

O custo médio da planta

Quanto representa o custo de um hectare de soja frente a receita obtida com a comercialização do produto? Ou melhor, quanto o produtor gasta na formação de um hectare de lavoura? Essa preocupação com os custos de produção não é fruto dos anos 80, como pode parecer. Já em meados dos anos 70, ela passava a emergir em meio àqueles produtores mais atentos e que traziam sua contabilidade meio na ponta do lápis. O Cotrijornal de outubro de 1979, na matéria "Os custos aumentam ou diminuem?", já colocava a questão, embora sem muita preocupação com os números, até porque a realidade de crédito no país era outra. Quem plantava e colhia 25 sacos de soja por hectare - essa, por incrível que possa parecer, era a média de produtividade da soja da época - conseguia pagar suas contas e ainda segurar uma boa receita para tocar a propriedade pelo resto do ano.

Nessa edição de outubro de 1979, o Cotrijornal, apresentando dados levantados pela Fecotrijo, já dava uma previsão de uma tendência em termos de custos de produção que se confirmaria ainda mais fortemente a partir dos anos 80. A matéria publicada nessa edição mostrava que o custo de um hectare de soja, na safra 72/73, era de Cr\$ 707,71. Como a produtividade média girava em torno de 23 sacos de soja por hectare, o produtor tirou uma receita, nesta safra - o preço médio de liquidação no ano foi de Cr\$ 32,30 - ao redor de Cr\$ 807,00. A participação dos custos de implantação da lavoura na receita foi de 87,64 por cento. Na safra seguinte, o produtor gastou Cr\$ 999,29 para plantar o mesmo hectare e obteve uma receita de Cr\$ 1.750,00 - o preço médio praticado na época foi de Cr\$ 70,00. A participação dos custos na receita, comparado com a ocorrida na safra anterior, caiu 30 por cento, elevando os ganhos do produtor.

Uma das piores safras de soja colhida nos anos 70, foi a plantada em 1974. A boa colheita não foi suficiente para estancar os prejuízos obtidos com a comercialização do produto. O preço médio praticado - de Cr\$ 67,98 - ficou abaixo do praticado no

ano anterior. O custo comeu 91,81 por cento da renda. A safra seguinte também não foi fácil, mas os custos reduziram um pouco, com a participação na receita ficando em 85,61 por cento. Para um custo total, por hectare, de Cr\$ 1.755,02, o produtor tirou uma receita de Cr\$ 2.050,00. A sobra foi de Cr\$ 294,98.

A MELHOR DOS ANOS 70 - A melhor safra de soja dos anos 70 foi a plantada em 1976 e colhida em 1977. A produtividade de 25 sacos por hectare rendeu ao produtor Cr\$ 5.455,00, para uma despesa de Cr\$ 2.448,00. A participação dos custos na receita foi de 44,80 por cento. Mas o bom resultado econômico alcançado nessa safra foi tirado em dobro nas duas safras seguintes. Desta vez não foi por problemas de comercialização. Foram duas frustrações seguidas as responsáveis pelos prejuízos dos produtores.

Na primeira delas, a de 77/78, o produtor ainda colheu 20 sacos por hectare. Da renda de Cr\$ 4.200,00, teve que tirar Cr\$ 3.836,72, que gastou no plantio de um hectare de lavoura, ou seja, 91,35 por cento. Mas este era apenas o começo. Na safra seguinte, colheu apenas 15 sacos de soja por hectare. Gastou Cr\$ 5.114,35 e obteve uma renda, com a comercialização da produção, de Cr\$ 4.890,00. Ficou a descoberto. Caso não tivessem ocorrido estas duas frustrações - os dados também são da Fecotrijo - a participação dos custos de formação da lavoura sobre a receita seria de 73,08 por cento na safra 77/78 e de 62,75 por cento na safra 78/79.

O CUSTO MÉDIO - Estes dados comentados acima são de cinco safras da década de 70. Mas o Luís Juliani, economista rural da Divisão Agrotécnica da Cotrijornal levantou o custo médio de um hectare de soja nas décadas de 70, 80 e nas safras 90/91, 91/92 e 92/93. Na década de 70, o custo médio para fazer um hectare de soja ficou em 290 dólares. O item máquinas levou, em média, 27 por cento do custo total, os insumos 43 por cento - o item de maior peso nessa década de crédito barato e fácil - e as despesas financeiras 9 por cento.

Nos anos 80, o custo de um hectare mostrou as garras, elevando-se em 60 por cento acima da cotação

do dólar, se comparado com a média gasta para plantar um hectare na década de 70. Em vez de gastar 290 dólares por hectare, o produtor passou a gastar, em média 465 dólares. Para pagar todas as despesas - custos variáveis e fixos - teve que colher 41 sacos de soja por hectare. As despesas com o uso das máquinas atingiram 21 por cento do total dos custos e os insumos, que na década de 70 pagavam a maior fatia do bolo, tiveram uma participação de 23 por cento. A surpresa ficou com o item despesas financeiras. As mudanças no sistema de crédito, com a eliminação gradual do subsídio - elevação das taxas de juros e o aparecimento da correção monetária - fez com que o item despesas financeiras se elevasse de uma década para outra em 244 por cento. A participação média deste item elevou-se, nesta década, de 9 por cento a média dos anos 70 - para 31 por cento. Mas é preciso considerar, alerta o Luís Juliani, que, com o Plano Cruzado, a participação do custo financeiro na safra 86/87, foi de apenas 4,5 por cento. "Essa média puxou as demais para baixo".

Mas foi na safra 85/86 que o item custo financeiro mais se elevou dentro dos custos de produção, chegando a 51 por cento do custo total gasto no plantio de um hectare de lavoura. Considerando as três décadas, esta foi a safra em que o item custo financeiro mais pesou no custo total de implantação de um hectare de planta.

Na década de 90 - estão sendo consideradas as safras 89/90, 90/91, 91/92 e 92/93 - o produtor está gastando, em média, 393 dólares para plantar sua lavoura de soja. A participação do uso das máquinas no total dos custos está em 23 por cento e a dos insumos em 27 por cento - esse item se elevou em 15 por cento em relação a década anterior. Como a partir da década de 90, os custos passaram a ser elaborados em dólar - os altos índices inflacionários foram os responsáveis por essa mudança - fica difícil de fazer uma comparação das despesas financeiras com as demais décadas. Nestes cálculos, explica Juliani, estão sendo considerados apenas as taxas de juros, pois a correção monetária já está incluída na variação do dólar".

CUSTO DE PRODUÇÃO DA SOJA

ITEM	78/79		79/80		80/81		81/82		82/83		83/84		84/85	
	US\$/ha	Scs/ha												
Custo Total	231,22	22,0	289,29	22,0	384,06	29,0	439,22	39,32	515,43	47,8	469,11	37,5	611,64	49,7
Máquinas	29,74%	6,7	30,38%	6,7	22,38%	6,5	23,81%	9,36	24,16%	11,5	22,16%	8,3	17,11%	8,5
Insumos	40,75%	13,5	41,88%	13,5	46,67%	13,5	33,79%	13,30	30,52%	13,6	22,47%	8,4	19,48%	9,7
Financeiro	6,90%	3,8	6,71%	1,5	12,97%	3,8	22,60%	8,90	23,03%	10,3	37,13%	13,9	39,88%	19,8

ITEM	85/86		86/87		87/88		88/89		89/90		90/91		91/92		92/93	
	US\$/ha	Scs/ha	US\$/ha	Scs/ha	US\$/ha	Scs/ha										
Custo Total	415,11	43,2	379,71	41,2	575,40	41,8	418,58	36,4	461,42	49,2	384,76	38,2	350,44	34,4	376,68	37,0
Máquinas	15,07%	9,7	38,13%	14,9	17,62%	7,4	13,37%	4,9	19,83%	9,8	31,16%	11,9	26,76%	9,2	15,20%	5,6
Insumos	13,19%	8,5	25,81%	10,1	21,76%	9,1	11,99%	4,4	29,62%	14,6	27,61%	10,5	27,04%	9,3	23,48%	8,7
Financeiro	51,11%	32,7	4,18%	1,9	40,14%	16,8	29,95%	10,9	15,89%	9,4	6,32%	2,4	5,95% (1)	2,0	4,93% (1)	1,8

(1) Não está incluída a correção monetária, já que o custo foi calculado em dólar.



SOJA

Produtividade, o desafio dos anos 90

16

COTRIJORNAL

20 ANOS

Os anos 90 trouxeram um novo desafio para as culturas. Deixar de lado as expansões horizontais, como ocorreu em especial com a soja, e crescer para cima, de olho em ganhos de produtividade, única forma do produtor poder combater os altos custos de produção. Mas esse é um desafio que não vale apenas para as lavouras. Estão no mesmo barco o leite, os suínos, o peixe. No caso da soja, quem colher menos de 25 sacos por hectare, estará trabalhando no vermelho, situação completamente oposta a vivida durante os anos 70, marcada por uma produtividade média de 23 sacos por hectare. Quem colhia 25 sacos de soja por hectare, estava fazendo uma boa média e uma colheita com sobra de dinheiro. O crédito era barato e fácil e os custos de produção ainda não assustavam. A produtividade máxima alcançada na década

de 70 foi de 25 sacos por hectare e a mínima, registrada durante um ano de frustração da lavoura, foi de 12 sacos por hectare.

Na década de 80, a produtividade média da soja na região de atuação da Cotrijuí se elevou para 26 sacos por hectare. O Luís Juliani, o responsável pelos dados levantados, lembra que a década de 80 viveu três grandes frustrações de lavoura. A produtividade máxima alcançada na década foi de 31 sacos por hectare, registrada na safra 88/89 e a mínima, resultado de uma lavoura frustrada, ocasionada por uma grande estiagem, ficou em 16 sacos por hectare.

As quatro safras já plantadas e colhidas durante os anos 90 estão fazendo uma média de 27 sacos de soja por hectare. Mas este início de década já registrou a maior frustração ocorrida na lavoura de

soja durante estes últimos 20 anos, também resultado de uma grande estiagem ocorrida na região. Esta frustração que ainda hoje pesa no bolso do produtor, ocorreu na safra 90/91 e deixou como saldo uma produtividade média de 11 sacos de soja por hectare. Mas a média das safras 89/90, 91/92 e 92/93 já está em 32 sacos.

Essa média de 32 sacos por hectare é o resultado da incorporação de tecnologia também na lavoura de soja, da vontade de, cada vez mais, elevar os atuais níveis de produtividade e da própria profissionalização do produtor. Essa é uma tendência que pode ser melhor ilustrada com algumas médias alcançadas na região, quando produtores mais especializados chegaram a colher, na média, 57 sacos de soja por hectare.

Um trator por 650 sacas

As facilidades de crédito existentes nos anos 70 fizeram a lavoura de soja chegar até o cerrado. Naquele tempo, até para comprar o maquinário para as novas lavouras que iam sendo incorporadas era mais fácil. Uma automotriz podia ser comprada com 2.034 sacos de soja e um trator médio com 650 sacos de soja. Com 2,1 sacos de soja o produtor levava para a propriedade 100 litros de óleo diesel.

A escassez de recursos dos anos 80 também elevou os preços dos insumos utilizados na lavoura. Uma automotriz passou a custar 3.510 sacos de soja, em média. Ou seja, o produtor precisou 73 por cento a mais de

sacos de soja para comprar a máquina. O trator, que na década de 70 custava 750 sacos, passou a custar o equivalente a 1.610 sacos de soja, "148 por cento mais caro do que na década anterior", assinala o Luís Juliani. Para comprar 100 litros de óleo diesel, passou a desembolsar o equivalente a 2,4 sacos de soja. O aumento no preço foi de 14 por cento.

Considerando apenas quatro safras destes anos 90 que ainda estão para serem vividos, o produtor já está gastando, em média, 5.745 sacos de soja para comprar uma automotriz. Ela ficou 182 por cento mais cara, se comparada com o volume de soja necessário para adquiri-la durante os

5.745 sacos de soja por uma automotriz



anos 70, e 63 por cento mais cara em relação a década anterior. O trator passou a custar o equivalente a 3.489 sacos de soja, o que representa 437 mais caro que o preço médio praticados em 70, e 115 por cento mais caro do que o preço médio dos anos 80. 100 litros de óleo estão sendo ad-

quiridos com o equivalente a 2,8 sacos de soja. Ficou 33 por cento mais caro do que na década de 70 e 17 por cento mais caro que a média dos anos 80. Para estas comparações, o Luís Juliani equiparou o preço da soja com a evolução dos preços da automotriz, do trator e do óleo diesel.

Registro



Chantal, Stefan e Demian: estagiários franceses

Intercâmbio técnico e cultural

Os estágios realizados por produtores e técnicos em outras regiões de produção agropecuária, principalmente no exterior, é uma prática que se intensificou durante estas duas décadas, comprovando o estreitamento de relações da Cotrijuí com outras empresas, cooperativas ou não, entidades de pesquisa e a permanente busca de aprimoramento tecnológico. Uma relação do intercâmbio que também tem proporcionado a vinda de agricultores europeus e latinos na região da Cotrijuí.

Um bom exemplo está nas edições de fevereiro de 90 e junho de

90. Na primeira registrou-se a experiência colhida por três jovens, filhos de agricultores franceses: Chantal

Deniaud, Spéthane Guerin e Demian Parnaudeau, que realizaram estágio na Cooperativa e em propriedades

da região durante três meses. Na segunda edição citada aparece a experiência relatada pelos agricultores da

região da Cotrijuí, o Mauro Porazzi, de Ajuricaba, o Jarbas Sperotto, de Santo Augusto e o Lauri Seifert, de

Ijuí, que permaneceram três meses na região produtora da Cooperativa La Cana, na França.

O produtor

Eu acho o Cotrijornal um veículo de comunicação muito bom, pois o agricultor pode falar abertamente, pode sugerir, pode criticar. Além disso, nele sai sobre tudo o que é importante para o agricultor que precisa estar a par de novas tecnologias e formas de organização como os condomínios rurais. Isso é muito importante porque estamos numa situação em que é preciso especializar as nossas atividades e para isso temos que procurar coisas novas e sempre produzir mais. O leite é um grande exemplo dessa necessidade, e o jornal sempre tratou do assunto que deve ainda ter muito debate. Mas o jornal deve continuar melhorando, evoluindo co-

mo fez nestes últimos anos, quando ao invés de ser uma propaganda geral de dentro para fora, ele acontece de fora para dentro, acompanhando inclusive a discussão de valorização da mulher produtora. O jornal está muito bom, e a gente sempre tem que ir adiante. A informação é tudo.

GERTRUDES COMMANDEUR
- produtora em Linha 6 Norte - Ijuí





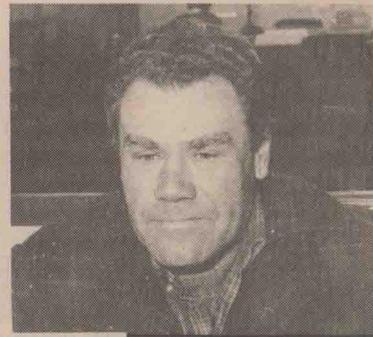
A pior seca

A década de 80 foi marcada por três grandes frustrações na lavoura de soja. Na última delas, ocorrida na safra 87/88, a produtividade alcançada na lavoura mal passou dos 900 quilos por hectare. Mas a pior frustração registrada nos últimos 40 anos ocorreu na safra 90/91, quando a seca levou, só na região de atuação da Cotrijuí, 363 mil 664 toneladas de soja. A devastação foi geral e, no caso da soja, a produtividade foi a pior já colhida: 655 quilos por hectare. Com o feijão a seca foi implacável. Deixou muito pouca produção para ser colhida. Do milho sobrou apenas a produção da primeira safra.

Essa foi, na verdade, uma safra marcada. Começou com falta de recursos para o

plântio, o que resultou numa lavoura com baixa tecnologia, aumentando ainda mais os prejuízos. Muitos produtores recorreram a venda antecipada do produto para fazer suas lavouras. Outros recorreram às suas cooperativas e só puderam plantar porque tiveram todos os insumos financiados pelo sistema troca-troca. Sem produção, ficaram endividados produtores e cooperativas. Só no Estado, o endividamento das cooperativas que financiaram seus produtores pelo sistema troca-troca, ultrapassou os Cr\$ 14,5 bilhões. Apenas a Cotrijuí, comprometeu nesta safra devastada pela seca cerca de Cr\$ 1,3 bilhão repassado em insumos para 2.805 produtores associados. Os reflexos ainda hoje se fazem sentir.

O produtor



17

"O Cotrijournal é uma coisa muito boa na vida do associado. Todos os meses, ele nos traz muitas informações que são importantes para quem quer fazer uma lavoura dentro das técnicas. E, para quem não tem acesso às reuniões, pode ter as mesmas informações lendo o jornal. Tudo está mudando muito rapidamente e o produtor, que não quiser ficar desatualizado e nem ficar para trás, precisa acompanhar essa evolução. Agora, por exemplo, o assunto são as microbacias, terraços em nível, plantio diretos. Todos estes assuntos estão no Cotrijournal".

MARLO EICKHOFF - produtor em São Mirim - Jóia

Duas décadas marcadas pelos protestos

A saúde, a soja, os juros altos e o leite e a correção monetária já levaram milhares de agricultores às ruas em fins da década de 70 e no decorrer dos anos 80. Querendo fazer valer seus direitos na área da previdência, centenas de agricultores se reuniram em Miraguai, em fins de 1979 para, de forma organizada, brigar por melhor assistência médica e hospitalar. A briga não terminou neste final de década e nem o movimento se restringiu ao pequeno município de Miraguai - a própria Cotrijuí, atendendo a reivindicação do seu quadro social chegou a atuar, por algum tempo na área de saúde através de uma rede de hospitais. Alguns avanços foram dados e até a mulher trabalhadora rural saiu à luta pelo reconhecimento dos seus direitos. Pouca coisa mudou nestes 20 anos na área da saúde. Aliás, se mudou foi para pior, pois os problemas que na época eram "privilégios" do trabalhador rural, hoje já atingem também o trabalhador urbano.

Uma luta ganha e que levou milhares de agricultores às ruas sob a forma de protesto, colocou na fogueira o famigerado confisco da soja instituído em fins de 1979 pelo pacote econômico do então ministro do Planejamento Delfim Netto. O governo taxava as exportações de soja em 13 por cento, o óleo de soja em 5 por cento, o farelo em 18 por cento e o arroz em 30 por cento e ainda elevava as taxas de juros. Em abril de 1980, pressionado, o governo cedeu e o confis-



O "maquinaço"

co caiu.

Em março de 1982, 10 mil produtores foram a Porto Alegre exigir mudanças na política do leite. Naquele dia 23 de março, 80 por cento dos produtores de leite do Estado não entregaram o produto em apoio aos que foram à capital, em protesto. Mas também não foi a única mobilização feita pelos produtores de leite. Eles ainda voltaram às ruas contra o leite extra-cota.

Outra grande mobilização - só em Ijuí levou mais de 2 mil produtores e cerca de 600 máquinas às ruas que, durante dois dias interromperam

o trânsito - ocorreu em junho de 1988.

O "maquinaço", como ficou conhecida a briga dos agricultores com o governo por uma revisão na política cambial, especialmente no que dizia respeito a soja. Os produtores queriam uma nova política cambial, que compensasse a defasagem entre o câmbio oficial - congelado - e os preços pagos pelo mercado internacional. O mercado da soja, que chegou a ficar paralisado, só foi reaberto com a mididesvalorização do cruzado novo. O movimento chegou a Brasília, reunindo cerca de 15 mil produtores.

Os avanços da mulher

A mulher rural passou a primeira metade da década de 70 envolvida com as panelas e a educação dos filhos. Na outra metade da década e durante os anos 80, resolveu levantar a voz e se fazer ouvir. Tentando ultrapassar a barreira da discriminação, buscou uma nova colocação na sociedade e tomou as rédeas da propriedade, quando necessário. Trocou a vida de doméstica pelos acertos de contas nos bancos, nas cooperativas e foi para a rua para, ao lado do marido, brigar por uma assistência médica e hospitalar, por uma política agrícola decente e justa, por melhores preços para o leite, pelo fim da correção monetária aplicada aos financiamentos após o Plano Cruzado. Brigou pelo fim da discriminação e pelo reconhecimento da sua profissão, a de agricultora. Foi a congressos, encontros e entrou no debate. Ganhou força, foi ao mercado de trabalho e assumiu um espaço dentro do sindicalismo. Mas ainda não ganhou a luta. Na região de atuação da Cotrijuí, a década de 80 ficou marcada por muitos encontros e debates. Um destes grandes encontros, realizado em novembro de 1984, reuniu cerca de 1.000 mulheres no CTG Laureano de Me-deiros, em Ijuí.



A mulher dos últimos 20 anos

Registros

A força da união

Em março de 1988, a localidade de São Valentim, interior de Ijuí, viveu momentos de intensa agitação. A ameaça de construção de uma barragem no rio Caxambu tirou o sossego de 33 famílias que sentiram-se ameaçadas pelas águas do rio, na iminência de cobrir cerca de 500 hectares de terra. A mobilização foi geral e não faltou apoio de lado nenhum. Uma celebração religiosa assinalou a luta da comunidade contra a cons-

trução da tal barragem. Uma comissão de moradores foi até Brasília pedir a revogação da portaria que autorizava uma empresa de Panambi realizar estudos para verificar a viabilidade técnica e econômica do aproveitamento da queda d'água existente no rio. Mas foi só no dia 31 de agosto que o pesadelo teve fim e a notícia da revogação da tal portaria foi anunciada através do sino da capela. Uma vitória da comunidade que soube lutar unida.

Uma visita de rotina

Mas se há os visitantes esporádicos e inesperados, há também os visitantes costumeiros, como os grupos de alunos do Instituto Diplomático Rio Branco, de Brasília, que há vários anos vêm a Cotrijuí, com o objetivo de sentir in loco a realidade agrícola brasileira. Um registro dessa visita constante está na edição de fevereiro de 91, quando o grupo de 30 alunos do Instituto acompanhado pelo diplomata Liviete Justino de Souza foi recebido pela direção da Cooperativa.

O primeiro jornal

COTRIJORNAL
20
ANOS

Há 19 anos quando o Cotrijornal comemorava já o seu primeiro aniversário sob a responsabilidade de Raul Quevedo, iniciávamos nosso trabalho com os jornais de cooperativas de produção, vendendo anúncios para estes veículos. E o Cotrijornal, por ter sido o primeiro jornal de cooperativa singular a abrir suas páginas para anunciantes foi, também, o primeiro jornal com o qual começamos a trabalhar.

Naquele tempo, as iniciativas publicitárias da indústria de insumos agropecuários, fornecedores das cooperativas, especialmente para estes jornais, era ainda muito tímida. Mas foi o Cotrijornal, sem dúvida, o marco inicial desta atividade publicitária.

Nestes anos todos, o jornalismo cooperativista evoluiu. Surgiram novos profissionais, igualmente competentes, que vieram trazer sua contribuição aos pioneiros de então que, com muito esforço, editavam os jornais de cooperativas da época. Evidentemente, que muitos jornais surgiram e também muitos já não existem mais. So-

mente os mais fortes e competentes permaneceram.

O Cotrijornal é seguramente um dos cinco jornais de cooperativas mais antigos do Brasil. Ao que nos consta, os jornais das cooperativas de Sete Lagoas e de Coxupé, de Minas Gerais e o da Colap, de Jacaré, em São Paulo, são um pouco mais antigos. Até mesmo o jornal O Interior, tão conhecido e lido pelos agricultores do Rio Grande do Sul, é ainda alguns meses mais novo que o Cotrijornal.

Nestes 19 anos de atividade, nosso trabalho esteve sempre voltado para a valorização do jornal de cooperativas, procurando torná-lo competitivo, e o que é mais importante, sem deixar de lado o princípio de cada cooperativa que é o de minimizar custos, para que o jornal possa ter continuidade.

Os jornais de cooperativas não têm, na verdade, a preocupação de se tornarem lucrativos. Os anúncios dos fornecedores são uma forma de ajuda que as diretorias das cooperativas encontraram para manter esse canal de comunicação tão importantes

para o quadro associativo.

Sem falsa modéstia, estamos seguros de que o trabalho sério, honesto, sem tréguas e dedicado que desenvolvemos para estes jornais, foi a forma que encontramos de colaborar intimamente com o sistema cooperativo brasileiro, especialmente o de produção. Atualmente estamos trabalhando para 75 jornais de cooperativas, encaminhando a publicidade dos anunciantes que vêm, nestes veículos, a conveniência para agilizar suas vendas e manter um elo mais íntimo de ligação com cada cooperativa.

Nisso tudo, a presença do cooperado é o mais importante, pois é para ele que o jornal está sendo feito. E, para proporcionar esta oportunidade ao cooperado, é que estamos trabalhando. É para falar com eles que os anunciantes se fazem presentes. Para manter toda essa engrenagem funcionando, é muito importante que o leitor prestigie o jornal de sua cooperativa e dê preferência aos produtos que ele anuncia.

LUÍS E JORGE LEE, diretores da Agromídia - Desenvolvimento de Negócios Publicitários Ltda - São Paulo

Registros



O trabalho de capina

Os carpidores

A preocupação com o meio ambiente e a redução nos custos de produção entrou os anos 80 trazendo de volta às lavouras os carpidores. Na edição de fevereiro/março de 1981, o Cotrijornal foi até Santo Augusto, conversar com alguns carpidores e mostrar o que era um dia de capina, uma lida diferente para quem, até então, só sabia falar em herbicidas, quando o problema era inço na lavoura de soja. O trabalho de capina era - e ainda é - feito através da contratação, pelos granjeiros, das famílias ou por empreitadas. Na lida entrava o homem, a mulher e as crianças.

O planejamento familiar foi à colônia

O programa de controle da natalidade vai livrar o Brasil de seus problemas sociais? Essa pergunta gerou muitos debates no início dos anos 80 e até chegou a colônia, como mostrou o Cotrijornal na sua edição de setembro de 1980. Empolgado com os debates, o Cotrijornal foi até a colônia para ouvir as opiniões dos agricultores sobre o assunto. A constatação foi a de que, já naquele tempo, as famílias já não eram mais tão numerosas. A população começava a crescer menos do que até algumas décadas atrás. As dificuldades vividas na época faziam o povo pensar em ter menos filhos. Mas o seu João e a dona Anna Makoski, da Linha 2 Leste, de Ijuí, entrevistados na ocasião, diziam-se contra qualquer programa de controle da natalidade, pois temiam acontecer aqui no Brasil o que aconteceu na Alemanha. Dona Anna e seu João tiveram 16 filhos.

A volta dos moinhos coloniais

O subsídio do trigo foi assunto que deu muito o que falar nos anos 80. Os consumidores, reforçados pelos produtores de trigo, deixavam muito claro que não estavam sendo beneficiados com uma medida que só em 1986 consumiu cerca de 23 milhões de dólares e que em 1987 pode ter consumido quase o dobro. O primeiro golpe sofrido pelos pequenos moinhos ocorreu em 1967, quando o governo, a pretexto de moralizar o setor, instituiu o sistema de cota. O subsídio, adotado em 1972, enterrou de vez as esperanças daqueles que ainda sobreviviam como aconteceu com o moinho Rosa Lopes, de Tenente Portela. Depois de ter esmagado 10 mil sacos de trigo por safra na década de 60 e abastecido toda a região Noroes-

te do Estado com a farinha "Noiva", o Rosa Lopes foi obrigado a ceder às pressões dos grandes grupos moageiros e vender suas cotas, transformando-se num prestador de serviços e moedor de milho. Em 1987, quando o governo resolveu por um fim em um privilégio que beneficiava apenas as indústrias do setor, dentro do sistema de cotas - 186 moinhos em todo o país - os velhos moinhos, alguns encravados na colônia e tocados a roda d'água - sonharam com uma volta que não seria fácil. Os investimentos para equipá-los e torná-los competitivos num mercado de outros tempos, superava as expectativas de quem ainda pensava em abastecer a colônia com a farinha. Muitos deles não conseguiram.

A COTRIJUI E O COTRIJORNAL DÃO UM TRABALHO...

Ainda bem!

Quando nós da Z Comunicação, somos chamados a participar de mais um projeto da COTRIJUI ou do COTRIJORNAL, já sabemos que vem muito trabalho pela frente.

Para assessorar uma Cooperativa e um Jornal que tem em comum seriedade, dinamismo e ousadia, que envolve diversos setores da comunidade, realmente é preciso muito fôlego.

Parabéns COTRIJUI, pelos seus 36 anos de cooperativismo e Parabéns COTRIJORNAL, pelos seus 20 anos de jornalismo direcionado à agricultura.

E fazemos votos que, muito trabalho ainda venha pela frente.



COMUNICAÇÃO

Av. 21 de Abril, 262 - Fone e Fax: (051) 332-5924 - Ijuí - RS

Canal de diálogo

No início dos anos 70, o trabalho integrado desenvolvido pelo sindicato, pela Cotrijuí e pela Fidene necessitava de uma consolidação e aprofundamento. Foi então que surgiu a idéia de um jornal. Esse resgate é do professor Mário Osório Marques, atualmente Editor Chefe da Editora Unijuí, mas na ocasião diretor do Instituto de Educação Permanente da Fidene. O envolvimento do professor Mário Osório na discussão do Cotrijornal ocorreu justamente em função do IEP, naquele tempo responsável pela organização do trabalho de educação da Cotrijuí.

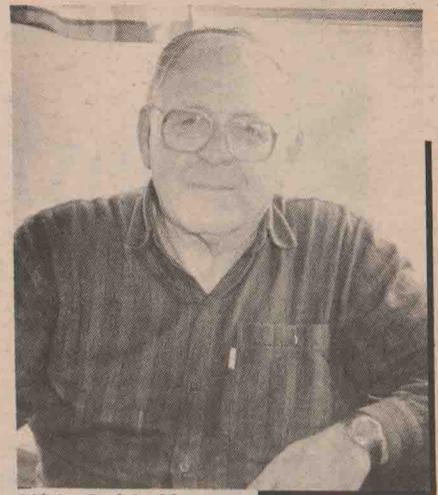
Esse jornal teria que ser o intermediador do diálogo entre os agricultores e a cooperativa. O trabalho educativo desenvolvido e a própria participação dos agricultores no sindicato e nas reuniões de núcleos seria para medir a intensidade deste diálogo. "O jornal teria que traduzir basicamente o pensamento dos agricultores sobre a cooperativa, sobre o sindicato, sobre o processo produtivo", recorda Mário Osório ao referir-se ao projeto que dava vida ao Cotrijornal. Ao fazer esse resgate histórico, coloca nas mãos do Cotrijornal, "o canal de diálogo entre agricultores e cooperativa", a responsabilidade pelo crescimento da consciência e da organização do agricultor e pelo melhor entendimento pelo que estava acontecendo à sua volta.

REUNIÃO DE PAUTA - Para o professor, um dos grandes méritos do Cotrijornal, foram as suas reuniões de pauta com a presença de agricultores e de técnicos. "A pauta não era escolhida por um jorna-

lista especializado. Ele era apenas o mediador de uma discussão onde se definia a função do jornal e as matérias que sairiam na edição seguinte", destaca. Credita a esse trabalho de reunião de pauta o fato do Cotrijornal ser encarado como um instrumento de comunicação e não apenas de informação. "É isso que faz a importância de um jornal dentro da idéia mestra da cooperativa, que reúne problemas e maneiras de ver estes problemas". É desta forma, "como meio de comunicação mais ampla", que o professor diz que é possível medir a importância do Cotrijornal para a cooperativa e seu quadro social.

Ao analisar estes 20 anos de Cotrijornal, Mário Osório diz que ele atravessa o mesmo dilema enfrentado pela própria cooperativa, que é o da educação. Coloca como grande desafio a conciliação do saber com a vivência dos agricultores. "Se estes dois saberes funcionarem integrados, um poderá fecundar o outro", prega. Defende, na questão educação, uma certa tranquilidade, "sem atropelos", pois acredita que toda a etapa pulada é etapa não vencida e prejudicial a todo um trabalho. "Esse é um dilema que se espelha muito melhor na própria história", alerta,

O COTRISOL - A discussão da necessidade de um canal que servisse de intermediação entre a cooperativa e os agricultores da região fez vir à tona uma outra questão: o da falta de material didático nas escolas do meio rural que, na época, frequentemente recorriam a cooperativa em bus-



Mário Osório Marques

ca de auxílio para suprir suas deficiências. "Como na proposta do Cotrijornal era atingir os adultos através das crianças, nasceu o Cotrisol, um encarte a circular dentro do jornal. Como desafio, trazia a proposta de introduzir uma nova educação nas Escolas", assinala. Além de servir como material didático nas Escolas, o Cotrisol deveria ser feito, o quanto possível, pelas próprias crianças. "Foi desta forma, analisa, que tanto o Cotrijornal como o Cotrisol conseguiram transformar-se num importante instrumento pedagógico, capaz de gerar novos conhecimentos sobre educação e melhoria da qualidade da educação". Mas faz um alerta dizendo que este conhecimento pedagógico precisa ser dosado com o conhecimento do produtor. "O jornal precisa ajudá-los a repensar o que sabem, agregando outros saberes", acredita o professor Mário Osório para quem, uma dosagem equilibrada, "sem ficar na repetição do que os agricultores já sabem", vai ajudar o jornal a não perder o interesse dos agricultores.

Formando e informando o produtor

A necessidade de ampliar e melhorar o intercâmbio de informações entre a direção da Cotrijuí e o seu quadro social gerou muitos debates e teve como ponto alto a criação do Cotrijornal. Em meio a tantos debates, discussões e reuniões, estava Rui Polidoro Pinto, na época comunicador da Cotrijuí. Atualmente Rui Polidoro Pinto é presidente da Fecotri, entidade que dirige em sua segunda gestão.

Para o presidente da Fecotri, a direção da Cotrijuí foi muito lúcida e muito inteligente em aprovar a idéia de manter um jornal próprio, "especialmente levando-se em consideração a época e a região de circulação do veículo, então desprovida, em sua maior parte, de comunicação impressa". Diz que o jornal representou o elo que faltava entre a cooperativa e as decisões administrativas para alcançar os associados, na época na ordem de oito mil economias familiares dispersas numa geografia de mais de 10 municípios da região Noroeste do Estado. Para manter informado tão extenso quanto heterogêneo número de pessoas, o jornal era o veículo certo.

FASE INICIAL - Rui Polidoro Pinto foi o primeiro comunicador da Cotrijuí, tendo ingressado na cooperativa em 1972, cerca de um ano antes da fundação do Cotrijornal. Nessa época, todo o trabalho feito com o quadro social da cooperativa era desenvolvido através dos núcleos organizados em conjunto com a Fidene - entidade que hoje mantém a Universidade de Ijuí - nos diversos municípios da região de atuação da Cotrijuí. O trabalho de nucleação significou a base do intercâmbio informativo e, por extensão, educativo do quadro social, o objetivo buscado pela cooperativa. "Informar e formar lideranças para o sistema cooperativo era a grande aspiração da Cotrijuí", relembra o presidente da Fecotri.

"O Cotrijornal, prossegue Rui Polidoro, teve papel destacado e talvez fundamental em todo o processo, pois nasceu e se consolidou como projeto pioneiro - pelo menos



Rui Polidoro Pinto

a nível de Rio Grande do Sul - de comunicação cooperativa. O objetivo da Cotrijuí ao criar o Cotrijornal foi o de sistematizar as informações ao quadro social através de veículo próprio, "o que até então vinha sendo realizado através dos programas de rádio e das reuniões de núcleo".

DA FARINHA AO FARELO - O Cotrijornal, a bem da verdade, nasceu em meio a uma crise vivida bem longe daqui, mas com reflexos diretos na economia agrícola brasileira. Naquele ano - 1973 - a produção de farinha de peixe - cuja matéria-prima é a anchova - tinha sido reduzida. A opção dos países europeus e asiáticos, que dependiam da ração para o trato dos animais, foi o de procurar a soja para fabricar a ração. Não deu outra. Diante de tanta procura, os preços reagiram. "No Brasil, recorda Rui Polidoro, os preços dobraram em 15 dias, gerando uma grande confusão no mercado". Na região de atuação da Cotrijuí, essa nova situação vivida com o

mercado da soja mostrou a necessidade de se ampliar e se aprofundar as informações que eram levadas até o quadro social.

O descontentamento gerado entre os produtores que deixaram de ganhar dinheiro com a virada no mercado foi muito grande, "mais parecendo que estávamos vivendo uma revolução", relembra o presidente da Fecotri. Conta que, na tentativa de pressionar a própria cooperativa, mais de 600 produtores reuniram-se na igreja São Geraldo, em Ijuí, para reclamar preços atualizados para a soja que já havia sido comercializada. "Atualizar esse preço era uma coisa impossível", observa, justificando a criação, em 20 de julho, do Cotrijornal, com o propósito de informar e orientar o quadro social.

O COTRISOL - Da mesma forma que o Cotrijornal transformou-se em veículo de comunicação do quadro social, na condição de porta-voz da direção da cooperativa, o Cotrisol nasceu junto, encartado na primeira edição, com a pretensão de envolver as crianças e alunos do meio rural. Elaborado pela Escola de 1º e 2º Grau Francisco de Assis, Fidene/Unijuí, o Cotrisol é um suplemento infantil com a participação direta das crianças. Segundo Rui Polidoro, o Cotrisol não só tem servido como porta-voz dos estudantes do meio rural, como também influenciado no melhoramento do currículo escolar. Considera que em termos de comunicação cooperativa, o Cotrijornal é um patrimônio que supera a figura da própria Cotrijuí, estendendo-se, como referência de comunicação a todo o sistema do Rio Grande do Sul.

Entre as campanhas empreendidas pelo Cotrijornal, o presidente recorda, de seu tempo nos quadros da Cotrijuí e como diretor responsável pelo jornal, do trabalho de conscientização em prol da ligação dos rios Ibicui e Jacui. Para ele, este foi um trabalho que ficou na história. "Tanto a Cotrijuí como seus associados e funcionários estão de parabéns pela passagem dos 20 anos do seu jornal".

COTRIJORNAL

20 ANOS

Nestes 20 anos o Cotrijornal foi feito por muita gente como o Acari Amorim, o Manoel Canabarro, a Marlene François, entre outros que hoje andam "perdidos" por este Brasil afora. Representando todos eles, o Valmir, a Christina, o Moisés e a Rosane.

Quem ajudou fazer

VALMIR BECK DA ROSA

(coordenador da Área de Comunicação Social)

"Meu testemunho sobre o Cotrijornal não recorre a arquivo, por mais que o valorize. Tampouco me detenho em folhear as edições, buscando destacar esta ou aquela. Neste veículo impressiona-me, desde o seu nascimento, a proposta, o compromisso. Pioneiro por necessidade, resiste por obrigação e fiel por princípio, é o retrato em preto e branco das últimas décadas.

O ideal associativo, o marco da cooperação entre os homens, ele traz no nome. O Cotri, como já vi e ouvi muitos definirem o Cotrijornal, foi mais uma ferramenta, um serviço, um elo entre os milhares de associados da Cotrijuí. E não é só deles. Quantas teses de mestrado terão sido defendidas nesse tempo, ilustradas no farto acervo deste veículo? Quantos terão reclamado melhor tratamen-

to à atividade primária, tomando por exemplo a visão crítica e firme deste paladino?

Repórter fiel do binômio trigo-soja, foi rápido em ouvir e reproduzir tantos quantos apregoavam a diversificação de culturas como melhor forma de explorar o potencial sócio-econômico da região. Dinâmico, sem ferir práticas comuns, serviu como parceiro na introdução de novas técnicas.

Sua linha editorial e de conduta não se reporta a esse ou aquele administrador. Nem se dobra a "modelos" prontos, vindos de fora. Nesses muitos anos, vi o Cotrijornal como intransigente na defesa da classe agropecuária. Como excelente meio, o que busca é o bem estar da família rural e, por consequência, dos urbanos. Esperado nas Delegacias e Secre-



tarias Municipais de Ensino, consulta obrigatória nas milhares de economias rurais que constituem a Cotrijuí, o Cotrijornal, com sua trajetória nesses 20 anos só reforça o ideal de seus criadores. A busca pelo bem comum vai continuar".

CHRISTINA BRENTANO

(jornalista, atualmente na Folha de São Paulo)

"Lá se vão 10 anos que deixei de trabalhar na Cotrijuí e acompanhar mais de perto os assuntos da agricultura e do cooperativismo. Os cinco anos em que fui responsável pelo Cotrijornal marcam um tempo cheio de experiências de vida e de jornalismo.

Era a época em que a Cotrijuí discutia a Estrutura do Poder, uma forma de organizar melhor a participação dos associados na definição dos rumos da cooperativa. Era o tempo em que as fronteiras da Cotrijuí se alargavam desde Dom Pedrito - lá perto da Argentina até a Amazônia. Assim como era complicado democrati-

zar a participação de associados de regiões diferentes, com realidades distintas de economia, cultura e estrutura fundiária, era um desafio fazer o jornal.

Foi uma mão na roda o Conselho Editorial criado para ajudar a equipe do jornal a definir o que escrever, como escrever e para que escrever. Havia uma reunião mensal, para avaliar a edição que estava circulando e planejar a próxima. A participação de representantes das unidades da cooperativa ajudava a ampliar os assuntos e atender melhor o que seria de interesse de quem iria ler o jornal.

Para mim é claro que só numa

cooperativa é possível fazer um jornal deste jeito, em que leitores influenciam mais de perto o que o jornal vai tratar e como vai tratar. Claro que ajuda o fato de ser uma publicação dirigida, para um público bem específico. Mas é uma forma de trabalhar que se mostra um permanente desafio. É isto é bom, em especial numa atividade em que se mexe muito com as idéias, como é o caso de fazer um jornal.

Daquele tempo guardo boas memórias e bastante saudades das pessoas que me ajudaram a aprender um pouco mais de agricultura, de cooperativismo, de jornalismo e de vida".

MOISÉS MENDES

(Editor-coordenador dos Cadernos da Área de Economia de Zero Hora)

"Foi em 1984 ou 85. A Sala do Conselho estava lotada, mas encontrei uma cadeira vazia para me sentar àquela enorme mesa redonda. O pessoal trocou olhares desconfiados e, depois de alguns segundos de silêncio, o homem a meu lado disparou: "E o moço?" Era uma reunião dos conselheiros da Cotrijuí e eu havia entrado na sala errada. Estava atrás da reunião de pauta do Cotrijornal, que geralmente acontecia ali mesmo, e quase sempre com a participação de agricultores.

O episódio vale pelo que tem de simbólico: o Cotrijornal sempre esteve mais perto de quem decide as coisas lá na lavoura do que daqueles que tomam decisões na mesa redonda - mesmo que nunca tenha ignorado o que a direção tem a dizer aos associados. Naquele dia, eu de fato estava na sala errada.

A possibilidade de contar com o produtor como fonte, leitor e dono do veículo que lhe transmite informações foi a minha mais interessante experiência profissional. Foi no Cotrijornal que passei a perseguir com obsessão a clareza e a precisão no texto. Foi aí que acompanhei, na



década de 80, os efeitos das mudanças políticas na agropecuária. Este jornal produziu em 1985 o único caderno sobre Reforma Agrária do país, quando chegamos a pensar que este assunto finalmente seria tratado com seriedade pelo governo.

Aí aprendi com os agricultores, os técnicos, a Christina, a Dária e o Sérgio que é possível fazer jornalismo de serviço, aquele com informa-

ções que mexem com o dia-a-dia de quem trabalha - uma tendência que muito mais tarde se transformaria em moda na grande imprensa. Era grande, mas compensador, o esforço para tentar descomplicar aquelas tabelas de VBCs e preços mínimos, falar de Previdência, da diversificação e das crises cíclicas do cooperativismo, sem frescuras e panos quentes.

Acho que o Cotrijornal tem a cara da Cotrijuí - do Ruben, do Polidoro, do sindicalismo do Karlinski -, com seu jogo de cintura para que se preserve como veículo do associativismo e seus saudáveis conflitos. Mas tem mesmo é a cara deste pessoal que, naquela época, há quase 10 anos, eu esperava encontrar na Sala do Conselho - os agricultores, os técnicos, os comunicadores, que mantêm esta bela criação desde os tempos do Quevedo, seu primeiro editor.

O Cotrijornal sobreviveu à avalanche que soterrou muitos veículos de cooperativas por tudo isso e também porque continua bem-feito, inventivo, nas mãos da Dária, da Carmem e do Sérgio. Um dia eu reapareço. Aviso antes, para não errar de porta".

COTRIJORNAL
20
ANOS

ROSANE HENN

(jornalista editora do jornal Coagri, do MS)

"Começar minha vida profissional como jornalista no Cotrijornal é um fato do qual me orgulho até hoje, e fundamental para conhecer a área rural, uma realidade muito diferente da urbana, que fazia parte do meu dia-dia. Sem bajulação, sinto um grande orgulho de ter trabalhado no jornal, pois é um dos melhores veículos dirigidos ao produtor rural de todo o país.

Apesar de estar distante, pois como correspondente no Mato Grosso do Sul não acompanhava a loucura e a correria tradicional do fechamento da edição, foi no Cotrijornal que aprendi jornalismo rural, uma área especializada e complexa porque envolve uma vasta gama de assuntos.

Seria redundante lembrar da sua importância para a cooperativa e seu quadro social, pois os 20 anos de existência do Cotrijornal, são por si só a melhor prova disso.

Parabéns a equipe responsável pelo jornal e a todos que têm o privilégio de usufruir da sua leitura!"

Alguns dos inúmeros personagens que ajudam a colocar nas mãos dos associados, todos os meses, cada uma das edições do Cotrijornal

Quem ajuda fazer

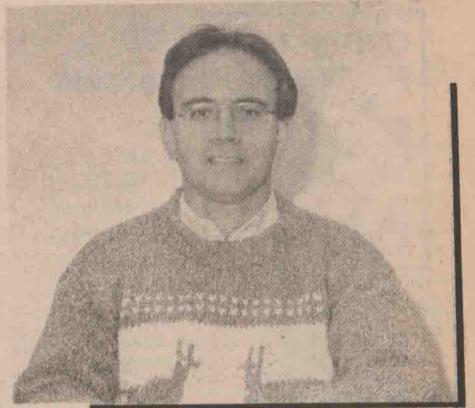
ARGEMIRO LUÍS BRUM

(analista econômico, professor da Unijuí e colaborador do Cotrijornal há 9 anos)

21

"Vinte anos de vida é uma idade que merece ser comemorada. Sobretudo quando se trata de um órgão de imprensa. E, em especial, quando o fato se passa no Brasil. Primeiro, porque ficar vivo durante 20 anos, fazendo jornalismo, é muito difícil nos dias que correm, principalmente para o caso de um jornalismo específico, como é o caso do Cotrijornal. Segundo, porque jornal é um elo fundamental entre as pessoas envolvidas no seu dia-a-dia e o mundo. Terceiro, porque não basta manter vivo o jornal. Um órgão de imprensa, para ser bom, precisa melhorar o conteúdo e a forma de suas informações constantemente, acompanhando o interesse e as necessidades de seus leitores.

Quarto, porque um bom jornal não pode ser apenas informativo. Ele deve também proporcionar espaços para um jornalismo de opinião. Assim, manter um jornal atuante hoje ultrapassa o estágio do desafio. Por estes motivos, o Cotrijornal está de parabéns. Afinal, estamos falando de um projeto de comunicação que visa, pelo seu esforço e proposta, auxiliar, à sua maneira, na busca de melhores condições de vida do seu público leitor. Neste caso específico, os produtores rurais associados da Cotrijuí. Como colaborador do Cotrijornal há 9 anos, sinto-me mais comprometido com esta região na qual nasci, pois participar do Cotrijornal não é apenas escrever diariamente o que será



um dia a história, mas sobretudo, descrever o presente para melhor analisar os caminhos futuros".

NOEMI HUTH

(comunicadora da Cotrijuí na unidade de Ijuí)

"O Cotrijornal, ao longo de sua história, desenvolveu um papel importante no processo de educação da família Cotrijuí, tendo também abrangência regional e nacional. Temos tido inúmeros exemplos concretos de que este importante veículo de comunicação tem sido instrumento de pesquisa, especialmente no que diz respeito a assuntos técnicos, econômicos ou fatos históricos que têm marcado a vida da Cotrijuí. Sendo assim, deve ser considerado um documento histórico.

No processo de educação do quadro social da Cooperativa, é indiscutível a sua importância como instrumento de atualização em todos os assuntos abordados nas inúmeras reuniões, cursos e encontros realizados ao decorrer destes 20 anos, contribuindo, sem dúvida, para a divulgação de novas tecnologias.

A importância que o Cotrijornal assume pode ser medida, inclusive, pela sua procura pelos próprios



associados, sempre superior ao número de exemplares colocados à disposição. Isso significa que os associados não só vêm formando seu hábito de leitura como também andam a procura de informações que possam contribuir para transformá-lo num competente profissional na atividade agropecuária. O mesmo ocorre com as escolas, que vêm no Cotrijornal um importante instrumento de fonte de pesquisa, tão necessário ao processo de educação".

JAIME LEDUR

(comunicador e chefe administrativo da Cotrijuí na unidade de Jóia)

"Em junho de 1973 a Cotrijuí dava mais um passo importante na sua caminhada com o lançamento do primeiro número do Cotrijornal, um veículo tão significativo aos produtores associados. O Cotrijornal, como um instrumento importante, veio para ficar, para difundir junto às famílias do meio rural uma nova filosofia de trabalho, de progresso, procurando repassar aos produtores informações técnicas, de mercado, de economia, de política agrícola.

Após 20 anos de trabalho, temos a obrigação de reconhecer que o Cotrijornal é um patrimônio cultural que faz parte do dia-a-dia tanto dos funcionários como dos associados da Cotrijuí. Analisando a primeira edição observamos que a partir daquele primeiro número registrava-se o trabalho de uma empresa cooperativa que envolve milhares de pessoas da região, fazendo assim, a sua própria história. Observamos que as preocupações dos associados estavam relacionadas com o escoamento e o ar-



mazenamento da produção, com a organização política do quadro social em núcleos de base. Hoje, estas preocupações são outras e vão desde a conservação e recuperação do solo, via microbacias, a comercialização das safras no momento certo ao uso de novas tecnologias, sempre em busca de um crescimento vertical, onde o aumento da produtividade é a grande meta. E em todos os momentos, o Cotrijornal tem estado sempre presente. Mesmo que não saibamos como

OLIMPIO BANDEIRA

(comunicador da Cotrijuí na Unidade de Ajuricaba)



"Leio o Cotrijornal há 20 anos e considero o melhor veículo agrícola da região. No Cotrijornal o nosso produtor encontra todas as informações necessárias para o dia-a-dia da sua propriedade, o que deve ser encarado como um privilégio muito grande em relação a outras pessoas ou leitores, pois aquele que capricha e lê o jornal todos os meses, anda sempre bem informado. Comparando-o aos demais jornais da região, costumo perguntar aos nossos associados: o que tratam de agricultura estes jornais? Muito pouco. Precisamos parabenizar as pessoas que fazem o Cotrijornal, que muitas vezes nem são lembradas, mas que lutam dia e noite em busca de pesquisas, da tecnologia, dos programas de produção, entre outros, para levá-los até o associado, a razão de ser da nossa Cotrijuí. Parabéns".

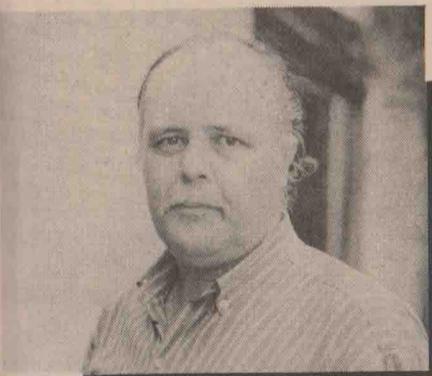
será o futuro, temos certeza de que este veículo de comunicação continuará descrevendo com eficiência, clareza e simplicidade, tudo aquilo que for do interesse do associado.

Merecem parabéns não apenas os colegas que fazem o Cotrijornal, mas todos aqueles que sempre têm dado a sua contribuição, seja diretores, conselheiros, representantes, produtores associados e técnicos e que sempre tiveram a preocupação de fortalecer por entenderem que a informação é indispensável para o desenvolvimento da agricultura e pecuária regional. Estamos todos de parabéns, com a certeza de que todos nós crescemos com esse valioso meio de comunicação".

COTRIJORNAL
20
ANOS

OTALIZ DE VARGAS
MONTARDO

(diretor interino da Divisão Agrotécnica da Cotrijuí)



"Outro dia entrei na sala do Cotrijornal no exato momento em que a Dária e a Carmem estavam revisando edições antigas do jornal. Por curiosidade, passei a folhear alguns exemplares e de repente me senti revivendo o final da década de 70 e o início dos anos 80. Tanta coisa! Artigos meus e de outros colegas. Uns que ainda estão conosco, outros distantes. Quantas idéias, propostas e fatos marcantes - a diversificação da produção, o Terminal em Rio Grande, o CTC, a CCGL, os problemas com o solo, as safras, o trigo... Gente que chega, gente que sai, enfim... o retrato fiel da Cotrijuí e da região. Sem dúvida, o Cotrijornal é a memória viva desta cooperativa. Mas registrar o passado não é o único papel do Cotrijornal. Na medida em que registra e divulga os fatos de hoje, o jornal é presente e quando acolhe idéias e propostas, é futuro. Por tudo isso, não me atrevo a dimensionar a importância do Cotrijornal. Sei que é enorme".

COTRIJORNAL
20
ANOS

Muitos são os leitores do Cotrijornal - agricultores, técnicos, pesquisadores, políticos, autoridades, sindicalistas, professores, historiadores, estudantes, mulheres, crianças. Uma representação deste universo incontável fala sobre esse companheiro constante de 20 anos, apresentado em 208 edições que já circularam

Quem lê

ESTELA PATIAS

(secretária municipal de Educação e Cultura de Jóia. O texto foi elaborado em conjunto com sua equipe de trabalho)

"A Secretaria Municipal de Educação de Jóia considera que o trabalho realizado coletivamente e integrado com a realidade contribui para o desenvolvimento dos interesses e necessidades do homem, portanto, o principal para o educando é criar um processo de busca que o faça capaz de aprender. Acredita também que a competência técnica e o comprometimento político dos educadores são elementos fundamentais para que as mudan-

ças em educação atendam as necessidades populares de instrumentalização para as transformações sociais, e é através do aproveitamento de espaços como o Cotrisol que a escola poderá divulgar os trabalhos realizados por seus alunos, incentivando-os em suas produções. É também através do Cotrijornal que os pais atualizam seus conhecimentos, os professores incentivam a leitura e produções de textos, que dão subsídios às escolas



do meio rural para realizar a integração dos conteúdos universalizados com a realidade do aluno. Assim, o Cotrijornal passa a ser um subsídio pedagógico para ser utilizado na sala de aula, proporcionando o desenvolvimento da criatividade e consequentemente o desenvolvimento da expressão oral e escrita".

FRANCISCO TENÓRIO FALCÃO PEREIRA

(presidente da Associação dos Engenheiros Agrônomos de Ijuí)

"A Associação dos Engenheiros Agrônomos de Ijuí - Apaju - parabéns o Cotrijornal pelos seus 20 anos reconhecendo o relevante trabalho prestado para o desenvolvimento da Agropecuária Regional. É, sem sombra de dúvidas, um esteio do cooperativismo. Sempre ao lado dos produtores, o Cotrijornal leva no seu bojo informações sérias, precisas e de grande importância para os associados da Cotrijuí e demais leitores. Também tem contribuído para manter informado e atualizado o quadro técnico das cooperativas e os próprios profissionais da área. Por outro lado, a Apaju agradece pela oportunidade de par-



ticipação da categoria agrônômica na divulgação de opiniões sobre política de produção e conteúdo técnico".

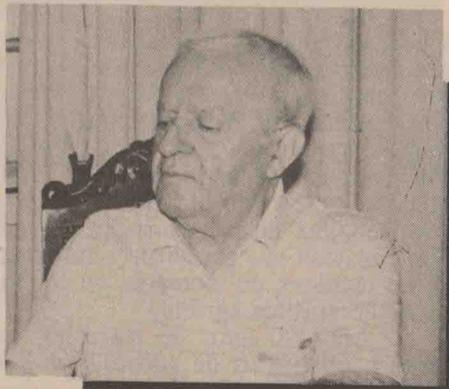
ALBERTO ANDRÉ

(presidente do Conselho Deliberativo da Associação de Imprensa)

"Criado na plenitude do regime militar em 1973, o Cotrijornal se impôs desde logo à missão de defender o ruralismo rio-grandense e enfrentar, na área da comunicação coletiva, o centralismo federal, ameaçador por sua política de aversões à agricultura e aos seus dirigentes e trabalhadores.

Ultrapassada a fase econômico-política dos anos 70, conseguiram o jornal e suas organizações transformá-lo em porta-voz do nordeste gaúcho, hoje circulando em mais de duas dezenas de municípios. Sua firme atuação favorece a expansão do ruralismo, especialmente a relacionada com a cultura de produtos básicos, como a soja, trigo, aveia e outros, culminando na construção do terminal próprio no Porto de Rio Grande.

Hoje o Cotrijornal se dedica à divulgação de bons projetos agrícolas e exerce seu papel com fins educativos e expositivos dos novos processos e seu instrumental, não havendo área de sua circulação que não tenha sido atendida em suas finalidades constru-



tivas rurais.

Tecnicamente bem elaborado, utilizando estilo claro e facilmente compreensível, bem diagramado, continua na sua frente de combate e esclarecimento da ação rural, ora de interesse os mais sérios, das comunidades a que dá os seus serviços. Por tudo, queremos enviar ao Cotrijornal, seus dirigentes e colegas, os melhores votos de continuidade do seu sucesso e do progresso que representa."

EZÍDIO PINHEIRO

(presidente da Fetag/RS)

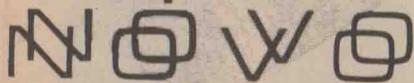


"Nos últimos 20 anos de circulação do Cotrijornal, pode-se afirmar, sem dúvida, que é um dos jornais do Rio Grande do Sul de maior identificação com o trabalhador rural. Durante este período, o Cotrijornal se comunicou sempre, às vezes com maior, outras vezes com menor frequência, com o trabalhador rural, sempre levando informações direcionadas para a vida do campo.

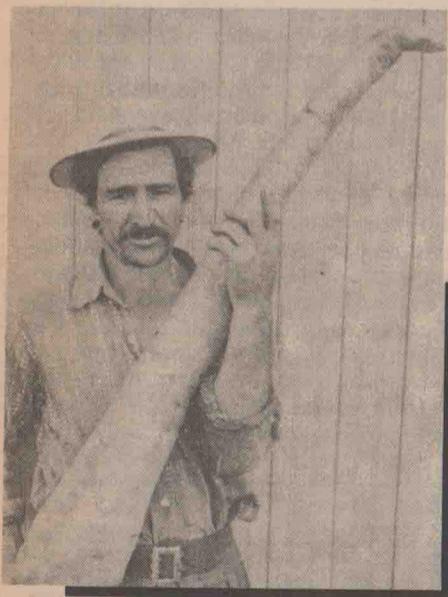
Distribuído entre a população rural, o Cotrijornal leva muitas informações técnicas que geralmente não são divulgadas em jornais não setorializados. São informações de grande utilidade para as lideranças sindicais e trabalhadores rurais.

Nestes 20 anos de trajetória, o Cotrijornal fez histórias e conquistou o reconhecimento pelo seu trabalho estritamente ligado ao campo. É um veículo de credibilidade que fez escola e, hoje é material de consulta e leitura dos técnicos do setor primário, lideranças do Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais e sociedade civil em geral".

Vale a pena ler de



Caprichos da natureza



Milho com espigas gêmeas, abóboras xipófagas, cachos de laranja com cinco frutas, batatas, pepinos e cenouras gigantes, entre tantos outros exemplos dos caprichos da natureza ou de deformidade genética sempre chamaram atenção do produtor, levando muitos a mostrar o feito para outras pessoas. Em novembro de 74, através de uma bela foto, o produtor Iseu Antônio Furlan, da localidade de São Pedro do Pontão - que na época pertencia ao município de Tupanciretá e hoje pertence à Jóia, apresentava uma mandioca de nove quilos e com 1,15 metros de comprimento colhida de uma lavoura de três anos.

Quem lê

EDISON DE ABREU LEMOS

(jornalista, Paraná Cooperativo, editado pela Organização das Cooperativas de Estado do Paraná)

"Refletir sobre os 20 anos de vida do Cotrijornal é refletir necessariamente sobre a vida da Cotrijuí, do cooperativismo e da imprensa cooperativa neste mesmo período. São elos da mesma corrente.

Herdeiro quase único de um segmento de imprensa outrora pujante, que chegou a contar com cerca de 32 jornais, o Cotrijornal que há mais de década venho acompanhando constitui experiência digna de orgulho, respeito, admiração e estudo.

Penso que o Cotrijornal só chegou onde chegou, por exemplo, porque surgiu no ventre de uma cooperativa que sempre primou pela ousadia

e o pioneirismo. Como explicar sua sobrevivência de outra forma?... Por outro lado, se não estivesse sintonizado com o produtor associado, sua receptividade e grau de exigência, como cumprir seu papel de provocar a discussão, alertar para os riscos da atividade, além de "fazer a história de seu tempo", registrando o momento e as experiências?

A história de 20 anos de sucesso do Cotrijornal certamente tem muito a ver também com a competência profissional iniciada com Raul Quevedo, passando pelo Valmir pela Christina Brentano, pelo Moisés, até chegar a Dária e a Carmem hoje em dia.



RENAN KURTZ

(presidente da Assembléia do Rio Grande do Sul)

"As frenéticas mudanças dos últimos 20 anos, no mundo, não alteraram os valores básicos do convívio humano. As fronteiras nacionais se abrem, mas os regionalismos irrompem mais fortes. A economia se mundializa e a comunidade ressurgue na plenitude de interesses e anseios entrelaçados.

Passadas as duas décadas que fizeram o mundo rodopiar como nunca, é uma satisfação ver Cotrijornal renovar, a cada edição, o compromisso que tem com os associados da Cotrijuí.

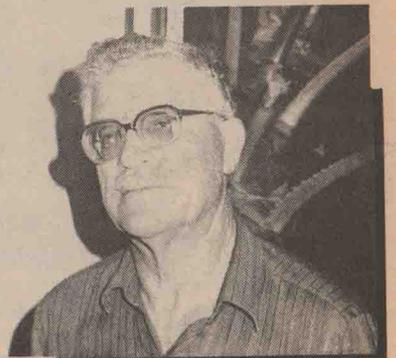
O desenvolvimento não se completa sem a repartição democrática do conhecimento e, para isso, a imprensa cooperativa é instrumento indispensável. Sem a democratização da informação, estaremos condenados ao atraso e à desigualdade.

Nestes 20 anos, o Cotrijornal foi além de suas obrigações. Inspirou debates e lançou propostas vinculadas às expectativas maiores da comunidade gaúcha.

Em nome da Assembléia Legislativa, formulo os cumprimentos dos 55 deputados à Cotrijuí, pela decisão de manter em circulação, mesmo em épocas difíceis, um jornal consciente de sua função social. Nossas congratulações aos editores, a todos os jornalistas, funcionários e colaboradores, pelo exemplo que dão de fidelidade à informação íntegra e ao direito de opinião".

FLORÍCIO BARRETO

(presidente do Sindicato dos Trabalhadores Dom Pedrito)



"Como leitor do Cotrijornal desde a encampação da Cooperativa Pedritense de Produtos Agropastoris pela Cotrijuí, venho admirando cada vez mais o jornal, devido ao seu comportamento sério e por sua feição gráfica de excelente qualidade e clareza nas reportagens, que podem ser bem entendidas por leitores de todos os níveis de saber. Estou certo que é o jornal de empresa mais bem elaborado do país, e que goza do maior prestígio, pelo menos no Rio Grande do Sul, onde circula desde o ano de 1973. Desejo por isso dar os parabéns a seus diretores e redatores, e também à direção da Cotrijuí, organização que o mantém há tanto tempo apesar das dificuldades que a todos atinge".

COTRIJORNAL

20 ANOS

Vale a pena ler de



O trote dos agentes de saúde



Embora barulho de carro não surpreenda mais ninguém no interior da Campanha, o cavalo ainda é um meio de transporte bastante utilizado nesta região, como mostrou reportagem na edição de agosto de 89, a respeito do trabalho de agentes de saúde em Dom Pedrito. Como as propriedades por aqueles pagos ficam mais distantes uma das outras, a solução encontrada pelo então Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí, formado na época pelo coordenador Ivo Bazilio, a socióloga Elizabete Piemolini e a nutricionista Reny Rockemback, foi organizar o serviço utilizando um meio de transporte mais barato e de fácil locomoção. A exemplo da agente Maria de Fátima Leite, na foto, as outras duas, Ana Lúcia Lanes e Gládis Ely Lima, deram mão nos arreios para prestar o serviço em Taquarém, Passo da Pedra, Sanga Preta e Vila Arrué.

Registro



Arthur Bazzan e a coleção

Um colecionador atento

Quem conhece o seu Arthur Bazzan, um ex-funcionário da Cotrijuí em Jóia, 65 anos, sabe muito bem do seu velho hábito de colecionar revistas e jornais. "Esse hábito, costuma dizer, vem do gosto pela leitura e da vontade de se manter sempre informado". Ainda hoje, passados quase 30 anos, seu Arthur ainda guarda a edição especial da revista *O Cruzeiro* - uma publicação que existiu até o final dos anos 70 - dedicada ao assassinato do presidente John Kennedy, dos Estados Unidos. Também é possível encontrar, em meio a sua coleção, o exemplar do *Correio do Povo*, de 31 de março de 1964, "dia do famoso Golpe Militar".

Junto a estas preciosidades históricas, seu Arthur guarda a coleção do Cotrijornal. A sintonia do seu Arthur com a Cotrijuí é ainda mais antiga que a própria existência de fato da cooperativa no hoje município de Jóia. Ela começou por ocasião da construção dos primeiros armazéns, quando seu Arthur se empregou como descarregador de caminhão. Quando o escritório foi inaugurado e a Cotrijuí passou a receber produto da região -

na ocasião integrava o município de Tupanciretã -, seu Arthur foi efetivado na condição de chefe de operações, "isso em março de 1973".

Quando circulou a primeira edição do Cotrijornal, em julho de 1973, seu Arthur gostou do jornal, "pois também era agricultor", e achou por bem colecioná-lo. "Hoje tenho todos os números e, enquanto puder recebê-lo, quero guardar", diz ele, aposentado há pouco mais de dois meses. Conta que guarda os jornais, não pelo simples prazer de guardá-los, mas porque acha que o jornal tem um pouco da história da cooperativa e dos próprios agricultores.

Das edições que mais marcaram, seu Arthur guarda uma atenção especial para a de julho de 1982. Esta edição trouxe um Suplemento Especial dos 25 Anos da Cotrijuí. Para que esta edição chegasse às mãos dos produtores, seu Arthur muito ajudou o comunicador da época, Ivo Bazilio, na distribuição do jornal entre os associados. Nas lembranças de um leitor atento, destaca um cochilo da equipe que faz o jornal. Em 1992, saíram duas edições seguidas com o mesmo número.

Quem lê

O produtor



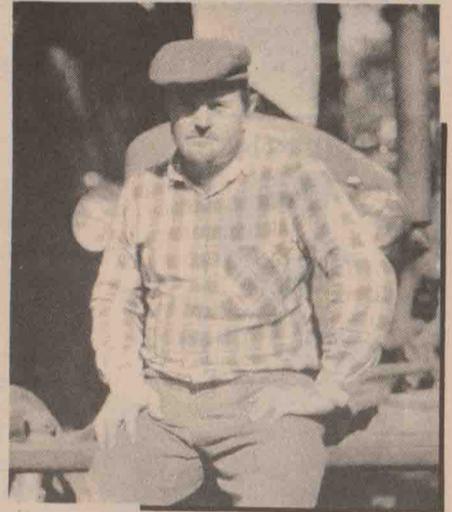
RENATO BORGES DE MEDEIROS
(professor da UFRGS)

"Seguramente a região de Ijuí não foi tão prejudicada pelas propostas da "revolução verde", introduzidas na década de 70, como foram outras regiões do mundo. Alguns chegam até mesmo a dizer que, localmente, os prejuízos foram pequenos diante dos ganhos verificados. Se isto de fato ocorreu, pode-se creditar ao alto grau de conscientização existente na região. O aumento dos debates e reuniões testemunham o estado de dúvida e questionamento que permeava o pensamento regional na década de 70. Os rumos do processo de desenvolvimento precisavam ser ajustados aos interesses da região. A Cotrijornal tomou inúmeras iniciativas com a finalidade de estimular o fluxo de informação, o debate e a prática do planejamento participativo. Investiu com prioridade na área de pessoal e comunicação. Ofereceu cursos e treinamentos ao seu corpo funcional, habilitando-o a compreender técnica e politicamente o novo momento do processo de desenvolvimento agrícola regional.

Aos seus cooperados foi oportunizado discutir e deliberar sobre as políticas e os procedimentos operacionais mais adequados para a Cooperativa. Um dos frutos gerados naquela ocasião, foi o Cotrijornal, que, já em sua primeira edição, propôs, entre outros assuntos também relevantes, dis-



cutir a diversificação agrícola. Na sua trajetória de 20 anos de edição, esteve sempre atento à idéia de que a formação de uma consciência crítica e criadora é a base das sociedades mais justas e desenvolvidas. A condição para o desenvolvimento desta consciência crítica está na imediata apropriação do saber pela população. O Cotrijornal, então, atento aos propósitos de qualificar a informação, se tornou um padrão de referência na comunicação regional, contribuindo decisivamente para a elaboração desta consciência.



"Tem muita coisa para se ler e aprender no Cotrijornal. Os assuntos são bastante variados e o produtor que precisa cada vez mais estar informado pode se atualizar em questões importantes como as microbacias, suinocultura, piscicultura e produção leiteira. Na família todos aproveitam o jornal. Eu, por exemplo, pego o jornal e vou direto para as entrevistas com outros produtores para saber o desempenho de um e de outro e com o tempo a gente vai lendo todo o Cotrijornal. Já as crianças vão logo ler o Cotrisol. Acho também que o jornal melhorou nos últimos anos, ampliou a discussão até porque a diversificação também aumentou. Ele também é muito utilizado nas escolas, porque quem está na agricultura tem que aprender sobre agricultura.

EDGAR FREIER - produtor em
Linha 27 - Ajuricaba

Vale a pena ler de



O artesanato dos Anezi



Roberto e suas máquinas

As invenções do produtor Oroszimbo Anezi da localidade de Rosário, em Augusto Pestana, são exemplos de que a criatividade é grande no campo. Com muito gosto pela carpintaria, esse produtor chegou a plantar soja com sementeira de madeira, feita por ele mesmo, no tempo em que trator era um sonho na sua propriedade. Em abril de 1990, muito tempo depois de o trator se tornar uma realidade, a disposição pelo uso de equipamentos artesanais era a mesma, como mostrava o produtor no Cotrijornal, satisfeito com a eficiência do "moedor de uva" e do "batedor de melado". A habilidade do pai passou para o filho Roberto Anezi, na época com 17 anos, que ganhava fama pelas miniaturas de máquinas agrícolas, diversas vezes expostas em empresas de Ijuí.

Varrendo os apertos



Willi Dolwitsch

Como uma fonte de renda alternativa ou até como um dos principais meios de sustento, a produção de vassouras caseiras foi destacada em algumas edições do Cotrijornal, mostrando acima de tudo as peculiaridades da vida regional. O seu Guilherme Dolwitsch, proprietário de apenas meia colônia de terra na Linha 23, Ajuricaba, comprovava este fato na edição de julho de 91, onde contava como este tipo de artesanato virou a principal ocupação da propriedade desde 1953. Contando com um vassoural de um hectare e meio, o velho Willi como é mais conhecido, produzia cerca de 600 unidades por mês e abastecia todo o comércio de Ajuricaba. Seguindo uma técnica ensinada pelo seu pai, Willi utilizava a palha própria e também a do freguês para fabricar as vassouras em equipamentos rudimentares mais eficientes, projetados por ele mesmo. Muito orgulhoso da sua produção, dizia que só não atendia um mercado maior por falta de matéria-prima e de mão-de-obra.

Registro

REFORMA AGRÁRIA

Contribuição para o debate

1985. A Nova República dava seus ares trazendo esperanças e frustrações. Em maio daquele ano, um polêmico assunto entrava em cena, diante do anúncio do governo para elaborar um plano para a reforma agrária. O plano, na verdade ainda uma proposta, era considerada controvertida pelos grandes proprietários de terra e pouco avançada para os trabalhadores sem-terra. Contribuindo com o debate que apenas largava as suas primeiras faíscas, o Cotrijornal se antecipava em todo Estado com um caderno especial, mostrando um pouco da estrutura fundiária de um "país de oito milhões e meio de quilômetros quadrados, onde 400 milhões de hectares pertencem ao latifúndio - e destes, 150 milhões de hectares não tem um palmo de chão produzindo - e ocupam mais de 80 por cento da área da terra cadastrada enquanto mais de 10 milhões de famílias não possuem terra para trabalhar".

Para melhor entender este quadro, se apresentou a idéia do programa oficial, baseado no velho Estatuto da Terra, os anseios dos trabalhadores rurais, do movimento sindical, a reação dos grandes proprietários e um retrato dos níveis de concentração da terra, a sua relação com a produção agrícola, os grandes especuladores, o espaço dos indígenas, as experiências da América Latina, entre ou-



tros pontos, além de um questionamento sobre a estratégia de um plano para reciclar o capitalismo.

A muitas das indagações o desenrolar da história nos anos seguintes deu respostas como o recuo oficial antes e com a Constituição de 88, o avanço da mobilização dos sem-terra e o aumento da violência no campo, comprovando que essa é uma questão que já deu e ainda vai dar muito pano pra manga.

Quem lê

WALTER FRANTZ

(reitor da Unijuí)

"Faço minha avaliação do Cotrijornal partindo de duas considerações importantes na vida moderna: o da globalização da vida - que se traduz pela cultura, pelos valores, pelos costumes, pelos sentimentos e pelas emoções - e o da participação, tendo como sub-item a responsabilidade social. Frente a estas duas questões, o Cotrijornal torna-se muito importante, embora a comunicação, a informação e a formação sempre tenham sido uma constante na vida do homem. O fenômeno da participação é extremamente importante nas organizações modernas.

O Cotrijornal nasceu num período muito conturbado e até muito conflitante sob certos aspectos. Quando a Cotrijuí percebeu que a sistemática de participação existente até então não estava permitindo toda a comunicação, toda a informação, especialmente no caso da famosa explosão dos preços da soja que ocorreu naquele ano, ela criou o jornal para preencher esta lacuna. A Cotrijuí foi muito inteligente e perspicaz na época. E é a partir daí que se pode definir

a importância dos 20 anos do Cotrijornal.

O Cotrijornal ocupa ainda hoje um papel fundamental, não só porque veicula informações ou comunica os agricultores associados da Cotrijuí, mas também porque ele tem sido muito usado pelas escolas. Sob este aspecto, o Cotrijornal preencheu uma função de formação muito importante. Acredito que ele seja um dos veículos escritos desta região de maior uso. Seu uso não fica restrito apenas a relação agricultor cooperativa. Ele é mais abrangente e chega às escolas.

Então me parece que o mérito, o peso da importância destes 20 anos do Cotrijornal se fundamenta neste aspecto. E hoje continua tendo este desafio, pois no que diz respeito a participação, ao fenômeno de globalização da vida, de responsabilidade de organizações e de pessoas, nada mudou. Como ele foi um jornal feito sempre com muita competência e profissionalismo, tem preenchido a sua função. Evidentemente que tudo tem limites e nem se pode esperar mila-



25

gres daquilo que não é de responsabilidade de um veículo, como eliminar todas as questões e os problemas pendentes de comunicação e de formação. Ele é, no entanto, um veículo extremamente importante. Aliás, a Cotrijuí tem sido uma das maiores, senão a maior escola de educação de adultos desta região Noroeste do Estado. É claro, nem por isto harmonicamente vista e julgada, mas tem também exercido esta função importante.

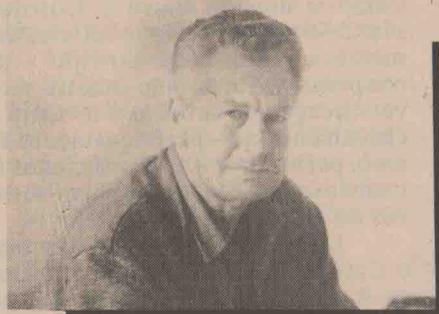
O Cotrijornal, ao meu ver, tem este grande mérito: ele não serve apenas a uma empresa, mas a uma população que precisa de informação, que precisa de comunicação e de formação. E ele tem preenchido isso muito bem".

EGON EICKHOFF

(presidente do Sindicato Rural de Ijuí)

"É um bom veículo de comunicação para o meio rural. Os agricultores procuram muito o jornal. Não é nenhuma crítica ao passado, mas o jornal vem crescendo e tem melhorado muito o seu nível de informações. Destaco como importantes aquelas informações de economia rural que servem para orientar o produtor em relação aos seus custos de produção. Ele ainda aborda outros assuntos básicos, mas muito interessantes para as atividades agropecuárias, como a questão dos solos, plantio direto, da pecuária leiteira, da suinocultura, do trigo, entre outros. Gosto muito de ler as entrevistas com os produtores, porque elas mostram o conhecimento do produtor sobre determinado assunto. É sempre muito bom conhecer as experiências de cada um.

Sempre dou uma olhada no jornal, mas lá em casa, quem mais lê é a minha esposa, a Edite. Ela lê qua-



se todo o jornal e passa adiante as informações que acha mais interessante. O jornal é importante. Sempre fui um defensor, quando integrava o Conselho de Administração da Cotrijuí, da sua manutenção. Acredito que através do jornal, no caso o Cotrijornal, o produtor associado pode se manter informado e até melhorar suas atividades através da incorporação de novas tecnologias".

ANTÔNIO GONZALEZ

(presidente da ARI e Diretor da FAMECOS)

"Sem abandonar o conceito de "Aldeia Global", hoje consagrado, é óbvio que, na área de Comunicação Social ocorrem transformações gigantes a curto prazo, as quais - por sua natureza e sem desprezar os avanços tecnológicos - visam estabelecer métodos e concretizar objetivos à realidade contemporânea.

Tentou-se, com recursos quase inacreditáveis, uma comunicação nacional e internacional. Se aceita como meio de informação de massa e conhecimento generalizado, está sendo rejeitada como agente desagregador de idéias, culturas e costumes, que modifica a vida de pessoas e regiões, sem as contemplarem com a ne-

cessária evolução sócio-econômica compatível a espaços, tempos e idéias.

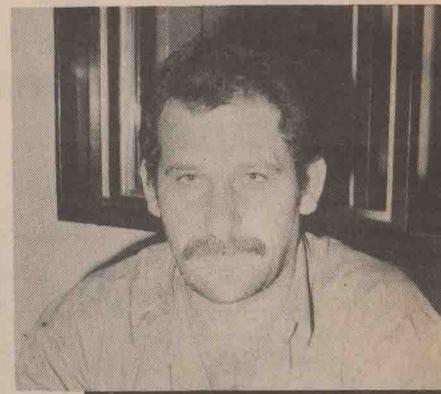
A situação não é caótica, muito menos insolúvel. Apenas preocupante. Eis que as próprias organizações jornalísticas nacionais e internacionais já pensam, planejam e concretizam projetos regionais.

Não se trata de ignorar a "Aldeia Global", mas simplesmente de estar consciente que, acima de valores internacionais, existem valores de países, estados e municípios.

O núcleo é o município, o alicerce da "Grande Aldeia". Parabéns ao "Cotrijornal" e equipe, pelo que têm feito em prol dessa filosofia, ao longo dos últimos 20 anos.":

JULIO GABBI

(presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí)



"O cooperativismo é a força econômica dos produtores envolvidos em determinadas atividades agrícolas. Os sindicatos de classe representam a movimentação política de suas categorias. Juntos cooperativismo e sindicalismo rural, expressam a força dos envolvidos na atividade rural. Ambos representam pessoas, mesmo que muitas vezes o cooperativismo mantêm maior vinculação com o capital.

O Cotrijornal, meio de comunicação da Cotrijuí, tem ao longo de sua existência, procurado expressar o que representa de mais real: a permanente busca de aperfeiçoamento técnico do quadro social de Cooperativa. É um órgão que incentiva pesquisas, novos conhecimentos, técnicas e tudo o que o produtor rural gostaria de ver e ter em sua propriedade. O Cotrijornal tem, se mantido atento aos novos rumos que a agricultura moderna está a exigir. Traz a informação objetiva e clara ao produtor. Deve continuar assim, mas sem esquecer que cooperativismo representa pessoas e nessa condição, deveria objetivar o melhor para o homem".



Vale a pena ler de

O protesto do seu Carlos



Mostrando talento com o lápis, o agricultor Carlos Zimmermann, de Monte Alvão, interior de Chiapetta engrossou as fileiras do "protesto da soja", em junho de 89, através de uma ilustração. O desenho circulou na reunião de avaliação do movimento em Catuípe e foi publicado pelo Cotrijornal, fazendo com que milhares de produtores também vissem o ex-presidente José Sarney tendo uma das "suas idéias brilhantes para enganar o agricultor".

Quem lê

MARIA LUIZA LUCCHESI

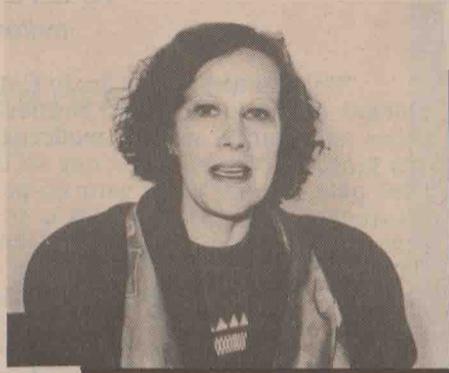
(secretária Municipal de Educação e Cultura de Ijuí)

26

"Uma forte marca da rede municipal de ensino de Ijuí - formada por 14 escolas urbanas e 34 escolas rurais que atendem 5.265 alunos - consiste na integração com a comunidade.

A proposta pedagógica da SMEC/Ijuí construída pelo coletivo dos professores identifica-se pela opção, pela educação popular desenvolvida a partir da experiência de vida do aluno. A pesquisa pedagógica voltada primordialmente para o ensino básico - Pré-Escolar e 1º Grau - é realizada sistematicamente buscando alternativas para uma educação de melhor qualidade, considerando o aluno num tempo e espaço específicos.

Neste contexto, a presença do **Cotrijornal** nas Escolas Municipais é extremamente significativa como constante e séria fonte de informa-



ções para alunos e professores: seus textos são "pretextos" para estudos, debates e pesquisas que ultrapassam a sala de aula chegando às famílias dos escolares.

Os professores municipais de

Ijuí vêm conseguindo se independizar do livro didático utilizando-o apenas como uma referência e buscando no meio próximo os instrumentos de aprendizagem para uso no cotidiano escolar. O conhecimento universal é trabalhado a partir do saber local e prático.

A linha editorial do **Cotrijornal**, caracterizada como publicação dirigida, circunscrito à área de abrangência da Cotrijuí, extrapola os limites do "localismo", subsidiando seus leitores para inferências mais amplas e possibilitando a necessária relação teoria/prática.

Por tudo isso, parabenizamos a equipe do **Cotrijornal** pelos 20 anos de trabalho construtivo e nos colocamos como parceiros na implementação de novas ações educativas".

MANOEL MARIA

(vice-presidente em exercício da Assembléia Legislativa do Estado)

"Em nenhum momento, o cooperativismo tornou-se tão importante no sistema de produção, como é hoje. Mais e mais, comprova-se a sua eficácia na busca da melhoria da qualidade de vida dos produtores, agricultores e na conseqüente elevação dos padrões econômicos do nosso país.

Assim, tornou-se o **Cotrijornal**, ao longo de 20 anos de sua existência, um canal de expressão do cooperativismo e um elo entre a Cotrijuí e seus associados. O órgão reflete exatamente a pujança da Cotrijuí - uma cooperativa forte, que insistiu na diversificação de culturas e investiu decisivamente no aperfeiçoamento técnico, permitindo a seus associados instrumentos para modernizarem-se através de novas tecnologias.

Mas não só neste aspecto pensa o **Cotrijornal**. Vai mais longe. Dedicase ao trabalho educacional, chegando aos filhos dos agricultores, através de um bem elaborado suplemento in-

fantil, desde já com a preocupação expressa de formar aqueles que virão tornar-se futuros produtores.

Não temos dúvidas de que somente o agricultor bem informado será capaz de enfrentar os constantes desafios que a economia nos impõe. Quem estiver preparado para enfrentá-los, resistirá às adversidades. Do contrário, sucumbirá. É justamente este símbolo que marca o **Cotrijornal**, de resistência, de transformação e adaptação às novas conjunturas, transmitindo ao leitor um arsenal de informações capaz de abrir caminhos na tempestuosidade das políticas econômicas editadas em nosso país.

A Assembléia Legislativa, em particular, compartilha da idéia de que o Brasil tem condições humanas e materiais de superar suas adversidades. Um dos exemplos para tanto, sem dúvida, é o cooperativismo, sinônimo de união em favor de uma mesma causa. Independentemente de fór-



mulas mágicas, a verdade é que precisamos caminhar na busca do aumento da produção e da produtividade, talvez a única saída para vencermos um quadro desalentador de miséria que afeta expressivo contingente de nosso povo.

Queremos, na oportunidade, parabenizar a diretoria da Cotrijuí, a equipe do **Cotrijornal**, seus colaboradores, por prosseguirem na tarefa de tornar seu órgão de imprensa um instrumento para o progresso do nosso Estado e do nosso país".

JOCELI SCHIAVO

(delegado da 3ª Delegacia do Sindicato dos Técnicos Agrícolas/RS)



"No momento em que o setor primário prioriza a otimização dos seus recursos e busca novas alternativas de produção de maneira racional, é de fundamental importância a difusão das modernas tecnologias.

Entrelaçados neste sistema de trabalho, o técnico agrícola vem, juntamente com o **Cotrijornal**, desempenhando um papel relevante na profissionalização do produtor, procurando mantê-lo como integrante ativo no processo produtivo.

Parabéns **Cotrijornal** pelos 20 anos de atuação brilhante, baseado num trabalho sério e eficiente, procurando sempre passar informações ao nosso produtor".

NEIDE ANDREATTA MOTYCZKA

(professora da Escola de 1º e 2º graus Antônio Mastella)

"Como professora há 18 anos, oriunda do meio rural, acredito que na nossa região, o **Cotrijornal** é um dos mais importantes meios de comunicação escrita, pois além de atingir uma população que dificilmente tem acesso a livros, revistas ou até mesmo jornais, também tem pouco hábito de leitura. E hábito adquire-se através da regularidade de uma ação, o que é proporcionado pelo **Cotrijornal**, tendo em vista sua periodicidade.

Outro aspecto importante a salientar sobre o **Cotrijornal** é que ele deixou de ser apenas um jornal regional e conquistou espaços a nível nacional. Digo isto, pois há alguns anos atrás, recebi uma carta de "Bananeiras", na Paraíba, pedindo informações sobre as Escolas-pólos, onde a professora salientava ter lido no **Cotrijornal** uma reportagem sobre o assunto. Este fato demonstra a importância de termos um jornal com o **Cotrijornal**, que prioriza e se dedica ao setor primário, divulgando as inovações dos diferentes setores da região e que tem alcance nacional.



Como professora e como ex-secretária Municipal da Educação de Jóia, não poderia deixar de salientar a significativa função do **Cotrijornal** no processo ensino-aprendizagem, em especial nas Escolas do meio rural. Usado como fonte de pesquisa e principalmente como meio de divulgação das produções dos alunos, o **Cotrijornal** consegue integrar a família, estimulando todos a leitura.

Parabéns a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que o **Cotrijornal** comemorasse seu 20º ano de trabalho voltado ao homem rural".

COTRIJORNAL
20
ANOS

Vale a pena ler de



O carrinho que aplica uréia



Provando que em tempos de crise nada melhor do que muito trabalho e muita criatividade, o produtor Idílio Ascoli, administrador da Agropecuária Zamboni Ltda, em Santo Augusto, apresentava na edição de janeiro de 92, uma dessas invenções caseiras que serve para reduzir o custo de produção na lavoura. Baseando-se em exemplos semelhantes de outros municípios, o produtor construiu um aplicador manual de uréia, para ser usado tanto na lavoura de milho, como na de feijão e na de trigo. Semelhante a um carrinho de mão, o equipamento inventado por Idílio foi feito à base de materiais usados como roda de bicicleta, rotor, balde de alumínio e correia. "Simples, prático, eficiente e econômico", dizia o produtor definindo o seu invento e garantindo que o aproveitamento da uréia era melhor com o equipamento, "pois a aplicação é toda em linha, ao contrário do que ocorre com os aplicadores tratorizados".

Quem lê

ALCEU COLLARES

(governador do Estado)

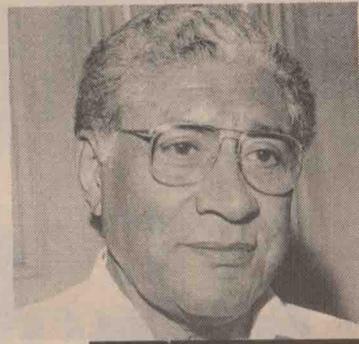
"O governo do Estado se alia aos agricultores e produtores, aos técnicos, às instituições universitárias, aos empresários e à comunidade rio-grandense na saudação aos 20 anos de existência do **Cotrijornal**."

Dos quase 300 órgãos de imprensa escrita do interior do nosso Estado, força extraordinária que informa e forja a consciência de milhões de leitores todos os dias, uma, duas ou vezes mais por semana, quinzenalmente ou mensalmente - como é a periodicidade do **Cotrijornal** - este se destaca pela oportunidade e conhecimento de causa com que analisa as questões da produção, da terra e dos homens do campo e da lavoura, fazendo escola e sendo exemplo para todo o país.

Sua atuação não apenas na área cooperativada, mas sobremaneira abrangente, enfocando assuntos do interesse geral e nacional, como a ligação dos rios Ibicuí-Jacuí, acalentada pelos gaúchos há mais de 100 anos, projeta o **Cotrijornal** como uma das publicações de maior credibilidade da nossa imprensa.

Ao homenageá-lo, o Governo do Estado estende cumprimentos a Cotrijuí que teve a visão de editá-lo ainda no período das restrições democráticas, desafiando riscos e impondo-se.

Esse pioneiro foi preservado pela filosofia de trabalho dos profissionais do **Cotrijornal**, como hoje se depreende da leitura de suas edições, sempre voltadas para a incessante abor-



27

dagem de fatos e temas novos, abrindo caminhos para seus assinantes e leitores pelos ensinamentos que contém.

Por tudo isso, o Governo do Estado deseja que os 20 anos de circulação deste jornal signifiquem o replantio de mais projetos e idéias, que germinem boas colheitas por muitos e muitos anos, distribuindo benefícios diretos para todo o nosso Rio Grande. **Parabéns Cotrijornal!**

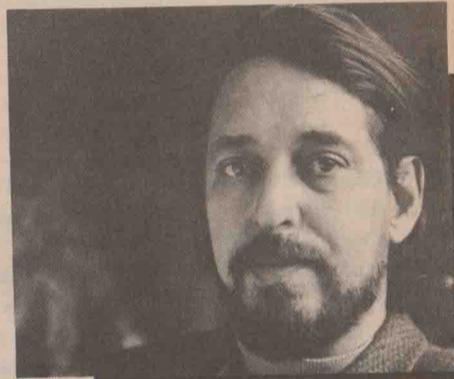
ANDRÉ PEREIRA

(jornalista, editor de *O Interior da Fecotriço*)

Um dos raros sobreviventes da imprensa rural gaúcha, que já teve mais de duas dezenas de jornais circulando no interior nos anos 70 por iniciativa de cooperativas de produção, o **Cotrijornal** não chega aos 20 anos por acaso. Confeccionado no meio ao qual se destina - o dos produtores cooperativos do interior - o jornal consegue cumprir, fielmente, os objetivos a que se propôs chegando ao agricultor com a informação que lhe interessa, com a linguagem que ele conhece e o enfoque que resgata os valores do homem do campo, privilegiando a filosofia cooperativista de união de pessoas, acima de interesses comerciais.

O **Cotrijornal** consagra, ao longo de sua existência, o princípio de

que a informação é um instrumento poderoso para a tomada de decisões. E não poupa papel para dotar o leitor de notícias que abrangem desde informes de comercialização da soja no mercado internacional até a cotação do porco ou do leite no mercado regional. Mas se preocupa, também, com o papel das mulheres e o lazer das crianças no meio rural, exibindo uma variedade de abordagens que certamente explica, em boa parte, por que resiste bravamente às crises cíclicas e crônicas que castigam a agricultura e particularmente as cooperativas. Mas os mesmos jornalistas preocupados com as questões agrícolas atuando profissionalmente na capital do estado não podem dispensar a leitura do **Cotrijornal** para enriquecer



suas informações sobre o meio rural. Eu, por exemplo, não deixou de ler. Há 20 anos".

JOVANI DELLAFLORA

(presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ajuricaba)



"O **Cotrijornal**, ao longo da sua história, sempre teve uma importância muito grande, pois sempre esteve ao lado do agricultor, mantendo-o informado. O nosso desejo, como presidente de um sindicato de trabalhadores rurais e como agricultor e leitor, é de que este trabalho de divulgação e que atinge toda esta região, continue tendo êxito. Acreditamos no trabalho da imprensa escrita e falada, pois a estes órgãos de comunicação cabe a incumbência de informar o leitor. O **Cotrijornal**, lido pela maioria dos agricultores de Ajuricaba, especialmente pelos associados do nosso sindicato, merece esse reconhecimento. O nosso desejo é que o **Cotrijornal** continue nessa sua trajetória de sempre manter seus leitores bem informados, especialmente naquilo que diz respeito a sua atividade, que é a agricultura".

GELSON JOSÉ FERRARI

(presidente do STR de Tenente Portela)

"Os 20 anos do **Cotrijornal** destacam-se pelo repasse de informações ao quadro social da Cotrijuí, interligando os diversos setores produtivos e profissionais, além de interligar estados, regiões e municípios onde a cooperativa está presente.

As centenas de reportagens, abordando experiências na área da produção, comercialização e beneficiamento dos produtos agrícolas, elevam os conhecimentos do quadro social. Também o **Cotrijornal** destaca-se na divulgação de novas tecnologias e experiências, desenvolvidas pela área técnica da Cotrijuí, nas unidades, além dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos no CTC que, através do jornal, chegam a um grande número de associados. Além destes, podemos destacar outros papéis desenvolvidos na informação dos associados, como cotações de mercado dos produtos agrícolas, apresentação de custos de produção, rentabilidade das lavouras, oscilações do mercado gerando segurança ao quadro social, podendo optar pelo melhor investimento na sua propriedade, além de poder escolher o me-



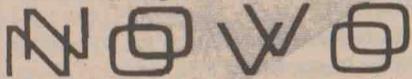
lhor momento de comercialização da sua produção.

Não temos dúvida de que este veículo de comunicação tem representado a expressão dos associados da Cotrijuí na medida em que acompanha experimentos produtivos, seminários, encontros e eventos realizados pelas diversas Unidades receptoras da Cooperativa, levando informações e posicionamentos dos diversos segmentos, além de manifestar atividades e posicionamentos da direção eleita, conselheiros e representantes, tornando mais acessível a estrutura do poder e destacando a Cotrijuí no cenário nacional, como uma das maiores cooperativas de produção.

Parabéns **Cotrijornal**. Esperamos continuar juntos por muitos anos, sempre levando informações na busca de melhores dias aos agricultores".

COTRIJORNAL
20
ANOS

Vale a pena ler de



Ponte aérea
para o leite



Quando falta estrutura o negócio é apelar para a criatividade. E isso foi o que fez o produtor Gerson Schilling, proprietário de apenas cinco hectares de terra dobrada em Centro Novo, interior de Tenente Portela. Para driblar uma distância de dois quilômetros até a linha de leite, que ainda por cima era percorrida de gaiota, ele criou uma espécie de ponte aérea para transportar o produto. A ponte consistia em dois postes colocados em morros de duas propriedades à do Gerson e do seu irmão que ficava bem próxima a uma outra linha - e interligados por 900 metros de fio de arame de aço, por onde o tarro deslizava em poucos segundos. Transportar o tarro cheio era mais fácil do que fazer o contrário, considerava o produtor na edição de novembro de 88 do **Cotrijornal**, pensando em outras enjambrações para manter a atividade leiteira.

ESTA É A MAIOR PROVA DE CREDIBILIDADE QUE UM JORNAL PODE TER...

CibaGeigy
Adubos Trevo
Basf Brasileira S/A
Merck Sharp
Shell
Ici do Brasil S/A
Du Pont
CRA
Apesul
CNDA
Adubos Pampa
Squibb Veterinária
Bayer
Petrobrás
Cyanamid
Braskalb
Imasa
Singer
Hoechst do Brasil Química
e Farmacêutica Ltda
Monsanto
Elanco
Rohm Haas
Trilhotero
Union Carbide
Itap S/A Embalagens
Cia de Seguros Gerais

Sicredi
Banrisul
Irfa
Montedison
Pioneer
Kepler Weber
Nova Santa
Adubos Ipiranga
Agroquisa
Manah
Unimed
Semag
Correias Mercúrio
Laboratório Wyeth Ltda
Gerdau
Quimio Divisão Agroquímica
Jacto
Alpargatas
CRT
Husqvarna
Bamerindus
FMC do Brasil S/A
Pick-up
Scania
Quim-Brasil Serrana
Defensa
Fresal Embalagens

Dow Produtos Químicos Ltda
Meridional
Produtos Agrícolas 3M
Consul
Stauffer
Walita
Brasilit
Editora Abril
Pfizer
Agrocereis
Pearson
Vitavax
Prosdócimo
Hatsuta
IBGE
Erva-Mate Genuína
Calfibra
Gamit Pounce FMC Corporation
Heberle
Herbitécnica
Máquinas Agrícolas Campeã
Vulcan
Sprayng Systems do Brasil Ltda
Oregon
Monark
Abbott do Brasil Ltda
CCGL - Leite Elegê

Alcan Alumínio
Metalúrgica Venax
Cargill
Fecotrigo
Villares
Sulbrasileiro
Inkra
Banco do Brasil
Minami
Maxion
Carrocerias Garzella
Unipac
Defertil
Sandoz
Soma Silogranel
Geral
Lojas Fricke
Riopel S/A Ind. Papelão Artef.
Balanças Urano
Café Bom Jesus
Prolac Produtos Lácteos Ltda
Café Campeiro
Bombas Diesel Pelotas
Contibrasil
Banco Itaú
Habilitasul
Valmet

Metalúrgica Modelar
Zamprogna
Dal Monte
Haupt
Monroe Auto Peças S/A
Philips Duphar BV
Maxiforja S/A
Samrig
Rainbow Sistemas de Irrigação
Contaregis Equip. Controle S/A
General Electric
Gama Construtora
Banco Real
J. H. Santos
Nortox
Crefisul
Ford
CBT
Massey Ferguson
Boelter S/A Mec. Metalúrgica
Semeato
Ideal Máquinas Agrícolas
Schneider, Logmann
Triângulo Com. Rep. Ltda
Mutum Agropecuária
Transquímica Internacional Rep. Ltda
Dinagro Dodecacloro

ANUNCIANTES DE CREDIBILIDADE.

O COTRIJORNAL parabeniza os anunciantes que, durante estes 20 anos, usaram nosso veículo como meio de se comunicar com seus consumidores.



Cotrisol

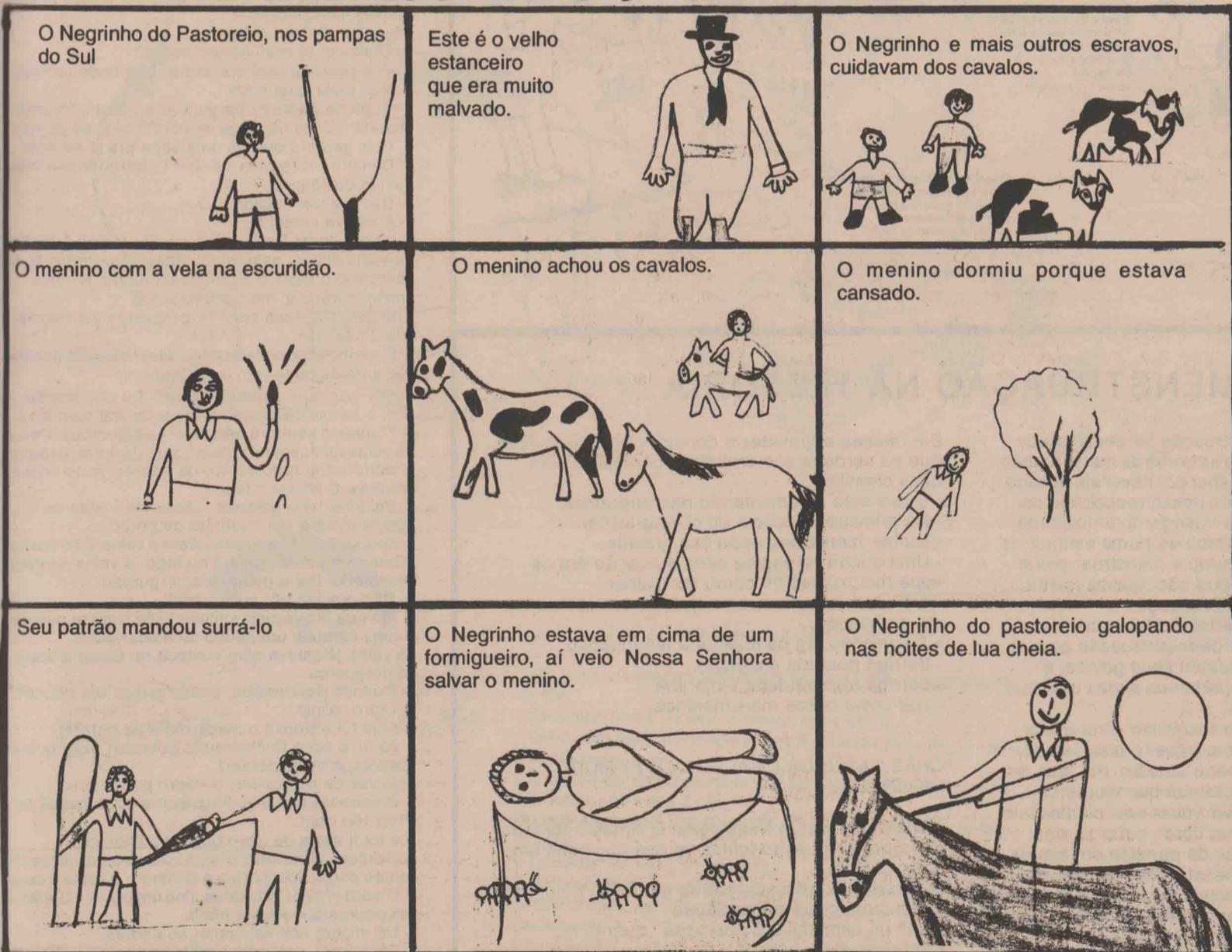
SUPLEMENTO INFANTIL - ELABORADO NA ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS
FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE/UNIJIÚ

Elaboração:
Rosane Nunes Becker
Montagem:
Z Comunicação

Todos os povos, desde os mais poderosos aos mais humildes, possuem sua ciência, sua arte, sua literatura, sua religião. Os elementos humanos, de qualquer sociedade, tem certas idéias e doutrinas sobre as coisas. Todos os homens, mesmo inconscientemente, possuem uma alma coletiva, na qual misturam-se superstições, credices, formas elementares de Arte e Ciência.

Em toda sociedade encontramos o médico, o juiz, o professor, o engenheiro, o padre, a rezadeira e seus milagres... Esse intelectualismo inculto, formado de pensamento elementar, de emoção, é que constitui a alma popular. E essas crenças, tradições, superstições, estórias, provérbios, literatura popular, tudo recolhido pela tradição oral, é que consiste o FOLCLORE.

O NEGRINHO DO PASTOREIO



2

A LENDA DOS DIAMANTES



Potira era uma índia bela, tão singela uma flor. Vivia com Itagibá forte guerreiro, seu grande amor.



Às margens de um rio tranqüilo. Havia um lugar encantado, um lugar preparado, sem igual. Parecia especial para a felicidade do casal.



Certa vez, num triste dia, este sonho encantado foi interrompido por um fato inesperado: uma guerra tinha começado contra uma tribo vizinha.



E sua amada Potira, calada, chorando ficou de tristeza ou talvez desatino achando cruel seu destino.



Foi o valente Itagibá seu povo defender lutando e Potira ficou esperando, com o coração cheio de dor, a volta de seu amor.



Muitos índios voltaram. Muitos outros lá ficaram.



O resto de sua vida a índia passou chorando, lá na beira daquele rio só para o infinito olhando. Que infelicidade! De Itagibá só restou saudade.

Foram tantas lágrimas choradas, tanto pranto derramado, que Tupã ficou impressionado e tanto se interessou que as lágrimas de Potira em diamantes transformou.

Nosso Folclore



A MENSTRUÇÃO NA HISTÓRIA

Durante séculos a menstruação foi considerada doença. Segundo a Bíblia, as dores da menstruação teriam sido impostas à mulher por haver ela pecado. Num dos trechos famosos desse repositório do saber antigo, Jeová, para castigar a curiosidade da mulher de Ló, transformou-se numa estátua de sal e essa estátua continuou a menstruar pelos séculos afora, "a fim de que não ficasse isenta desse castigo que é a menstruação". Jeremias, um dos chamados Profetas maiores, escreveu: "É no instante da menstruação que os espíritos malignos desfecham seus golpes; é quando a imundície desperta nas almas os maus pensamentos". O célebre naturalista romano Plínio dizia que a menstruação é perigosa, porque, nesse estado, a mulher elimina um veneno funesto. Por isso os antigos romanos não deixavam que mulheres menstruadas ordenhassem vacas nem plantassem sementes, nem colhessem flores e frutos, nem fabricasse vinho. Hoje ainda persiste em alguns lugares, que mulheres menstruadas não devem fazer bolinhos ou pão, "pois a massa não cresce." Na verdade a mulher menstruada secreta "geralmente" uma substância chamada MENOTOXINA, produzida junto com o suor na ponta dos dedos, esta substância impede o crescimento das plantas e afetam as sensíveis estruturas dos transistores, razão pela qual as operárias das fábricas de aparelhos eletrônicos são proibidas de trabalhar quando menstruadas. Os indígenas da ilha Murray acreditavam que a

Em relação a gravidez é comum ouvir afirmações que na verdade são crendices populares sem base científica.

- Quem está amamentando não engravida.
- Na primeira relação é difícil engravidar.
- Mulher menstruada não fica grávida.
- Uma ducha na vagina após a relação tira os espermatozoides do corpo da mulher.
- A pílula funciona mesmo quando tomada só no dia da relação.
- Ter relação em pé impede a fecundação.
- Barriga pontuda é menino.
- Barriga arredondada é menina.
- Lua cheia nasce mais meninos.

CHÁS CASEIROS, IDEAL PARA O PERÍODO MENSTRUAL

- Chá de folhas de framboeza. É também tomado no trabalho de parto folhas verdes ou secas em água quente.
- Canela, noz-noscada cozida em vinho tinto, pra quem tem pouca menstruação.
- Chá de camomila. Compressa quente no abdômen, alivia cólicas.
- Chá de mangerona acalma e alivia cólicas. Era como um jovem que em determinados períodos violava as mulheres ocasionando-lhes uma desgraça sangrenta.

"Curiosidades sobre a vida sexual".

Pedro Malasarte era um cara danado de esperto. Um dia ele estava ouvindo a conversa do pessoal na porta da venda. Os matutos falavam de uma velha avarenta que morava num sítio pros lados do rio.

Cada um contava um caso pior que o outro.

- A velha é unha-de-fome. Não dá comida nem pra os cachorros que guardam a casa dela - dizia um.
- Quando chega alguém pro almoço, ela conta os grãos de feijão para por no prato. Verdade! Quando me contou foi o Chico Charreteiro, que não menta - afirmava o outro.
- Eta velha pão-duro! - comentava um terceiro. Dali não sai nada. Ela não dá nem bom-dia.

O Pedro Malasarte ouvindo. Ouvindo e matutando. Daí a pouco entrou na conversa:

- Querem apostar que pra mim ela vai dar uma porção de coisas, e de boa vontade?
- Tu tá é doido! - disseram todos. - Aquela velha avarenta não dá nem risada!
- Pois aposte que para mim ela vai dar - insistiu o Pedro - Quanto vocês apostam?

A turma apostou alto, na certeza de ganhar. Mas o Pedro Malasarte, muito matreiro, já tinha um plano na cabeça. Juntou umas roupas, umas panelas, um fogãozinho, amarrou a trouxa e se mandou pra casa da velha. Era meio longe, mas pra ganhar aposta, o Malasarte não tinha preguiça. O Pedro foi chegando, foi arranchando, ali bem perto da porteira do sítio da velha. Esperou um tempo pra ser notado. Quando viu que a velha já tinha reparado nele, armou o fogãozinho, botou a panela em cima, cheia de água, e acendeu o fogo. E ficou o dia inteiro cozinhando água. A velha, lá da casa, só espiando. E a panela fumegando.

E o Pedro atiçando o fogo. Não demorou muito, a velha não aguentou a curiosidade e veio dar uma espiada. Passou perto, olhou, assuntou, e foi embora. O Pedro firme, atiçando o fogo.

No dia seguinte, panela no fogo, fervendo água, soltando fumaça. Pedro atiçando o fogo. A velha olhando de longe, lá de dentro da casa. Até que ela não conseguiu mais se segurar de curiosidade. Salu e veio negaceando, olhar de perto. O Pedro pensou: É hoje!

Catou umas pedras no chão, lavou bem e jogou dentro da panela. E ficou atiçando o fogo pra ferver mais depressa.

A velha não se conteve:

- Oi moço, tá cozinhando pedra?
- Ora, pois sim senhora, dona - respondeu o Pedro.
- Vou fazer uma sopa.
- Sopa de pedra? - perguntou a velha com uma careta.
- Essa não, seu moço! Onde já se viu isso?
- Pois garanto que dá uma sopa pra lá de boa.
- Demora muito pra cozinhar? - perguntou a velha ainda duvidando.
- Demora um bocadinho.
- E dá pra comer?

- Claro, dona! Então eu ia perder tempo à toa? A velha olhava as pedras, olhava pro Pedro. E ele atiçando o fogo, e a panela fervendo. A velha meio incrédula, meio acreditando.
- É gostosa, essa sopa? - perguntou ela depois de um tempo.
- É - respondeu o Malasarte. - Mas fica mais gostosa se a gente puser um temperinho.

- Por isso não - disse a velha. - Eu vou buscar. Foi e trouxe cebola, cheiro-verde, sal com alho.
- Tomate a senhora não tem? - perguntou o Pedro.
- A velha foi buscar e voltou com três, bem maduros. Pedro botou tudo dentro da panela, junto com as pedras. E atiçou o fogo.
- Vai ficar bem gostosa - disse ele. - Mas se a gente tivesse um courinho de porco...
- Pois eu tinha lá em casa - disse a velha. E foi buscar Couro na panela, lenha no fogo, a velha sentada espiando. Daí a pouco ela perguntou.
- Não precisa pôr mais nada?
- Até que ficava mais suculenta se a gente pusesse umas batatas, um pouco de macarrão...

A velha já estava com vontade de tomar a sopa, e perguntou:

- Quando ficar pronta, posso provar um pouco?
- Claro, dona!

Aí ela foi e trouxe o macarrão e as batatas.

- Hum, a sopa tá cheirando gostosa! Será que as pedras já amoleceram?

Em vez de responder, o Pedro perguntou:

- A senhora tem uma lingücinha no fumelro? Ia ficar tão bom...
- Lá foi a velha de novo buscar a lingüça.

Cozinha que cozinha, a sopa ficou pronta. Malasarte então pediu dois pratos e talheres, a velha trouxe. O Pedro encheu os pratos, deu um pra ela. Separou as pedras e jogou no mato.

- Ué, moço, não vai comer as pedras?
- Tá doido! - respondeu o Malasarte. - Eu lá tenho dente de ferro pra comer pedra?

E tratou de se mandar o mais depressa que pode. Foi correndo pra venda, cobrar o dinheiro da aposta.

CONTOS POPULARES PARA CRIANÇAS DA AMÉRICA LATINA



MITO

É a transfiguração dos seres e fenômenos naturais em "corpos estranhos" com forças sobrenaturais. O mito não tem local, nem época definida. Ex: Boitatá, Lobisomem, Mãe-do-ouro, Saci Pererê.

ESTÓRIAS E CONTOS

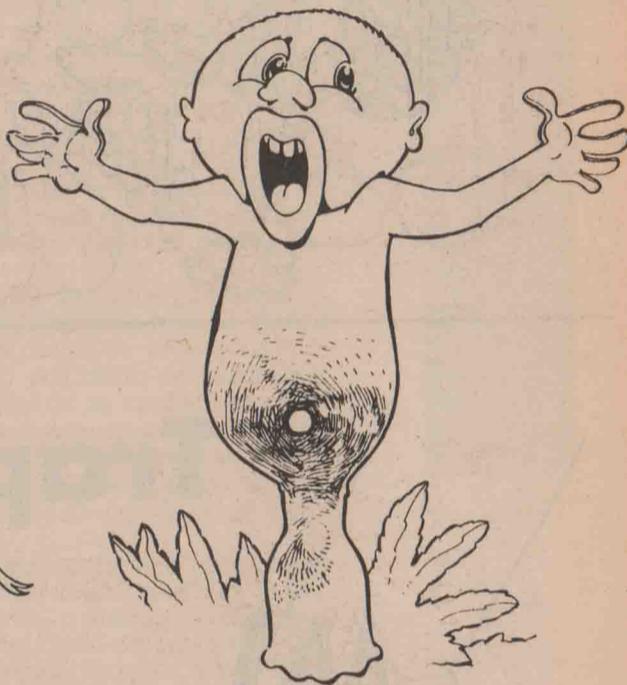
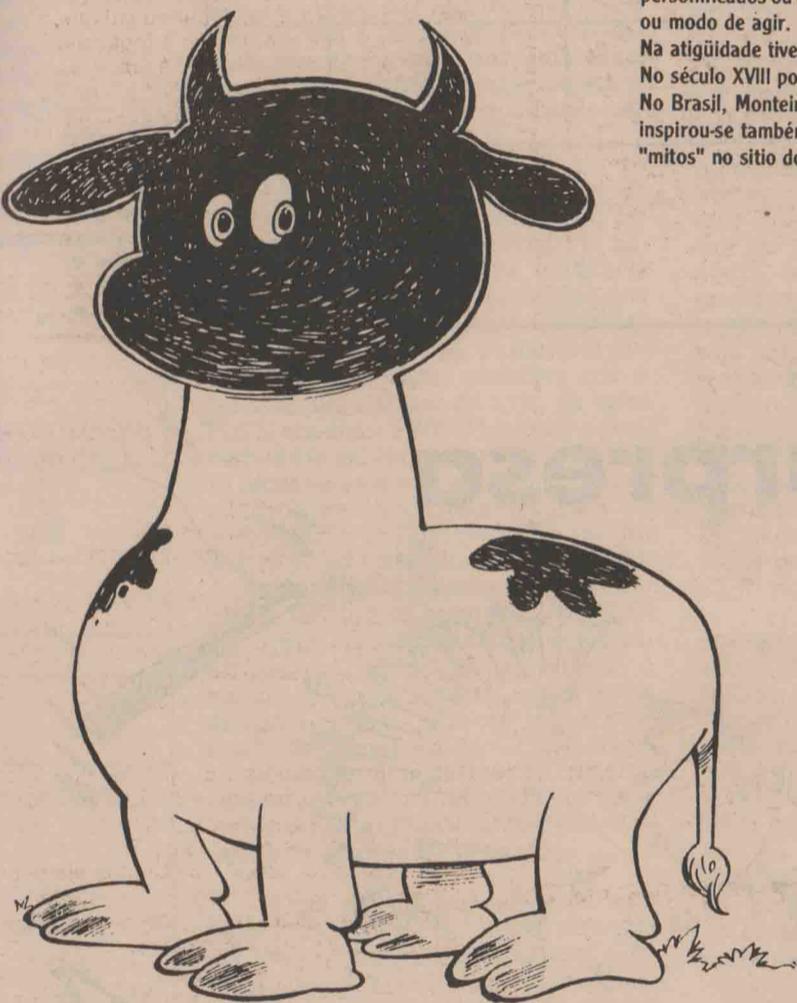
Conto é uma estória curta, às vezes em verso, que narra aventuras possíveis e extraordinárias. Eram narrados nos campos, nos sertões e mais tarde é que alguém pensou em escreve-las. Os mais antigos contos escritos são os Parrault, publicados na França no século XVII. Na Alemanha os Irmãos Grimm.

LENDAS

A palavra "lenda" vem de ler. Na era cristã era costume nos conventos e mosteiros, à hora das refeições fazer a leitura da vida do santo comemorado naquele dia. Essas leituras foram aos poucos incluindo narrativas maravilhosas de fatos ou ações, de deuses ou heróis, com sinceridade e simplicidade de coração. Nossa maior contribuição foi a dos indígenas.

FÁBULAS

Consiste em se relatar um fato, tendo-se como personagens: objetos personificados ou ainda animais levando consigo também uma lição moral ou modo de agir. Na antiguidade tivemos grandes fabulistas como: Buda, Esopo, Fedro. No século XVIII pode-se destacar La Fontaine. No Brasil, Monteiro Lobato, uma das maiores expressões da Literatura, inspirou-se também no folclore, escrevendo "fábulas" e introduzindo os "mitos" no sítio do Pica Pau Amarelo.



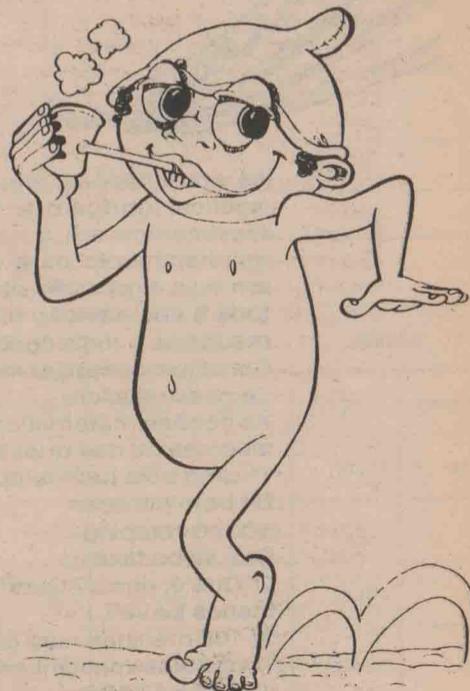
FÁBULA

Monteiro Lobato

O homem e a cobra

Certo homem de bom coração encontrou na estrada uma cobra entanguida de frio.
 - Coitadinha! Se fica por aqui no relento, morre gelada.
 - Tomou-a nas mãos, aconchegou-a ao peito e trouxe-a para casa. Lá a pôs perto do fogão.
 - Fica-te por aqui em paz até que eu volte do serviço à noite. Dar-te-ei então um ratinho para a cela. E salu.
 De noite, ao regressar, veio pelo caminho imaginando as festas que lhe faria a cobra.
 - Coitadinha! Vai me agradecer tanto...
 Agradecer nada! A cobra, já desentorpecida, recebeu-o de linguinha de fora e bote armado, em atitude tão ameaçadora que o homem enfurecido exclamou:
 - Há, é assim? É assim que pagas o benefício que te fiz? Pois espera, minha ingrata, que já te curo...
 E deu cabo nela com uma paulada.

Fazei o bem, mas olhai a quem.

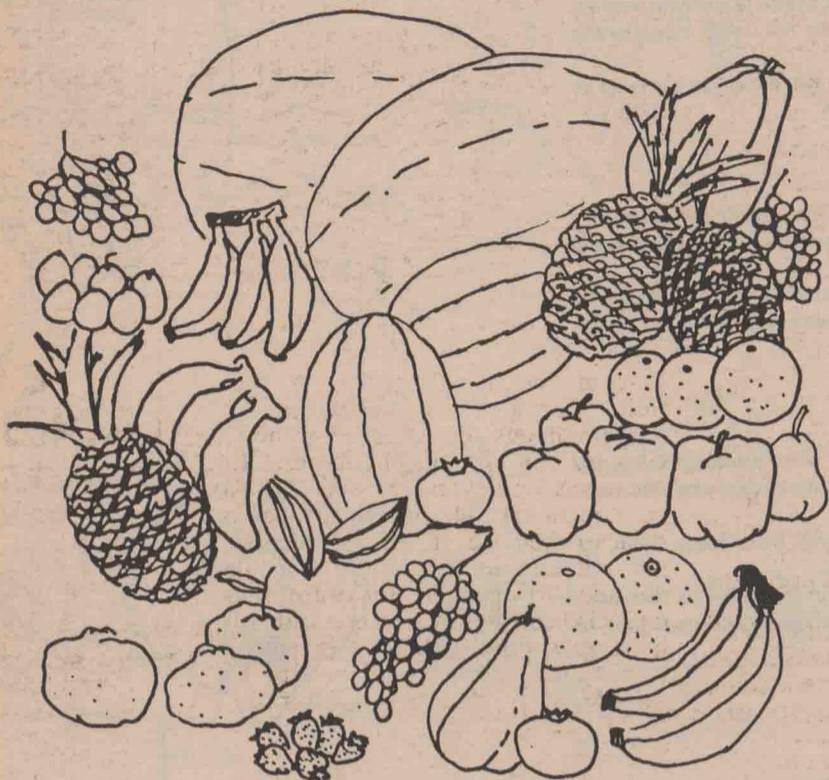


4 Frutas aos montes

LIDIA CHAIB

Free-lance para a Folhinha

Olhe com atenção o desenho abaixo e descubra qual é a fruta que aparece apenas uma vez.



R: para

Tabuleiro de quebrar a cabeça

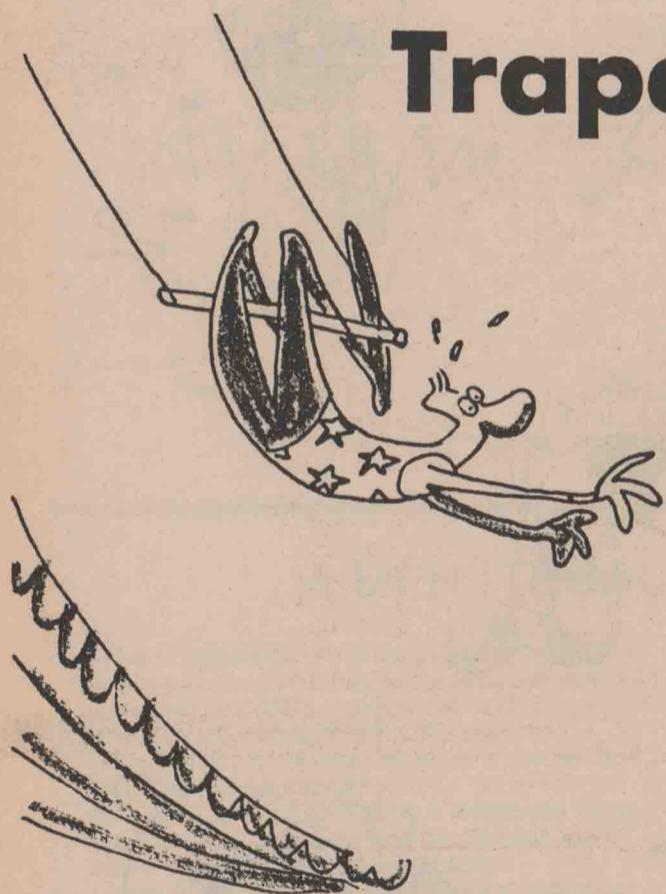
Descubra como completar o resto do tabuleiro com os desenhos da primeira linha. Dica: o mesmo desenho não pode aparecer duas vezes na mesma linha, na mesma coluna ou na mesma diagonal.

■	▼	●	◆	⊞



BRINCADEIRAS

Trapezista surpresa



As adivinhações, algumas com verdadeira beleza poética, obrigam a imaginação a efetuar ágeis movimentos em busca da idéia implícita. Grande entretenimento para as crianças, as adivinhações em cuja exposição elas aplicam espontaneamente toda a sua atenção e interesse a fim de chegar ao resultado, o mais cedo possível.

Constituem uma das manifestações mais abundantes de nosso folclore.

As noções matemáticas são tiradas da solução dos enigmas ou das questões formuladas.

1* Uma bola bem feita

De bom parecer
não há carapina!
Que saiba fazer...

2* Que é, que é? Quanto maior,
menos se vê?...

3* 100 meninas num castelo
Todas elas vestidinhas de amarelo...

4* Campo branco
Sementes pretas

Cinco arados
E uma chaveta...

5* Somos 10 irmãos
E só um usa chapéu...

6* Era uma boiada de 100 bois, no caminho morreram
quarenta.

Quantos ficaram?...

7* Uma meia, meia feita
Outra meia por fazer

Diga-me, minha menina
Quantas meias vem a ser?...

8* Quem de vinte e cinco tiña?...

9* Ora vê, se podes dizer

Quem é que dá, sem nada ter?

10* Quantos ovos o gigante Goliás comia em jejum?

11* O que é que se parte e se reparte e fica do mesmo
tamanho?

12* Um trem elétrico corre a 125 Km por hora. O vento
sopra do oeste?
Para que lado vai a fumaça?

Respostas:

1. Lua - 2. Escuridão - 3. Um cacho - 4. Papel, letras,
dedos e pena - 5. Dedal e dedos - 6. Os 40 que
morreram - 7. Meia meia - 8. 15 - 9. Relógio - 10. Um -
11. O amor de mãe - 12. trem elétrico não faz fumaça.